189

MAOMÉ

e a tradição islamítica

N.º 9

ÉMILE DERMENGHEM

MAOMÉ

e a tradição islamítica

MESTRES ESPIRITUAIS

TRADUÇÃO DE
RUY FLORES LOPES

1957
Livraria AGIR Editôra
RIO DE JANEIRO

Copyright de
ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S. A.
(A G I R)

Traduzido do original francês: MAHOMET ET LA TRADITION ISLAMIQUE — "Maîtres Spirituels" — Aux ÉDITIONS DU SEUIL

Livraria AGIR *Editôra*

R. Bráulio Gomes, 125
(ao lado da Bibl. Mun.)
Caixa Postal, 6040
Tel.: 34-8300
São Paulo, S. P.

Rua México, 98-B
Caixa Postal, 3291
Tel.: 42-8327
Rio de Janeiro

Av. Afonso Pena, 919
Caixa Postal, 733
Tel.: 2-3038
Belo Horizonte
Minas Gerais

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "AGIRSA"

Índice

Maomé

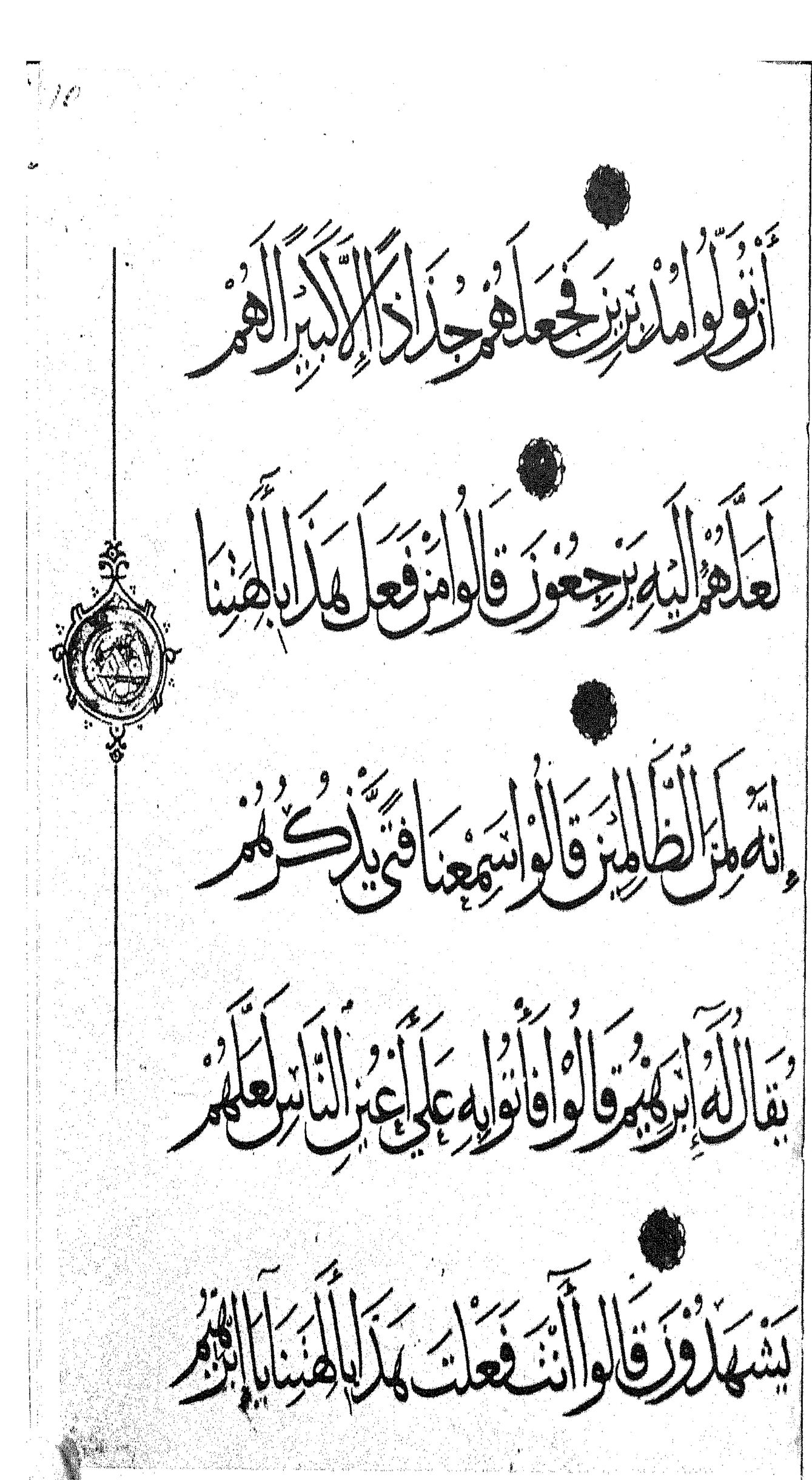
As Fontes 7
Meca e a Arábia no século VI..... 9
Judeus e Cristãos..... 12
A Juventude de Maomé..... 16
A Missão do Profeta..... 18
As Perseguições 24
O Corão 31
O Ano do Luto..... 35
A Hégira 36
A Guerra Santa..... 38
O Harém 46
Tomada de Meca, Triunfo e Morte.... 50

A Tradição Islâmica

As Guerras Civis e a Conquista..... 56
Os Cinco Pilares..... 58
Os Ritos e as Seitas..... 68
Escolas, Correntes e Tendências..... 72
O Renascimento 77
Humanismo e Religião "aberta"..... 89

Textos

O Corão 93
Através do Hadîts..... 115
Através da Jurisprudência..... 135
A Vida Espiritual..... 140
Sentenças, Anedotas e Versos..... 178
Algumas datas 185
Elementos bibliográficos..... 190



Página de uma edição do Corão datada do século XIV.

AS FONTES

Maomé emigrou de Meca para Medina em 622, vindo a morrer nesta última cidade no ano de 632. Estas datas, como as dos acontecimentos que se situam entre ambas, são seguras; mas as que se referem a fatos anteriores são-no muito menos. As efemérides que assinalam o nascimento do Profeta e a primeira Revelação são apenas aproximativas. Os dois primeiros terços de sua vida são conhecidos sòmente em traços gerais. As influências que sofreu, as origens da crise religiosa, votada a lograr tamanha repercussão na história, são apenas entrevistas. Entretanto, Maomé é um personagem perfeitamente histórico cuja vida não pode de forma alguma ser relegada ao domínio do mito; os elementos lendários que entram em sua contextura, ajuntados visìvelmente pelo zêlo dos escritores posteriores, podem ser eliminados sem dificuldade.

A fonte essencial mais precisa para chegar ao conhecimento de sua vida, embora muitas vêzes não ultrapasse a mera alusão, é o Corão, revelado ao longo de muitos anos, à medida que se sucediam os acontecimentos. Depara-se nêle não só a doutrina, a pregação e a legislação, como também julgamentos dos fatos e exortações a propósito dos mesmos.

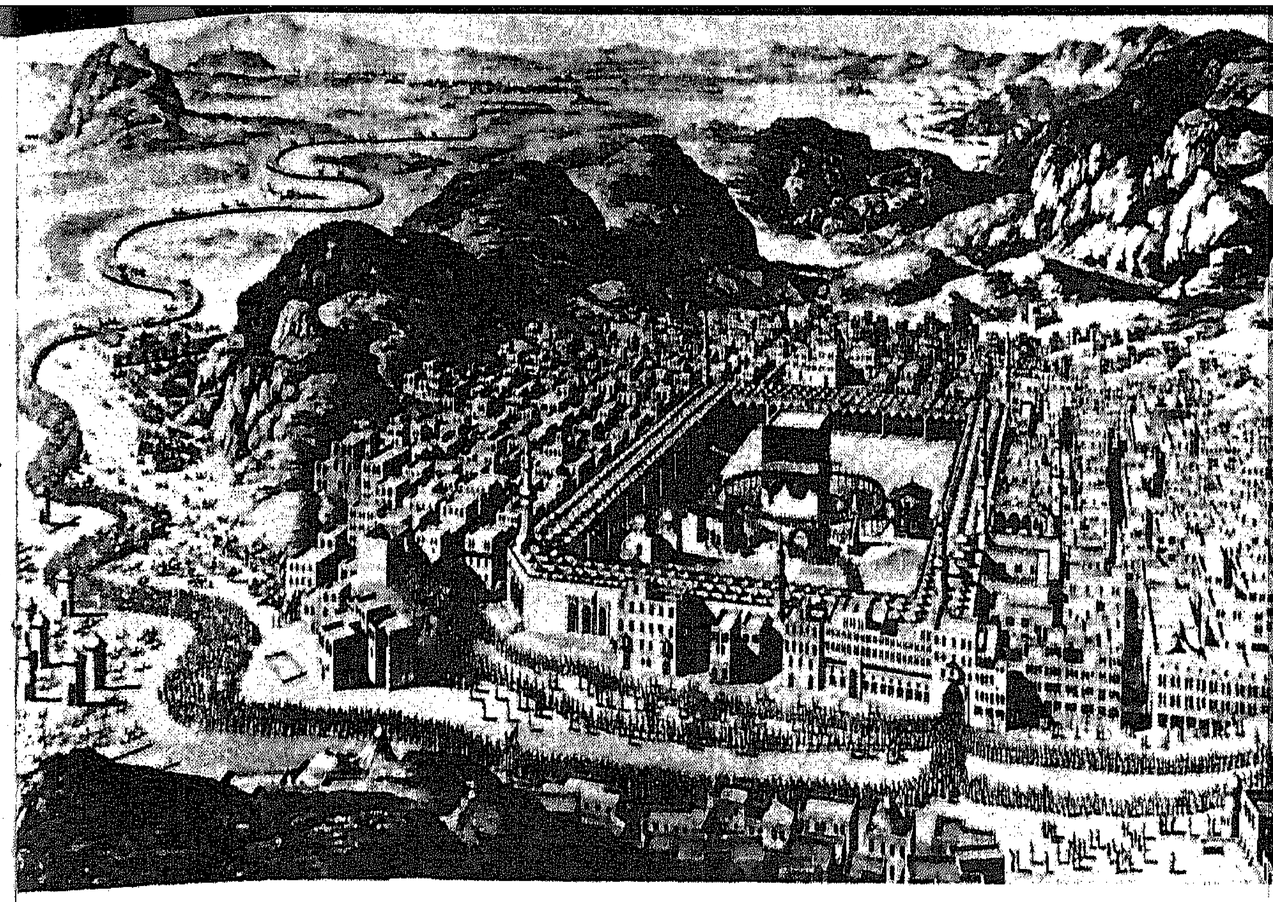
Convém manter uma atitude de reserva em relação à exatidão com que os exegetas pretendem apresentá-lo. Esforçaram-se, evidentemente, por cobrir as lacunas e elucidar os textos, mas sem faltar-lhes o escrúpulo, pois não hesitaram mesmo em oferecer diversas versões, embora suscetíveis de ocasionar embaraços.

Outra fonte, rica, porém menos exata, é a Tradição, codificada nas coleções de *hadîts*. É preciosa, pois reproduz, à saciedade, ditos e atitudes do Profeta e de seus Companheiros, com a cadeia das testemunhas e relatores, sem omitir os pormenores mais minuciosos e as mais

leves variantes. Seu fito era conservar os ensinamentos e exemplo daquele que é "o melhor modêlo". Nesse esfôrço tocante e ambicioso, mas arriscado de fornecer, à imagem de um pugilo de homens perdidos num recanto da Arábia do século VII, as fontes do dogma, da moral, do ritual, da política, da economia, da higiene e da jurisprudência de uma comunidade que visava ao universalismo, aconteceu não raro que as diferentes opiniões, escolas e potências procurassem, a seu turno, encontrar, ou então forjar argumentos e armas que servissem aos próprios interêsses.

Por incontestável que tenha sido a boa vontade crítica dos autores das grandes coleções, sobretudo Bokhâri e Moslim, todo o *hadîts* que sustentar uma tese tendenciosa ou servir às pretensões de um partido, de uma dinastia, de uma escola teológica, moral ou jurídica, deve ser sujeito a caução. E devemos pensar que esta preocupação em conservar a memória de um homem que viveu à vista de todos não é absolutamente vã, pois mesmo as tradições, que não são exatas do ponto de vista da biografia, possuem, contudo, outra espécie de verdade: contribuíram para edificar a tradição islâmica. Reverte, aliás, em benefício desta a própria existência de contradições e matizes, pois, do contrário, quais seriam seu rigor e sua imutabilidade?

Terceira fonte, a *sîra*: biografias que os historiadores compuseram, a partir do século VIII, baseando-se no Corão e no *hadîts*, mas em forma de narração cronológica e coerente. Utilizamos principalmente a *Sîrat al-rasûl*, Vida do Profeta, de Ibn Hichâm (falecido em 834), a mais antiga e, sem dúvida, a melhor, pois resume, poda e passa ao crivo uma vasta compilação perdida de Ibn Ishaq. Os biógrafos posteriores são, ao mesmo tempo, menos completos, menos diretos e dotados de menor senso crítico. Faltam, para dizer a verdade, pontos de comparação e de referência, pois os historiadores bizantinos não se ocupam nunca da Arábia. Podemos tirar indiretamente certo partido das fontes literárias árabes que forneceram tão abundantes elementos a Lammens para descrever pormenorizadamente a situação do país e "o berço do islame", como também ensinamentos sôbre a etnografia e a história comparada das religiões.



Meca no século XVIII (gravura de D'Ohson, 1790)

MECA E A ARÁBIA NO SÉCULO VI

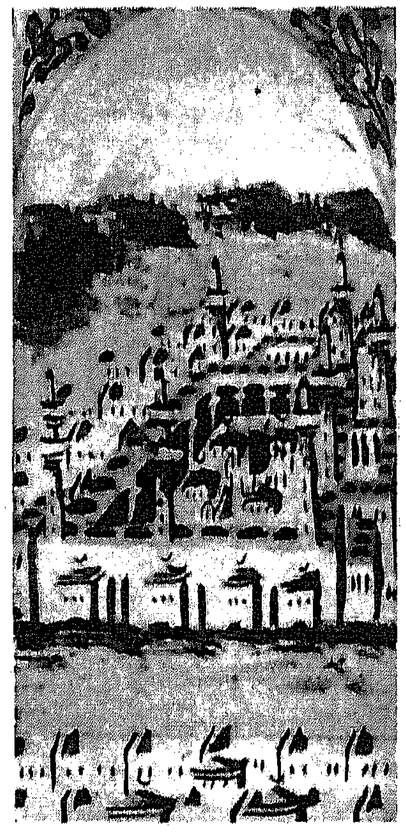
A tradição situa o nascimento de Maomé no Ano do Elefante, em cujo decurso Abraha, vice-rei abissínio do Yémen, dirigiu contra Meca uma expedição malograda, — que, coroada de êxito, teria podido conquistar o Hijâz ao cristianismo monofisita. Êsse ano do Elefante, anterior a 572, é, sem dúvida, 571. Levada pela preocupação da simetria, a tradição se compraz em colocar a missão profética aos 40 anos e em contar 10 anos de pregação em Meca, consecutivos aos últimos 10 anos de vida em Medina. Certos autores falam em 63 e 65 anos. O nascimento cairia, então, entre 567 e 572, sendo o mais provável 571. A missão teria ocorrido aproximadamente 612.

Aquêle que, por muito tempo, foi chamado de preferência Abûlqâcim (o pai de Qâcim, "Kûnia", que não significa necessàriamente que tenha tido um filho dêste nome) pois Maomé (nome próprio ou apelido que quer dizer "o Louvado" nasceu em Meca, de Amina, cujo marido chamado 'Abdallah falecera prematuramente. O avô paterno era 'Abdelmoththalib, do clã dos Hâchim, a cuja família cabia o privilégio de distribuir aos peregrinos água santa do poço de Zemzém.

Os principais recursos de Meca, situada num vale estéril, mas no entroncamento dos caminhos que vão da Arábia Meridional à região de Damasco ou à Mesopotâmia, eram o comércio e a peregrinação à Ka'ba, cubo de pedras cercado de ídolos, com a Pedra Negra engastada num dos ângulos.

Uma grande tribo árabe, os Qoraïch, cujas frações principais eram os Banû Omaïa, os Banû Makhzûm e os Banû Hâchim, aí se fixara, constituindo uma pequena república mercante e oligárquica, com um conselho de notáveis, o *malâ*, um quarteirão aristocrático, o Batha, na parte plana, ruas em declive na direção das ravinas da montanha habitadas pelos plebeus, bairros regorgitantes de escravos artesãos de aventureiros de refugiados, de mascates, de cambistas, de "metecos", alguns cristãos, tabernas e cantoras sempre prontas para receber os Beduínos e caravaneiros.

As grandes caravanas da estação eram os acontecimentos marcantes: uma ia para o Yêmen no verão, outra para a Síria no inverno. Comanditadas por grandes e pequenas fortunas, graças a um engenhoso sistema de crédito, carregavam para o norte não sòmente as tâmaras do Hijâz e o incenso do Yêmen, mas as pedrarias da Índia e as sêdas da China; de volta, traziam fazendas de algodão armas, trigo e óleo. Duzentos homens acompanhavam estas preciosas especiarias levadas por dois mil ou três mil camelos. Compreende-se que a partida e a chegada dessas caravanas fôssem febris e dessem lugar a grandes especulações.



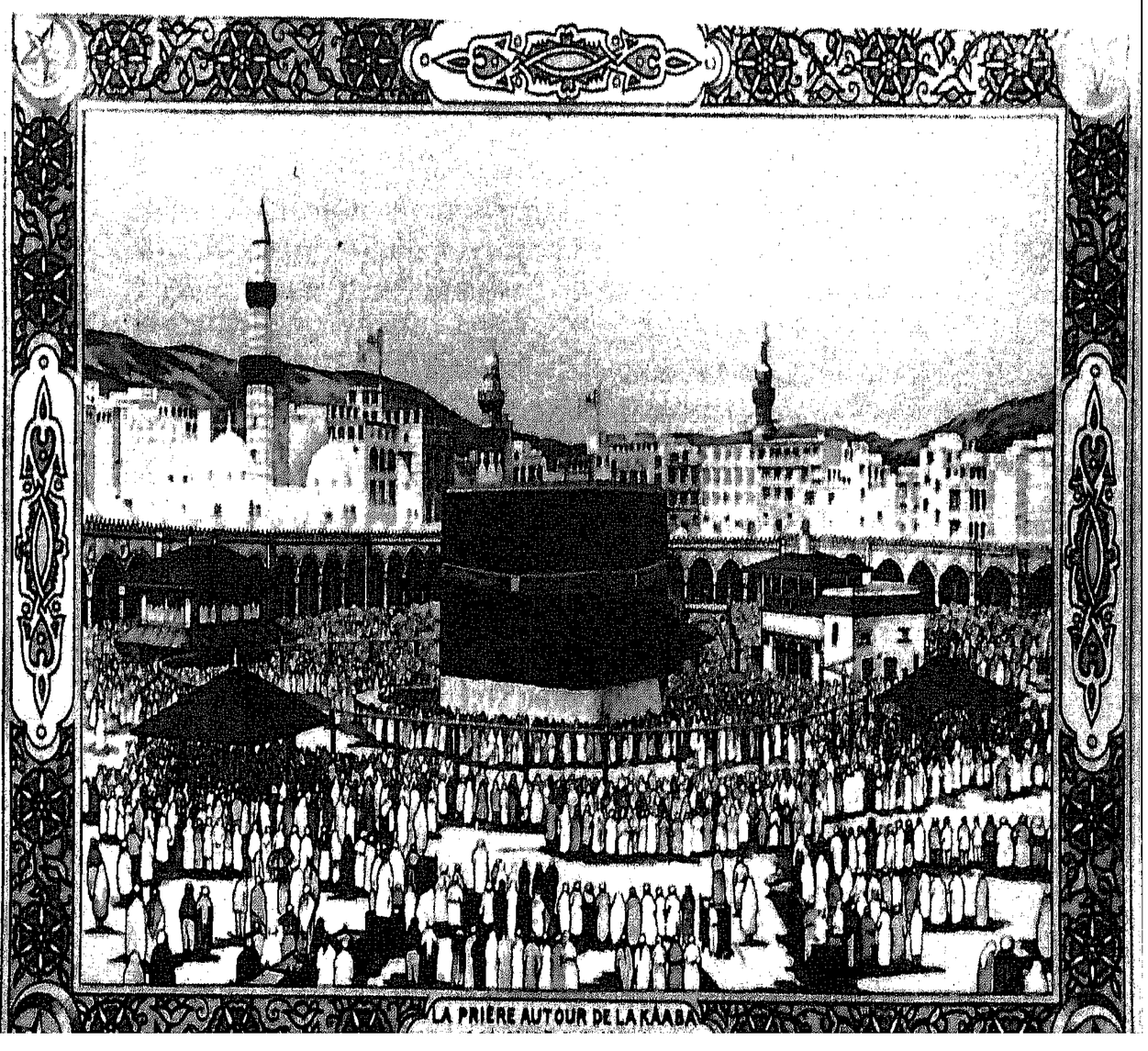
A Ka'ba de Meca (miniatura do século XVIII).

Outra fonte de renda e de prestígio que retinha os Qoraiquitas neste lugar ingrato, era a santa Ka'ba. Os árabes não rejeitavam absolutamente a idéia de um Deus criador supremo, mas ocupavam-se pouco dêste allah. Prestavam culto a numerosas divindades, que podiam ser filhos e filhas de Deus; aos jinns, que inspiravam adivinhos e poetas, atormentavam viajantes e doentes, e às pedras que, eretas, simbolizavam o "sagrado" difuso e que eram regadas de sangue e óleo.

A Ka'ba, cubo de pedras então ao ar livre, com a Pedra Negra venerada num ângulo, elevava-se no meio de uma grande praça onde se achavam o poço de Zemzém e uma outra pedra santa, o magân de Abraão. Ídolos de pedras brutas ou grosseiramente esculpidas cercavam o templo em volta do qual se cumpria o rito essencial do *thawâf*, sétupla circum-ambulação que se fazia no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. A peregrinação completava-se por visitas a outros lugares santos: Çafua e Merua, na cidade, Modzalifa, Mina e 'Arafa, nos arredores. Durante os três meses sagrados havia uma espécie de trégua de Deus, interrompendo o ciclo tradicional das pequenas guerras, em benefício dessa peregrinação e dêsse comércio, estimulado, além disso, por grandes feiras anuais na região como a feira de Oradz, onde concorriam oradores e poetas.

É evidente que aquêle que viesse atacar essa plutocracia clerical, combatendo a ganância e a especula-

A oração em tôrno da Ka'ba (imagem popular moderna, Argélia).



ção, proclamando abertamente a primazia do Outro Mundo e interditando todo culto politeísta, só poderia ser mal recebido. O extraordinário destino de Maomé ia consistir, pois, em sustentar, lado a lado, todos êssés combates, em impor como lei suprema, acima dos costumes particulares de cada tribo a Palavra de Allah, recebida em estados de transe e, fracassando a princípio, em sua pátria, abandoná-la para ir fundar um Estado num pequeno oásis de Hijâz, voltar depois a ela como vencedor, fazendo triunfar o Deus sem sócio, conservando embora a peregrinação graças à restauração da "religião de Abraão", e formar, finalmente, uma comunidade espiritual e temporal que partiria dessa revolução para empreender a conquista do mundo.

JUDEUS E CRISTÃOS

Afora os politeístas, havia, na Arábia, judeus e cristãos. Colônias judaicas, prósperas e influentes, floresciam em Yatsrib (Medina), Kaïbâr e nos oásis do norte. Ao sul, o Yémen acabava de ser disputado, no século VI, por duas religiões diferentes: Dzû-Nowâs, tendo pretendido impor pela fôrça o judaísmo no Nejrân, fôra destronado por uma invasão abissínia inspirada, provàvelmente, pelo imperador de Bizâncio. Foi também dêsse Yémen cristão de influência monofisita que partira a expedição de Abraha, cujo malôgro provocou uma ofensiva dos mazdeanos da Pérsia que lograram expulsar os negros.

Ao norte e nordeste viviam grandes tribos nômades, cristãs, na maioria nestorianas, que as caravanas de Meca encontravam em seu caminho para Boçra ou para Hira: como os Ghassanidas, vassalos dos Rums os Lakhmidas, os Taghlibitas, e os Banû Kalb... Os famosos poetas Imrulqaïs, Nabigha Dhabyani e Tarafa eram cristãos. Na própria Meca havia numerosos cristãos, em geral de procedência estrangeira: abissínios escravos ou milicianos mercenários, artesãos escravos ou libertos, comerciantes sírios, médicos, etc....

Havia, também, em número porém muito reduzido, personagens assaz misteriosos, os hanifs, considerados

pelo Corão e pela Tradição como os campeões do puro monoteísmo abraâmico, anterior ao mosaísmo e ao cristianismo. Certas narrações apresentam-nos como espíritos angustiados, viandantes inquietos em busca da verdade, chegando mesmo alguns dêles a não se distinguir em nada dos cristãos ou, pelo menos, se convertendo fàcilmente ao cristianismo como Waraqa, primo da mulher de Maomé, Khadîja. Blachère foi tentado a filiá-los ao maniqueísmo. De resto é muito possível que o dualismo maniqueu, cristão ou mazdeano persa, tenha tido ramificações na Arábia. Quando publiquei uma vida de Maomé começando-a pelo gesto de Selmân, o persa (ou do Fars), um parsi da Índia escreveu-me dizendo que compreendia muito bem o que eu quisera insinuar. Mas nada disso havia, pois não me guiara por nenhuma idéia preconcebida. Simplesmente me impressionara a importância dêsse personagem um tanto enigmático que aconselhara o Profeta durante a campanha do Fôsso, que teve autoridade suficiente para intervir nas querelas dos grandes Companheiros, e que haveria de desempenhar um papel tão preponderante na gnose dos ismaelianos e dos noceiris, a ponto de ser considerado quase como divindade por certas seitas, ao lado de Maomé e de 'Alî.

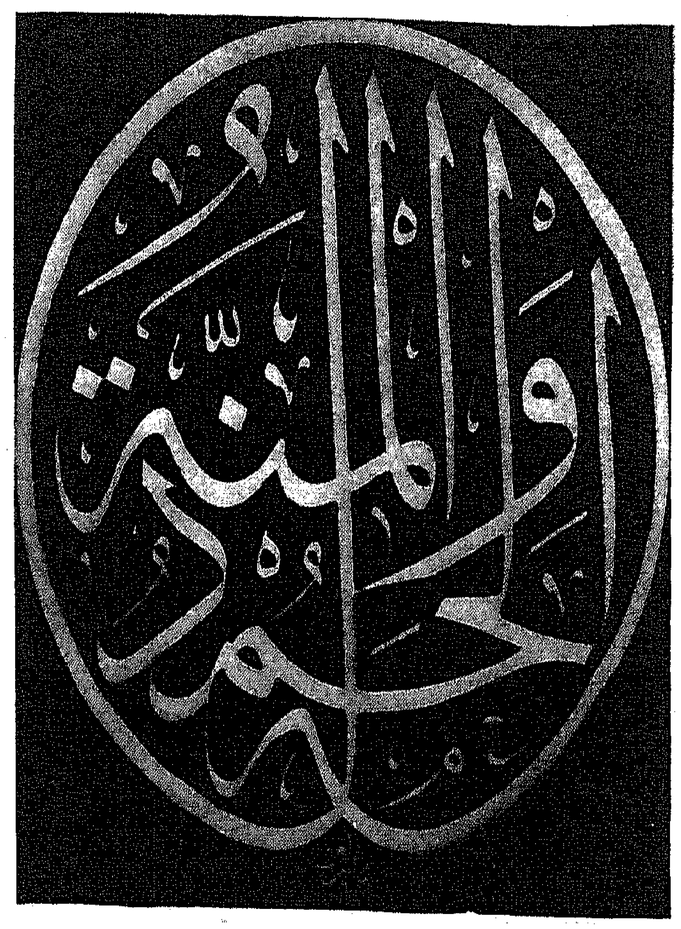
As influências que pôde sofrer o pensamento consciente de Maomé foram, por conseguinte, bastante complexas. Há mais correntes entrelaçadas do que são capazes os historiadores de atingir, pois não se pode minimizar o papel da inspiração, que não se opõe à Tradição, mas nela se enxerta, vivificando-lhe determinados aspectos.

Maomé é, indubitàvelmente, um profeta da estirpe bíblica semita. Lírico inspirado, alma ardente, coração intrépido, com as grandezas e as fraquezas humanas, chefe, guerreiro a promover massacres do tipo daqueles que podemos encontrar ao longo do *Êxodo*, dos *Juízes* e dos *Reis*, e a proclamar algumas das mais surpreendentes afirmações religiosas. Possui, em comum com Israel, o monoteísmo irredutível, o sentido agudo da revelação de um Deus pessoal e transcendente, de um "Deus conosco", preocupado constantemente com a sorte de sua comunidade de eleição, e uma fé indefectível no triunfo final da justiça. Mas estêve, sobretudo no início, muito mais perto dos cristãos, ao afirmar a missão de Jesus Messias, Verbo e Espírito de Deus, seu nascimento

virginal, a imaculada conceição de Maria e ao insistir sôbre o Anti-Cristo, o Juízo Final e a vida eterna.

Conheceu alguns cristãos, mas sem dúvida, bastante ignorantes e muito afastados dos centros de ortodoxia. Ouviu, por certo, a narração oral de diversos trechos do Velho e do Novo Testamento, do Talmud e dos Apócrifos, mas sem lograr acesso aos textos. Na crise religiosa intensa que, por volta dos 40 anos, levou-o a insurgir-se contra o materialismo pagão, sabendo que havia, em tudo isso, algo que não conseguia apreender, apelou, do fundo de sua consciência e de seu inconsciente, para a Realidade direta. Foi ouvido, certa noite, pela descida de um livro em seu coração. Passou, daí por diante, o resto da vida a receber em estados de transe, dia após dia, os fragmentos, refratados no tempo, dessa Mãe do Livro (XIII, 39) protótipo eterno custodiado pelos anjos no mais alto dos céus (LXXX, 13-15). Mas, passando do Absoluto para o mundo relativo dos anos de 612 (aproximadamente) a 632, essa Palavra eterna refletiu as preocupações de seu intermediário e as da comunidade de uma maneira ao mesmo tempo desconcertante, tocante, patética e não raro chocante, ao nos apresentar, lado a lado, quase no mesmo plano, belíssimas afirmações religiosas e místicas, regras precisas, embora sumárias e fragmentárias de política e de moral, revelações concernentes à vida pública ou privada e aos amôres do Profeta, invectivas contra os adversários, exortações à paciência e à guerra santa, quadros cheios de imaginação a respeito do fim do mundo do paraíso e do inferno. O conjunto formou uma unidade tão impressionante que o próprio Maomé não titubeava em ver nela seu único milagre e, ao mesmo tempo, a prova da autenticidade de sua missão. A "incompatibilidade" do Corão transformou-se em dogma a tal ponto que a salmódia de qualquer versículo, com refletir a Palavra incriada, serve de oração ritual e constitui o verdadeiro "sacramento" do Islame.

Até então os Árabes não tinham logrado acesso fácil à revelação. Eis que, de repente, lhes é concedida uma com o fito de advertir, acêrca dos fins últimos, a Mãe das Cidades (Meca) e "Os que vivem ao redor dela". E tudo isso em pura língua árabe (XLII, 5; VI, 92, 157; XX, 112). Revelação que vinha confirmar tôdas as precedentes. Pois existia uma só religião dos profetas entre os quais não convém estabelecer distinção. Maomé, profeta ummi, enviado aos "gentios", continuava apenas a tradição, esforçando-se por unificar seus compatriotas. Mas surgiram dificuldades cuja evolução os acontecimentos se encarregariam de orientar. Profeta dos Árabes? Profeta dos últimos tempos? Derradeiro Profeta? O maior dentre os Profetas? O que substitui os outros e coloca o ponto final? São pontos sumamente delicados para tôdas as revoluções religiosas, pois cada uma vem completar a precedente, sem contudo admitir que o mesmo lhe possa suceder, o que constitui, aliás, uma pretensão exotèricamente necessária. A revelação termina para os judeus com o Antigo Testamento; para os cristãos com o Apocalipse; e para os mussulmanos com as 114 suratas do Corão. Todavia, é de notar que o Corão declara com muita prudência que o próprio Deus elucidará no último dia as questões pendentes (V, 53; XXII, 17). Existem por outro lado, seitas saídas do islame, como o Ahmadismo e principalmente o Behaísmo, que pretendem, ao que parece, alargar e aprofundar a revelação.



Composição caligráfica:
"A Deus o louvor e o reconhecimento!"

Nascimento de Maomé (Jamiat Tawarikh).
Universidade de Edimburgo, Arabic and Persian mss. nº 20, fº 42 a.

A JUVENTUDE DE MAOMÉ

A jovem viúva Amina, mãe de Maomé, era pobre. O verão de Meca se anunciava particularmente inclemente. 'Abdelmoththalib, o avô, entregou o menino aos cuidados de uma ama chamada Halima, beduína da tribo dos Banû Sa'd. Passou com ela os primeiros anos da infância nas regiões montanhosas das vizinhanças de Thâïf, a guardar os rebanhos em companhia de seu irmão colaço, pois como todo profeta, foi pastor na juventude. Contam que seu companheiro viu um dia dois anjos derrubarem o jovem Maomé, abrir-lhe o peito e retirar do coração uma mancha preta. Esta lenda é um dos casos em que é fácil retificar a sîra.

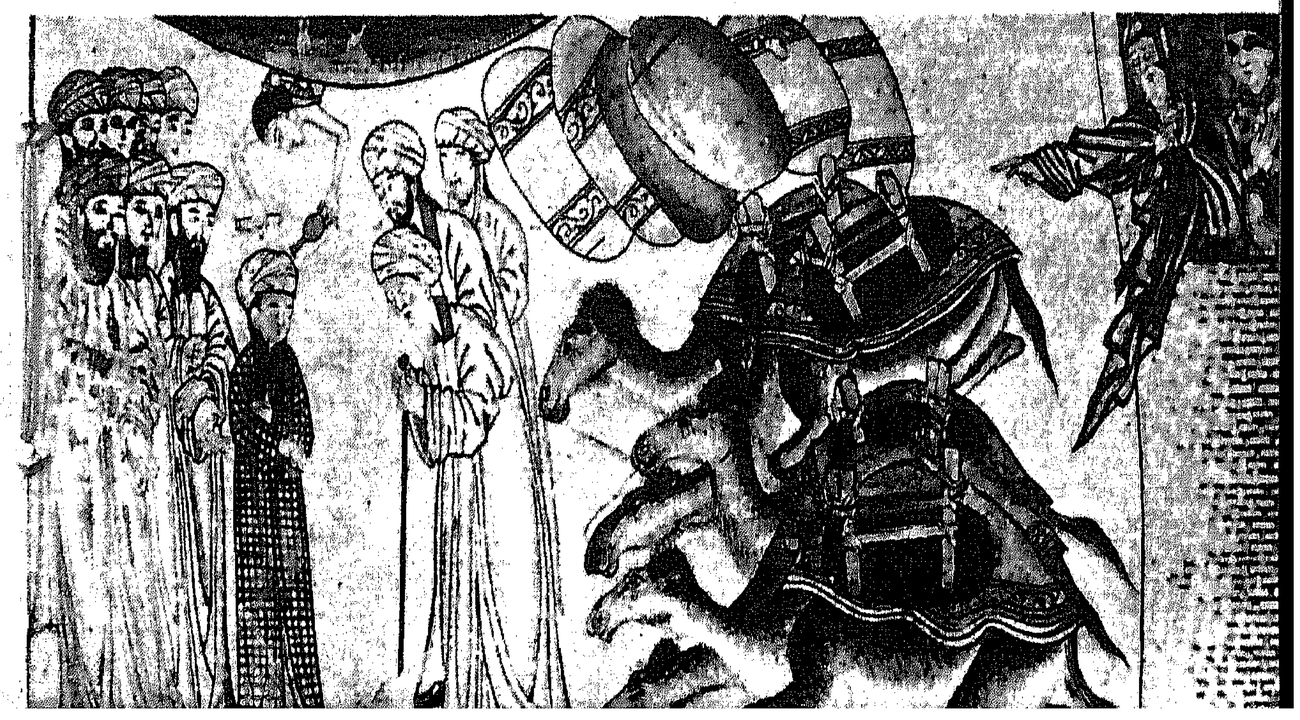
Baseia-se na interpretação literal de um versículo do Corão ("Acaso não abrimos teu peito e não aliviamos o fardo que te acabrunhava?" XCIV, 1-3), que se compreende fàcilmente como uma metáfora para dizer que o Profeta passou da desgraça à felicidade, da angústia à fé, da ignorância à verdade. Mas a importância da fabulação, fundada, embora, num sentido falso, é de significar que o Profeta foi lavado do pecado original apenas aos quatro ou cinco anos, do qual só Jesus e Maria foram isentos desde o nascimento. Enquadra-se também no ciclo místico da "purificação do coração".

Amina morreu pouco tempo depois de retomar o filho. Êste foi recolhido pelo avô, que veio a falecer quando êle contava mais ou menos oito anos de idade. A partir de então foi criado por seu tio Abû Thâlib, que não parece tenha lhe dado uma instrução muito esmerada, mas que o levou à região de Damasco, até Boçra, onde um monge nestoriano, Bahira, teria predito a missão profética. Mesmo que êste último pormenor seja puramente apologético, podemos muito bem imaginar a que ponto o jovem Maomé tenha sido tocado, nessas viajens para o norte, não só pelo prestígio dos Rums, como também pelo da Terra dos profetas, em que vivera Abraão e onde "desceram" a Thora de Moisés, o Sabor (Salmos) de Davi e o Injil (Evangelho) de Jesus. As virtudes dos monges cristãos são, aliás, celebradas nas páginas do Corão (V, 85).

Maomé acabou por entrar a serviço de uma viúva rica, chamada Khadîja. Conduzia as caravanas, tornando-se seu homem de confiança e, finalmente, seu marido. Êsse casamento foi particularmente feliz, pois aquêle que haveria de possuir depois numeroso harém, permaneceu fiel durante mais de vinte anos a u'a mulher mais velha que êle, à qual prendiam-no, além dos laços da gratidão, o fato de ter sabido compreendê-lo e reconfortá-lo por ocasião da crise pavorosa que marcou a revelação e das provações que a seguiram.

Teve dela dois ou três filhos, que morreram em tenra idade, e quatro filhas, Zeineb, Roqaïa, Ummu Keltsum e Fátima (a única que deixou descendência). Adotou ainda Zeid ben Haristsa dos Banû Kalb, escravo prêso numa "razzia" e libertado por êle.

Maomé adolescente saudado pelo monge Bahira.
Universidade de Edimburgo, Arabic and Persian mss. nº 20, fº 43 b.



A MISSÃO DO PROFETA

Por volta dos quarenta anos, ou seja, entre 610-612, Maomé entregou-se a práticas de ascese bastante estranhas ao paganismo, retirando-se na montanha para rezar e meditar, depois de ter distribuído grossas esmolas.

Acabrunhado sem dúvida, tanto pelo esplendor do mundo quanto pela incompreensão dos homens, abisma-se em contemplação em face do formidável formigueiro de estrêlas das noites de verão no deserto, fenômeno que o Corão tomaria, em seguida, como testemunho do poder infinito de um Deus criador e retribuidor.

Eu juro pelo céu e pela estrêla noturna!
Quem te dará a conhecer o que é a estrêla noturna?
É a estrêla que dardeja... (LXXXV).
Eu juro pelo céu ornado com os sinais do Zodíaco!
(LXXXVI)
Pelo céu e sua claridade!...
Pelo céu e por Aquêle que o edificou!
Pela terra e por Aquêle que a estendeu!
Pela Alma!...
Feliz de quem a tiver purificada!
Desgraçado de quem a tiver aviltada! (XCI).

O criador cumulou o homem de benefícios. Criou-o "de um grumo". Modelou-o "com a argila como quem fabrica louça". Fêz o céu para alumiar, a lua para guiar de noite as caravanas, animais de carga para transportá-lo e mares para fazer flutuar seus navios (LV, XVI). Enviou-lhe profetas para colocá-lo no caminho direito e Livros sagrados para instruí-lo sôbre o que ignorava (XCVI). Tudo isso é muito grave, pois o benfeitor exigirá contas.

Aproxima-se a hora. A lua se fende (LIV).
Quando o sol escurecer,
Quando as estrêlas empalidecerem,
Quando as montanhas desmoronarem...
Quando a fornalha fôr atiçada,
Quando o jardim avançar,
Tôda a alma saberá o que realizou. (LXXXI)

Os pagãos vivem mergulhados na noite e nem sequer sabem que existe a luz, absorvidos pelo egoísmo e pelas preocupações materiais. Êle, Maomé, treme de angústia e pede um guia. É então que se produz o fato extraordinário. Um mensageiro lhe é enviado com a Verdade. O Corão menciona duas grandes visões daquele que depois identificará como sendo o anjo Jibraïl, Gabriel.

Pela estrêla quando se abismar!
Vosso compatriota não está transviado...
É apenas uma revelação que lhe foi transmitida,
Que lhe foi ensinada por um anjo temível e forte,
Dotado de sagacidade. Tinha um ar majestoso
Quando estava no horizonte superior,
Depois aproximou-se e permaneceu suspenso
À distância pelo menos de dois arcos,
Revelando então a seu servidor o que revelou...
É certo que já o vira outra vez
Perto do jujubeiro de al Muntaha (o loto do Limite)
Perto do qual se encontra o Jardim de Al-Ma'wa,
Quando cobria o jujubeiro o que o cobria.
Sua vista não se desviou nem se fixou noutra coisa.
Certamente viu um dos maiores sinais de seu Senhor
[(LIII, 1-18)

Conforme a tradição e as biografias, foi durante uma noite da última década do ramadã, numa gruta do monte Hira, que se produziu a infusão da Palavra incriada no mundo relativo, a "descida" do Livro no coração do Profeta, (A Noite do Destino, a Noite bendita do Corão, XCVII e XLIV, 2). Enquanto êste dormia, o ser misterioso, segurando na mão um rôlo de pano coberto de sinais, deu-lhe ordem de ler (ou recitar, salmodiar). Não sei ler, respondeu Maomé. — Lê, repete ainda duas vêzes o anjo, apertando-lhe o pano em tôrno do pescoço. — Ler o quê? — Lê:

Lê, em nome de teu Senhor que criou,
Que criou o homem de um grumo.
Lê: e teu Senhor é o mais generoso.
Foi êle que instruiu o homem com a pena.
Instruiu o homem a respeito daquilo que o homem
[*não sabia* (XCVI)

O eleito acordou com a consciência de que um Livro descera em seu coração. A visão segue o sonho. Ao sair da caverna (a gruta escura donde nasce a luz como nas mais antigas tradições) percebe que lhe chamam e saúdam-no com o nome de Enviado de Allah. Levanta a cabeça e enxerga um homem imenso de pé no horizonte. Ofuscado, Maomé se volta e vê ainda o anjo, que aparece em todos os pontos do céu, a fixá-lo em silêncio.

Ao entrar em casa, desvairado, e se perguntando se não estava louco ou possesso, Maomé se lança aos pés de Khadîja, descança a cabeça em seus joelhos e lhe conta o que acontecera. Esta mulher de coração reto estêve à altura das circunstâncias. Quando tudo lhe podia levar a crer que seu marido estava doente ou com o espírito perturbado, ela afirma sua confiança. Maomé era um homem sincero e verídico, caridoso e generoso. Deus não podia deixá-lo embair pelos demônios. Êle seria o profeta de seu povo e ela a primeira a acreditar nêle.

Mais ou menos tranqüilizada foi, entretanto, ter com seu primo, o velho cego Waraqa, que a encorajou na fé: o mensageiro misterioso devia ser o mesmo que falara a Moisés e aos profetas.

Mas acabara-se para o eleito a vida pacífica e honrada. *"Vamos te revelar uma palavra bem pesada."* (LXXIII,4). A revelação se interrompera e êle atravessava agora os terrores da noite escura. Recomeçou a errar pelas colinas, fugindo a si próprio, sem encontrar a inspiração nos mesmos lugares em que a recebera, chegando em seu desespêro até a pensar no suicídio. Mas Khadîja não deixou nunca de acalmá-lo e de consolá-lo (*"Quando eu era pobre, ela me enriqueceu; quando todos me abandonaram, ela me reconfortou; quando me tratavam de mentiroso, ela acreditou em mim"*).

Mas eis que o anjo fala novamente:

Eu juro pela manhã,
Pela noite, quando as trevas se tornam espessas,
Teu senhor não te abandonou, nem te olha com ódio.
O outro mundo vale mais para ti do que êste.
Deus te dará e tu ficarás contente.
Acaso não te encontrou órfão e não te deu asilo?
Não te deparou transviado e não te colocou no bom [caminho?

Maomé e o Anjo Gabriel.
Universidade de Edimburgo, Arabic and Persian mss., nº 20, fº 45 b.

Não te achou pobre e não te enriqueceu?
Não sejas duro com o órfão.
Guarda-te de repelir o pobre
E os benefícios de teu Senhor, conta-os (XCIII).

Durante três anos a missão conservou-se reservada a alguns íntimos: Khadîja, 'Ali, primo de Maomé, Zeid, seu filho adotivo, Abû Bakr, seu amigo e futuro sogro, e 'Otsmân o oméiada, seu genro. Recebeu depois ordem de pregar abertamente aos Qoraïchitas.

Ó profeta, dá a conhecer o que desceu em ti da parte [de teu Senhor.
Se não o fazes, não estás quite com tua mensagem...
Determina o bem e o mal, conforme o que te foi [dito, sem ter mêdo dos pagãos.

Que terá êle dito aos pagãos? As suratas do Corão, não sendo classificadas por ordem cronológicas, sabe-se apenas que umas pertencem, em grosso, ao período de Meca (antes de 622), outras ao período de Medina

(622-632) e que as mais breves, as últimas na classificação corrente, são em geral as mais antigas. Certos orientalistas, como, sobretudo Nôldeke, seguido neste sentido recentemente por Blachère, tentaram dirimir a questão, propondo uma classificação engenhosa, mas que não deixa de ser apenas aproximativa. Segundo êles o Profeta teria insistido, em primeiro lugar, sôbre os apelos à penitência e à caridade e sôbre a iminência do Juízo Final; em seguida, sôbre a missão dos profetas anteriores e os castigos sofridos pelos que os desprezaram e, por fim, sôbre a absoluta unicidade divina, os deveres dos crentes, as polêmicas com os opositores, os eventos, vicissitudes e organização da comunidade.

Grimme, no fim do século passado, pretendeu apresentar Maomé como um "socialista" que organizou a zakat, dízimo dado de esmola com o fito de igualar as fortunas. A tese é insustentável, embora não deixe de ser verdade que o Profeta reagiu vivamente contra a plutocracia qoraïchita, a falta de caridade e a prioridade conferida aos bens dêste mundo sôbre as realidades do outro.

Tu vês quem trata o Juízo de mentira?
É quem repele o órfão
Quem não incita o pobre a se alimentar (CVII).
O desejo de aumentar as riquezas vos preocupa
Até o momento de descer ao túmulo
Certamente aprendereis.
Ainda uma vez aprendereis.
Havereis de ver o inferno.
Vê-lo-eis com a mais perfeita certeza.
Sereis então interrogados a respeito de vossos [prazeres (CII)

Casanova considerava Maomé como o profeta por excelência do fim do mundo (como certos exegetas que costumavam apresentar os cristãos primitivos na expectativa iminente da parusia). Esta tese também peca por demasiado exclusivismo. Mas é certo que o pensamento obsidiante da Hora e as preocupações escatológicas predominam em muitas das mais antigas suratas do Corão. Importa, todavia, colocar-se na perspectiva profética que mistura os tempos, proclama verdades intemporais, dinâmicas e metafísicas, perpètuamente válidas.

O que vos é prometido está no ponto de vir (LXXVII).
Os infiéis julgam longínquo êsse tormento
Ao passo que nós o sabemos próximo (LXX).

Quando, perguntam, se cumprirá essa promessa, se [é que sois sinceros?
Responde-lhes: Talvez uma parte do que chamais de [vinda já está na garupa atrás de vós (XXVII, 73, [74).

Vários hadîts parecem insinuar que Maomé encarava pessoalmente a iminência da grande catástrofe ao anunciar uma fenda no muro de Gog e Magog. Em todo o caso sua mentalidade coincide com a Hora como dois dedos de u'a mão. Isto significa que êle é essencialmente o Pregoeiro que anuncia a Realidade e a certeza absoluta da Justiça. Cronològicamente, o conhecimento da Hora é segrêdo de Deus (LXXIX,44). Mas durante a espera de sua realização, cumpre ter sempre presente ao espírito aquilo que forma o valor essencial da alma humana.

Tudo o que existe sôbre a terra passará.
Sòmente a Face de Deus há de subsistir na majestade e na glória (LV, 26, 27).
Quem tiver praticado o bem embora do pêso de um átomo, verá.
Quem tiver perpetrado o mal mesmo do tamanho de um átomo também há de vê-lo (XCIX, 7 e 8).

Suas descrições metafóricas impressionavam profundamente os fiéis.

O Golpe! Que vem a ser o Golpe?
Quem te ensinará que é o Golpe?
No dia em que os homens forem dispersados como borboletas
Em que as montanhas voarem como flocos de lã cardada (CI).
Então o homem clamará:
Onde encontrar refúgio?
Não! Não existe refúgio!
O derradeiro retiro será aos pés do Senhor (LXXV, 10-12).

A muralha de Gog e de Magog, que deve fender-se no fim dos tempos. (Mss. persan, B. N.)

AS PERSEGUIÇÕES

Mas a maioria dos Qoraïchitas continuava cética e o Profeta ouvia mais chacotas que aprovações quando anunciava a ressurreição dos corpos (*"Êles perguntam: Em verdade, seremos mandados de volta à terra quando formos apenas ossadas descarnadas?* (LXXIX, 10,11) e recitava as célebres descrições do paraíso e do inferno cujo caráter material não deve levar a esquecer que *"a satisfação de Deus é ainda algo de maior: é uma felicidade imensa"* (IX,73), e que a maior alegria do Jardim será *"a saudação que há de ser dirigida aos eleitos da parte de seu Senhor, o Misericordioso"*.

Não ouvirão lá nem palavras fúteis nem discursos
[que incitam ao pecado.
Não se ouvirá senão estas palavras: Paz! Paz!
[(LVI, 24, 25).

A fim de alargar o círculo dos primeiros fiéis, Maomé, segundo ordem divina, começou por se dirigir aos membros de seu clã Hachimita. Mas não conseguiu nem siquer convencer seu tio Abû-Thâlib que, embora não cessasse nunca de protejê-lo, morreu contudo na idolatria. Foi justamente nesse clã que êle deveria encontrar um dos inimigos mais violentos, Abû Lahab, como Abû-Sofyân, do clã oméiada, que permaneceria por muito tempo seu mais sagaz adversário. Nem foi muito maior o êxito obtido quando se dirigiu a todo o Qoraïch. Aliciou discípulos, principalmente entre os pobres, plebeus dos arrabaldes e os escravos. Mas a aristocracia, invejosa dessa influência, não se mostrou menos hostil, exercendo pressão sôbre os humildes a fim de impedi-los de se converter (XXXIV, 30-32). Daí as invectivas do Corão contra o rico que comete os dois grandes crimes:

Não cria em Allah muito grande.
Não convidava o pobre a tomar alimento (LXIX, 33,
*[*34).

Desencadearam-se, então, — talvez depois de um instante de hesitação, de uma tentativa de conciliação sincretista —, os ataques virulentos contra os deuses de Qoraïch: Hobal abrigado na Ka'ba e diante do qual tiravam a sorte com um jôgo de flechas, El-Lât, Al-'Ozza e Manât, que, por uma aberração inaudita, eram considerados como filhas de Allah.

Acaso teu Senhor tem filhas e êles filhos?
Chegarão em sua impostura até a dizer:
"Allah engendrou
Êle preferiu as filhas aos filhos". (XXXVII, 149 sq.).
Associaram os gênios a Deus quando foi êle que os criou. Em sua ignorância inventam-lhe filhos e filhas. Glória a Êle! Êle está acima do que lhe
[atribuem.
Criador do céu e da terra, como poderia ter filhos
[se não tem companheira? (VI, 100, 101).
Deus não possui nem espôsa nem filhos (LXXII, 3).

O que, entre parênteses, minimiza e abranda as objeções contra a "filiação" divina de Jesus.

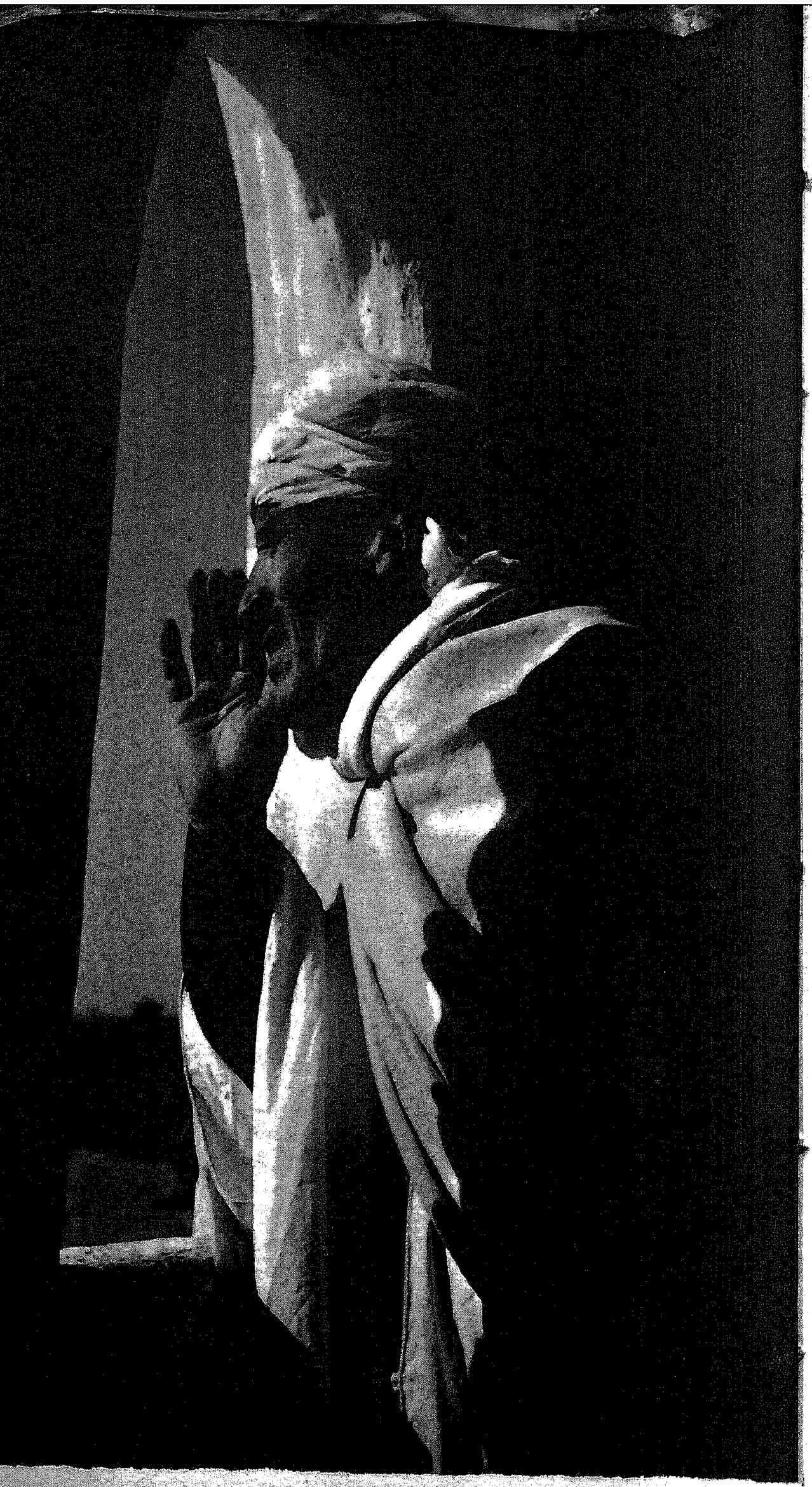
O credo fundamental do islame está formulado:

Diz: Deus único!
Deus Só!
Não engendrou nem foi engendrado.
Não tem igual (CXII).
Allah é o criador de tudo. Êle é o único, o Invencí-
[vel (XIII, 17).

A ruptura é completa.

Eu não adoro o que vós adorais
Vós não adorais o que eu adoro.
Vossa religião para vós, a minha para mim (CIX)

Os muçulmanos eram dispersados quando se apartavam para rezar. A voz de Maomé era abafada por gritos ou cantos licenciosos ao tentar pregar. Abû Jahl mandou atirar-lhe na nuca uma placenta de ovelha, certo dia em que êle rezava na praça da Caaba. O Profeta se limitou a pedir a sua filha que o lavasse. 'Oqba cuspiu-lhe no rosto. Maomé limpou-se calmamente e depois entrou em transe, durante o qual desceu o versículo: *"Um dia o pecador se morderá os dedos"*...



No mais profundo de seu desânimo a revelação vinha socorrê-lo em forma de versículos anelantes de rimas a crepitar como chamas ardentes:

Dize: Procuro um refúgio ao pé do Senhor da Au-
[rora contra a maldade das criaturas,
Contra o mal da noite sombria que nos surprende
[(CXIII).
Dize: procuro um refúgio ao pé do Senhor dos
[homens,
Rei dos homens,
Deus dos homens,
Contra os gênios e contra os homens (CXIV).

E o anjo ordenava-lhe sempre que tivesse paciência e que suportasse as perseguições, como o haviam feito os profetas anteriores.

Apesar de tudo, Maomé era protegido pela solidariedade do clã Hachimita. Mas os escravos e os fracos, que não tinham protetor influente em seu favor, estavam expostos a sevícias brutais, eram espancados e obrigados a permanecer deitados nus, ao relento do sol, sôbre as lajes ardentes. O compassivo Abû Bakr viu certo dia o negro Bilâl, quase assado, a morrer de sêde, com enorme pedra sôbre o peito e a repetir sempre a profissão de fé: *Único! Único!* Resgatou-o do poder seu senhor e alforriou-o. Bilâl tornou-se o primeiro dos muezins, pois sua voz poderosa valeu-lhe em Medina ser escolhido para chamar os fiéis à oração. As confrarias negras da África do Norte tomaram-no por patrono.

Houve ameaças de abjurações. Maomé aconselhou então os mais fracos a se refugiarem na Abissínia sob a proteção do Negus cristão. Sessenta ou oitenta fiéis, entre os quais umas quinze mulheres, atravessaram o Mar Vermelho, guiados por Ja'far, irmão de 'Ali, e foram bem acolhidos. Esta primeira "emigração", como a de 622, testemunha que o islame nascente, não só simpatizava com os cristãos, mas também se evadia da concepção tribal da antiga sociedade árabe, em busca da concepção de uma nova forma de comunidade. Os Qoraïchitas se aperceberam disso e quiseram excomungar em bloco todos os muçulmanos ou, conforme certos autores, todo o clã hachimita. Um édito nesse sentido teria sido afixado na Ka'ba, revelando-se, porém, inexequível (617?).

Foi em tôrno desta data que se converteram Hamza, gigante impetuoso, tio do Profeta, e 'Omar ben al-Khaththâb, o futuro califa.

O muezin chama à oração.

O Corão nos esclarece a respeito das polêmicas. Os Qoraïchitas eram extremamente aferrados aos costumes ancestrais. (*"Tu nos interdizes adorarmos o que adoravam nossos pais?"* XI, 65, 89). Que razões, com efeito, podiam movê-los a seguir um iluminado impostor ou feiticeiro, que falava a língua ritmada e cadenciada própria dos adivinhos inspirados pelos demônios, ou um mestre consumado em forjar balelas, que repetia velhas histórias ensinadas por estrangeiros e que, de resto, não apresentava nenhum milagre como prova de sua missão?

A investida era sutil e o Corão repudia-a com veemência.

Deixai-me sòzinho com aquêle que criei,
A quem cumulei de vasta fortuna...
Êle disse: "Isto não passa de magia aprendida,
Isto é apenas palavra de mortais".
Não! Eu juro pelo que vêdes
E pelo que não vêdes!
Em verdade, isso é por certo a palavra de um após-
[tolo bemfazejo.
Não é a palavra de um poeta. (Como sois de pouca
[fé!)
Nem a palavra de um adivinho. (Como é curta vossa
[memória!)
É uma revelação do Senhor dos Mundos! (LXXIV, 11 a 43).

Os que são infiéis dizem: "Isto não passa de invencionice forjada por êste homem, com o auxílio de
[outras pessoas".
Êles cometeram (falando assim) injustiça e fraude.
Disseram: "São histórias de nossos antepassados que êle escreveu e que lhe são ditadas de manhã
[e de tarde" (XXV, 5 e 6).

Nós sabemos certamente que êles dizem: "Êste homem tem por mestre apenas um mortal". Mas a língua daquele em quem êles pensam é uma língua estrangeira, ao passo que esta Pregação é em pura
[língua árabe (XVI, 105).

Era negada assim a influência exterior sob forma de plágio e de impostura; a inspiração direta e a incomparabilidade do Corão afirmadas e os homens e gênios desafiados a produzir um discurso semelhante, que constituía a prova cabal da missão divina.

O argumento máximo era o exemplo dos antigos profetas. O Corão não fala a respeito dêles em forma narrativa, histórica, mas em estilo dinâmico, polêmico, conforme um tema geral repetido constantemente: um

enviado de Deus conclama os homens aos deveres e ao monoteísmo; seus compatriotas não o escutam e são castigados — como o serão no tempo e no fim dos tempos os Qoraïchitas incrédulos. Engastadas no discurso veemente, essas histórias, que não parecem tiradas de textos escritos, mas que evocam narrações orais compostas segundo a Bíblia, o Talmud e os Apócrifos, bem como, por vêzes, tradições simplesmente árabes, possuem uma fôrça persuasiva e um lirismo vigoroso. Algumas, como a narração da conversação de Abraão, se elevam do sensível ao inteligível, do relativo ao absoluto. Outras, como o encontro de Moisés com o Homem do Peixe al-Khadhir, ou como o nascimento de Jesus, palavra de Deus infundida na Virgem, são de elevado valor místico. Outras ainda, como a vida do belo José, são perpassadas de incomparável poesia.

Nenhuma cidade foi aniquilada sem ter tido antes
[pregoeiros
Para edificá-la, e Nós não fomos injustos (XXVI, 208
[e 209).

Abraão, Moisés, Ló, Jonas, João Batista e Jesus foram desconhecidos e perseguidos como, outrossim, os profetas árabes Sâlih entre os Thamûditas, Hûd entre os 'Aditas e Cho'aïb entre os Madianitas. Portanto, Maomé não tem razão de desesperar pelo fato de não converter seus compatriotas; não é responsável pela cegueira de seus corações. Pior para êles se não compreendem o grande benefício que Deus lhes proporciona ao lhes enviar uma revelação em língua árabe, a fim de que possam encontrar fàcilmente a verdade cujo acesso lhes fôra mais difícil que aos povos que possuíam um Livro.

A Escritura não descera senão sôbre duas coletividades antes de nós e, em verdade, nós permanecemos certamente na ignorância do estudo destas
[coletividades. (VI, 157).

Êsse novo livro em língua árabe clara vem apenas confirmar as mensagens anteriores (XLVI, 11):

Esta pregação não poderia ter sido forjada fora de Allah, mas veio para marcar a veracidade das
[mensagens anteriores. (X, 38).

Não existe senão uma única religião dos profetas entre os quais não convém estabelecer distinção (Hadîts, Bokârî). Os povos das Escrituras aprovam o novo Pro-

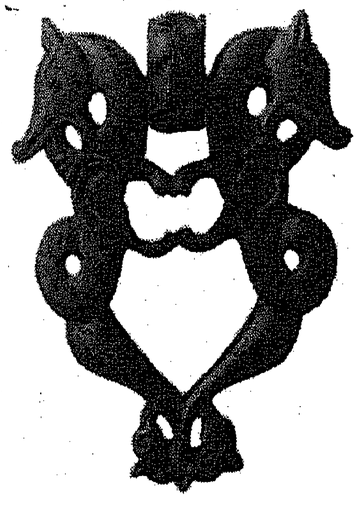
feta e sabem que êle é verídico. Mais tarde, após os malentendidos, virá a idéia de que as Escrituras anteriores foram deformadas e que o Corão veio para substituí-las. De momento, êste chega até a declarar:

Se estiveres em dúvida sôbre o que te foi enviado do alto, interroga aquêles que lêem as Escrituras [enviadas antes de ti (x, 94).

Mas, objetavam os céticos, os profetas antigos realizavam milagres para provar a autenticidade de sua missão. Abraão sofreu o fogo sem prejuízo, Moisés transformou um bastão em serpente e Jesus ressucitou os mortos. Tu, porém, Maomé, que pretendes ter recebido a visita de um anjo, não és capaz de nô-lo provar, como tampouco de fazer brotar uma fonte de água fresca ou de predizer o curso das mercadorias. Entretanto, Maomé jamais se apresentou como um super-homem nem como um taumaturgo.

Dize-lhes: não tenho poder algum para conseguir o que me é útil ou para afastar o que me é prejudi- [cial, além da vontade de Deus.
Se conhecesse as coisas escondidas, me tornaria rico e nenhum mal lograria me atingir. Mas não passo de um homem encarregado de anunciar e de [advertir (VII, 188).
Que sou eu, senão um mortal e um apóstolo? (XVII, [95).

Aliás, os milagres materiais não convenceriam seus corações endurecidos, os corações selados (VI, 7; X, 16-32). O único milagre-prova (*mo'jiza*, dos profetas, em oposição a *karama*, carisma dos santos), que Maomé reivindica é o incomparável Corão.



O CORÃO

O próprio Maomé não cessava de se maravilhar dêsse Corão (Leitura, Recitação), em que cada versículo era uma *aya* (sinal, prova). Recebia os fragmentos em estados secundários que lhe submergiam personalidade voluntária e consciente, mesmo quando correspondiam às suas preocupações. Por vêzes, as revelações se interrompiam; aguardava-as, então, para resolver as dificuldades, dar diretivas diárias à comunidade, estabelecer regras conforme surgiam as necessidades. Tornaram-se menos abruptas à medida que envelhecia e se habituava ao papel de transmissor. O contato se estabelecia e se desligava mais fàcilmente como acontece na vida dos místicos, um período mais unido, mais sereno, depois das grandes tempestades. Mas diferenciou sempre claramente o que lhe vinha do além, durante os estados secundários, e o que emanava da própria inteligência consciente, mesmo inspirada. Os tradicionistas conservaram numerosos hadîts em que o Profeta age, fala, ensina, ordena, conta apólogos e pronuncia sermões, fazendo mesmo falar Deus na primeira pessoa. Mas ninguém sonhará confundir isto com o Corão, pois já pelo estilo, os Árabes o distinguem imediatamente.

Os fenômenos que acompanhavam as revelações eram impressionantes. Quando Maomé as pressentia, seu corpo arrepiava-se e estremecia. Em geral, pedia que lhe cobrissem com um véu ou um manto (*"O' tu que estás coberto com um manto"*. LXXIII, LXXIV), debaixo do qual ofegava, gemia e emitia gritos roucos. Saía de lá em suor e comum pêso na cabeça que tratava com cataplasmas. Uma tensão muscular intensa denotava-se também. Após o sermão solene da Peregrinação de adeus, desce-lhe um versículo, o derradeiro, que constrange a camela que montava a dobrar os joelhos. Quando foi revelado o versículo IV, 97, contra os que negligenciam a guerra santa, o Profeta mandou chamar seu secretário ordinário,

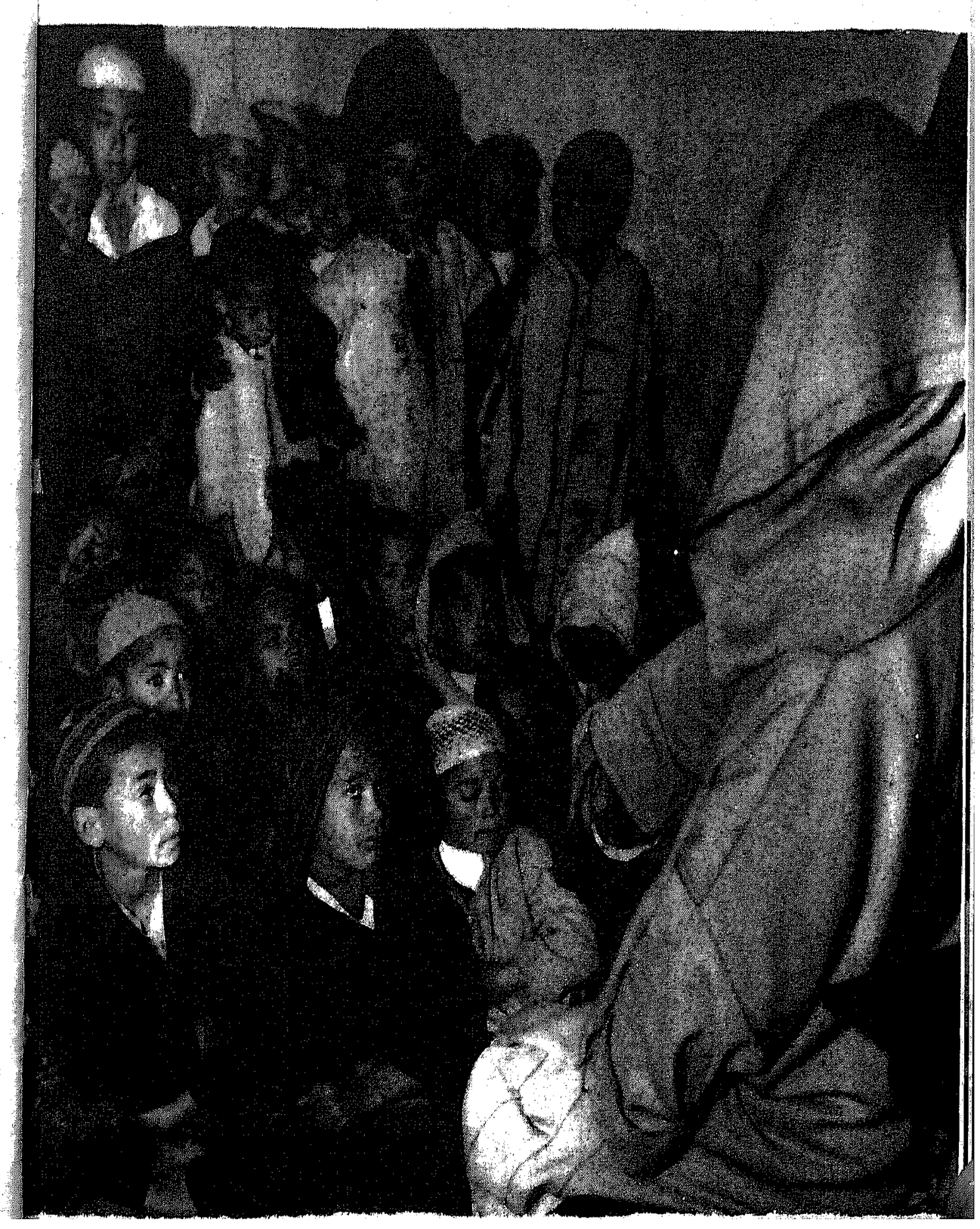
Zeid ben Tsâbit. Apresenta-se um cego para se queixar que havia sido censurado quando sem culpa. A perna de Maomé repousava então sôbre a de Zeid que sentiu de repente pesar com tal fôrça a ponto de temer ver a sua quebrada. Nesse momento descera uma *aya* para determinar que uma exceção era aberta em favor dos enfermos. Certo homem pedira a 'Omar para ver o Profeta no instante de uma revelação. Ofereceu-se a ocasião no caminho para Meca. Alguém fizera uma pergunta a respeito da peregrinação. Maomé calou-se. Uma revelação sobreveio e 'Omar levantou o véu para mostrar ao homem o Profeta em transe. Tinha a fisionomia afogueada, respirava ruidosamente, "a balir como um bezerro", e depois mergulhou em torpor do qual saiu para dizer: *"Onde está o homem que me interrogou?"*

Havia diversos modos de recepção, graus mais ou menos perfeitos, ao que parece. Às vêzes, ouvia sussurros, tinidos acompanhados de um discurso confuso, cujo sentido apanhava quando o ruído cessava. Por vêzes, o anjo aparecia em figura humana, falava distintamente e se fazia entender à medida das palavras que pronunciava. Ocorria, não raro, ao que parece, uma intuição intelectual e mais direta. O esfôrço devia ser grande para passar ao estado de discurso lógico e inteligível. O Corão recomenda ao Profeta que não se exaspere e que não *"agite a língua a fim de apressar a expressão"* (LXXV, 16) de um texto que Deus se encarregou de gravar-lhe na memória.

Que era feito então dos fragmentos recebidos em tais condições? Eram retidos pela memória do Profeta e dos fiéis, entre os quais alguns porfiavam em saber de cor o maior número possível. Escreviam-nos em peles, palmas, louças de barro e em omoplatas de carneiro. Em Medina, Maomé serviu-se de secretários que os transcreveram imediatamente.

Êsses fragmentos foram agrupados em capítulos ou suratas, classificadas mais ou menos por ordem de grandeza; as mais curtas e ao mesmo tempo mais antigas, foram, em grosso, colocadas no fim. Mesmo as suratas longas não constituem discursos ordenados (salvo a de José), mas apenas reuniões de fragmentos mais ou menos extensos, sem pertencer forçosamente à mesma data. Por ocasião da morte do Profeta, quatro medineses sabiam tudo de cor. O califa Abû Bakr, não sem hesitação, encarregou Zeid ben Tsâbit de transcrever o conjunto dos fragmentos. Mais tarde a califa 'Otsmân (644-655) mandou estabelecer uma vulgata, conforme aos exemplares confiados à guarda de Hafça, viúva de Maomé, e filha de 'Omar; os outros exemplares foram queimados.

Já desde a infância os muçulmanos começam a aprender de cor os versículos do Corão.



A ascenção do Profeta montado na égua Boraq.
(Khamsa de Nizami, ms. pers. B. N.).

O ANO DO LUTO

"Sereis certamente provados em vossos bens e em vossas pessoas", havia anunciado o Corão (III, 182). Quando foi levantada a excomunhão dos Hachimitas, o Profeta teve ainda outras provas a superar. Em 620, "o Ano do Luto", perdeu, sem intervalo, seu tio Abû Thâlib e sua mulher Khadîja. Abû Thâlib criara-o e não cessara nunca de protejê-lo, mas recusou no leito de morte abjurar a religião dos pais.

Maomé tentou em vão exercer a pregação na cidade de Thâif. Mas a caminho de volta converte uma tropa de gênios invisíveis que haviam ficado maravilhados ao ouvi-lo salmodiar o Corão debaixo de uma palmeira.

Essa estupenda e consoladora notícia foi-lhe transmitida pela surata LXXII. Isto significava que se os homens não o escutavam, as fôrças invisíveis estavam, porém, a seu lado. De volta a Meca, teve a visão famosa conhecida pelo nome de viajem noturna, *isrâ*, e de ascenção, *mi'râj*: transportado até Jerusalém na égua alada Boraq conduzida por Gabriel, subiu, por uma escada de luz, das ruínas do Templo ao Trono divino. Esta visão, cujo aniversário é celebrado a 27 de Rajeb e considerada como a data da prescrição das cinco orações cotidianas, deu aso a meditações místicas e a uma literatura inteira de descrições fantásticas dos céus e dos infernos, onde, como se sabe, o padre Asin Palacios procurou encontrar uma fonte da *Divina Comédia*.

Maomé diante do trono de Deus.
(Livro da Assunção, em uigur. Mss. turco, B. N.)

A Héjira (Jamiat Tawarikh).
(Universidade de Edimburgo.
Arabic and Persian mss. nº 20).

A HÉJIRA

Junto às tribos árabes os esforços do Profeta não foram mais felizes do que em Thâïf. Foi de Yatsrîb que veio a solução. Alguns habitantes dêste oasis, que se haviam convertido graças à solicitude de um enviado de Maomé, vindo em peregrinação a Meca, em 620 e 621, convidaram o Profeta a visitar Thâïf. Em dois encontros noturnos secretos haviam-lhe jurado fidelidade, comprometendo-se a seguir-lhe a religião e a moral: não atribuir a Deus nenhum sócio, evitar o roubo, a calúnia e o adultério, não matar as crianças mesmo quando cressem que não poderiam alimentá-las e a obedecer ao Profeta em tudo o que fôsse justo.

Yatsrîb era um oasis de umas três mil almas ao norte de Meca, porém mais habitável que esta. A população, mais camponesa e menos comerciante que os Qoraïchitas, era dividida em duas tribos hostis, os Aws e os Khazrâj. Havia também três frações judáicas, os Banû Nadr, os Banû Qoraïdza e os Banû Qaïnoqa.

Maomé fêz partir para Yatsrîb, em pequenos grupos, uns sessenta muçulmanos. Mas os dirigentes de Meca pareciam não estar dispostos a deixá-lo alcançá-los. Fala-se até numa conjuração para matá-lo. Escondeu-se durante três dias com Abû Bakr numa caverna do monte Thûr, fugindo depois com êle para Yatsrîb em camelas conduzidas por cúmplices. Suas cabeças chegaram a ser postas a prêmio. Mas que poderia suceder a duas pessoas

que tinham Deus consigo? Após sete dias de viajem através de um deserto de dunas e de basalto e de lavas negras, chegaram à aldeia de Quba, perto de Yatsrîb, numa segunda-feira, 12 de Rabî' Primeiro (20 de setembro de 622), onde encontraram-se com 'Ali que viajara a pé. Na sexta-feira Maomé fêz sua entrada na cidade que ia tornar-se Medina, *madinat an nabî*, a cidade do Profeta. Esta emigração, Héjira, marcou, sob 'Omar, por volta de 638, o ponto de partida da era muçulmana (sendo o primeiro dia não o 12 de Rabî', mas o primeiro dia do primeiro mês, *moharrem*, dêsse ano; a sexta-feira 1º de moharrem do ano I vem a corresponder a 16 de julho de 622 do calendário juliano).

Inaugurava-se uma nova era. Acabava de nascer uma nova comunidade teocrática, acima das organizações tribais tradicionais da Arábia. As hostilidades estavam virtualmente abertas com Meca e a "guerra santa" — perigosa aliança de vocábulos — ia impor sua lei. Com maior razão ainda pela situação econômica precária dos recém-chegados a Medina. Eram emigrados, *mohâjirûm*, que tudo haviam sacrificado em prol da fé, abandonando a pátria para poder invocar a Deus de acôrdo com os ditames da própria consciência. Os medinêses muçulmanos eram os Ançar, os Auxiliares do Profeta, que devia a êles a segurança de sua vida. Um laço de fraternidade e de comunidade de bens (fato sôbre o qual vão se fundar alguns místicos como Sidi Bel' abbâs de Marrakech para preconizar uma espécie de redistribuição das riquezas pela esmola), foi estabelecida entre os refugiados e alguns hóspedes generosos. Mas era preciso que todos os medineses se tornassem muçulmanos. Ora, além dos judeus que repeliam qualquer proposta, havia ainda árabes que se mostravam reticentes e pouco dispostos a obedecer um estrangeiro. Muitos se converteram apenas da bôca para fora, prontos, porém, a mudar ao sabor das circunstâncias e formaram, em tôrno do chefe dos Khazrâj, 'Abdallah ben Obayy, desiludido em suas ambições, o partido perigoso dos "Hipócritas", *munâfiqûn*. Foi, então, necessária a Maomé uma dose tão grande de maleabilidade quanto de tenácia. Uma carta veio consagrar a nova comunidade estabelecida "fora dos outros homens". Todos os grupos deviam prestar-se assistência mútua e defender juntos a cidade. Os judeus possuíam liberdade de culto e direito à proteção com a obrigação, porém,

de contribuir para as despezas eventuais de guerra. Tocava ao Profeta servir de árbitro nas pendências e nenhuma fração podia partir para a luta sem sua autorização.

Os Emigrados, entre os quais sòmente poucos haviam conseguido levar certa quantia de dinheiro, tendo sido confiscados os bens que deixaram em Meca, e que começavam a ser pesados a seus hóspedes bem pouco ricos, recorreram naturalmente ao expediente tradicional dos Beduínos famintos. Pequenas razzias foram lançadas, na primavera de 623, contra os politeístas de Meca. Um dêles matou um homem durante a trégua dos meses sagrados, o que provocou escândalo, mesmo em Medina. Maomé desaprovou o chefe que exorbitara suas ordens, mas o Corão declarou por sua vez que se combater durante os meses sagrados era uma ação culpada, expulsar os crentes da própria pátria e impedi-los de praticar sua religião constituía pecado mais grave ainda. (II, 214).

A GUERRA SANTA

Na primavera de 624, o próprio Maomé partiu com trezentos muçulmanos, entre os quais setenta montados, para cortar o caminho da grande caravana dos Qoraïchitas, que voltavam da Síria ao comando de Abû Sofyân.

Tomou posição, ao sudoeste de Medina, no vale de Badr, onde o caminho de Medina se entronca na estrada real das caravanas de Damasco para Meca. Abû Sofyân, advertido a tempo, mudou de direção e mandou pedir reforços. Mil Qoraïchitas, quase todos a cavalo, partiram imediatamente para esmagar os muçulmanos. Mas êstes haviam ocupado uma situação favorável perto do poço de Badr. Após uma série de combates singulares, de torneios oratórios e de declamações poéticas, seguidos de uma refrega geral, desencadeada por uma imprecação solene e por exortações do Profeta prometendo o paraíso à sombra dos sabres, com a ajuda dos anjos, os muçulmanos tornaram-se senhores do campo de batalha sôbre o qual o inimigo deixou rico espólio, setenta e quatro prisioneiros e setenta mortos, contra quatorze apenas. Uma revelação especificou que cabia ao Profeta o direito à quinta parte da prêsa para dispor dela conforme as necessidades da própria família, dos pobres e do exército (VIII, 42).

Os muçulmanos mortos na guerra santa, *jihâd*, *"na via de Deus"*, recebem daí por diante o título de mártires, testemunhas, *chohada*.

> *Não creais que os que sucumbiram na via de Deus estejam mortos; êles vivem ao pé de Deus e re-*
> *[cebem dêle o alimento* (III, 163).
> *Deus comprou dos crentes seus bens e sua pessoa a*
> *[fim de lhes dar em troca o paraíso* (IX, 112).

A partir de então o Corão retumba de exortações ao combate, que parecem não ter sido inúteis para estimular os pusilânimes. Entretanto, o Profeta não se iludia acêrca do desinterêsse de certos crentes, *"O mártir é aquêle que dá a vida por outra coisa que a fortuna"* (hadîts). E o Corão: *Vós desejais os bens dêste mundo e Deus vos quer dar os do outro* (VIII, 68).

Um hadîts põe na bôca de Maomé ao regressar de uma expedição a frase seguinte: *"Voltamos da pequena guerra santa (jihâd) para enfrentarmos a grande guerra santa"* (*mujâhada*) esfôrço interior de ascese, combate contra si mesmo. Isto mostra que a consciência muçulmana coloca os valores espirituais profundos acima da guerra santa.

Maomé a pregar na mesquita de Medina.
(Universidade de Edimburgo, Arabic ms. 161, fº 6 b.)

Os Qoraïchitas preparavam a vingança, impunham-se uma disciplina severa proibiam até mesmo chorar os mortos de Badr permitindo apenas a composição de poemas ferozes que eram revidados pelos poetas muçulmanos. Maomé não gostava dos poetas, *"que dizem e não fazem"*, cuidando sobretudo de não ser confundido com os que eram inspirados pelos jinns e não pelo anjo de Allah. Mas servia-se dêles para a propaganda. O poeta árabe era não só um arauto, um jornalista, um memorialista, cujas tiradas conservavam e comentavam os acontecimentos, mas uma espécie de adivinho de aspecto muitas vêzes bizarro, calçando, por exemplo, um pé só, cultivando uma metade da cabeleira, para testemunhar a inspiração. Suas invectivas eram do tipo dos encantamentos capazes de suscitar por si mesmas um verdadeiro mêdo.

Decorreu o ano com algumas mortes, de parte a parte, pouco brilhantes. A ação mais importante foi dirigida contra os judeus Banû Qaïnoqâ. Os israelitas de Medina não ocultavam mais seu espírito hostil mancomunando-se com os Qoraïchitas. Mas não souberam se unir e foram batidos uns depois dos outros. Uma escaramuça, em que foi assassinado um muçulmano, serviu de ocasião para o ajuste de contas com os Banû Qaïnoqâ. Após um sítio de quinze dias em seu qçar, foram obrigados a se render, sendo-lhes poupada a vida, mas com a imposição de se exilarem no norte abandonando terras, escravos e créditos, Ka'b ben al Achraf, rico judeu de Medina, poeta e amigo dos Qoraïchitas, depois de uma viagem suspeita a Meca, foi atraído para fora de seu castelo e apunhalado. Abû Râfi', que sublevava as tribos do norte, foi morto em seu torreão perto de Khaïbar.

A ruptura com os judeus que se recusaram decididamente a reconhecer Maomé como o profeta dos gentios anunciado pelas escrituras (II, 38; VII, 156; LXI, 6) exerceu importância considerável na evolução do Islame e em sua tomada de consciência como religião à parte. Foi sublinhada por uma manifestação espetacular. Até então os muçulmanos de Medina voltavam-se para rezar em direção de Jerusalém, Bît al Qods, A Casa de Santidade. Em fevereiro de 624, um pouco antes mesmo da questão dos Qaïnoqâ, certos crentes estavam a orar em Qubâ, quando um mensageiro arquejante chegou para lhes

anunciar que uma revelação acabava de ordenar que daí por diante rezassem na direção da Ka'ba, Casa de Allah, edificada por Abraão, pai dos crentes, ancestral dos árabes por Ismael e promotor da religião pura, o hanîfismo. Imediatamente os fiéis mudaram de *qîbla* e se voltaram do norte para o sul (II, 119-123, 136; XIV, 40).

A oração dos crentes, voltados para Meca.

Durante algum tempo Maomé conservou ainda sua solidariedade com os cristãos, opondo até o exemplo dêles ao dos judeus (V, 85-87; III, 48; LVII, 27; LXI, 14). Mas virá o tempo em que se separará também dêles. O Corão dá sempre a Jesus os títulos de Messias, de Verbo, de Espírito que emanou de Deus (IV,169), sublinhando mesmo seu papel no fim dos tempos (XLIII,61). Mas não encara-o como Salvador, Redentor e Medianeiro. Parece chegar até a dizer que não foi crucificado, embora esta passagem complexa (II, 156) signifique também que Deus fêz fracassar os planos dos carrascos e *"elevou-o a Si"*. Recrimina aos cristãos o fato de se terem dividido

1. Cf. nossa *Vida de Maomé*, 1950, págs. 116-118.

em numerosas seitas, de haverem esquecido uma parte do que Deus lhes ensinara (v, 17), de terem feito de Jesus mais que um Enviado e um Servidor, de haverem atribuído a Deus um filho e introduzido Maria numa trindade, fazendo de Allah um terceiro dos três (iv, 169; v, 76, 77, 116).

Isto não deve levar a esquecer o espírito largo de tolerância e as sábias reservas em contraposição a todo fanatismo.

Deus pronunciará no dia do Juízo entre os que creem e entre os judeus, os sabeanos, os cristãos e os zoroastrianos e entre os associadores; Deus é tes-
[temunha de tudo. (xxii, 17).

É certo que os que creem, e os judeus, e os cristãos e os sabeanos, e todo o que crer em Deus e no Dia derradeiro e que tiver praticado o bem, todos receberão uma recompensa de seu Senhor. O temor não há de descer sôbre êles e êles não serão afli-
[gidos (ii, 59; v, 73).

Se Deus tivesse querido, teria feito de todos vós um só povo. Mas Êle quis experimentar vossa fidelidade em observar tudo o que vos deu. Correi à porfia no sentido das boas ações. Todos vós haveis
[de tornar a Deus.
Êle mesmo esclarecerá a matéria de vossas disputas
[(v, 53).

Após deliberação e com a coragem estimulada por diversos poemas, os Qoraïchitas abalaram na primavera de 625 ao comando de Abû Sofyân em número de três mil guerreiros, formado por todos os homens válidos de Qoraïch, alguns aliados beduínos e a milícia dos Ahabich, abissínios mercenários ou escravos. Advertido secretamente por seu tio al-'Abbâs, Maomé reuniu apenas um milheiro de homens e dois cavalos. Contràriamente a seu parecer pessoal, o pequeno exército, em lugar de se entrincheirar em Medina, avançou e foi se recostar no monte Ohod. Trezentos Hipócritas debandaram na última hora. Apesar de tudo, a habilidade das disposições tomadas estêve a ponto de lograr vitória. Mas os arqueiros, desobedecendo as ordens, abandonaram a posição e se precipitaram sôbre o espólio. O comandante dos cavaleiros da ala direita de Meca, Khâlid ben al

Walid, pôde então investir pela retaguarda e os muçulmanos, debaratados, refluíram para Medina. Maomé saiu com um lábio partido por uma pedra, uma maçã do rosto atravessada por uma flecha e dois dentes quebrados. Mas os Qoraïchitas não souberam tirar partido da vitória. Pilharam, insultaram e multilaram os cadáveres. A bela Hind, espôsa de Abû Sofyân, cujo pai fôra morto em Badr por Hamza, encontrou o corpo dêste, abriu-lhe as entranhas e comeu-lhe o fígado. Abû Sofyân desaprovou tais excessos, trocou de longe invectivas líricas com os muçulmanos e partiu depois de ter marcado encontro com êles para o ano próximo, conforme a tradição já então anacrônica das guerras tribais esportivas e anuais. Os vencidos vieram então enterrar seus mortos no próprio lugar onde sofreram o martírio. Maomé proibiu lavar-lhes os corpos, dado que as Testemunhas devem aparecer diante de Deus cobertos de poeira e de sangue.

O Corão tirou lições preciosas do fracasso.

Assim acontece nos combates. Alternamos a sorte entre os homens a fim de que Deus saiba quais são os que possuem a fé e possa escolher testemunhas
[entre vós. (iii, 133-134).

Fôra a insubordinação tôda a causa do desastre (iii, 145, 153 e 161).

Maomé precisou de uma energia e de uma habilidade extraordinárias para poder sustentar a situação em Medina, onde seus inimigos levantavam a cabeça, e nas tribos onde se produziram graves incidentes. Os judeus Banû Nadhîr, comprometidos com os Qoraïchitas e encorajados inàbilmente pelos Hipócritas a resistir, tiveram de se exilar, levando de seus bens apenas o que puderam carregar nos seiscentos camelos.

Depois disso, em pleno verão, Maomé foi castigar beduínos que haviam chacinado um grupo de muçulmanos. Foi então instituída a Oração do Perigo (iv, 103): revezando-se, uma parte dos guerreiros rezava na direção de Meca, fazendo apenas uma prostração, enquanto os outros enfrentavam o inimigo.

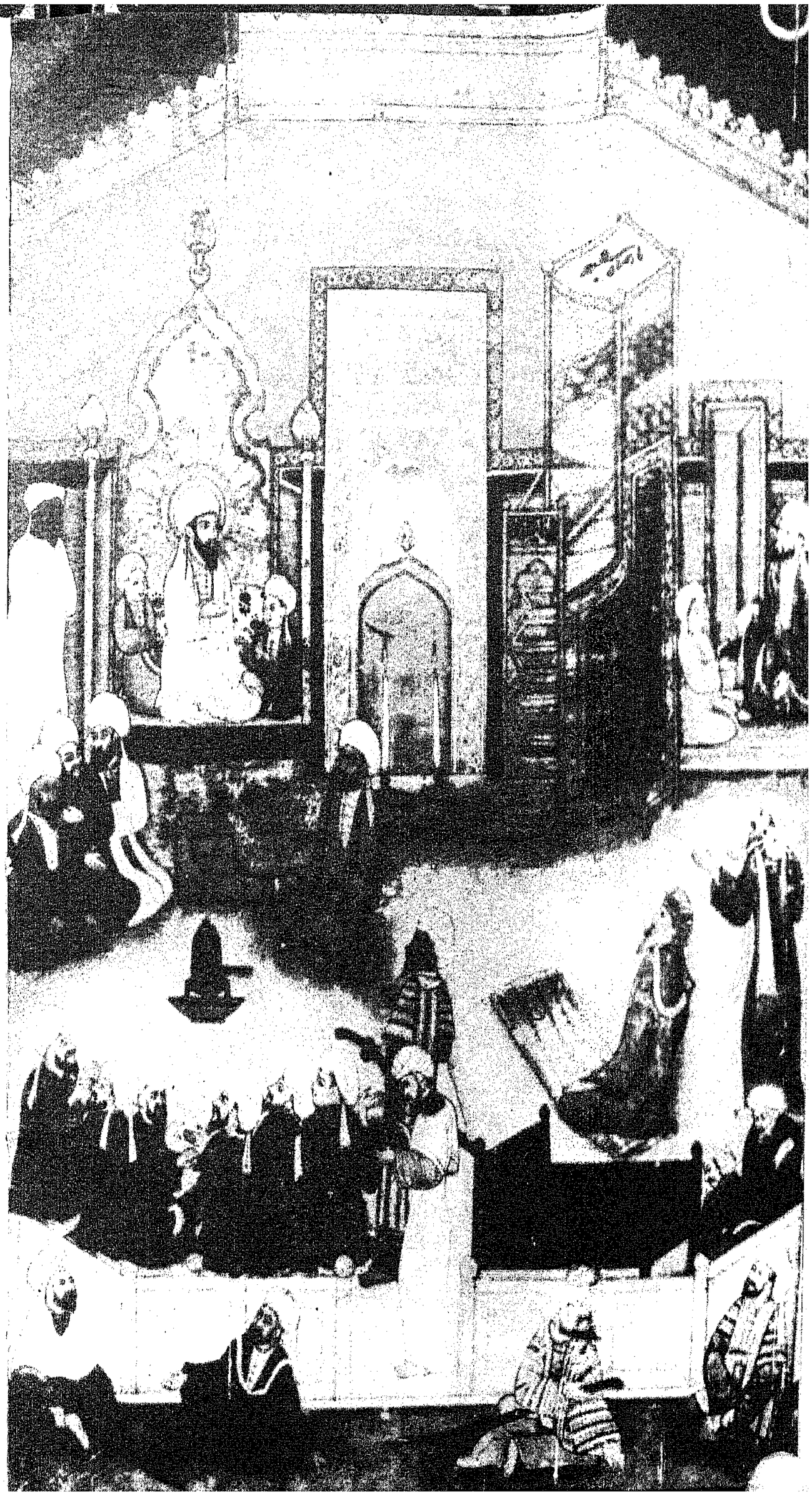
No ano seguinte, março de 627, quatro mil homens, qoraïchitas e beduínos do Nejd, puseram-se em marcha contra Medina, onde Abû Sofyân conseguira entrar em

conchavo com os Hipócritas e com os remanescentes dos judeus Banû Qoraïdza. Ainda desta vez os muçulmanos foram salvos do desastre pela inteligência de seu chefe e pela incrível irresolução dos inimigos. A conselho de Selmân, o Persa, foi excavado um fôsso imenso em tôrno da cidade e entregue à guarda dos arqueiros. Nem os Hipócritas nem os judeus se mexeram. Desconcertados por uma tática completamente nova, os assaltantes se contentaram em instalar um acampamento a certa distância da trincheira. Trabalhados pela propaganda, os Beduínos desertaram. Os anjos e um tornado acabaram de desconcertar os Qoraïchitas, que resolveram partir (XXXIII, 9). Incumbiu apenas aos três mil muçulmanos mobilizados esmagar os Banû Qoraïdza (XXXIII, 26 e 27), que foram atrozmente massacrados ou reduzidos à escravidão. Os Hipócritas compreenderam a lição e assim findou tôda a oposição em Medina.

Agora cabia aos muçulmanos a iniciativa. Em abril de 628, Maomé partiu em peregrinação com mil e quinhentos fiéis. Pararam em Hodaïbiya, pois os Qoraïchitas haviam ocupado o desfiladeiro que comandava o território sagrado. Entabolaram conversações. Maomé cedeu mas precisou pôr na balança todo o pêso de sua autoridade a fim de acalmar os fiéis. Foi assinada uma convenção conforme a qual os muçulmanos se obrigavam a voltar e só retornar no ano seguinte apenas para a *'omra*, visita piedosa, peregrinação menor; comprometiam-se igualmente a não receber trânsfugas convertidos. O tino político de Maomé lhe fêz compreender que o preço de uma moderação ia lhe permitir colhêr cêdo e sem dificuldade o fruto maduro.

> *Nós te asseguramos uma vitória espetacular, a fim de que Deus te perdoe teus pecados antigos e recentes e realize sua graça em ti* (XLVIII, 1 e 2).

Mais uma vez ainda o Profeta voltou contra os judeus o ardor belicoso dos crentes e sua sêde de espólio. Não habitavam mais em Medina, mas possuíam, a 150 quilômetros ao norte, o oásis fértil de Khaïbâr, que acolhera uma parte dos prófugos de Medina tornando-se um centro de propaganda hostil no caminho da Síria. A batalha foi rude, sendo preciso tomar de assalto vários fortins e o torreão principal. A prêsa foi considerável. Os vencidos que sobreviveram foram deixados no oasis para cultivar as terras na qualidade de rendeiros. Conta-se que Maomé correu risco de ser envenenado por uma cativa. Tomou outra, a linda Çafiya, como espôsa.



Maomé e seus companheiros: os dois netos, os quatros primeiros califas, o muezin negro Bilal etc... na mesquita de Medina. (Miniatura indo-persa do século XVII. Coleção Carfax. Comunicada por sir Tomás Arnold)

O HARÊM

Seu harém tornara-se agora o de um grande chefe e as alcovas de suas espôsas, construídas em tôrno do pátio da mesquita, haviam se multiplicado. Antes de deixar Meca casara-se com a piedosa Sauda, viúva já madura de um emigrado da Abissínia, e contratara casamento com a jovem e bela Aïcha, filha de Abû Bakr, que desposou em Medina. Acrescentou-lhes depois Hafça, filha de 'Omar. E, em seguida, não sem uma certa hesitação, a bela Zeineb, mulher que seu filho adotivo Zeid repudiara. Uma revelação (XXXIII, 37) precisou que Maomé não era pai de nenhum homem (o que sancionava a exclusividade da missão profética e a renúncia a possuir um sucessor de seu sangue) e que Deus decidira êste casamento para dissipar tôda dúvida sôbre o direito de desposar uma mulher repudiada pelo filho adotivo. Noutra ocasião, a ciumenta Aïcha, que não tinha papas na língua, haveria de lançar em rosto de seu marido, conforme relata o hadîts: "Não duvido que Deus tenha pressa em satisfazer teus desejos..." Depois de Ohod, casou-se com Umm Selma, viúva de outro emigrado da Abissínia; e, a seguir, com as judias Rihâna e Câfiya, após as expedições dos Banû Qoraïdza e de Khaïbar; em seguida, com Umm Habîba, filha do chefe pagão Abû Sofyân e viúva de outro emigrado da Abissínia, Hanîf cristão; e, finalmente, com Maïmûna, cunhada de al-'Abbâs, seu tio e tia de Khâlid ben al-Walîd, o melhor general qoraïchita.

Teve também duas ou três concubinas, entre as quais Maria, a Copta, enviada pelo governador do Egito. Maria deu-lhe um único filho do sexo masculino, chamado Ibrâhîm, que morreu em tenra idade. Nesse dia houve um eclipse do sol que alguns quiseram tomar como um sinal. Mas Maomé que tinha uma consciência justa de si e não pretendia passar de simples homem, teve a nobreza de declarar que *"os astros não se velam pela morte de nenhuma criatura"*.

Êsses casamentos de amor ou de oportunidade lograram conseqüências importantes. As intrigas do harém refletiram as da política e repercutiram na história.

'Alî desposara Fátima, filha de Maomé, um pouco depois de Badr. Dessa união nasceram duas crianças, Hassân e Hossaïn, únicos descendentes do Profeta que deixariam posteridade: os *chorfa* (plural de *xerife*) atualmente tão numerosos no Oriente e no Ocidente. Considerando os laços de sangue, a situação de 'Alî, de Fátima e de seus filhos era privilegiada. E mais tarde os chiitas legitimistas vão reivindicar a herança temporal e espiritual do Profeta para a estirpe dos *imâns* saídos dêles e considerados como portadores de uma centelha espiritual quase divina. Os chiitas acusam os sunitas ortodoxos de terem suprimido os versículos e os hadîts favoráveis a 'Alî. Asseveram que Maomé o designara como sucessor, em Ghadîr, ao regressar da Peregrinação do Adeus. Suas miniaturas representam freqüentemente a cena patética da *mubâhala*, dos Cinco no Manto, quando Maomé, numa discussão com os cristãos do Nejrân, se oferecera para uma ordália solene a si próprio e o que possuía de mais precioso: 'Alî, Fátima, Hassân e Hossaïn. Os delegados do Nejrân desistiram assinando um tratado muito liberal para êles e a decisão do problema cristológico foi adiado para o fim dos tempos.

Ao que os sunitas, respeitando embora os chorfas (genuínos ou mesmo falsos), replicaram com o hadîts: "Um

A MUBAHALA. *Havendo proposto uma ordália aos cristãos Nejrân sôbre a questão de Jesus, Maomé empenha nesse ato sua própria pessoa, sua filha Fátima, o genro Ali e dois netos.* (Cópia do século XVII de uma miniatura do século XIV. B. N.)

só versículo do Livro de Deus vale mais que Maomé e tôda a sua família", o que, aliás me parece mais autênticamente dentro do espírito do Islame transcendentalista ao extremo.

Os outros genros do Profeta foram Abû'l'Acî, que ficou em Meca, e 'Otsmân, que desposou sucessivamente Roqaïa e Umm Keltsûm. Mas não deixaram descendência, pois suas espôsas morreram cêdo e a importância de 'Otsmân só veio a se afirmar mais tarde.

Ao casal 'Alî-Fátima opunha-se uma parte do harém, extremamente dividido. Porém, a espôsa preferida foi sempre Aïcha, embora a bela Zeineb fôsse por muito tempo amada e influente. Aïcha, filha de Abû Bakr, era ligada intimamente com Hafça, filha de 'Omar, sendo êstes dois homens dotados de um tino político e de uma energia à tôda prova. Sauda e Çafiya haviam-se retirado por própria iniciativa, mas apoiavam Aïcha e Hafça. Umm Selma, Zeineb e as outras espôsas formavam um segundo partido que, em certo sentido, encarnava a antiga aristocracia de Meca em oposição aos homens novos.

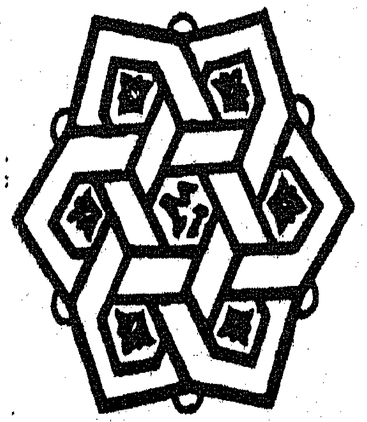
A sîra relata conscienciosamente saborosas disputas entre os três grupos. Tais desavenças estiveram a ponto de tocar as raias do trágico por ocasião da questão do colar de Aïcha. O Profeta costumava levar consigo uma das mulheres quando partia para a guerra. Depois da expedição contra os Banû Meçthaliq, aconteceu que Aïcha ao procurar um colar perdido fôsse por descuido deixada para trás, sendo no dia seguinte conduzida ao acampamento por um jovem beduíno. As más línguas apoderaram-se do assunto à cêrca do qual foram compostos alguns poemas. A oposição aproveitou o ensêjo para levantar a cabeça. Aïcha chorava e 'Alî aconselhava repudiá-la. Maomé consternado aguardou mais de mês uma revelação que veio por fim bruscamente justificar a acusada e ordenar a punição dos caluniadores (XXIV, II).

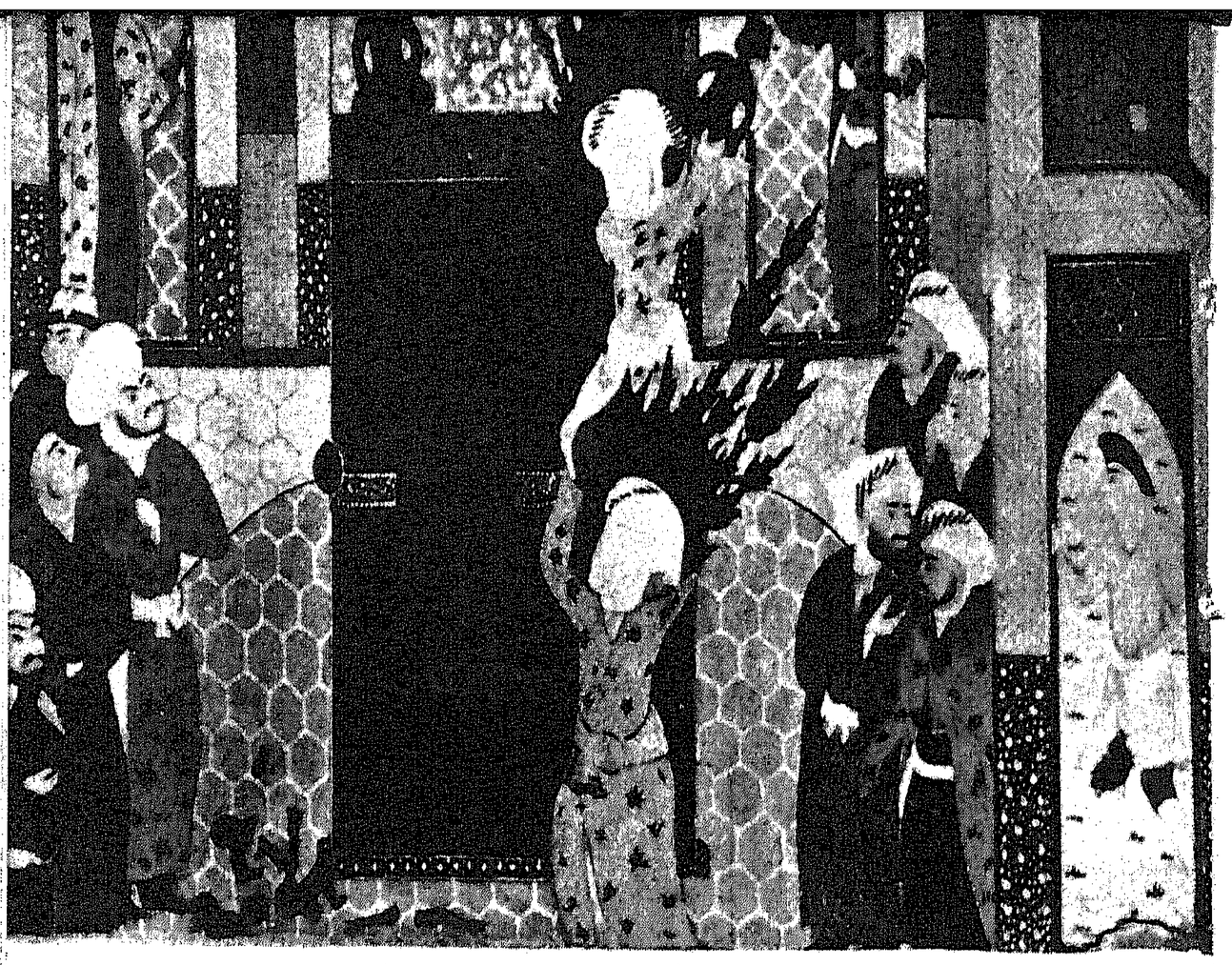
Noutra ocasião, em conseqüência de uma rixa entre Hafça e Maria, a Copta, Maomé estêve a ponto de repudiar tôdas as mulheres. 'Omar, imbuído ainda das idéias dos velhos Qoraïchitas sôbre a maneira de tratar as mulheres, censurou acremente sua filha, mas esforçou-se por apaziguar a situação. Durante um mês inteiro o Profeta dormiu só, numa terraça. O Corão declarou que êle poderia encontrar outras espôsas melhores e o harém se submeteu. Todavia Maomé absteve-se de casar-se

com outras mulheres (o número de suas espôsas elevava-se então a nove). "Mães dos crentes", suas mulheres não podiam casar-se de novo após sua morte, mas deviam andar veladas e não falar com outros homens senão através de um parlatório (LXVI, 1-5; XXXIII, 51-53).

É certo que a atitude do Profeta em relação às mulheres pesou sôbre a civilização muçulmana, embora os exemplos e princípios fôssem forçosamente desnaturados pela tendência inata dos homens à facilidade. Mas contribuiu também para melhorar a condição da mulher na Arábia de seu tempo. Proibiu o infanticídio e a prostituição das escravas. Estabeleceu o direito das mulheres à herança (uma metade). Proclamou que "o paraíso se encontra ao pé das mães", que incumbe aos esposos direitos e deveres recíprocos e que as mulheres deviam ser instruídas. Limitou o número das espôsas legítimas a quatro. Não se propunha, portanto, como modêlo (o que aliás não chocou seus contemporâneos, inclinados antes a admirar suas proezas e habituados, como os de Salomão, a avaliar o poder de um chefe pelo número de suas mulheres). A poligamia só era admitida com a condição de ser mantida perfeita eqüidade. As concubinas só podiam advir da guerra santa, mas nunca do comércio de escravos. As filhas não podiam ser dadas em casamento sem prévio consentimento seu, o que deveria servir para impedir o direito de *jebr*. O repúdio unilateral que, mais ainda que a poligamia em vias de desaparecer, constitui a chaga profunda da família muçulmana, é verberado pelo seguinte hadîts, tão famoso quão pouco escutado: *"Deus não criou nada que estime mais do que a emancipação dos escravos e nada que odeie mais do que o divórcio"*.

Mas ao invés de tirar partido dessas regras num sentido liberal e progressista, a jurisprudência e os costumes tornaram-nas ainda mais inflexível. Si os ulemas de hoje desejassem aplicar o *ijtihâd* (esfôrço de interpretação em oposição ao taqalîd, aceitação rotineira de uma autoridade) como o pretenderam Mohamed 'Abduh e Râchid Ridhâ, poderiam encontrar, como acabamos de ver, muitos argumentos em seu favor no Corão e no hadîts.





Maomé e Ali derribam os ídolos da Ka'ba depois da tomada de Meca. (Hist. de Mirkhud, ms. Luzac, B. N.)

TOMADA DE MECA
O TRIUNFO E A MORTE

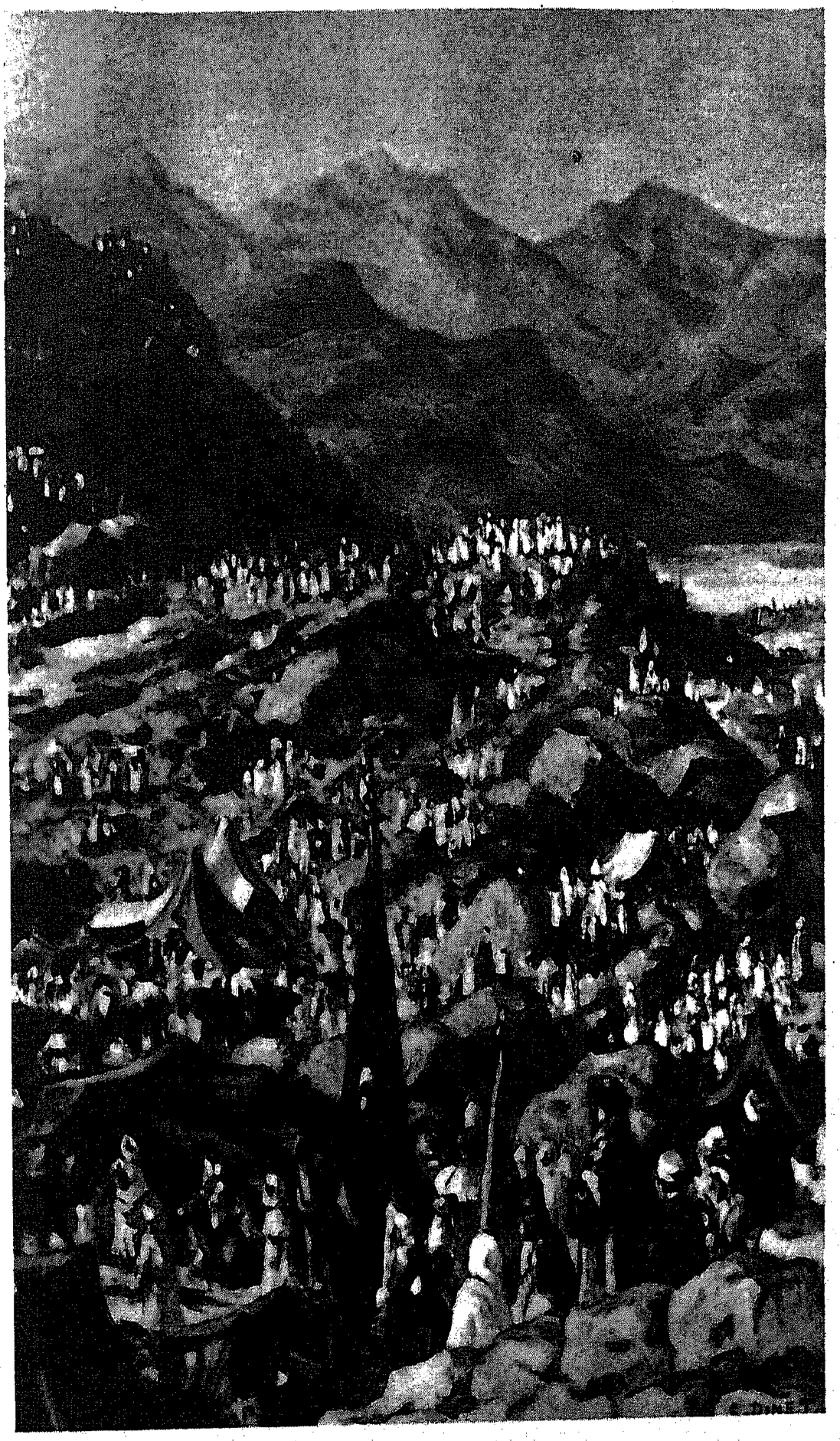
O triunfo se aproximava. A península ia ser expurgada da idolatria. Meca, pátria ingrata, mas sempre querida, estava prestes a cair como fruto sazonado, graças à prudência e moderação mescladas de audácia que impõe admiração. As condições da vitória foram de proporções a transformar êste fato histórico num acontecimento que honra a humanidade. Tendo sabido dominar, em Hodaïbiya, a própria sofreguidão e a dos muçulmanos, Maomé ia agora obter a "vitória espetacular" prometida pela revelação. A derrota sangrenta infligida em Muta, no norte, a seu filho adotivo Zeid, pelos Gassanidas, árabes cristãos vassalos dos Bizantinos, não lograra enfraquecer seu prestígio. Khâlid ben al-Walîd, excelente general que salvou os restos do exército em Muta, sentindo bafejar vento contrário, convertera-se. Foi imitado por importantes qoraïchitas como Amr ben el-'Aci, futuro conquistador do Egito, e El-'Abbâs, tio de Maomé e tronco da futura dinastia dos califas de Bagdá.

Conforme às estipulações da trégua, Maomé fêz sua "visita piedosa" (março de 629, ano VII da Hégira) a Meca, vazia durante três dias da quase totalidade de seus habitantes. Resistiu, ainda esta vez, à tentação de aí permanecer pela fôrça. Abû Sofyân, que a contragôsto se tornara seu sogro, veio a Medina ver sua filha Omm Habîba, e tatear o terreno. Depois disso, em ramadã do ano VIII, janeiro de 630, dez mil muçulmanos em armas puseram-se a caminho da cidade santa. Abû Sofyân deixou-se então prender por uma patrulha e acertou os têrmos da capitulação depois de ter também êle abjurado o politeísmo. Quase sem desferir golpe, o Profeta penetrou em Meca, mandou derrubar os ídolos da Ka'ba ("*A verdade chegou, o êrro se dissipou*"), empolgou com u'a mão o anel de ouro da porta do templo e proclamou uma anistia da qual não foram excluídos senão quatro politeístas. Em seguida, foi rezar sôbre o túmulo de Khadîja, a primeira dos fiéis e a primeira confidente do grande destino.

Nem a perigosa batalha de Honaïn contra os Hawâzin acampados ao sul de Meca, perto de Thaïf (em fins de janeiro de 630), nem as reticências dos medineses inquietos com a tática da «harmonização dos corações", nem o pouco entusiasmo dos Beduínos em se converter de fato (IX, 98-100), nem a expedição difícil e de êxito duvidoso de Tubuk, nas fronteiras bizantinas, lograram abalar a autoridade de Maomé, nem tampouco impediram-no de mandar abater os ídolos por diversos lados e de assinar tratados com as tribos, como o fêz com os cristãos do Nejrân no sul, e de Aila no norte (liberdade de consciência e proteção, pagamento da capitação).

Na peregrinação do ano IX (631), presidida por Abû Bkar, viu-se 'Alî acorrer em marchas forçadas a fim de ler uma revelação (IX,3-5) que punha o politeísmo fora da lei. No ano seguinte, Maomé em pessoa veio com noventa mil peregrinos cumprir os ritos fixados assim definitivamente no islame: tomada do hábito d'ihram e do estado de sacralização, sete circuitos processionais em tôrno da Ka'ba de Abraão, veneração da Pedra Negra, corridas entre as colinas de Çafua e Marua para recordar a memória de Agar e de Ismael, acampamento ao pé do monte 'Arafa, sermão (no dia 9) sôbre o monte 'Arafa, lugar do encontro de Adão e Eva, descida rápida para Mozdalifa ao cair do dia, lapidação dos três pilares cha-

Os Peregrinos celebram, no monte Arafa, a vigília da grande festa dos Sacrifícios. (A vida de Maomé, por E. Dinet e Slimane ben Irahim, Piazza, 1918.)



mados satãs, sacrifícios de carneiros e camelos em Mina (dia 10), desacralização pelo corte do cabelo e das unhas e nova visita aos lugares santos.

Esta foi a Peregrinação do Adeus. O próprio Maomé pregou no monte 'Arafa, onde exortou os árabes a permanecerem unidos no islame, proclamou os direitos e deveres mútuos dos esposos, a abolição da usura e da vingança, a fixação do ano em doze meses lunares sem correção solar, perguntou à multidão por duas vêzes: "Cumpri minha missão?", e recebeu a derradeira *aya* revelada: *"Hoje dei a última demão em vossa religião. Eu cumpri sôbre vós Minha graça e Me apraz que o islame seja vossa fé."* (v, 5).

De regresso a Medina, caiu doente e morreu na segunda-feira 13 de Rabi'Primeiro do ano XI (8 de junho de 632).

Talvez seja oportuno exarar aqui o julgamento imparcial e sutil de Régis Blachère, o último biógrafo do Profeta, cuja ambição foi simplesmente realizar "uma tentativa de biografia crítica do fundador do islame", sem fazer concessão ao romanesco nem à hagiografia: "Nem a indiferença, nem as feridas do amor próprio, nem a injustiça contra seus interêsses materiais, nem as maquinações ou as ameaças, nem tampouco as ofertas de compromisso diversas vêzes repetidas pelos politeístas conseguiram desviá-lo de sua missão. Nas horas mais graves — conforme atesta o Corão — soube conservar sempre o sangue frio, rea-

A mesquita de Medina, onde se acha o túmulo do Profeta. (Miniatura do século XVIII.)

cender a coragem, fechar os olhos às pequenas falhas para melhor castigar a traição. Como lídimo condutor de homens, soube escolher seus conselheiros utilizando 'Alî pelo devotamento, Abû Bakr pela ponderação, 'Omar pela energia e 'Otmân pela largueza de espírito. Sem ilusão acêrca dos homens, não deixou nunca de lhes recordar o dever e a missão que lhes incumbia. Melhor que ninguém conheceu também as virtudes e os defeitos da nação em que nascera. Êste inspirado, que nem um dia sequer pensou vencer sem o concurso de Allah, sabia, entretanto, prever o futuro e medir as fôrças e as fraquezas do adversário. Apesar de quanto se tenha dito a seu respeito, foi homem bom e generoso. Sua clemência na tomada de Meca foi mais do que um ato político. A hagiografia, como acontece sempre, prejudicou seu herói. Com suas ingenuidades, seu maravilhoso de encomenda, suas sensaborias, esforçou-se, sobretudo, por satisfazer o gôsto popular e guindar ao papel de taumaturgo aquêle a cujo respeito o Corão não cessou de repetir que era um simples mortal semelhante a qualquer outro. E Maomé, ao interrogar a consciência, na derradeira hora, a propósito da realização de sua missão, pôde dormir na serenidade do dever cumprido.

1. Régis Blachère, *Le problème de Mahomet*, 1952, págs. 129.

AS GUERRAS CIVIS E AS CONQUISTAS

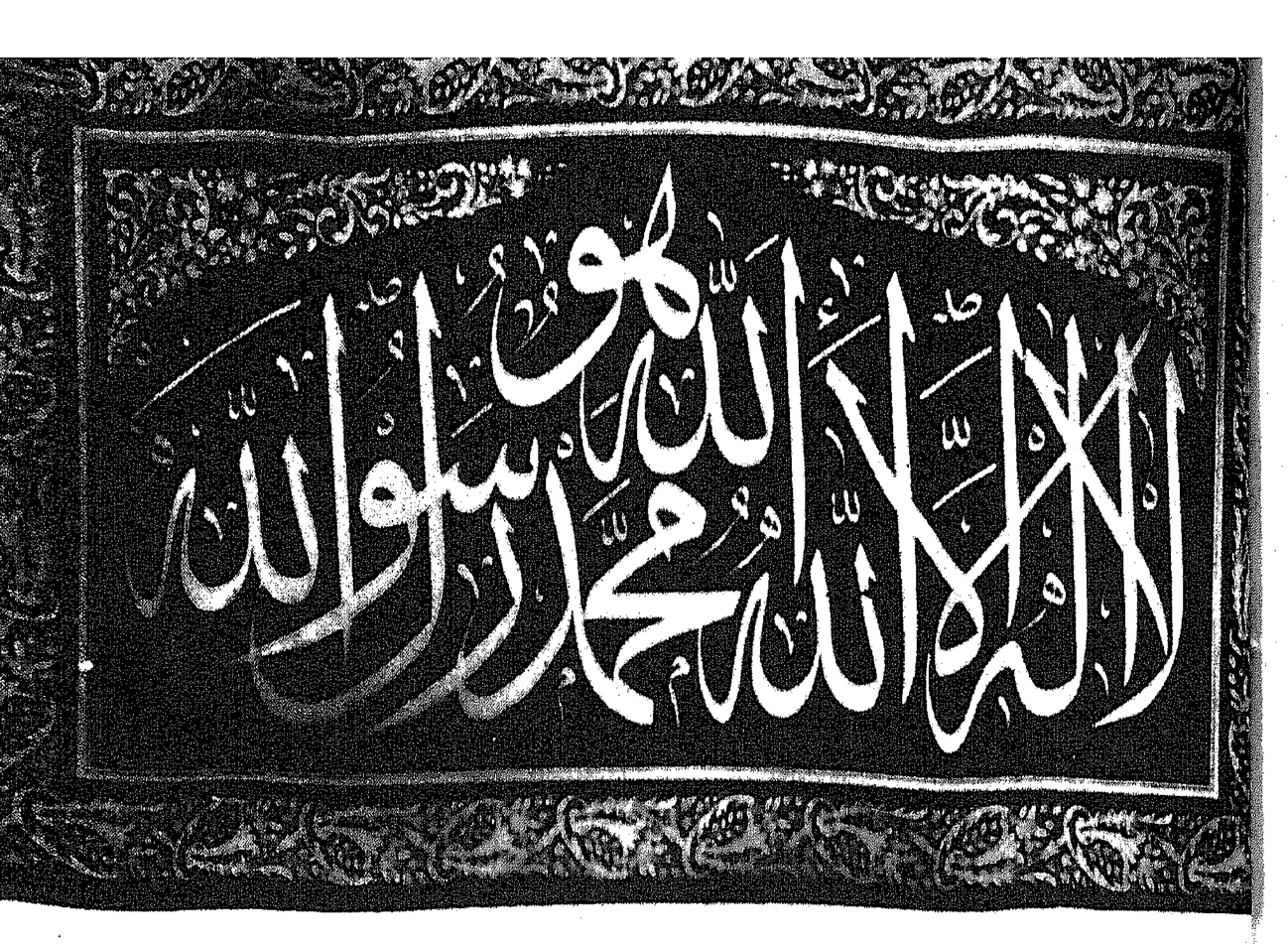
Sua morte acarretou uma grande confusão. O cadáver ficou mais ou menos abandonado aos cuidados dos Hâchimitas. Abû Bakr e 'Omar não tiveram tempo sequer para assistir às exéquias. O primeiro proclamou resolutamente a continuidade do Islame: "Se adorais Maomé, sabei que êle está morto. Se adorais a Deus sabei que Deus está vivo". Os Ançar se haviam reunido e pareciam decididos a entregar o poder a um medinês. Os dois sogros do Profeta foram juntos à assembléia e, com dois discursos hábeis, conseguiram afastar do califado tanto os Ançar como 'Alî. Abû Bakr foi eleito. Durante os dois anos de reinado, reprimiu as revoltas de tribos e estabilizou a situação na península. Morreu em 634 depois de ter designado 'Omar como sucessor. Êste alargou, enèrgicamente, as conquistas, morreu em 644, assassinado por um cristão persa e foi substituído por 'Otsmân, muito menos enérgico, sob o qual se desenvolveram perigosamentes as divisões, sendo assassinado em 656. 'Alî foi então eleito, mas os cinco anos de seu califado decorreram em luta constante contra as diversas facções: batalha do Camelo em que sua velha inimiga Aïcha caiu prisioneira e foi generosamente libertada; batalha de Ciffine, (657) contra os exércitos de Mo'auiya o omêiada, filho de Abû Sofyân, governador da Síria, na saída da qual 'Alî, que aceitara uma arbitragem a fim de cessar a guerra fratricida, foi odiosamente enganado e deposto; batalha de Nahrawân (658) contra os separatistas Kharejitas que acusavam-no de traição por ter consentido que fôsse posta em questão sua legitimidade e que mandaram assassiná-lo em 661. Mo'auiya se proclamara califa e o califado pròpriamente dito transforma-se então em monarquia hereditária em proveito da dinastia omêiada de Damasco, que devia ser mais tarde substituída pelos 'Abássidas hâchimitas de Bagdá (750-1258), descentes de El-'Abbâs, tio do Profeta, e que não se mostraram menos duros com relação aos 'Alidas seus descendentes diretos. A tragédia de Kerbela (680), no

decurso da qual foram massacrados Hossaïn, filho de 'Alî, com tôda a família pelo exército de Yazîd, filho de sucessor de Mo'auiya, é comemorada pelos chiitas com procissões de flagelantes e com dramáticas "paixões".

Essas divisões dolorosas entre os Companheiros do Profeta não lograram, porém, impedir o progresso fulminante dos exércitos muçulmanos, em geral bastante bem acolhidos pelas populações dos impérios sassanida, bizantino e visigótico, que se esboroaram com rapidez incrível: vitórias do Yarmuk sôbre os bizantinos em 636, de Qadisiya em 637 e de Nehawend em 642 sôbre os persas, tomada de Alexandria em 642, de Kairuan em 670, de Toledo em 712, de Herat em 661 e de Transoxiana em 711. Foi preciso a vitória de Carlos Martel em 732 para sustentar-lhes o avanço em Poitiers, enquanto Bizâncio resistia graças ao fogo grego, em 678 e 717. Em 756, data em que Bagdá tornou-se capital dos 'Abbâssidas, no Oriente, foi instalado em Córdova um califado omêiada.

Não vem ao caso traçar aqui a história dos países muçulmanos durante treze séculos. Mas queremos apenas indicar os diferentes aspectos e a evolução da tradição islâmica.

Alî com os dois filhos.
(Imagem popular moderna, Argélia.)

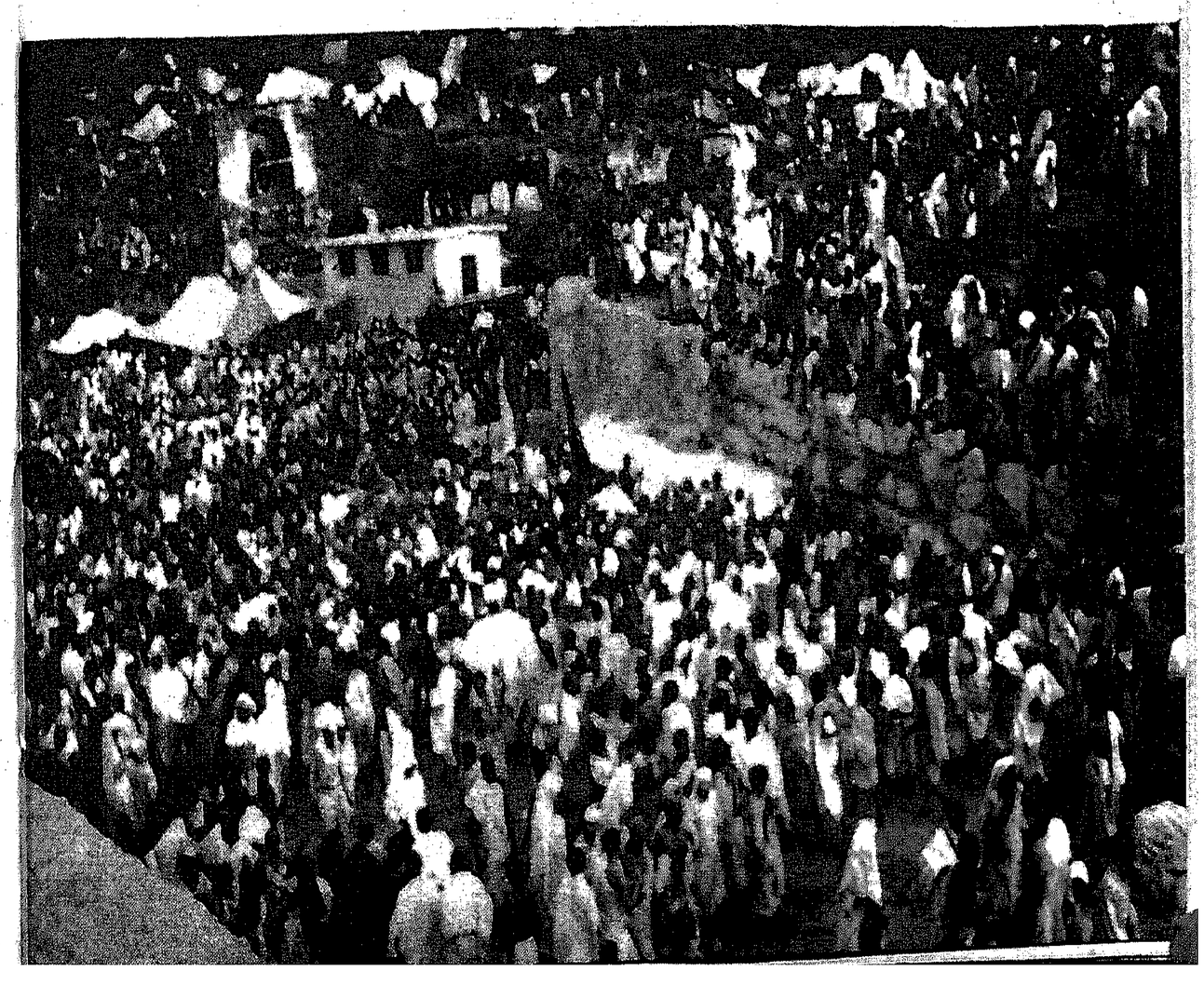


A CHAHADA. A ilah illa'llah. Mohammed rasúl Allah. Não existe outra divindade além de Deus, e Maomé é o Enviado de Deus..
No alto: Huwa Allah: Só Êle é Deus!

OS CINCO PILARES

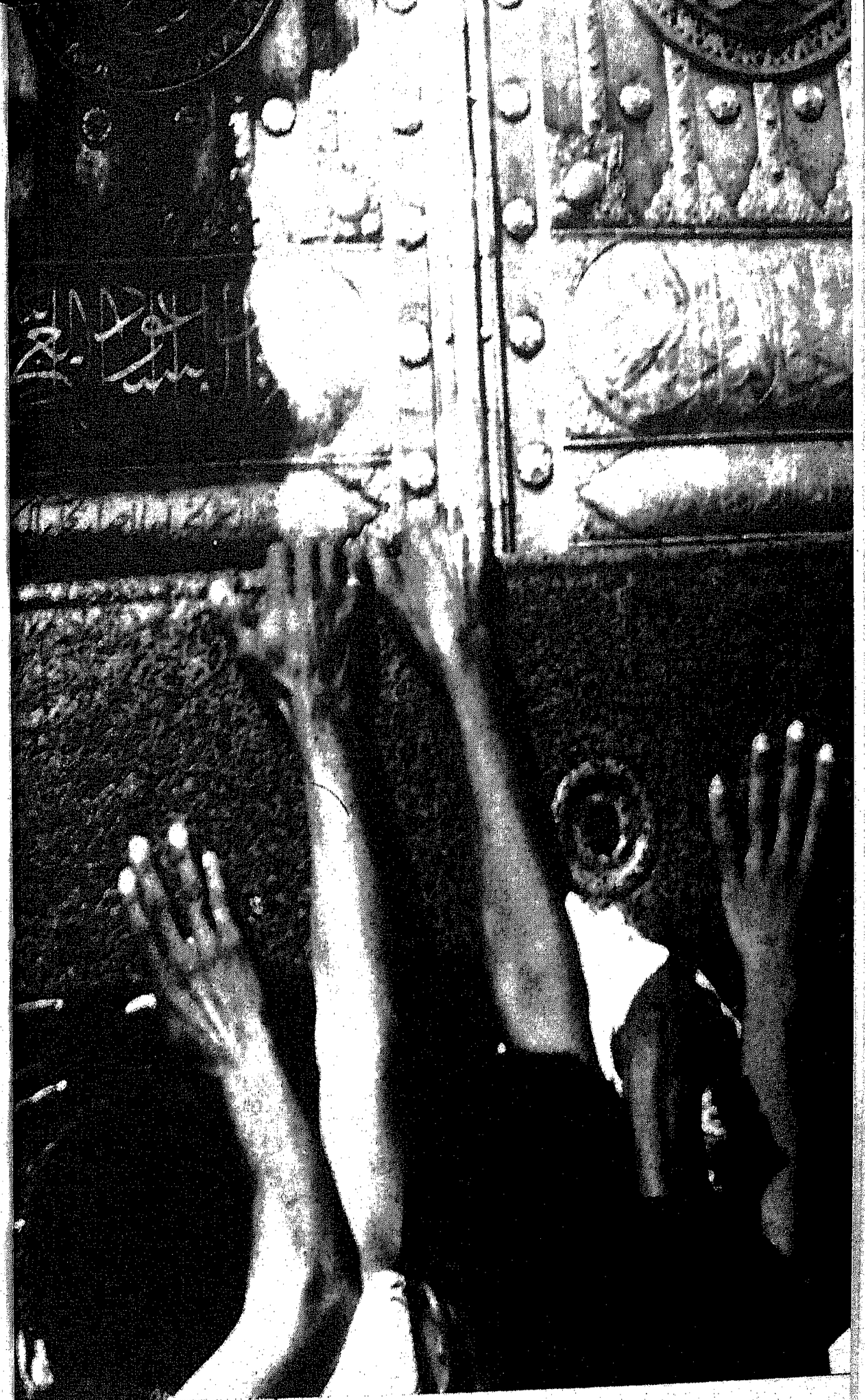
Como vimos quando relatamos a vida do Profeta, as bases fundamentais originais são claras e bastante simples. Os Cinco Pilares do islame são: 1º a profissão de fé, *tachahhud*, conforme a famosa fórmula, a *chahâda*: *Só Deus é Deus e Maomé é seu Profeta;* 2º a oração canônica *çalât*, cinco vêzes ao dia, em horas fixas, precedida de abluções, com atitudes e prosternações estritamente regulamentadas (leves variantes conforme os ritos), diferente da oração superrogatória, *nafila*, ou noturna, *tahajjud*, da oração de pedido, *du'â* e da oração pelos mortos, *çalât al-jinâza;* 3º o jejum *çaum*, durante os vinte nove ou trinta dias do mês de ramadã, determinado pela observação visual do crescente lunar, com abstinência diurna de todo alimento, fumo ou excitação sexual; 4º o dízimo legal, *zakât*, que deve ser distinguido da esmola voluntária caritativa, *çadaqa*, e da esmola da ruptura do jejum; 5º a peregrinação, *hajj*, a Meca, cujos ritos essenciais já descrevemos, e a Medina, onde se venera o túmulo do Profeta, que os Wahhâbitas violaram em 1806, mas não ousaram suprimir.

Seria interessante examinar os Cinco Pilares na prática dos diferentes países. A fé é rigorosa, absoluta, a ponto de se poder especificar cada uma das três religiões abraâmicas com uma das virtudes teologais, a fé caracterizando mais especialmente o islame, a esperança o judaísmo e a caridade o cristianismo. A oração talvez não seja feita rigorosamente, em tôda a parte, cinco vêzes por dia. Mas, contràriamente ao que se poderia crer, sua prática está em progresso. A zakât é difícil de precisar, sobretudo depois que múltiplos impostos vieram se superpor a ela ou substituí-la; a esmola facultativa é feita com muita generosidade, (incluídas nela a hospitalidade, *diffa*, e os *habus* ou *wuquf*, fundações pias, de caráter público, que tantos serviços sociais têm prestado, ou privadas, que servem muitas vêzes para desviar as regras da herança). O jejum é quase por tôda a parte observado com rigor. Os indivíduos que vivem fora do ambiente muçulmano por vêzes se dispensam dêle, mas não sem experimentar certo escrúpulo de consciência, quando se apresentam dificuldades especiais para fazê-lo, pois supõe um modo de vida coletivo completamente modificado. No tocante à peregrinação, pode-se dizer que ela concretiza de maneira solene, a solidariedade da *umma*, comunidade religiosa internacional.



Os peregrinos atiram sete pedras no Grande Satã de Mina, representado por um pilar de alvenaria.
Foto oferecida por Jean Roman

Oração dos peregrinos da África do Norte no navio que os transporta até Jeddah. (Jean Roman: "Le pèlerinage aux lieux saints de l'Islam. Baconnier, Alger".)



A KA'BA. *As mãos fervorosas se estendem para a porta elevada da casa de Allah.* (Jean Roman: "Le pèlerinage...")

"Estabelecemos a casa santa para que seja retiro e asilo dos homens, e dissemos: Tomai a paragem de Abraão para oratório. — A Abraão e Ismael recomendamos o seguinte: Purificai minha casa para os que vierem fazer a volta dela". (Corão, I-119). (Jean Roman: *"Le pèlerinage..."*)

Ela constitui o sonho e a consagração da vida religiosa dos crentes. Fazem por ela sacrifícios consideráveis, embora não seja estritamente obrigatória, senão quando a pessoa está em situação de cumpri-la sem demasiada dificuldade ou risco.

O conteúdo da fé, *imân*, o dogma, é bastante simples.

> *Ó muçulmanos! crêde em Allah, em seu Apóstolo, no Livro que lhe enviou, nas Escrituras reveladas antes dêle. Quem não crer em Allah, em seus anjos, em seus livros, em seus apóstolos e no dia final será completamente desnorteado* (IV, 135; cf. II, [172 e 285).

Allah é o Deus único e sem sócio, incomparável, o único Ser necessário, absoluto, subsistente por si e que se basta a si mesmo (como dirão os çufis: a única Realidade absoluta), "o maior" em relação a tudo, o Altíssimo, o Sublime, o Magnífico, o Digno de louvor, o Santo, o Vivo, o Eterno, o Criador, o Poderoso, o Juiz, o Benfeitor, o Clemente, o Misericordioso, o Guarda, o Protetor, o Justo, o Doce, o Cheio de amor, o Primeiro e o Último, o Aparente e o Escondido, Aquêle por quem tudo subsiste e ao qual tudo volta. É transcendente, e a insistência dos teólogos não cessará de elevar barreiras entre o Ser incomensurável e o mundo. Mas também não é menos imanente, conforme o indicam alguns de seus nomes e como o sublinham os místicos: "mais perto de vós que vossa veia jugular (L,15), o único a quem convém adequadamente o nome de *Al-Haqq*, a Verdade. Não há razão para opor teologias apofática e catafática, nem exoterismo e esoterismo, que no islame se completam de maneira harmoniosa. O *tawhîd* é a teologia da crença no Deus único, mas é também para os místicos, a ciência da unificação.

Discutiu-se para saber se êsses Belos nomes e êsses atributos estavam na Essência divina ou fora da Essência. Os mot'azilitas de tendências racionalistas, partidários do livre arbítrio, pensam que existe um bem e um mal absolutos e que Deus é necessàriamente bom e justo, não déspota arbitrário. Para evitar o antropormofismo e o que julgavam politeísmo disfarçado, rejeitavam os Atributos. Declaravam que só a Essência divina e o Corão, sua palavra criada, eram eternos, ao passo que os sunitas na grande maioria criam que o Atributos

fôssem co-eternos e que o Corão fôsse incriado (o que coincide talvez com o que os cristãos entendem pelo Verbo).

Da mesma forma os teólogos ortodoxos, apesar de numerosas exceções, baseados no fato de que Deus é conhecedor, autor e criador de tudo, afirmam em geral a predestinação *qadar*, e negam a liberdade do homem, embora admitam, sem compreender, sua responsabilidade. Corão e hadîts comportam, aliás, textos nos dois sentidos. O Corão diz, muitas vêzes, que Deus dirige como quer, dá sua graça a quem quer e dana os que quer. Régis Blachère (op. cit. pág. 75-78) mostrou que diversas passagens em questão parecem responder sobretudo às angustias do Profeta e dos primeiros muçulmanos em face da obstinação, incompreensível a seus olhos, dos politeístas (VI, 39, 125; X, 75; XVI, 39, 95; XVII, 47-48). Goldziher observa que Deus não induz em êrro, mas deixa errar e ameaça os obstinados de não tirá-los da cegueira. Outras passagens falam nos destinos eternos fixados eternamente na Tabuleta Bem Guardada, de Deus que faz viver, morrer e ressucitar quando quer, entre as mãos daquele a quem pertence tudo quanto existe (III, 139; IX, 51; XXXV, 25; XXXVI, 11; LXXX, 18-22). O mesmo se encontra em muitas das religiões que professam a onipotência e a providência divinas. E o versículo sôbre o qual costumam se basear: "Foi Deus que vos criou, vós e o que fazeis" (XXXVII, 94) pode significar, não que o homem não tenha nada que ver com seus próprios atos sôbre os quais o poder de Deus se exerceria de maneira coercitiva, mas sim que tudo o que existe, tôda a substância, tôda a energia provindo de Deus criador, as ações dos sêres não poderiam evidentemente se realizar sem seu concurso. Daí vão partir os çufis para chegar a afirmar não o determinismo mas a adesão, a união transformante, segundo a qual os sêres não possuem outra existência além daquela que recebem por participação da Existência real divina. *"Não fôste tu que lançaste a flecha, foi Deus quem a lançou"* (VIII, 17).

Outros versículos falam aliás como se o homem fôsse livre, dado que Deus não prejudica ninguém (XVIII, 28; XXXVVVIII, 25; IV, 52; XLI, 16). E os versículos seguintes põem em relêvo, de modo magnífico, o lugar e a responsabilidade cósmica do Homem:

Lembrai-vos de que um dia Deus tirou, dos rins de Adão, todos os descendentes dêle e fê-los prestar testemunho da responsabilidade que lhes incumbia. Disse-lhes: "Não sou acaso vosso Senhor?" Ao que êles responderam: "Sim!" Assim procedemos para que não digais no dia da ressurreição: "Não o sa-
[bíamos". (VII, 171).

Propuzemos a fé ao céu, à terra e às montanhas. Recusaram-se de se encarregar dela, tremeram de mêdo de recebê-la. O homem então se encarregou,
[mas tornou-se injusto e insensato. (XXXIII,72).

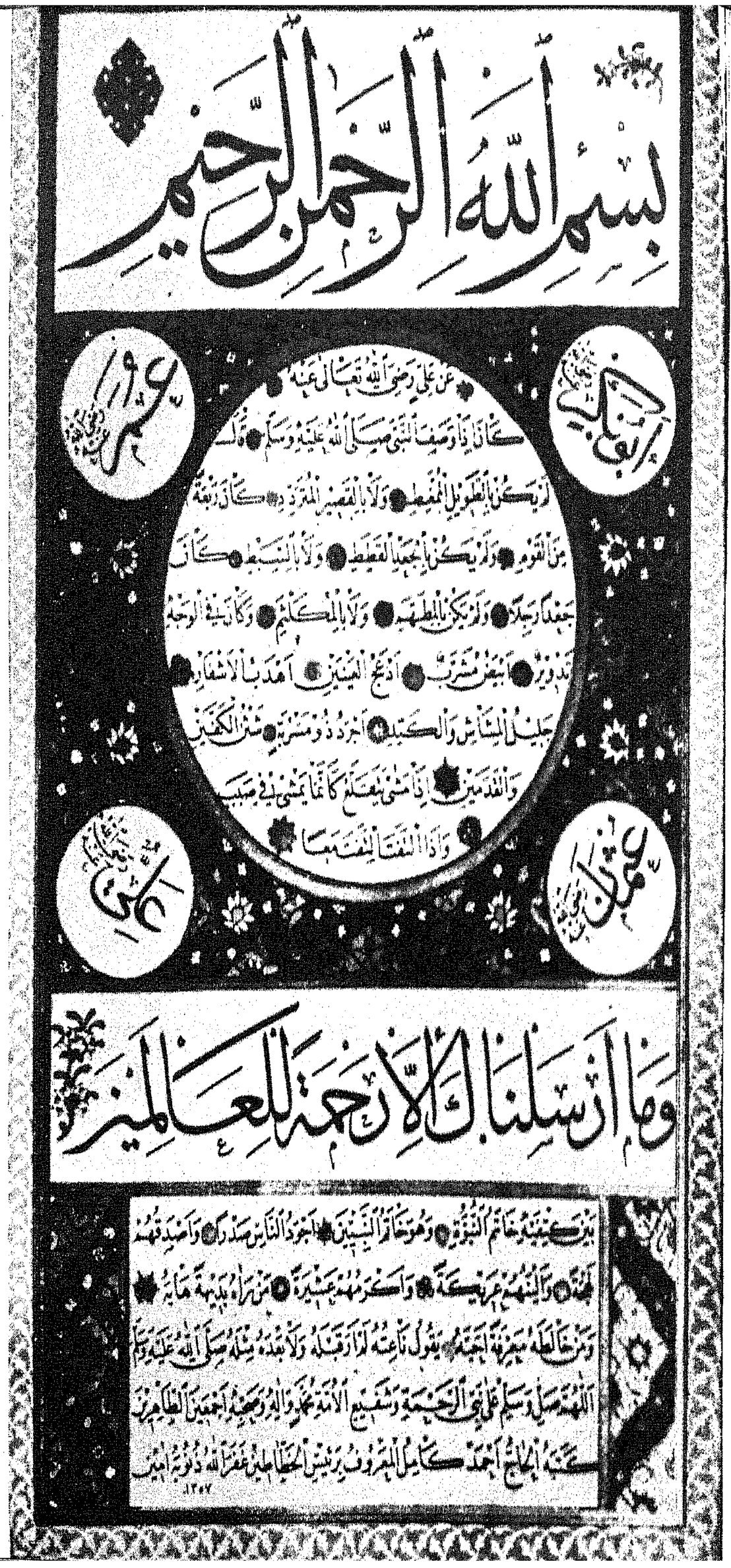
As conseqüências sociais da interpretação corrente do *mektûb*, "está escrito", podem ser graves. É evidente que, na prática, ninguém age ou renuncia a agir, como se tudo fôsse fatal. Mas em lugar de ser apenas uma atitude de corajosa, prudente e estóica resignação em face do inevitável, do que não depende de nós, como diz Epíteto, da vontade de Deus, conforme afirmam os religiosos, o *mektûb* pode transformar-se muitas vêzes uma atitude indolente de abdicação e de incúria, quando deveria ser apenas um remédio inteligente contra a angústia e um encorajamento à paciência fecunda. Ao perguntar-lhe um Beduíno se era necessário atar sua camela dado que tudo estava escrito, respondeu-lhe o Profeta: *"Amarra tua camela e confia-te a Deus"*. Costumava ainda recomendar: *"Agi que a tarefa tornar-se-vos-á fácil"*, o que equivale ao: "Ajuda-te que o céu te ajudará".

O *jihâd*, guerra santa, não faz parte dos Cinco Pilares. Ela não passa de uma obrigação comunitária ocasional sendo, de sobejo, evidente que se pode discutir seu caráter de «santidade». Os podêres temporais tendem naturalmente a servir-se dela, mas certos juristas modernos opinam que as únicas guerras santas foram as do Profeta. Cumpre, igualmente, desfazer a crença de que o islame deva se propagar pelo sabre. *"Nada de coerção em matéria de religião. A verdade se distingue suficientemente do êrro"*. (II, 257). As exortações guerreiras do Corão referiam-se a circunstâncias particulares variando com elas. O império muçulmano admite em seu seio as Pessoas do Livro cristãos e judeus (e até os mazdeanos, como também mais tarde os induístas, pois possuíam igualmente Livros sagrados), com estatuto próprio, isentos do serviço militar e do pagamento da zakât reservada

aos convertidos, mas obrigados à capitação, *jizya*, e a um imposto predial *kharâj*. Na Índia (como atualmente na África negra), as conversões se operaram muito mais pela influência das confrarias e dos santões (que certas miniaturas representam a confraternizar com os yogas) do que pelas armas. Persiste, ainda, em nossos dias, mas muito esbatida na consciência muçulmana, a idéia subjacente de que o ideal seria transformar o território não muçulmano em *dar el-islam*, território muçulmano ou tributário.

Como se observa freqüentemente em sociologia, nem sempre os usos mais formalmente prescritos são praticados com mais rigor. Assim, por exemplo, um muçulmano, que se dispensa da oração, repelirá a carne de porco com horror e considerará a circuncisão como o elemento exterior essencial para indicar sua dependência do islame. Entretanto, a circuncisão não passa de uma sunna mencionada no hadîts, mas não no Corão. As interdições alimentares, menos numerosas que as da Bíblia, concernem à carne de porco e ao sangue dos animais (V, 4) que devem ser antes degolados, pronunciando-se ao mesmo tempo a fórmula: *Bismillah Allahu akbar*. (Em nome de Deus, Deus é o maior.) É proibido matar inùtilmente ou fazer sofrer os animais. Quanto ao vinho e às bebidas embriagantes, a proibição — nem sempre estritamente observada, mas que apesar disso limita muito o alcoolismo nas massas — foi feita por etapas: precaução contra os perigos do vinho e do jôgo, interdição de rezar em estado de embriaguez, observação que as bebidas fortes acarretam mais inconvenientes que vantagens. Em seguida, depois de um escândalo provocado por Hamza no casamento de 'Alî, afirmação de que o vinho e os jogos de azar eram meios empregados por Satanás para insinuar a discórdia; e, finalmente, reprobação formal do vinho, dos jogos e dos sacrifícios aos ídolos (II, 216; IV, 96; V, 92).

Em conseqüência da interdição do culto dos ídolos (VI, 74; XIV, 38, etc.) foi também ventilada a questão das imagens, o que veio imprimir um caráter particular à arte muçulmana. As opiniões a respeito diferem conforme os tempos e os países. E a interdição — se é que ela existe — não foi muito mais observada que a do vinho. As miniaturas persas, inúmeras e célebres, não são as únicas. Entretanto, o desenvolvimento da escultura e da



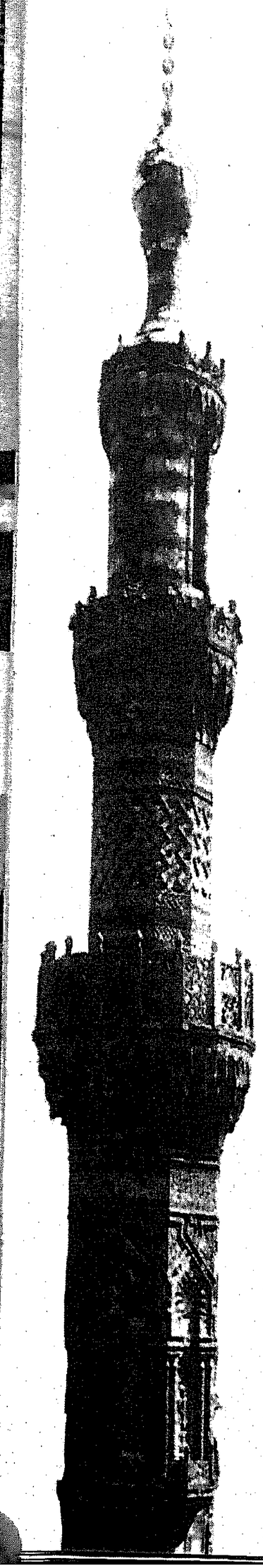
pintura pròpriamente dita, como nós a conhecemos desde o século XV, foi, de fato, entravado. Mas a decoração, o arabesco em cinzeladura ou em côres e a arte abstrata, foram favorecidos e guindados a um alto grau de perfeição. A idéia profunda é que se deve evitar de rivalizar orgulhosamente com o poder criador de Deus. No Juízo Final, Deus desafiará os artistas a animarem suas obras e êles ficarão confundidos por não o conseguir. Mas o que é em geral mais condenado é a escultura, por fazer sombra, e a representação do Profeta (mas há exceções como se vê pelas ilustrações dêste livro; na maioria dos casos tomaram, aliás, a precaução de apresentar sua fisionomia velada ou sem traços). Se a figura humana e animal de tipo realista é afastada, foi dada aos artistas plena liberdade de pintar sêres que se pareçam com flores, como dizia Ibn 'Abbâs a um dêles.

Embora a arte muçulmana não tenha dado um Miguel Ângelo ou um Rembrandt, não podemos deixar de apreciar monumentos como as mesquitas de Córdova, de Fêz, de Kairuam e do Cairo, a Alhambra, o Taj Mahal e tantas obras primas de arquitetura e de arte decorativa desde a Espanha até a Índia. A uniformidade não é desejável e convém que cada um prossiga seu caminho até o fim.

As outras prescrições do direito canônico de importância na elaboração dos aspectos e matizes essenciais da tradição islâmica são as que se referem ao estatuto pessoal, como o casamentto e o divórcio, sôbre o que já falamos, e as do direito público.

A atenção quase exclusiva emprestada pelos intelectuais à jurisprudência canônica, ao *fiqh*, em detrimento da ciência, da literatura e da filosofia, pode ser mesmo considerada como uma das principais causas da decadência ocorrida por volta do século XIII.

Retrato do Profeta por escrito.
(Texto no círculo e no retângulo.)
Em cima: "Bismillah er-rahman er-rahim".
(em nome de Deus clemente e misericordioso).
Nos quatro ângulos, os nomes dos quatro primeiros califas:
Abù-Bakr, 'Omar, 'Otsmân e 'Ali.
Em baixo, um versículo do Corão:
"Nós te enviamos como benefício para os mundos".
Quadros semelhantes se encontram ainda em tôdas as velhas famílias de Argel.



OS RITOS E AS SEITAS

Os assuntos de jurisprudência, ritos, direito civil e principalmente público, por ocasião da questão do califado, desencadearam fôrças emocionais intensas que acarretaram cisões no seio da comunidade muçulmana. Mas, apesar das divisões, ela é um fato real. Embora tenham sido pronunciadas excomunhões e proclamadas guerras santas entre muçulmanos, todos vão se encontrar em definitivo não só na profissão de fé unitária, mas, sobretudo na peregrinação à Ka'ba e ao monte 'Arafa.

A maioria dos muçulmanos são *sunitas*, fundando sua religião na *sunna*, costume ortodoxo do Profeta, de seus Companheiros, dos quatro primeiros califas "bem dirigidos" e dos Seguintes imediatos. Acrescentam ao Corão e à suna, a fim de precisar a regra, o *ijmâ*, consenso dos doutôres, o *rây*, interpretação pessoal ditada pelo bom senso, o *qiyâs*, raciocínio por analogia, e o *istihsân* ou *isticlâh*, bem público.

O sunismo se divide em quatro ritos ou métodos (madhhab) que não diferem entre si senão pela importância relativa que atribuem a cada um dêsses meios e por alguns pormenores de rito e de jurisprudência. Os ritos hanbalita e malikita são os mais severos; o primeiro, outrora espalhado na Síria e no Iraque, está hoje reduzido à Arábia central e o segundo reina quase exclusivamente na África do Norte e no Sudão. O rito hanefita, que se benifiou da adesão dos otomanos, predomina na Turquia, na India e na China; e o rito chafiita na Arábia do Sul, na África oriental e austral, na Insulíndia e no Egito.

Minarete da mesquita Al-Azhar, no Cairo.

É permitido passar de um rito a outro. Todos são ensinados em Al-Azhar. Certos doutôres lograram conferir maleabilidade ao direito, apelando ora para um rito, ora para outro, a fim de encontrar a solução mais liberal.

Existe, porém, separação entre os ortodoxo e os dois cismas fundados em tendências extremas exatamente contrárias,o chiismo e o kharejismo, cuja origem indicamos acima.

Legitimistas, os *chiitas* ("partidários" da família do Profeta) detestam os três primeiros califas, principalmente 'Omar, usurpadores, a seus olhos, dos direitos de 'Alî. Os mais moderados, os duodecimanos, se contentam em reunir sôbre 'Alî seus onze sucessores diretos (sendo que o último, o duodécimo imân, desapareceu e se ocultou para voltar no fim dos tempos), o princípio da herança dos podêres temporal e espiritual, a infalibilidade e a impecabilidade. O que assegura a salvação é o conhecimento do imân do tempo e a fé no imân escondido. Rejeitam conseqüentemente o princípio evolutivo do ijma, consenso aceito pelos sunitas, mas atribuem ainda maior autoridade que êstes últimos aos doutôres (mujtahid) que praticam, em nome do imân escondido, a interpretação, ijtihâd, a que os sunitas renunciaram desde a constituição dos quatro ritos, mas que hoje os discípulos de Mohammed 'Abduh e de Rachîd Ridhâ pretendem fazer reviver.

Perseguido pelos califas omêiadas e 'abassidas, o chiismo duodecimano tornou-se, no século XVI, a religião oficial da Pérsia. Aí é celebrado patèticamente o martírio Hossaïn, onde o xá governa em nome do imân escondido e, sob os sefevidas, dois cavalos sempre ensilhados aguardavam a volta do Mahdi, rei de justiça e de Jesus.

Movimentos políticos se originaram dos princípios chiítas ou pelo menos se serviram dêles com habilidade. Foi o caso principalmente dos Ismaelianos que só reconhecem seis imâns, uma vez que não admitiram a perda de direito de Ismael pronunciada por seu pai Ja'far Çâdiq, por volta de 760. Os Qarmatas aliaram ao imân

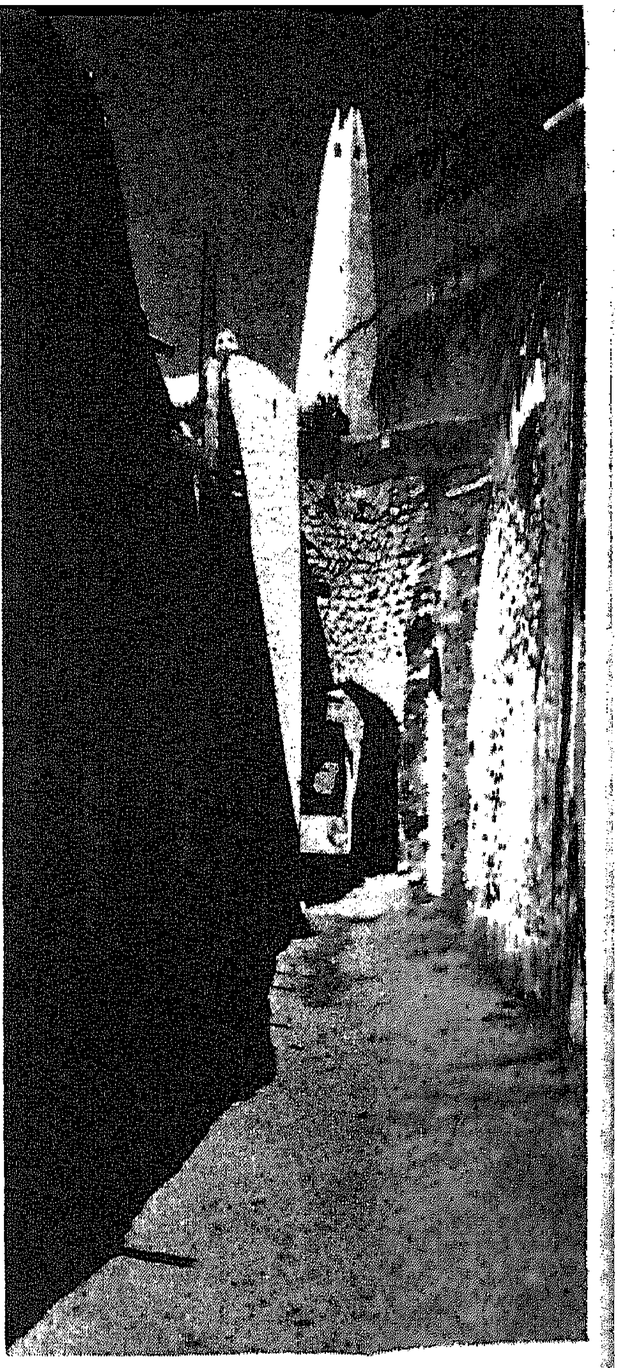
escondido elementos populares do Iraque e da Arábia, de tendências igualitárias, e organizaram uma espécie de confraria em que muitos pretenderam ver uma das fontes da maçonaria. Os fatimidas, pretensos descendentes de Fátima e de 'Alî estabeleceram no século X, na África do Norte, um reino que se deslocou para o Egito. Não se trata mais de designação do imân por seu predecessor autêntico dentro da linha direta de 'Alî, mas de iluminação interior de um iniciado que proclama a infusão da centelha divina em si próprio. O mais estranho dos califas fatimidas, Hâkim, cuja vida extravagante foi evocada por Geraldo de Nerval, chegou às últimas conseqüências e se proclamou deus. Como desaparecesse misteriosamente, alguns discípulos fundaram em seu nome, no Hauran, a comunidade de iniciados chamados Drusos, que aguardam seu retôrno. Outros tiraram do fatimismo ismaeliano a extraordinária organização dos grão-mestres de Alamut, dos Velhos da Montanha, chefes dos "Assassinos" que agiram pelo terror na Pérsia e na Síria, inquietando, durante muito tempo, os Seldjukidas, Saladino e os Cruzados. Seu representante atual, muito conhecido sob o nome de Agha Khan (aliás, muito circunspeto), é o quadragésimo sétimo imân para seus discípulos da Índia, da Ásia ocidental e de Zanzibar.

A doutrina ismaeliana coloca, entre Deus e o Homem, a Razão universal, a Alma universal, a Matéria primeira, o Espaço e o Tempo. A Razão encarnou-se sucessivamente em Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus, Maomé e Mohammed, filho de Ismael, o sétimo imân. Cada um dêstes sete profetas é seguido por sete imâns dos quais o primeiro acompanha o profeta em questão. 'Alî acompanha Maomé, e é seguido por seus seis sucessores até Ismael, cujo filho de nome Mohammed, que abre o sétimo ciclo profético, é seguido precisamente pelos imâns fatimidas. A iniciação à doutrina é feita por sete graus que comportam uma interpretação muito alegórica do Corão, a metempsicose, *tanâsukh,* e a volta da criação inteira, ao cabo do ciclo, à Razão universal.

A seita dos *Ansariés* ou Nosaïris, também chamados Alauítas da Ásia Menor, afasta-se ainda mais do islame ortodoxo, diviniza 'Alî, exteriormente imân, deus eterno na realidade profunda, do qual emanam as outras duas pessoas da trindade, Maomé e Selman, (personagem um tanto misterioso e muito inteligente foi Selman o Persa

quem aconselhou ao Profeta a tática do Fôsso, sendo um dos primeiros Companheiros a reivindicar depois os direitos de 'Alî).

O cisma oposto ao cíismo é o *Kharejismo.* Como acima dissemos, os partidários mais ardentes de 'Alî sentiram-se chocados ao vê-lo aceitar uma arbitragem que revocava em questão sua legitimidade, pois "a decisão só pertence a Deus". Suas revoltas foram afogadas em sangue, em primeiro lugar pelo próprio 'Alî e depois pelos Omêiadas. Mas conseguiram fundar na África do Norte, em Tihert-Tiaret, sob o govêrno dos imâns rostemidas, um reino puritano, simultâneamente democrático e teocrático, que foi destruído por volta de 909, pelos Fatimidas. Os sobreviventes refugiaram-se então no deserto, a fim de aí adorar a Deus a seu modo, tendo evoluído assim de uma posição de glória para a de segrêdo, passando pelo estado de resistência. Formam atualmente, em Mzab, uma comunidade puritana, regida por letrados, pois não possuem mais imân, que se consagram ao estudo nostálgico da história e da teologia ao mesmo tempo que se dedicam à exploração dos palmeirais e das especiarias, no norte do Saara, usando um sistema muito engenhoso. As escolas extremistas, azraquitas e çofritas, são hoje substituídas pelo ibadhismo moderado, tanto na Argélia, como na Tripolitânia, em Djerba, no Omã e em Zanzibar.



A mesquita ibadita de Gardaia, capital dos karejitas, no Mzab.

Longe de reservar o califado aos 'Alidas, aos achimitas ou aos Qoraïchitas, pensam que êle pode ser atribuído por eleição a qualquer crente, desde que seja puro de costumes e de fé, mesmo que seja um escravo negro, mas

não deixam de frisar que o chefe da comunidade deve ser deposto uma vez que se afaste do caminho certo. Não creem na justificação sem as obras. Exigem a pureza de consciência como condição prévia da oração e não admitem graus na fé, considerando todo pecado mortal como destruidor da qualidade de crente. Só aceitam a interpretação literal do Corão incriado. Seu colégio de letrados detém o direito temível de excomunhão, *tebria*.

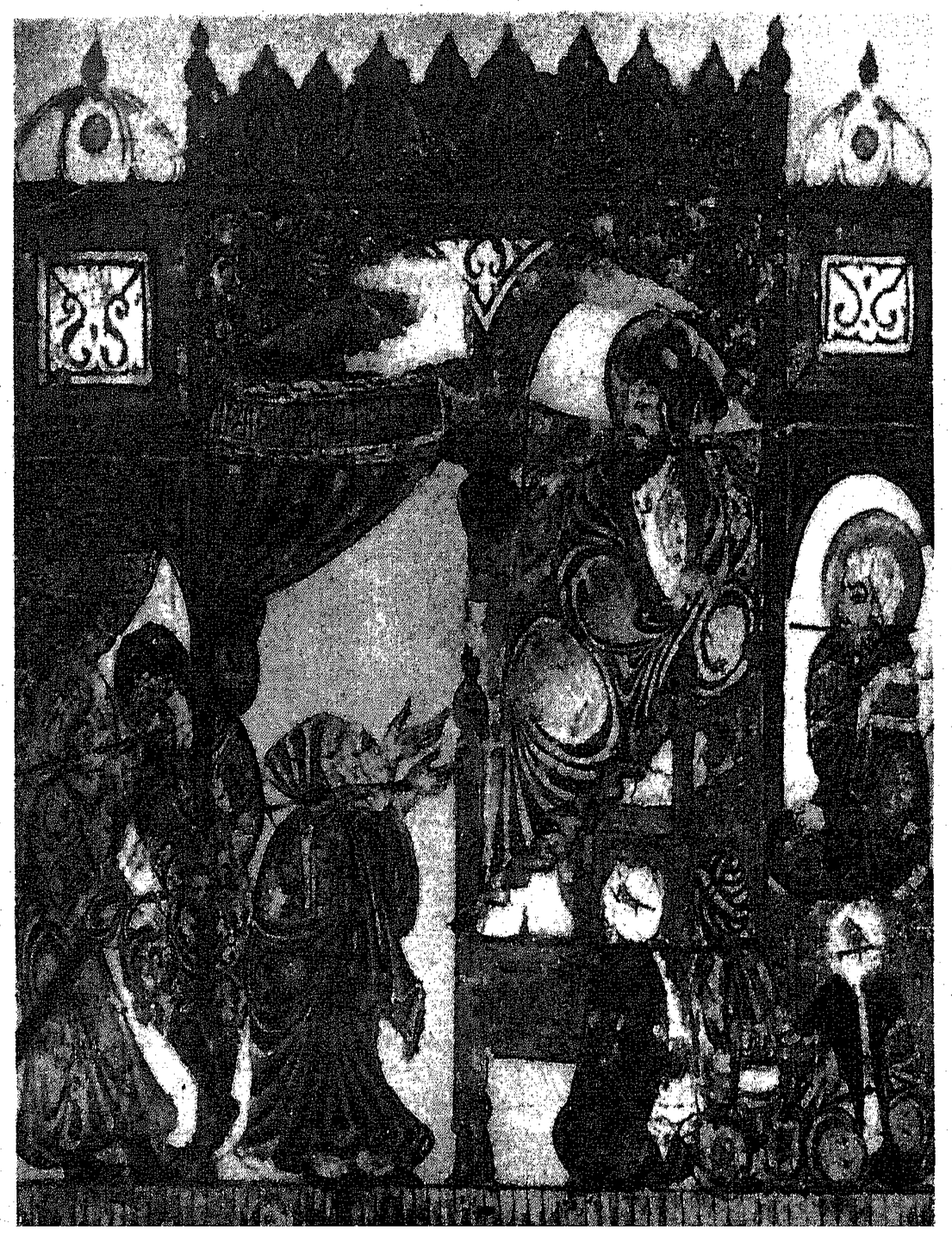
ESCOLAS, CORRENTES E TENDÊNCIAS

Depois do que poderiamos chamar de "igrejas", convém indicar ainda as grandes correntes da tradição islâmica. Como vimos, o *fiqh*, jurisprudência canônica, ocupa um lugar que, à fôrça de exorbitar suas atribuições, acabou por se tornar esterilisante, enfraquecendo, em conseqüência, o sentimento do divino e tendendo a especular e legislar no sentido de uma situação ideal, mas quase sem ligação com a realidade. Isto contribuiu para anquilosar a sociedade, sobretudo a partir do momento em que foi admitido que as portas da *ijtihâd*, interpretação pessoal dos doutôres, se haviam fechado com a constituição dos quatro ritos. Os fundadores dêstes ritos eram considerados como detentores da capacidade absoluta de se formar uma opinião, mas a seus sucessores imediatos era atribuída apenas a de se formar uma opinião relativamente às conseqüências dos princípios de uma escola particular, portanto sòmente no interior da mesma. No que concerne aos doutôres das épocas seguintes, eram tidos apenas como *muftis* a dar *fetuas*, consultas impessoais.

Esta questão cresce de importância quando consideramos que o *fiqh* tem por objeto não só o ritual e a moral, mas também o direito civil, criminal e público, bem como regras de higiene e de civilidade. A *chari'a*, lei religiosa, constitui, por certo, um bloco massiço e sólido, mas mal adaptado às realidades, principalmente quando o espírito não é encarado acima da letra. A menos que não se decidam a seguir a fundo o exemplo de Mohammed 'Abduh, os juristas correm o risco de se emaranhar cada vez mais em sutilezas e argúcias, embora obrigados, por vontade ou sem ela, a aceitar a coexistência de usos locais profanos.

As relações entre o espiritual e o temporal, a adaptação ao mundo moderno são os problemas máximos do islame contemporâneo. Enquanto a Turquia adota o código civil suíço e uma constituição laica e as repúblicas soviéticas de população muçulmana reprimem as "sobrevivências feudais", tais como a poligamia, os estados árabes do Oriente Médio e o Paquistão procuram uma solução de meio têrmo, sem faltar, entretanto, correntes integristas, como a dos Irmãos Muçulmanos que preconizam uma intransigência total e afirmam que o direito revelado basta para resolver todos os problemas. A aplicação integral do direitto corânico e a recusa a admitir qualquer inovação, bid'a, mesmo "louvável", formam as bases do estado seudita wahhabita. Todavia,

O cádi juiz (Mesopotâmia, 1230)



êstes princípios são atualmente muito temperados pela política do petróleo.

Ao que parece a necessidade da teologia, especulação sôbre a realidade divina, não se fêz sentir imediatamente, dado que o Corão e a sunna dos Companheiros bastavam, em princípio, para a solução de tudo. Mas tornou-se logo necessária pelo próprio desenvolvimento da meditação dos textos corânicos, pelas exigências da consciência religiosa e da razão humana, como, outrossim, pelos contatos com a religião cristã e com a filosofia grega. Originaram-se, então, as escolas motazilita, de cunho racionalista e a acharita, mais moderada. A teologia, *kalâm*, está, aliás, pràticamente sempre ligada ao *fiqh*, como também ao estudo do Corão, *tafsîr* e do hadîts.

O *Çufismo* representa simultâneamente um protesto contra o formalismo jurídico e contra o mundanismo resultante das conquistas. Dá a primazia à religião do coração, ao amor de Deus e aos valores de contemplação e de ascese. O burel de lã, *Çuf*, simboliza a oposição ao luxo dos Omêiadas e dos 'Abassidas. É menos uma escola de êxtase passivo que uma via de iniciação à uma doutrina metafísica tradicional, e um método de realização espiritual (meditação, retiro, luta contra si mesmo, ladainhas, poesia, música, dansa e, em certas confrarias, jogos do ferro e do fôgo), muito original, apesar de seu caráter tradicional e das influências adventícias cristãs, neoplatônicas e induístas. O conjunto que deve ter tido como ponto de partida a meditação de alguns versículos do Corão (que encontraremos mais adiante), apresenta certo aspecto de esoterismo e de iniciação gradual formado pela *haqîqa*, "realidade" espiritual, e pela *tharîqa*, "via" introdutória, que completa, sem contradizê-la, a *chari'a*, lei exotérica comum.

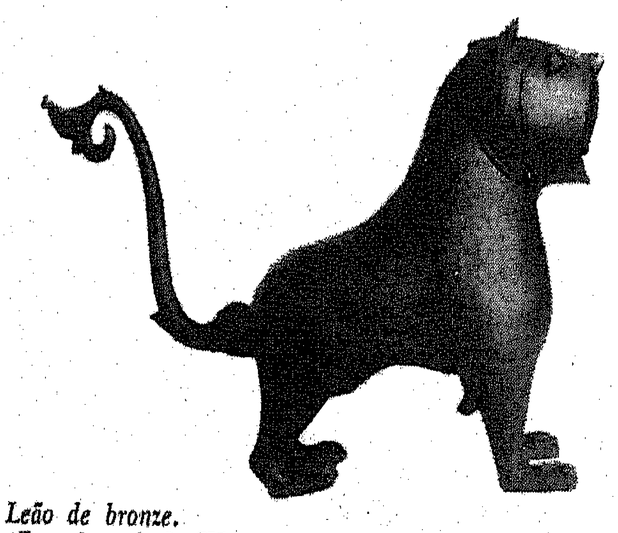
O grande çufi do século VIII, Ibrahim Ibn Edham, que se tornara eremita, visitado pelos anjos. (Índia, século XVII).

O grande pensador Ghazâli, falecido em 1111, conferiu ao çúfismo direito de cidadania no islame temperando-o, ao mesmo tempo que vivificava a ortodoxia, dava a primazia ao amor místico sôbre a casuística, estabelecendo, contudo, uma justa medida entre a tradição e a intuição. As confrarias que se organizaram a partir do século XII e que estavam predestinadas a assumir no futuro importância considerável, emprestaram ao çufismo um quadro social, não sem obrigá-lo a descambar um pouco para a rotina e a servir, por vêzes, a interêsses temporais. Correspondem, em diversos países, ao que se poderia chamar de ordem terceira de *khuan*, irmãos, muito numerosos, que não tomam parte senão em suas atividades mais gerais, pagam *ziaras*, oferendas, às vêzes elevadas, mas que aproveitam incontestàvelmente de sua *baraka*, de uma calorosa atmosfera de fervor e de fraternidade. A devoção popular encontrou também grande satisfação no culto dos santos (auliya, plural de walî, amigos de Deus) que, sem se desviar do islame, aproxima-o das infraestruturas da religião universal.

À margem das correntes religiosas, formaram-se escolas de *ciência* e de filosofia, que conservaram, desenvolveram e transmitiram os principais elementos (com exceção da literatura pròpriamente dita, poesia e teatro) da civilização grega e indus, tais como o sistema de numeração. Às traduções para o árabe de Bagdá dos séculos VIII e IX corresponderam as traduções do árabe para o latim, em Toledo, no século XII.

Embora pareçam opor-se, filosofia e çufismo formavam os dois grandes polos da cultura islâmica, combatendo-se, por vêzes, exteriormente, mas se completando no fundo, enriqueciam-se mùtuamente, e enriqueciam a vida intelectual e social. Os grandes soberanos almocades, que admitiam tanto a interpretação alegórica do Corão quanto o racionalismo dos *falâsifa* (filósofos), a

princípio favoreceram a ambos. Mas no dia em que Yaqûb al Mançur, ao partir para a guerra, precisou dos letrados foi rompido o equilíbrio. Afastou-se tanto dos místicos como de Ibn Rochd (Averroes) em favor dos doutôres da lei. O çufismo ficou então reduzido à mera condição de irmandades e de marabutismo e a filosofia emigrou para a Europa. Os nomes gloriosos de Rhazés, Kindî, Farabî, Bîrunî, Ibn Sînâ (Avincena), Ibn Zohr, Ibn Rochd, Ibn Tofail, marcam época nesse período da ciência árabe que tão relevantes serviços prestou à civilização. Todavia, o ponto culminante havia de ser o Grande Comentário de Aristóteles, empreendido por Ibn Rochd a pedido do califa almocadem. É bem conhecida a influência exercida sôbre a escolástica e Santo Tomás de Aquino. Por sua teoria dos três graus de intelecção, que não deixa de recordar a seu modo o esoterismo dos çufis, Ibn Rochd afirmara o acôrdo supremo entre a Alta Razão e os dogmas de uma religião revelada, mas sem "mistérios" pròpriamente falando. Ghazâlî se opunha a Avincena e aos filósofos como Pascal a Descartes, mas tal oposição era talvez mais aparente do que profunda. O eclipse geral de uns e de outros em proveito dos *foqaha*, que reduzem à especulação jurídica formalista tôda atividade intelectual e espiritual, marcou o início da decadência que Ibn Khaldûn, no século XIV, deveria analisar com a lucidez clínica de um Montaigne e de um Montesquieu. O declínio se manifestou igualmente na literatura, tão rica do século VII ao XIII, e que a partir daí até a renascença do fim do século XIX comporta apenas um número reduzido de grandes nomes.



Leão de bronze.
(Espanha, século XI.)

O RENASCIMENTO

Êsse *renascimento* (*nahda*), estimulado pelas influências européias, manifestou-se sobretudo na literatura e na religião. O grande problema, vivido por vêzes até a angústia, consiste em conciliar a tradição com a vida moderna, escrever num estilo adaptado às novas necessidades, regenerar os gêneros tradicionais e provocar o nascimento de novos, tais como o romance e o teatro, reintegrar, numa palavra, a cultura árabe na cultura universal, o que redunda, aliás, em muitos casos, a retornar, em certo sentido, às fontes autênticas do grande período clássico dos séculos IX-XII.

Sem sair do âmbito do assunto em questão, diremos uma palavra a respeito das dificuldades especiais que soe encontrar um escritor árabe contemporâneo. Foram expostas ainda há pouco por Bishr Farés[1]. Alinham-se entre os problemas árduos que se apresentam a um muçulmano de nossos dias. Alguns de seus aspectos são bastante significativos para que nos detenhamos um instante antes de abordar os dois outros problemas essenciais, a saber, o da família e o da atitude religiosa geral em relação à tradição.

Dificuldades inerentes à língua e ao estilo. Como sabemos a língua falada difere da língua escrita. Até os últimos tempos — com exceção dos poemas populares ou semi-populares geralmente cantados — a ninguém passava sequer pela idéia escrever doutra forma que em árabe clássico. Nem tampouco aparecia a tendência a empregar por escrito a forma dialetal, usada apenas no rádio e no teatro ou sòmente em certas partes do diálogo. A língua escrita, incomparàvelmente mais rica e maleável, se beneficia, aliás, do prestígio de ser a língua do Corão. É língua litúrgica não só dos muçulmanos, mas também dos cristãos (pode-se dizer a missa em

1. *Des difficultés, d'ordre linguistique, culturel et social que rencontre un écrivain arabe moderne, spécialement en Egypte;* Revue des Études Islamiques, 1936, III, págs. 221-246.

arabe; mas não se pode celebrá-la em francês nem em inglês) A evolução não parece se efetuar, pelo menos de momento, como entre nós nos séculos XV e XVI, quando o francês se erigiu em língua literária, ao lado do latim, única língua culta até então. Parece antes se orientar no sentido de uma certa fusão da língua literária e da língua falada, com enriquecimento recíproco de ambas, pois a última é apenas uma simplificação sintática da primeira.

Entretanto, é um fato inegável que o vocabulário ora demasiado exuberante, ora extremamente pobre, é mal adaptado aos tempos atuais. Certos controversistas pouco benévolos e mal informados aventaram a idéia de que falta ao árabe o conceito de amor. Os lexicógrafos, porém, enunciam uma quantidade assombrosa de sinônimos e de palavras que exprimem diferentes matizes e graus. Por exemplo: *Hubb,* amor, *mahabba,* amor recíproco, amor divino, *'ichq,* desêjo, *chauq,* desêjo ardente, *hawa,* viva inclinação, *kalaf,* ardor do amor, *gharam,* paixão, *cha'af,* queimadura do coração, *law'a e lâ'ij,* amor devorante, *tabl,* quando o amante adoece de amor, *taym,* quando o amor transforma o amante em escravo, *tadlih,* quando o amante perde a razão, *haiyum,* quando o amante torna-se fascinado, louco de amor... É de mister muita finura a um escritor, a fim de manejar tal vocabulário sem descambar no verbalismo, no vago ou na impropriedade de têrmos. Por um lado, existe um léxico inteiro que se refere a gêneros de vida anacrônicos, ao deserto dos antigos árabes. Por outro, faltam à língua têrmos apropriados para designar os diferentes aspectos da vida atual, tornando-se, então, necessário transpô-los ou transcrevê-los de idiomas estrangeiros não semíticos, o que acarreta, forçosamente, certa dose de artificialismo e de entrave.

Quanto ao estilo, foi preciso desprender-se dos modelos arcaicos do comêço, bem como das fórmulas empoladas do classicismo decadente, para procurar um estilo direto e vivo na tradição dos Jâhidz, dos Ma'arrî e dos Ibn ar-Rûmi. Não é sem dificuldade que alguém se decide a subordinar a forma ao fundo. Quanto ao fundo, o pensamento está longe de ficar perfeitamente à vontade. Todavia, a tolerância é bastante grande, pois não existe inquisição nem Santo Ofício. A pressão social não é multiplicada, como em certas sociedades, por uma imprensa de voz estentórica ou por uma opinião pública dirigida, embora nem por isso deixe de ser menos sensível. Os escritos de Taha Hussein desencadearam crises ministeriais antes que o próprio autor se tornasse ministro e o livro fundamental do cheque 'Alî 'Abderrazek sôbre o direito público, abrindo margem para uma separação entre o espiritual e o temporal, começou por ser condenado pelos ulemas, como também foram tratados com severidade os escritos de Qâsim Amîn, no Egito, e de Tâhir al-Haddâd, na Tunísia, sôbre a emancipação da mulher. Tudo o que se refere às origens do Islame, ao Profeta e ao Corão é terreno proibido. É possível mesmo que se descarreguem com satisfação sôbre os autores não muçulmanos da preocupação da crítica histórica quando o fazem com suficiente objetividade e simpatia.

Bishr Farés sublinhou também, em seu famoso artigo, o divórcio entre os autores e o público, a penúria material e social como, outrossim, a dificuldade ressentida por poetas e prosadores de se emanciparem do romantismo e de certa admiração apaixonada por *Paulo e Virgínia,* por Lamartine e pelo poema intitulado *Sob as Tílias.* Mas as coisas mudaram bastante de uns vinte anos a esta data. Contistas e poetas evoluem com destreza através de todos os matizes do realismo e do surrealismo. É de notar que o público, bastante restrito, não fornece um campo suficientemente vasto nem uma plataforma muito sólida. É mesmo bastante movediço.

É também comovente, e por vêzes trágico, o esfôrço para adaptar a vida moral, social e religiosa. Como dissemos, o direito canônico torna-se sufocante, quando não intervém a inteligência para tirar as conseqüências dos princípios, efetuar as acomodações necessárias e impedir o sacrifício do espírito à letra, da vida à concha segregada por uma escola em determinada época e que se pretende conservar como algo de definitivo.

O drama assume particular agudeza no tocante às questões familiar e feminista. Patriarcal, como a maioria das sociedades semitas, a sociedade muçulmana ainda não encontrou a posição de equilíbrio. A situação da mulher e da família cria-lhe sério entrave. Embora tenha disso uma consciência mais ou menos clara, tenta, por vêzes, negar, ou se esforça também por se desvencilhar.

Há milênios que a humanidade vem experimentando diferentes sistemas para resolver os problemas sexuais e familiares. A etnografia e a sociologia nos ensinaram a encará-los com certo relativismo, sendo também neces-

Ibn Seud.

sário levar sempre em consideração as diferenças entre a teoria e a prática entre o ideal e a realidade. Mas no fundo, a questão de adaptação neste ponto permanece sempre inelutável. O que é bom ou possível em determinada época e dentro de certas condições já não é para outras. A vida não tolera a preguiça; assim como as fortunas que não crescem diminuem, também as escleroses custam caro. Os três pontos capitais são a poligamia, o direito de *jebr* e o repúdio unilateral. Contràriamente ao que em geral se pensa, não é o primeiro o mais importante. Muito mais do que a poligamia, praticada cada vez em menor escala, (salvo pelos sultões negros do Sudão e pelos reacionários integrais do tipo de Ibn Seúd), o repúdio automático e arbitrário, para o qual basta uma só palavra do marido, constitui o verdadeiro flagelo da família muçulmana, um «escândalo intolerável» conforme o Professor Bousquet[2]. Arruina-lhe a estabilidade e produz resultados desastrosos, tanto sôbre a psicologia dos cônjuges como sôbre a educação da prole.

No que toca o direito de *jebr*, que permite casar menores sem consultá-los, é flagrante sua contradição com a idéia de casamento, como contrato, livremente consentida, além de favorecer as uniões que, com serem demasiado precoces, não podem ser benéficas nem fisiológica nem moralmente. Todavia, seria muito fácil de remediar êsse mal, pois trata-se, sobretudo, de uma questão de costumes cujos paralelos podemos encontrar em Molière, como também em muitos outros autores de nossa literatura ou ainda no artigo 114 do Código Civil sôbre o temor reverencial.

O pai do feminismo no Oriente foi Qâsim Amîn, falecido em 1908, discípulo, como 'Abdûh, do ardente reformador Al-Afghânî. Sua obra intitulada *A Mulher Moderna*, publicada em 1901, abriu as baterias da polêmica e seu livro póstumo, *Kalimât*, revela as mesmas preocupações. Entrementes, a Senhora Cha'rawî fundava a União Feminina e dirigia a Revista *L'Egiptienne*, redigida em árabe e francês. Na Tunísia, um dos próceres do primeiro *destour*, Tâhir el-Haddâd, falecido em 1934, que preconizava uma orientação modernista anti-wahhabita, publicou em 1930 *Nossa Mulher na Lei e na Sociedade*, para mostrar a necessidade de reformas profundas e sua concordância com o islame bem compreendido. Foram, sustentava em seu livro, os juristas que agravaram a situação em lugar de abrandá-la. Não é o islame o responsável, mas sim os muçulmanos e os doutôres encarniçados em ajudar a letra e a matar o espírito. Entricheirados atrás da pretensa interdição de ijtihâd, os literalistas degradaram a sociedade muçulmana. Facilitaram o repúdio quando a religião encara-o com maus olhos; encorajaram a poligamia quando o Corão, embora a tolere, reprova-a e proclama a afeição conjugal indissolúvel; não prescrevem senão a indenidade de remissão legal, passando em silêncio a indenização de repúdio, etc....

Suas análises sociológicas e psicológicas impiedosas desvendavam os efeitos desastrosos do casamento precoce, do direito de jebr, da clausura, do

O haik e o adjar de Argel só deixam enxergar os olhos e a fronte.

2. G. H. Bousquet, *Du droit musulman et de son application effective dans le monde*, Alger, 1949.

3. Análise pormenorizada em *Revue des Études Islamiques*, 1935, III caderno, págs. 201-230.

do véu (em sentido largo), pois não se trata da indumentária. Mas, como as pessoas gostam de ser aduladas, Tâhir el-Taddâd teve pouco sucesso. Entretanto, a semente fôra lançada.

Um relance sôbre a posição do direito a êste respeito nos diversos países nos permitirá avaliar os resultados de tais esforços e nos mostrará situações bastante variadas. Na Arábia saudita, quiseram retroceder e aplicar, em todo o rigor, o direito hanbalita, reforçado ainda pela seita wahhabita. Cortam a mão dos ladrões, proíbem as bebidas alcoólicas, o fumo e o culto dos santos. O próprio soberano deu o exemplo de um harém numeroso. Todavia, certas medidas foram tomadas contra a escravatura.

No extremo oposto se encontram vários estados que laicizaram o estatuto pessoal. A Turquia adotou quase inteiramente o Código Civil da Suíça. Os muçulmanos da U.R.S.S. e da Albânia são regidos pelo direito comum e o regime soviético combate tôda a " sobrevivência feudal". Na Síria e no Líbano, os muçulmanos se regem pelo direito hanefita; diversas leis turcas, que se opõem ao casamento dos impúberes e ao direito de jebr, exigem mesmo, desde 1917, um certificado médico pré-nupcial, recorrem ao direito malekita ou hanbalita, a fim de permitir à mulher a possibilidade de solicitar o divórcio. e exigem formalidades para o repúdio. No Egito, recorrem também à escôlha entre ritos, bem como à limitação da autoridade do juiz pela do soberano. A idade para o casamento foi fixada em 18 anos para o môço e 16 para a môça, abolindo assim automàticamente o direito de jebr, que, no rito hanefita, não é permitido a partir da puberdade. A lei prevê atos obrigatórios, o divórcio em favor da mulher e garantias contra os repúdios arbitrários. Foi anunciado para 1956 a supressão, ou pelo menos o contrôle, dos tribunais religiosos, o que, no primeiro dos casos, tenderia naturalmente à laicização dos diversos estatutos cristão, muçulmano e israelita. Mas ainda não existe nada de positivo a respeito.

A lei iraniana fixa a idade em 18 e 15 anos respectivamente e declara que o consentimento é indispensável. Estamos mal informados a propósito da evolução recente na Iugoslávia, na Indonésia e no Paquistão.

Na África do Norte, a situação percanecera até agora estacionária. No Marrocos, o direito malekita estrito rege a parte do país não-consuetudinária (montanha bérbere). Mas o sultão tem se mostrado favorável à evolução

das mulheres, que formou um dos pontos do recente congresso do Istiqlal. Na Argélia, foi prescrito ao cádi não aceitar papéis para casamento de u'a môça de menos de 15 anos, sendo esta idade considerada como a garantia da puberdade. Mas a certidão passada pelo cádi nem sempre é, na prática, uma condição indispensável, pois ainda há casamentos de meninas de 13 e 14 anos, embora cada vez mais raros. Por outro lado, o abono familiar surte o efeito infalível de favorecer as inscrições nas mahakmas e nas prefeituras. Na Kabília, onde é mantido o estatuto pessoal consuetudinário diferente do estatuto muçulmano e muito desfavorável à mulher (sobretudo quando se pretende aplicá-lo fora do ambiente e dos gêneros de vida para os quais foi feito), a lei de 2 de maio de 1930 fixa a idade do casamento para a môça aos 15 anos.

O repúdio arbitrário grassa de maneira alarmante, a tal ponto que, salvo nos meios burgueses, os matrimônios estáveis formam quase uma exceção, principalmente devido ao fato de oferecer a vantagem de ser muito mais cômodo e menos dispendioso que a poligamia. Na Argélia, esta caiu a 3% para o conjunto do país e a 1% nas grandes cidades, continuando a curva a decrescer constantemente.

Um esfôrço considerável fôra realizado pela Comissão de Codificação sob o impulso do decano Morand[4]. Tirando partido com habilidade do recurso aos diversos ritos, do princípio da ordem pública, das autoridades islamistas mais sólidas, do Corão e dos hadîts tomados no espírito e na letra, o anteprojeto de código declarou notadamente: "Artigo 2. A validade do casamento fica subordinada à realização das seguintes condições: 1º o estado de puberdade dos futuros cônjuges; 2º a manifestação de consentimento por parte dos mesmos; 3º a ausência de impedimento; 4º a constituição de um dote; 5º a observação das formalidades prescritas".

Mas o código de Morand não entrou em vigor. O impulso inicial não foi continuado; aliás, parece que nem os franceses nem os muçulmanos eram-lhes favoráveis. Outro paradoxo, não menos triste, é verificar que três "departamentos franceses" estão mais atrazados a êsse respeito que a própria Síria e Egito.

Demoramo-nos de propósito na consideração dêste ponto crucial, pois constitui o principal aspecto social da atitude geral intelectual e religiosa, em face dos princí-

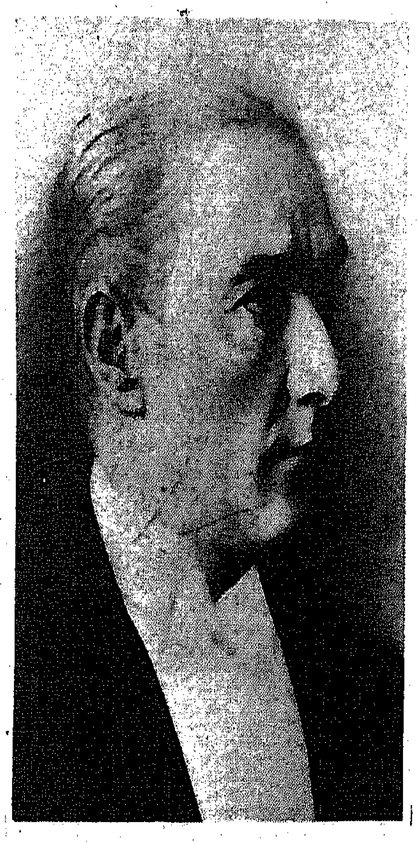
4. *Ante-projeto do Código, apresentado à comissão de codificação do direito muçulmano argeliano* por Marcelo Morand, Argel, Jourdan, 1916, 543 páginas.

pios da tradição islamista. O grande reformador Mosammed 'Abdûh ao romper com o taqlîd, argumento de autoridade e imitação servil, reabriu resolutamente, no comêço dêste século, as portas do ijtihâd. Seu livro admirável intitulado *Risalat Altawhid* revificou realmente a teologia, como o pretendera, oito séculos atrás, Abû Hâmid al-Ghazâli. Deixou-se entrever então a possibilidade de uma evolução humanista tendente a relaxar o vínculo que prendia o temporal ao espiritual, a fim de se lançar decididamente na trilha do progresso. Mas apesar da coragem de certos herdeiros intelectuais do mestre, êste filão ainda não foi explorado a fundo no sentido de uma renovação religiosa e social que venha contrastar com a esclerose, na realidade mais inimiga da Tradição autêntica e viva que os próprios excessos do modernismo. O reformismo, de matiz liberal, tende, sobretudo, a assumir uma atitude de retôrno purista às fontes teóricas, o que vem de novo acarretar um predomínio do formalismo sôbre as correntes místicas, uma cristalização das posições dogmáticas e jurídicas em prejuízo das fôrças de evolução. Quanto ao movimento dos Irmãos Muçulmanos, depois de ter se propagado, com rapidez, a palavra ardente de seu fundador, parece agora descambar, conforme a análise penetrante de Peguy, da mística para a política.

O islame, que se encontra atualmente no ano 1374 de sua era, deveria realizar, em suma, sem repetir, porém, os mesmos erros, o esfôrço intelectual e social efetuado na Europa a partir do século XVI, que, ao contrário de certas aparências imediatas opostas, não prejudicou, de forma alguma, as igrejas cristãs (emancipação com relação aos monarcas, aos estados e às classes; progresso da teologia sempre que renuncia a se aferrar a determinadas posições e recuperação das massas uma vez rompidas as amarras de um passado superado). Isto equivaleria a uma nova "revificação das ciências da religião". Importa-lhe, conforme a fórmula luminosa de Francisco Bonjean, escolher e discriminar entre tradição viva e tradição apodrecida.

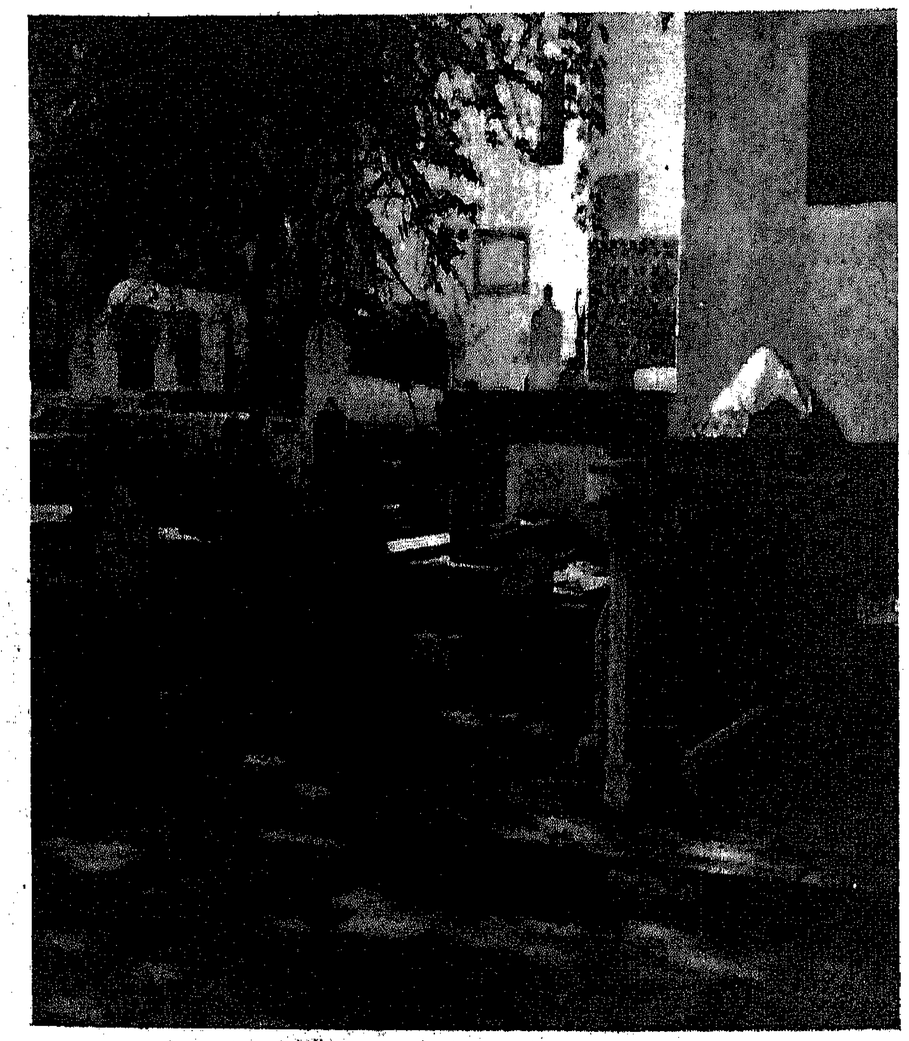
Vejamos de que maneira se apresentou o problema. A decadência do pensamento religioso muçulmano, mais ou menos circunscrito ao *fiqh*, só era igualada pelo fervor da piedade e pela firmeza admirável da fé. A atividade intelectual, por sua vez, se exercia, quase inteiramente, a propósito dos problemas de jurisprudência e de casuística, sendo quase completa a ignorância das filosofias e literaturas clássicas e modernas. Não é, portanto, de admirar que esta incultura tenha repercutido na religião, privando-a assim de suas melhores fôrças. Continuavam, porém, intatos os grandes ritos, estritamente fixados para sempre, da oração, da atestação da unidade, do jejum, etc..., mas que, considerados sob o ponto de vista de seu formalismo, se reduziam apenas à religião estática. Reinavam superstições, frutos da ignorância, muitas vêzes fortemente paralisantes, mas não raro talvez menos esterilisantes ainda que as argúcias dos juristas e que formavam freqüentemente apenas a fabulação popular espontânea de realidades espirituais.

Embora atacando diretamente o fundamental taqlîd, a raiz do mal, os primeiros reformadores, nem por isso deixaram de combater sem quartel a superstição. Pouco a pouco êste combate passou ao primeiro plano, pois é sempre mais fácil a crítica negativa que o exercício livre de um pensamento criador. Pretendendo retornar às fontes — mito e fonte de ação de muitos reformadores — opunham-se aos *bida'at*, às inovações. Alguns acabaram por se deixar hipnotizar pela luta contra os *bida'at*, a tal ponto, que, ao combater as inovações, condenavam simultâneamente tôda a evolução e retrocediam a uma atitude puramente conservadora. Em lugar de permanecer fonte de progresso, o reformismo, mesmo moderado, que se arrogava títulos pomposos de salafî, partidário dos antigos e, de içlahî, purista, tendia também incoercìvelmente à rigidez. Entrementes, o puritanismo wahhabita erigia-se em reação pura, no plano espiritual, adaptação política e econômica muito material no plano temporal; — ao passo que o laicismo kemalista rompia com o is-



Mustafá Kemal.

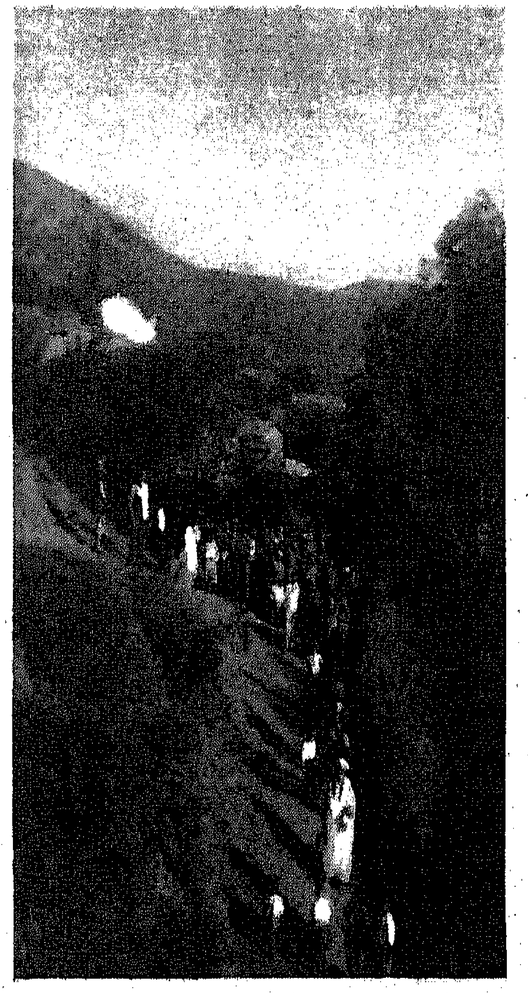
Túmulos de Santos no Mzab (Melika).



Túmulos citadinos (Sidi Abderrahmã de Argel).

lame tradicional, o que redundava em resolver o problema suprimindo-lhe os dados, recorrendo assim mais à cirurgia que à medicina.

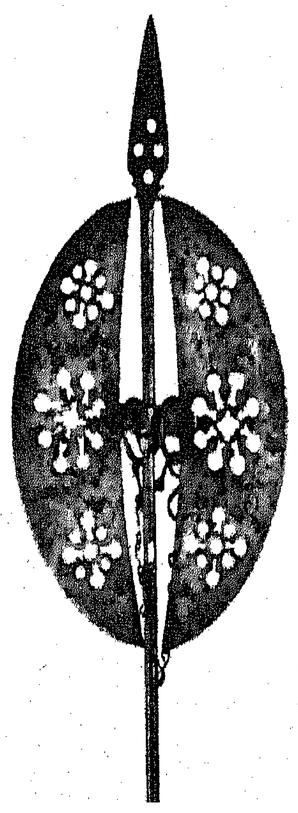
Atualmente se defrontam duas tendências gerais que, ao invés de contituírem duas fôrças de progresso e de vida espiritual, revelam-se antes retrógradas cada uma a seu modo, na expectativa de uma síntese. Os comumente chamados *ulemas*, sobretudo na Argélia, discípulos do ardoroso e nobre Ben Badis, lutam contra a superstição e o analfabetismo, fundam escolas, esforçam-se pelo desenvolvimento da cultura árabe e batalham pela difusão da instrução. Mas sua tendência é crer que o islame tradicional, com pequenas modificações, baste para solucionar todos os problemas. Olham com desdém a civilização profana, julgam perfeito o estatuto pessoal, se desinteressam da evolução feminista e congregam todos os esforços para a luta contra seus inimigos, os marabutos e as confrarias, considerados como os suportes do obscurantismo quando não do colonialismo. Embora nem tudo seja falso em suas críticas, deve-se contudo, ter presente que êsse bons "marabutos", tão depreciados, porém mais compreensivos e sobretudo mais modestos, são quiçá mais permeáveis ao progresso, assim como foram muitas vêzes os campeões da tolerância. Continuam ainda a prestar inúmeros favores aos humildes. Embora seja exato que, por vêzes, também os explorem um pouco, os mais honestos, contudo, em compensação, auxiliam os mais pobres com a ajuda material e a todos socorrem com o amparo moral. «Aqui, nós não nos sentimos mais abandonados», dizia-me um operário dos subúrbios de



Procissão a uma cascatasanta, no Atlas. Vê-se, no fundo, a cúpula branca do marabu.

Argel que encontrei por ocasião da reunião anual de uma confraria de Orânia.

Focalizamos, numa encruzilhada da história, o processo de decadência. Isto servirá para nos fazer entrever a maneira como pode ser realizado o ressurgimento. Em 1169, o califa almocadem, Abû Ya'qûb Yûssuf convidou Averroes para ir a Marrakech. A princípio bastante inquieto, Averroes acabou finalmente por compreender que o califa não estava longe de perfilhar as idéias audaciosas dos filósofos. Foi mesmo a pedido do soberano que empreendeu o grande comentário de Aristóteles. De resto, a dinastia almocadem fôra fundada sôbre uma doutrina, a de Ibn-Tumert, que admitia a interpretação alegórica do Corão, — o que rasgava muitas janelas — reagindo também contra o formalismo dos foqaha, que protegia exclusivamente a dinastia precedente dos almoravidas. Mas infelizmente o terceiro almocadem Abû Yûssuf Ya'qub, que na batalha de Alarcos, ferida em 1196, deveria conquistar o título de al-Mançur, o Vitorioso, precisou para esta campanha do que se costuma chamar de fôrças espirituais e teve de se inclinar para o lado dos foqaha. Exilou temporàriamente Averroes e mandou queimar seus livros como haviam feito os Almoravidas com os de Ghazâli. Os filósofos livres-pensadores e os çufis místicos eram igualmente reprovados. Ora essas duas escolas formavam as fôrças vivas da civilização muçulmana de então. Equilibravam-se mùtuamente facultando assim o progresso. Sua eliminação ou seu eclipse acarretou necessàriamente o declínio da cultura viva autêntica. A filosofia emigrou então para a Europa, sendo Santo Tomás de Aquino o primeiro a tirar proveito dos comentários de Averroes sôbre Aristóteles. O çufismo abrigou-se nas confrarias degradando-se em «marabutismo» no sentido estrito da palavra.



Machado duplo usado nas procissões dos Hamadcha. (Mulay-Idriss, Marrocos)

HUMANISMO E RELIGIÃO "ABERTA"

Atualmente é o pensamento europeu moderno que desempenha na nahda o papel desempenhado pela falsafa no século XII. Compete, pois, às fôrças vivas do pensamento religioso fornecer u'a mística aberta e dinâmica. As bases existem. O islame, que contribuiu para a vida espiritual da humanidade como também para o enriquecimento da cultura, oferece por certo valores permanentes que todos podem aproveitar. "Nação intermediária", como diz o Corão, tem seu papel a desempenhar entre o Oriente e o Ocidente. Embora possua, como tôdas as religiões e como tôdas as morais, seus aspectos "fechados" e "estáticos" no sentido bergsoniano, dispõe também de tudo o que é necessário para ser uma religião "aberta".

O hadîts põe na bôca do Profeta o seguinte versículo: *"Trabalhai para êste mundo como se aqui devêsseis viver sempre, e para o outro como se devêsseis morrer amanhã".*

O primeiro hadîts da coleção de Bokhâri é a própria afirmação dêste aspecto aberto e antiformalista: *"Os atos valem pela intenção".* Aquêle que não renuncia nem a mentir nem a praticar o mal, Deus não precisa de seu jejum, acrescenta ainda. *"O melhor é aquêle que se reconcilia por primeiro. O verdadeiro muçulmano é aquêle cuja língua ou cuja mão ninguém precisa temer. O verdadeiro Emigrado é aquêle que foge do que Deus proibiu."*

O profeta tendo dito certo dia: *"Ajuda teu irmão muçulmano, quer seja êle oprimido quer opressor"*, alguém logo manifestou admiração: *"Estou pronto a ajudar meu irmão oprimido; mas ao opressor, ajudar como? — Impedindo-o de praticar o mal"*, foi a resposta.

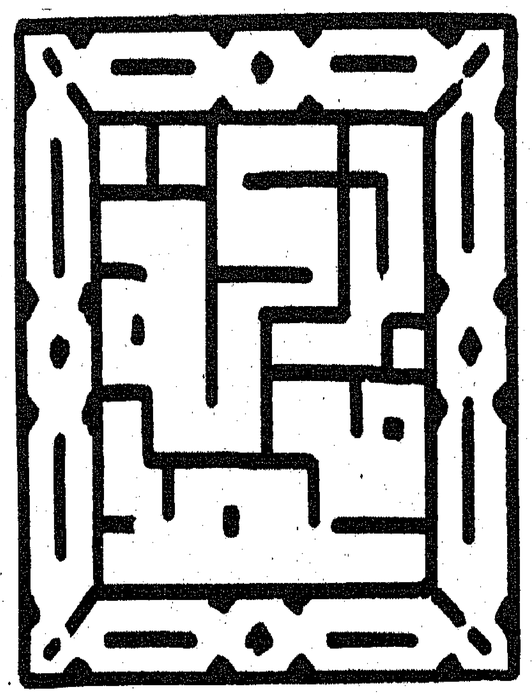
O Corão, por sua vez, declara que assassinar um homem equivale a matar todos os homens, como também salvar um único homem corresponde a salvar o gênero humano (v. 35); que a piedade não consiste em voltar a face para o levante ou para o poente, mas em ter fé, dar aos pobres por amor de Deus, orar, remir os cativos, manter as promessas e suportar com paciência as provações (II, 172) que *"a carne e o sangue das víti-*

mas não sobem até Deus, mas vossa piedade chega até Êle" (XXII, 38); que não existe *"nenhum constrangimento em matéria de religião"* (II, 257). E aconselha: *"Retribui o mal com o bem e verás teu adversário transformar-se em protetor e amigo"* (XLI, 34).

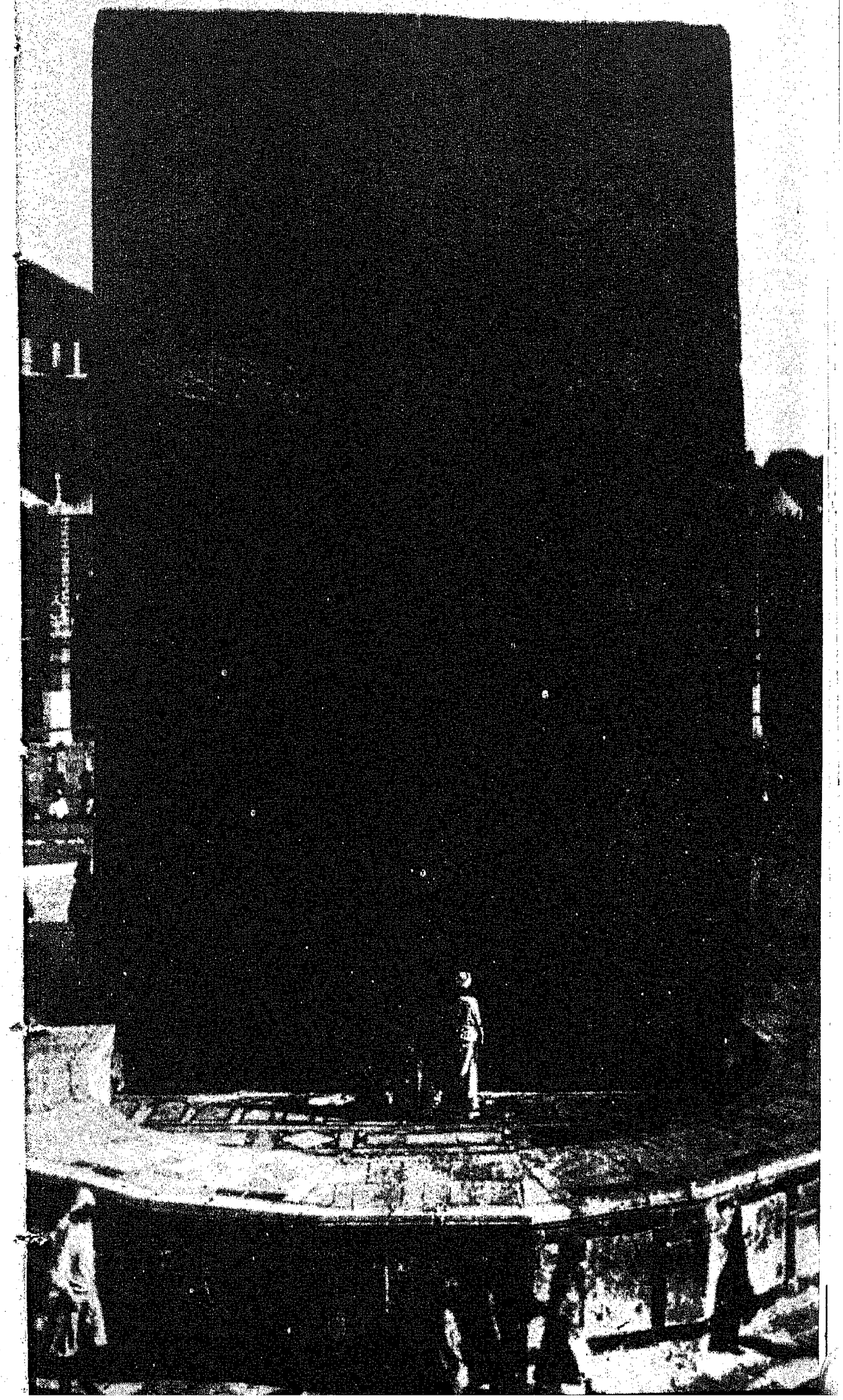
Estigmatiza o orgulho e afirma a unidade, a solidariedade da espécie humana, os direitos da consciência e o valor da pessoa. A proclamação apaixonada da onipotência divina liberta o homem do homem, garante a dignidade do indivíduo que não pode se sentir escravo de nenhum outro escravo dêste Deus terrìvelmente presente ('adb significa servidor, escravo, adorador). A consciência intensa do Absoluto coloca no justo lugar tudo quanto é relativo.

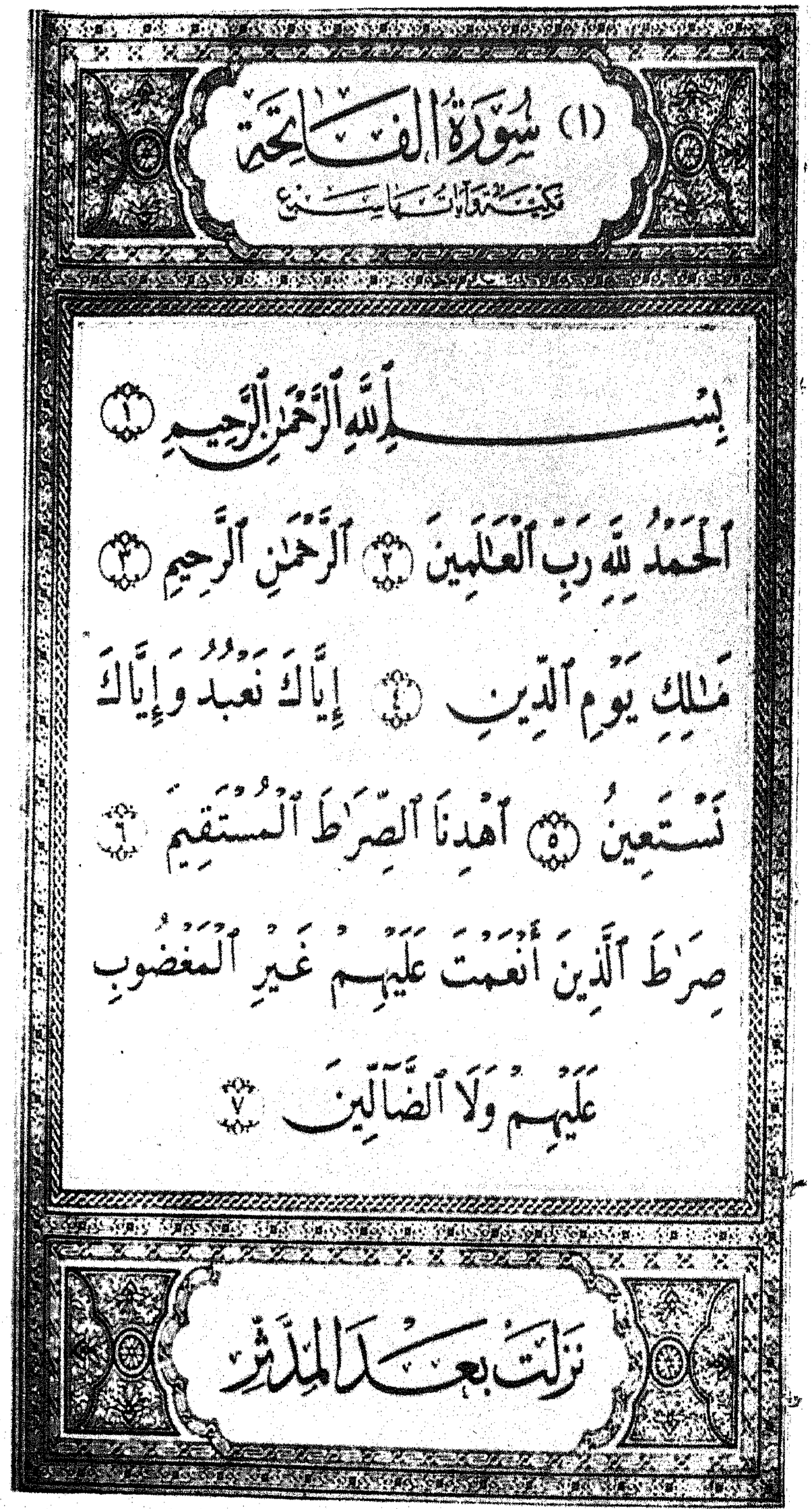
"Deus não ama os opressores" (XLII, 38). *"A justiça segue de perto a piedade"* (V, II) *"Não caminhes orgulhosamente sôbre a terra..."* (XVII, 39). Os homens, divididos em tribos e famílias, formam u'a mesma espécie, pois foram *"criados de um único indivíduo"* e *"o mais digno é o que teme mais a Deus"* (VI, 98; VII, 189; XLIX, 13). As diferenças de raça não passam de uma *"lição para os mundos"* (XXX, 21). E os hadîts proclamam que *"um árabe não é superior a um estrangeiro, ou um branco a um negro, senão pela piedade"*, dado que Deus enviou sua rahma, sua bondade, a tôdas as raças, *"aos vermelhos e aos negros"*.

ÉMILE DERMENGHEM



Ornamento quadrangular.
Baraktu Mohammadin
(A bênção de Maomé !)





"Em nome de Deus clemente e misericordioso! Louvor a Deus, senhor dos Mundos, o Clemente, o Misericordioso, o Rei do Dia do Juízo! É a Ti que nós adoramos, a Ti imploramos socôrro. Conduze-nos no caminho direito, caminho daqueles em quem pôes Tua complacência, e não daqueles que são objeto de Tua cólera, nem daqueles que se transviam".

A FATIHA (primeira surata do Corão).

O CORÃO

Como vimos, o Corão não pode ser considerado como uma obra literária da autoria de Maomé. Seu valor, sua própria beleza são de certa maneira supraliterárias, tanto em razão da origem, quanto da natureza que se lhe atribui. A eficácia total de uma obra de arte, e desta em particular, resulta de um contato e de uma colaboração entre o pensamento que está na origem e aquêle que recebe. O Corão é, pois, um livro "inspirado", pelo menos no sentido de não ser exclusivo do pensamento discursivo consciente, ou então porque a consciência de quem o emitia, em estados secundários mais ou menos acentuados, mas sempre discerníveis do estado normal, estava ligada intimamente ao subconsciente profundo, pessoal, sem dúvida alguma, em muitos casos, mas também, como é de pensar, imersa numa realidade que ultrapassava o mundo fenomenal.

Por outro lado, o simples fato de ser o Corão considerado como Palavra Divina incriada e, conseqüentemente, objeto de recitação, no decurso da oração, no intuito de entrar em comunicação, através da palavra sensível, com o Verbo Eterno, não permite que êle seja tratado como um poema qualquer. Como acontece com todos os livros sagrados, mesmo quando ventilam fatos históricos, questões de direito ou atualidades banais, convém aplicar-lhe as regras da analogia, a fim de encontrar os diversos sentidos superpostos, entre os quais pelo menos um será sempre "verdadeiro".

Sua recitação possui não só um valor litúrgico e sacramental, mas também místico. É a memorialização das realidades eternas das quais cada alma conserva virtualmente e "lembrança" (no sentido platônico.) O vocábulo dzikr, *repetido diversas vêzes no Corão, significa, aliás, ao mesmo tempo e no sentido mais forte, recitação, pensamento, recordação.*

Sem ordem metódica, explosivo, brotado ao sabor das circunstâncias; com repetições freqüentes, não raro se contradizendo (donde a curiosa teoria dos versículos ab-rogados pelos versículos ab-rogantes), o Corão é, acima de tudo, dinâmico. Transcreveremos alguns versículos significativos sob o ponto de vista do dogma, da moral e da escatologia, em seguida narrações concernentes a Abraão, Moisés, Jesus, Maria, que formam a ossatura da "religião dos profetas", e, enfim, alguns versículos de inspiração metafísica e mística, que serviram de base ao movimento espiritual dos çufis sendo muitas vêzes citados e interpretados por êles.

A maioria dos textos são tirados da tradução de Kasimirski.

ٱللَّهُ لَآ إِلَٰهَ إِلَّا هُوَ ٱلْحَىُّ ٱلْقَيُّومُ
لَا تَأْخُذُهُۥ سِنَةٌ وَلَا نَوْمٌ لَّهُۥ مَا فِى ٱلسَّمَٰوَٰتِ وَمَا فِى ٱلْأَرْضِ
مَن ذَا ٱلَّذِى يَشْفَعُ عِندَهُۥٓ إِلَّا بِإِذْنِهِۦ يَعْلَمُ مَا بَيْنَ أَيْدِيهِمْ
وَمَا خَلْفَهُمْ وَلَا يُحِيطُونَ بِشَىْءٍ مِّنْ عِلْمِهِۦٓ إِلَّا بِمَا شَآءَ
وَسِعَ كُرْسِيُّهُ ٱلسَّمَٰوَٰتِ وَٱلْأَرْضَ وَلَا يَـُٔودُهُۥ حِفْظُهُمَا
وَهُوَ ٱلْعَلِىُّ ٱلْعَظِيمُ

VERSÍCULO DO TRONO (Corão, II-256)
cuja tradução é dada ao lado
(no comêço da Surata da Vaca).

Surata da Vaca[1]

Deus é o único Deus; não existe outro Deus além dêle, o vivo, o imutável. Nem o torpor, nem o sono exercem domínio sôbre êle. Tudo quanto existe nos céus e na terra pertence-lhe. Quem pode interceder junto a êle sem permissão sua? Conhece o que está diante dêles e o que está atrás dêles, e os homens não abarcam de sua ciência senão o que êle quis lhes ensinar. Seu trôno se estende sôbre os céus e sôbre a terra, e sua conservação não lhe dá trabalho algum. Êle é o altíssimo, o grande. (II, 256).

A piedade não consiste a voltar o rosto em direção do levante ou do poente. Piedoso é aquêle que crê em Deus e no derradeiro dia, nos anjos e no Livro, nos profetas, e que, por amor de Deus, dá do que tem a seus próximos, aos órfãos, aos pobres, aos viajantes e àqueles que pedem; que redime os cativos, que observa a oração, que distribui esmola, cumpre os compromissos assumidos, que é paciente na adversidade, nos tempos difíceis e nos tempos de violências. Êsses são justos e temem ao Senhor. (II, 172).

A vida dêste mundo é para os que não crêem e escarnecem dos crentes. Os que temem a Deus estarão acima dêles no dia da ressurreição. Deus alimenta quem êle quer sem levar em conta seus benefícios.

Os homens formavam, outrora, uma só nação. Deus enviou os profetas encarregados de anunciar e advertir. Deu-lhes o Livro (o Pentateuco ou o Evangelho) que contém a verdade, para pronunciar-se entre os homens sôbre o objeto de suas altercações. Entretanto, os homens não começaram a disputar senão por inveja uns dos outros, e isto depois que os sinais evidentes lhes foram dados a todos. Deus foi o guia dos homens que creram no verdadeiro sentido do que se tornara o objeto de discórdias com a permissão de Deus, pois êle dirige os que quer pelo caminho reto.

1. O título desta surata vem dos versículos 63 e seguintes, que relatam o sacrifício de uma vaca oferecido por Moisés, por ocasião de um assassinato.

Acaso pensais entrar no paraíso sem ter provado os males que sofreram os que vos precederam? As desgraças e as calamidades atingiram-nos; foram sacudidos pela adversidade a tal ponto que o profeta e os que criam com êle exclamaram: Quando chegará enfim o socorro de Deus? — O socorro do Senhor não está próximo? (II, 208-210).

Surata da Peregrinação[2]

É Deus que vos faz viver e que vos fará morrer, para depois vos fazer reviver. Na verdade, o homem é ingrato. (XXII, 65).

Surata da Aranha[3]

Dize: Percorrei a terra e considerai como Deus produziu os sêres criados. Fá-los-á renascer por uma segunda criação, pois Êle é todo poderoso. (XXIX, 19).

Surata dos Ajoelhados[4]

Dize-lhes: Deus vos fará reviver, e depois vos fará morrer para em seguida vos reunir no dia da ressurreição. Não existe dúvida a êste respeito, mas a maioria dos homens não o sabe. (XLV, 25).

Surata de Noé[5]

Êle vos fará surgir da terra como uma planta.

Êle vos fará retornar a ela e vos fará sair dela novamente. (LXXI, 16-17).

Surata do Conselho[6]

Todos os bens que recebestes não passam de um gôzo temporário; o que Deus conserva guardado vale mais

2. Assim intitulada por encerrar alguns versículos consagrados à Peregrinação.
3. Sua epígrafe é tirada do versículo 40: "Os que tomam padroeiros ao lado de Allah assemelham-se à aranha que tece a própria morada. Sua casa é a mais frágil de tôdas..."
4. *Assim chamada por causa do versículo* 27: "Verás todos os povos ajoelhados. Cada povo será chamado perante o Livro..."
5. *Esta surata narra a história de Noé.*
6. *Esta surata recomenda ponderação nos negócios de importância* (vers. 36).

e é mais durável aos olhos dos que crêem e depositam sua confiança em Deus.

Que evitam os grandes pecados e a impudicícia; que arrebatados pela cólera sabem contudo perdoar;

Que obedecem a seu Senhor e cumprem a obrigação da oração; que decidem seus negócios comuns consultando-se mùtuamente e são liberais no uso dos bens que lhes dispensamos;

Que, tendo sofrido um prejuízo, corrigem-no por si mesmos,

E pagam o mal com um mal igual. Aquêle, porém, que perdoa e se reconcilia com o adversário, Deus lhe deverá uma recompensa, pois Êle não ama os opressores.

Ninguém poderá levar a mal um homem que vinga uma injustiça sofrida.

Mas se tomará a mal aquêles que oprimem os outros, que agem com violência e contra tôda justiça; a êstes está reservado um suplício doloroso.

Pertence à sabedoria da vida suportar com paciência e perdoar (XLII, 34-41)

Surata do Sinal Evidente[7]

Os que crêem e praticam o bem são os melhores dentre todos os sêres criados.

Terão como recompensa da parte de Deus os jardins do Éden banhados por correntes de água, onde permanecerão eternamente.

Deus estará satisfeito com êles e êles estarão satisfeitos com Deus.

Eis o que está reservado a quem teme ao Senhor. (XCVIII, 6-8).

Surata dos Separados[8]

Todo aquêle que pratica o bem, pratica-o em proveito próprio; quem perpetra o mal, perpetra-o em detrimento próprio, e Deus não é absolutamente o tirano dos homens. (XLI, 46).

7. *Recebe esta denominação do versículo* 1: *O sinal evidente é o Corão recitado pelo Profeta.*
8. *Este título alude ao versículo* 2: "É um Livro cujos versículos estão claramente separados".

O mal e o bem não podem andar juntos. Retribuí o mal com o bem e verás teu inimigo se transformar em protetor e amigo (XLI, 34)

Surata da Caverna[9]

As riquezas e os filhos são os ornamentos da vida dêste mundo; mas as coisas que duram, as boas obras, produzirão mais junto a teu Senhor como recompensa e esperança. (XVII, 44).

Surata da Mesa Servida[10]

Aquêle que matar um homem, sem que êste tenha assassinado ninguém nem semeado a desordem no país, será olhado como assassino do gênero humano; e quem tiver devolvido a vida a um homem será olhado como se devolvera a vida ao gênero humano inteiro. (V, 35).

Surata da Vaca

Lembrai-vos de mim que eu me lembrarei de vós; dai ações de graças e não sejais infiéis.

O' vós que crestes! buscai o socorro na oração e na paciência. Deus está com os pacientes.

Não digais que aquêles que morreram na via do Senhor estão mortos. Não, êles estão vivos; mas vós não o compreendeis.

Nós vos provaremos pelo terror e pela fome, pelas perdas nos bens e nos homens e em vossas colheitas. Mas tu, Maomé, anuncia felizes novas aos que sofrem com paciência;

Aos que, quando uma desgraça os atinge, exclamam: Pertencemos a Deus e retornaremos a êle.

---

9. *Deu origem à epígrafe a célebre lenda dos Sete Dormentes contada nos versículos* 8,25.

10. *Os versículos* 112 *e seguintes tratam da alimentação maravilhosa proporcionada por Jesus a seus apóstolos (Eucaristia?).*

O INFERNO.
presença da Maomé, demônios vermelhos lanceiam os proscritos.
(Livro da Assunção, ms, turco, B. N.)

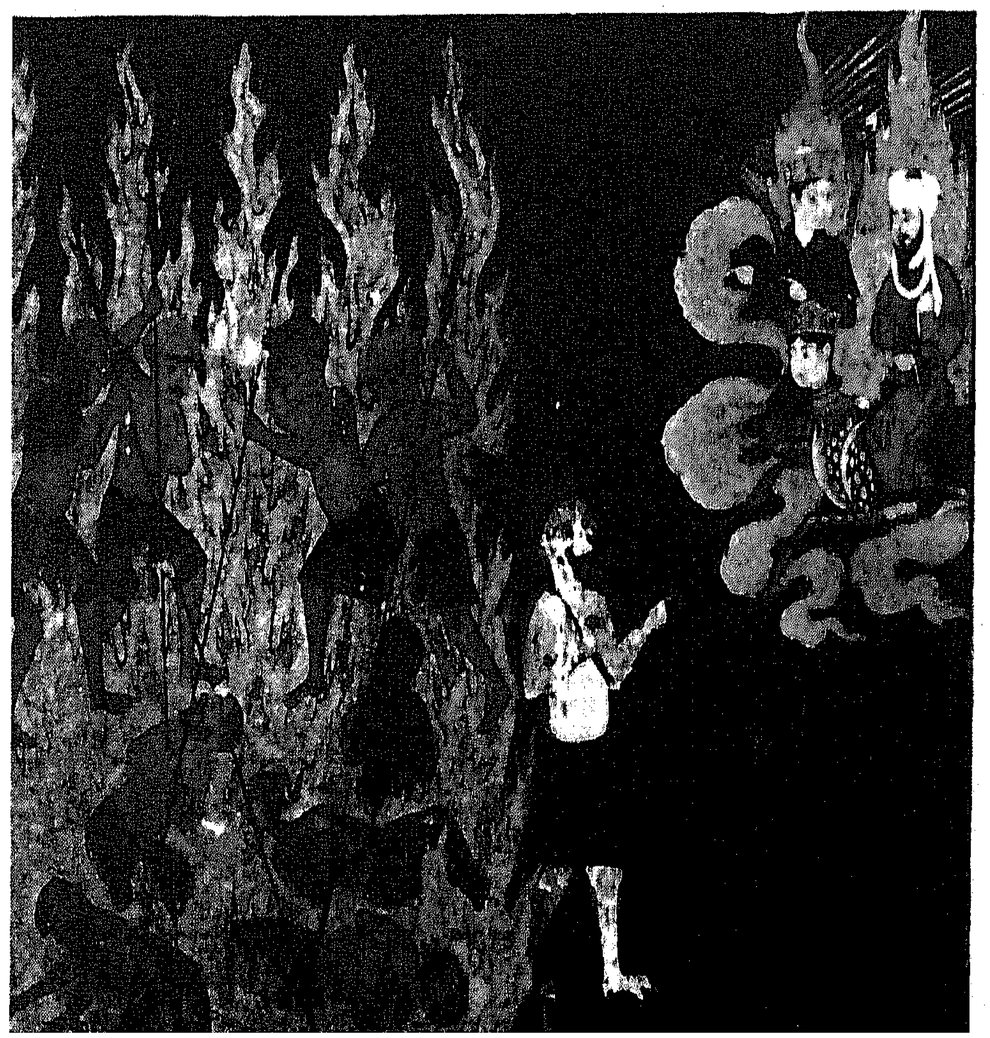
As bênçãos do Senhor e sua misericórdia se estenderão sôbre êles. Serão dirigidos no caminho reto. (II, 147-152).

Surata do Enrolamento[11]

Quando o sol estiver dobrado,
Quando as estrêlas caírem,
Quando as montanhas forem postas em movimento,
Quando as fêmeas dos camelos forem abandonadas,
Quando os animais ferozes se reunirem em rebanhos,
Quando os mares ferverem,
Quando as almas se unirem;
Quando se perguntar à môça que foi enterrada viva
Por que crime a mataram;
Quando a fôlha do Livro fôr desenrolada;
Quando os céus forem postos de lado;
Quando os braseiros do inferno arderem com estrondo;
Quando o paraíso se aproximar;
Tôda alma reconhecerá então a própria obra. (LXXXI, 1-14)

---

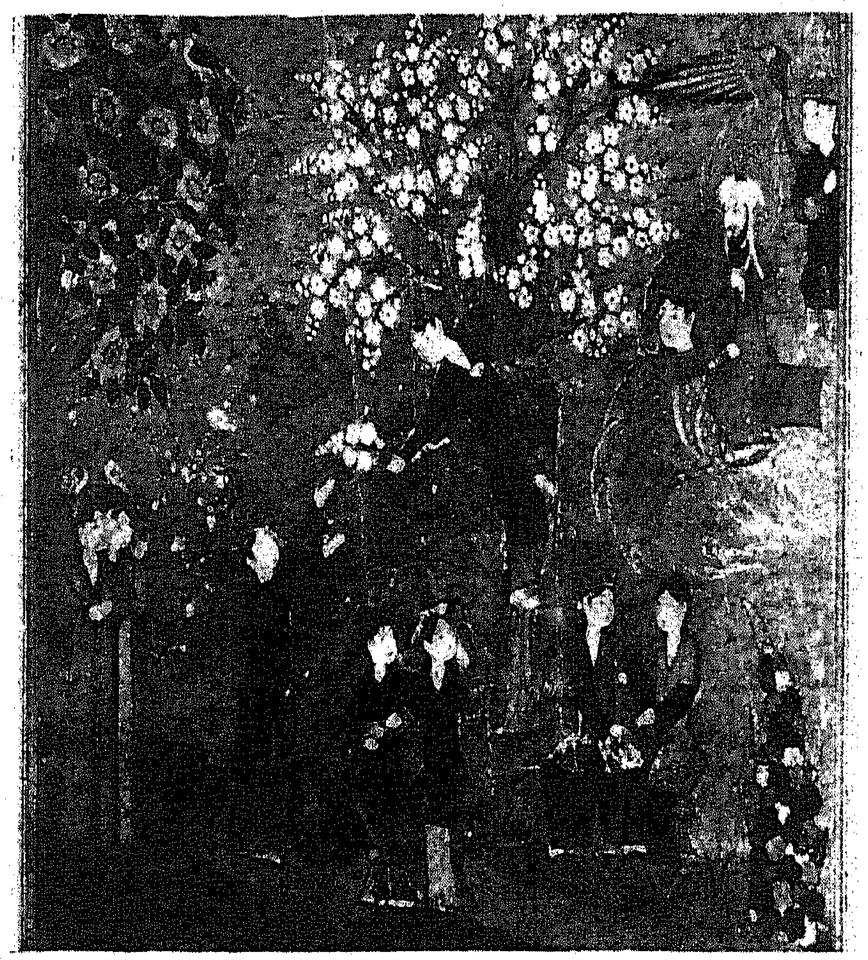
11. *O título é tirado do primeiro versículo (o sol dobrado, ou enrolado).*



Surata do Tremor da Terra

Quando a terra estremecer de seu tremor
e se desembaraçar do que pesa sôbre ela,
O Homem dirá: «Que tem ela?»
Ela contará, nesse dia, sua história,
Segundo o que teu Senhor lhe tiver revelado.
Nesse dia os homens avançarão em grupos
para mostrar suas obras.
Aquêle que houver realizado o pêso de um átomo de bem o verá,
Aquêle que houver realizado o pêso de um átomo de mal, o verá. (XCIX).

O arcanjo Israfil com a trombeta do Juízo final.
(Irã, 1400.)



O PARAÍSO.
Maomé, guiado pelo anjo Gabriel, contempla as huris do Jardim.
(Ms. turco, B. N.)

Surata do Acontecimento Inevitável[12]

Repousando em assentos ornados de ouro e de pedrarias,
Acotovelando-se em face uns dos outros.
Em tôrno dêles circularão os moços eternamente jovens,
Com cálices, gomis e copas cheios de licor transparente, que não lhes provocarão nem dores de cabeça nem entontecimentos,
Com frutos que escolherão conforme o gôsto.
E da carne dêstes pássaros que amam tanto.
Aí terão beldades de grandes olhos negros, belezas semelhantes às pérolas cuidadosamente ocultas.
Tal será a recompensa de suas obras.
Não ouvirão aí discursos frívolos nem palavras que levam ao pecado;
Não se ouvirá aí senão as palavras: Paz, paz. (LVI, 15-25).

12. *Esta surata, escatológica e das mais antigas, apresenta o Juízo Final como o acontecimento inevitável por excelência.*

Abraão (Imagem popular moderna, Argel)

ABRAÃO

Surata dos Animais[13]

Foi êle que criou os céus e a terra de uma verdadeira criação, no dia em que disse: Sê, e êle foi.

Sua palavra é a verdade. Sòmente a êle pertencerá o poder no dia em que fôr embocada a trompa. Êle conhece o que é invisível e o que é visível; êle é o sábio, o instruído.

Abraão diz a seu pai Azar: Acaso tomarás ídolos por deuses? Tu e teu povo estais num desnorteio evidente.

Eis como fizemos ver a Abraão o reino dos céus e da terra, a fim de que êle soubesse de ciência certa.

Quando a noite cercou-o com suas sombras, êle enxergou uma estrêla e exclamou: Lá está meu senhor! A estrêla desapareceu. Então êle disse: Eu não gosto dos que desaparecem.

13. *Os versículos 137 e seguintes são consagrados às superstições dos árabes concernentes ao gado.*

Viu a lua se elevar e disse: Lá está meu Senhor! e, quando ela se deitou, exclamou: Se meu Senhor não me tivera dirigido, eu estaria perdido.

Viu o sol se levantar e disse: Êste é meu senhor, êste é muito maior! Mas, quando o sol se deitou, êle exclamou: Ó meu povo! eu sou inocente do culto idólatra que professais.

Volto o rosto para aquêle que formou os céus e a terra; sou crente de verdade, e não pertenço absolutamente ao número dos que associam.

Seu povo disputou com êle. — Discutireis, disse-lhes, comigo a propósito de Deus? Êle me dirigiu para o caminho reto, e eu não temo aquêles que vós lhe associais, a menos que Deus não queira alguma coisa, pois abarca tudo com sua ciência? Não refletireis sôbre isto?

E porque haveria eu de temer aquêles que vós lhe associais, quando vós não temeis associar-lhe divindades, sem que êle, Deus, vos tenha dado qualquer poder para isto? Qual dos dois partidos é o mais seguro? Dizei, se o sabeis.

Os que crêem e não revestem sua fé com o manto da injustiça, êstes gozarão da segurança, êstes estão no caminho certo.

Tais são os argumentos da unidade de Deus que fornecemos a Abraão contra seu povo. Nós elevamos os que nos apraz. Teu Senhor é prudente e sábio. (VI, 72-83).

MOISÉS E O KHIDR

Surata da Caverna

Um dia Moisés disse a seu servidor: Não cessarei de caminhar enquanto não tiver chegado ao confluente dos dois mares, onde caminharei durante mais de oitenta anos.

Quando alcançaram o confluente dos dois mares, perceberam que haviam perdido o peixe, que enveredou direito pelo caminho do mar.

Quando passaram adiante Moisés disse a seu servidor: Serve nossa refeição. Sofremos muitas canceiras nesta viagem.

Que dizes? replicou o servidor. Quando paramos ao pé dêste rochedo, eu não prestei atenção alguma ao

peixe. Só Satã poderá ter-me feito esquecê-lo, desta forma, para que eu não te fizesse lembrar; o peixe tomou seu caminho para o mar; é milagroso.

É isto que eu desejava, redargüiu Moisés. E ambos arrepiaram caminho.

Lá êles encontraram um de nossos servidores que favorecemos com nossa graça e esclarecemos com nossa ciência.

Posso te seguir, perguntou-lhe Moisés, a fim de que me ensines uma porção do que te foi ensinado a ti em relação ao verdadeiro caminho?

O desconhecido contestou: Tu não possuirás nunca paciência suficiente para ficar comigo.

E de que forma poderias suportar certas coisas cujo sentido te escapa?

Com o favor de Deus, diz Moisés, tu me encontrarás perseverante e eu não desobedecerei tuas ordens.

Pois bem! se me segues, diz o desconhecido, não me interrogues sôbre o que quer que seja, sem que primeiro eu te tenha dirigido a palavra.

Puseram-se, então, ambos a caminho e tomaram um navio; o desconhecido deteriorou-o. — Quebras-te-o, perguntou Moisés, para afogar os que estão dentro? Acabas de cometer uma ação estranha.

Não te disse que não terás paciência suficiente para ficar comigo?

Não me censures, replicou Moisés, por ter esquecido tuas ordens, e não me imponhas obrigações difíceis demais.

Partiram e caminharam até encontrar um jovem. O desconhecido matou-o. — Que é isso! Acabas de matar um homem inocente que não matou ninguém! Cometeste uma ação detestável!

Acaso não te preveni que não terás paciência suficiente para ficar comigo?

Se te interrogar ainda uma vez, não permitirás mais que eu te acompanhe. Agora desculpa-me.

Partiram e caminharam até chegar às portas de uma cidade. Pediram hospitalidade aos habitantes, mas êstes recusaram-se de recebê-los. Os dois viajantes perceberam então que o muro da cidade ameaçava ruir. O desconhecido tornou a erguê-lo. — Se tivesses querido, disse-lhes

Moisés, terias podido fazer com que te dessem uma recompensa.

Aqui nos separaremos, replicou o desconhecido. Vou apenas ensinar-te a significação das coisas que te deixaram impaciente de vontade de saber.

O navio pertencia a pobres criaturas que trabalham no mar; quis estragá-lo porque atrás dêle havia um rei que se apoderava de todos os navios.

Quanto ao jovem, seus pais eram crentes e nós receamos que êle os infeccionasse com sua perversidade e com sua incredulidade.

Quisemos que Deus lhes desse em troca um filho mais virtuoso e mais digno de afeição.

O muro era a herança de dois meninos órfãos desta cidade. Debaixo do muro jazia um tesouro que lhes pertencia. O pai dêles era um homem de bem. O Senhor quis deixar que atingissem a idade da puberdade para confiar-lhes o tesouro. Não é por minha conta que fiz tudo isto. Eis as coisas cuja explicação não tiveste a paciência de esperar. (XVIII, 59-81).

MARIA

Surata de Maria

Ó Maomé! falo no Corão sôbre Maria (*Mariam*), sôbre a maneira como ela se retirou da casa de sua família e foi para o lado do este.

Cobriu-se com um véu que a furtou aos olhares dêles. Enviamos então nosso espírito até ela. Assumiu perante ela a forma de um homem de traços perfeitos.

Ela lhe disse: Eu busco junto ao Misericordioso um refúgio contra ti. Se tu o temes...

Êle respondeu: Eu sou o enviado de teu Senhor, encarregado de te dar um filho santo.

De que modo, contestou ela, terei eu um filho? Homem algum se aproximou jamais de mim, e eu não sou absolutamente uma mulher dissoluta.

Êle redargüiu: Assim acontecerá; teu Senhor disse: Isto é fácil para mim. Êle será nosso sinal diante dos

homens, e a prova de nossa misericórdia. A sentença está pronunciada.

Ela tornou-se grávida da criança e se retirou para um lugar afastado.

As dores do parto surpreenderam-na ao pé do tronco de uma palmeira. Oxalá, exclamou, Deus me tivesse feito morrer antes, e fôsse esquecida com um esquecimento eterno!

Alguém gritou-lhe debaixo dela: Não te aflijas. Teu Senhor fêz correr um regato a teus pés.

Sacode o tronco da palmeira, tâmaras maduras cairão para ti.

Come e bebe e refresca tua vista; e se enxergares um homem,

Dize-lhe: Prometi um jejum ao Misericordioso; hoje não falarei com nenhum homem.

Ela foi para casa de sua família, levando o menino em seus braços. Disseram-lhe então: Ó Maria! tu fizeste uma coisa estranha.

Ó irmã de Arão! teu pai não era um homem mau, nem tua mãe uma mulher dissoluta.

Maria mostrou-lhes com o dedo o menino, a fim de que o interrogassem: De que maneira, disseram, falaremos com uma criança de berço?

— Eu sou o servidor de Deus, lhes disse Jesus, Êle me deu o Livro e me constituiu profeta.

Êle quis que eu seja bendito em tôda parte onde me encontrar; recomendou-me rezar e distribuir esmolas ao longo de minha vida;

De ser devotado à minha mãe. Êle não permitirá que eu seja rebelde e abjeto.

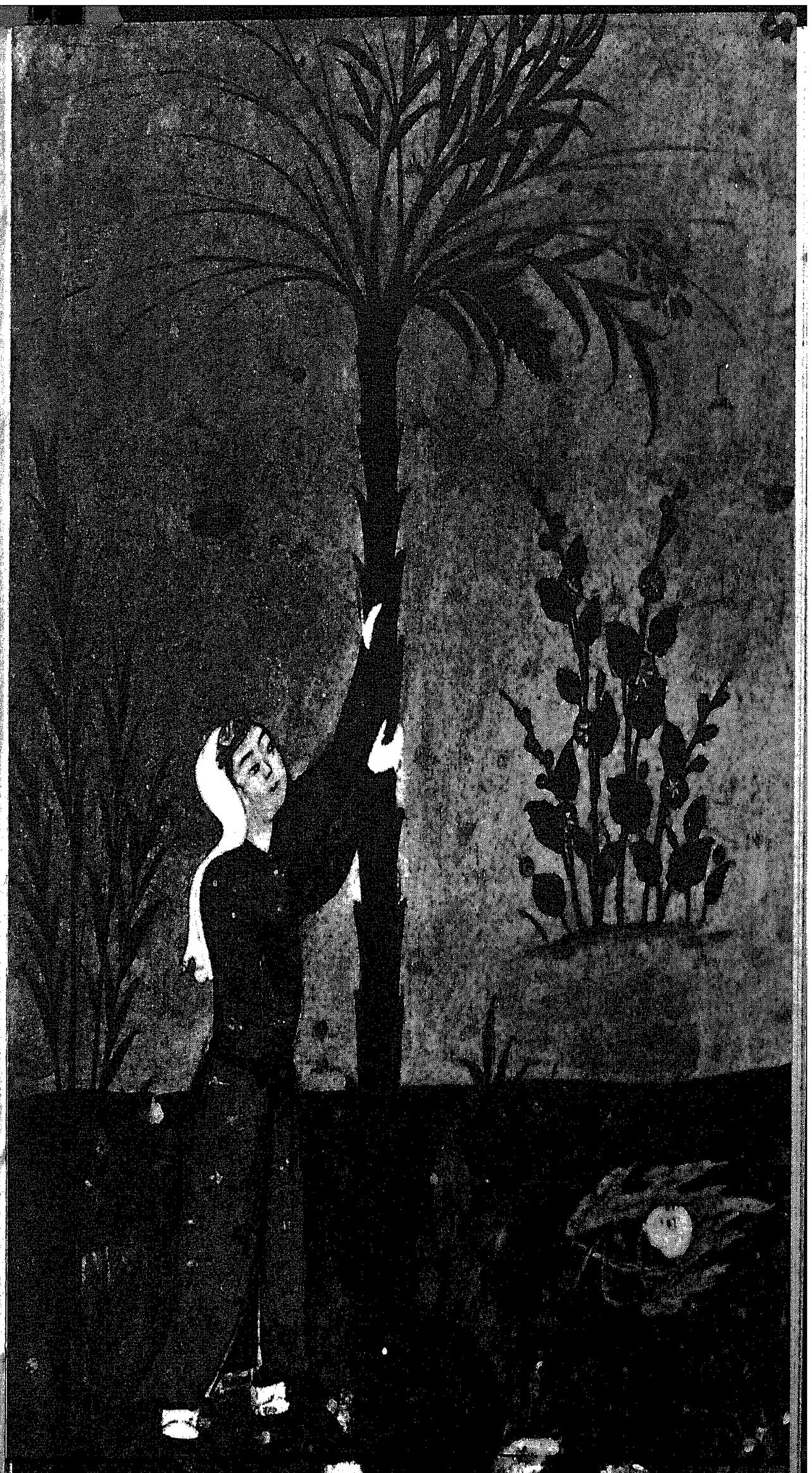
A paz pairará sôbre mim no dia em que nasci e no dia em que morrer, e no dia em que ressuscitar.

Era Jesus, filho de Maria, para falar a palavra da verdade, aquêle sôbre o qual se levantam dúvidas.

Deus não pode ter filhos. Longe de sua glória esta blasfêmia! Quando decide uma coisa, diz: Existe, e ela começa a existir.

Deus é meu Senhor e vosso também. Adorai-o. É o caminho reto.

Os partidos diferem de opinião entre si. Desgraçados dos que não crerem, por causa do comparecimento do grande dia!

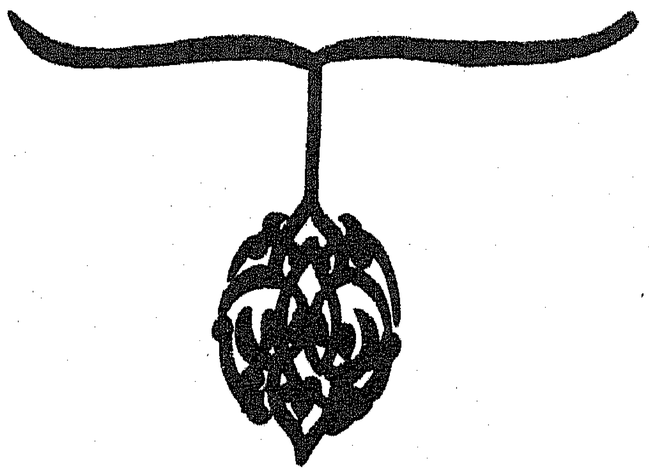


Maria debaixo da palmeira (Ms. persa, B. N.)

Fazei-lhes entender, fazei-lhes ver o dia em que comparecerão diante de nós. Hoje os maus estão num desnorteio manifesto.

Adverte-os sôbre o dia dos arrependimentos, sôbre o dia em que a obra será realizada, quando, mergulhados na displicência, êles não crêem.

Somos nós que herdaremos da terra e de tudo o que existe sôbre ela; mas êles retornarão a nós. (XIX, 16-41).



JESUS

Surata da Família de Imram[14]

Os anjos disseram a Maria: Deus te escolheu, te livrou de tôda mancha e te elegeu entre tôdas as mulheres do universo.

Ó Maria! sê piedosa para com teu Senhor; prosterna-te e dobra o joelho diante dêle com os que genufletem.

Tais são as narrações até aqui desconhecidas para ti, Maomé; que nós te revelamos. Tu não estavas entre êles quando lançaram suas flautas para saber quem se ocuparia de Maria; tu não estavas entre êles quando altercavam.

Um dia os anjos disseram a Maria: Deus te anuncia seu Verbo. Êle se chamará O Messias, Jesus, filho de Maria, ilustre neste mundo e no outro, e um dos familiares de Deus.

14. *Imram é o nome atribuído ao pai de Moisés, de Arão e da Virgem Maria* (versículo 30).

Pois êle falará aos humanos, criança no berço e homem feito, e será contado entre o número dos justos.

Senhor, respondeu Maria, como poderei eu ter um filho? nenhum homem me tocou. — É assim, replicou o anjo, que Deus cria o que quer. Êle diz: Existe, e (a criatura) existe.

Êle lhe ensinará o Livro e a sabedoria, o Pentateuco e o Evangelho. Jesus será seu enviado junto aos filhos de Israel. Êle lhes dirá: Eu venho para vós, acompanhado dos sinais do Senhor; formarei com o barro a figura de um pássaro, soprarei nêle, e com a permissão de Deus o pássaro receberá vida; curarei o cego de nascença e o leproso; ressuscitarei os mortos com a permissão de Deus; vos direi o que tiverdes comido e o que tiverdes escondido em vossas casas. Todos êstes fatos serão outros tantos sinais para vós, quando fôrdes crentes.

Venho para confirmar o Pentateuco, que recebestes antes de mim; permitir-vos-ei o uso de certas coisas que vos tinham sido interditadas. Venho com sinais da parte de vosso Senhor. Temei-o e obedecei-me. Êle é o meu e o vosso Senhor. Adorai-o: é a senda direita.

Mas logo que se apercebeu da infidelidade dêles Jesus exclamou: Quem será meu auxiliar para conduzir os homens até Deus? — Nós, responderam os discípulos de Jesus, seremos os auxiliares de Deus. Nós cremos em Deus, e tu atestarás que nós nos abandonamos à sua mercê.

Senhor, nós cremos no que nos envias, e seguimos o apóstolo. Inscreve-nos no número dos que dão testemunho.

Os judeus tramaram artifícios contra Jesus. Mas Deus imaginou outros contra êles e sem dúvida Deus é mais hábil.

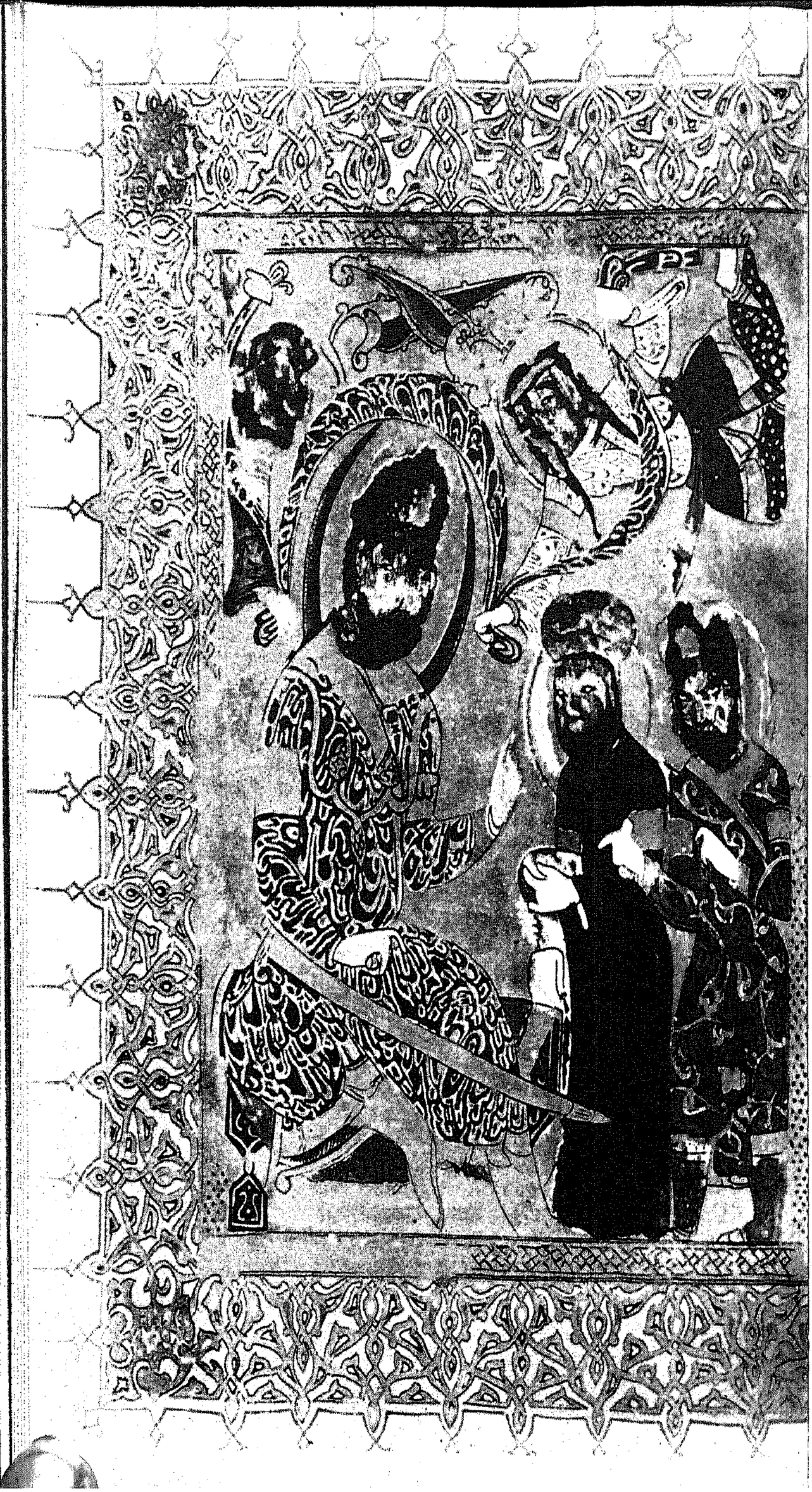
Certamente sou Eu que te faço sofrer a morte e sou eu que te elevo a mim, que te livro dos infiéis, que coloco os que seguirem acima dos que não crerem, até o dia da ressurreição. Vós retornareis todos a mim, e eu julgarei entre vós a propósito de vossas rixas.

Punirei os infiéis com um castigo cruel neste mundo e no outro. Não encontrarão socorro em parte alguma.

Aos que crêem e praticam o bem Deus dará a recompensa, pois êle não ama os injustos.

Eis os ensinamentos e as sábias advertências que te recitamos.

Jesus é aos olhos de Deus o que é Adão. Deus formou-o da poeira e em seguida disse: Existe, e êle existiu.



Estas palavras são a verdade que vem de teu Senhor. Livra-te de duvidar dela.

Aos que discutirem contigo sôbre êste assunto, desde que receberes o conhecimento perfeito, responde: Vinde, chamamos nossos filhos e os vossos, nossas mulheres e as vossas, vamos nós e vós, e, em seguida, conjuramos o Senhor, cada um por sua vez, e impetramos a maldição sôbre os mentirosos.

O que vos prego é a própria verdade. Não existem outros deuses além de Deus; êle é o Poderoso, o Sábio.

Embora êles tergiversem, Deus conhecerá certamente os maus.

Dize aos judeus e aos cristãos: Ó raça das Escrituras! vinde ouvir uma única palavra; que tudo seja igual entre nós e vós; concordemos em não adorar senão o Deus único, e em não lhe associar quem quer que seja, e em não procurarmos uns entre os outros senhores ao lado de Deus. Se se recusarem, dizei-lhes então: Vós mesmos sois testemunhas que nós nos resignamos inteiramente à vontade de Deus.

Vós que recebestes as Escrituras! porque discutis sôbre Abraão? O Pentateuco e o Evangelho só foram enviados do alto muito tempo depois dêle. Por conseguinte, não o compreendereis nunca?

Vós que discutis sôbre coisas a cujo respeito estais instruídos, por que procurais discutir sôbre aquelas a cujo respeito não possuís nenhum conhecimento? Deus sabe, mas vós, vós não sabeis.

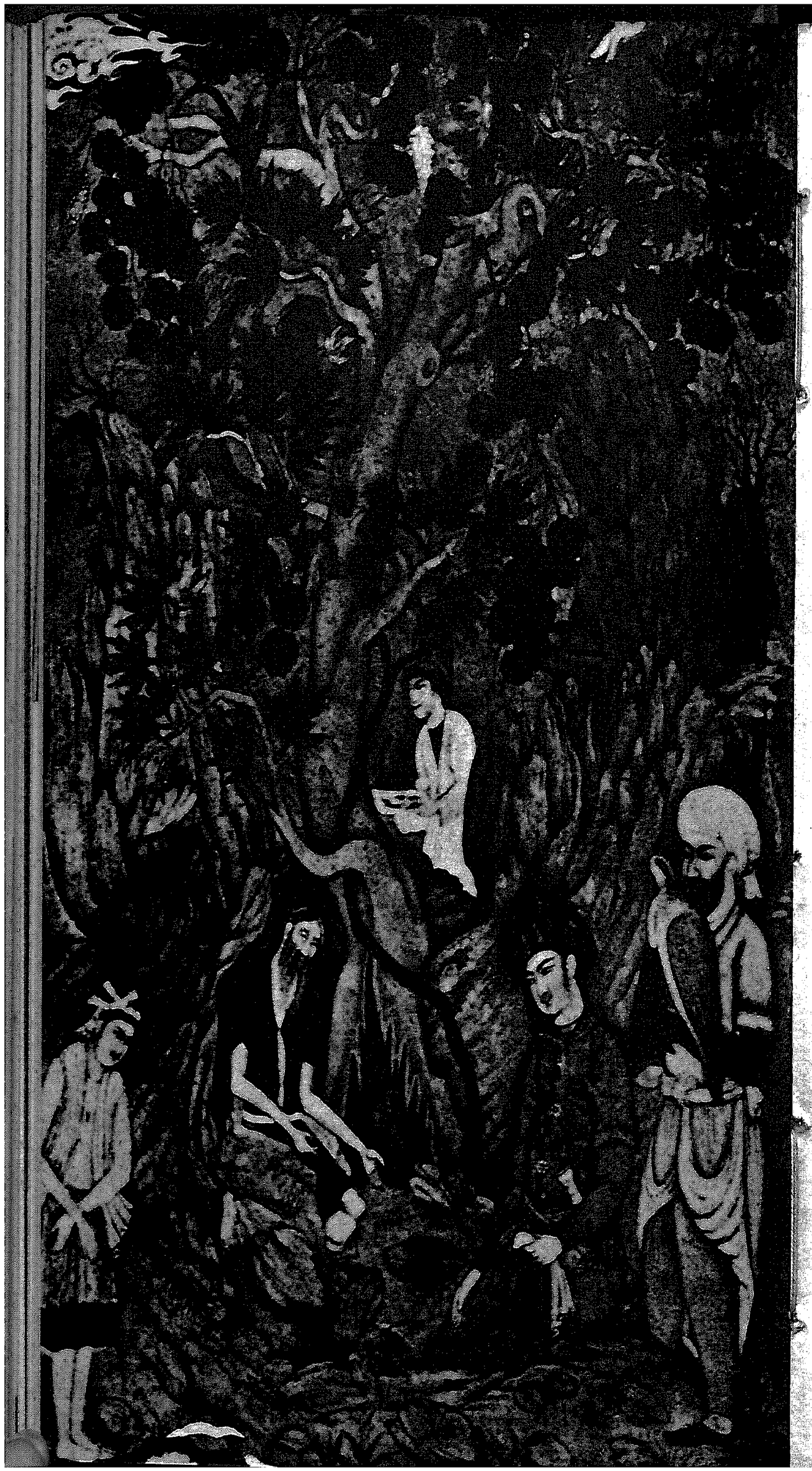
Abraão não era nem judeu nem cristão; êle era piedoso e resignado à vontade de Deus, e não pertencia ao número dos idólatras.

Os que fazem mais questão da crença de Abraão são os que seguem-no. Tal é o Profeta (Maomé) e os crentes. Deus é o protetor dos fiéis.

Uma parte dos que receberam as Escrituras desejavam desviar-vos; mas só se perdem a si mesmos, sem o sentir.

Vós que recebestes as Escrituras! por que não credes nos sinais do Senhor uma vez que fostes testemunhas dêles? (III, 37, 63).

Maomé em controvérsia com o bispo cristão e o prefeito Nejrán, sôbre a questão de Jesus.
(Miniatura da escola árabe de Bagdá, datando de 1217.
É o mais antigo retrato de Maomé que se conhece.
Biblioteca Nacional do Cairo.
Descoberto recentemente e publicado por Bishr Farès).



Um eremita recebe a visita do imperador das Índias (Índia, s. XVIII).

Os Versículos Místicos

Eis alguns versículos corânicos mais freqüentemente citados pelos místicos com um sentido bathini, *interior, esotérico, nos quais os çufis encontraram o germem de sua doutrina.*

Estáveis mortos e êle vos devolveu à vida. Depois vos fará morrer para finalmente vos fazer reviver. E retornareis a êle (II, 26).

Encontrarão seu Senhor e retornarão a êle (II, 43).

Pertencemos a Deus e voltaremos a êle (II, 151).

O reino dos céus e da terra pertence a êle e tudo volta para Deus (LVII, 57).

É a êle que retornareis (XXIX, 20).

Êle faz sair e faz entrar. Perdoa e é cheio de amor. É o possuidor do Trono da glória. (LXXXV, 13-15).

Tôda alma provará a morte; depois voltareis todos a Mim (XXIX, 57).

Para qualquer lado que vos volveis, havereis de topar sempre com a Face de Deus (II, 109).

Passareis de degrau em degrau (LXXXIV, 19).

Deus os rodeia de tôdas as partes (LXXV, 20).

Tudo perece salvo sua Face (XXVIII, 88).

Dize: Allah! e deixa-os com seus brinquedos vãos (VI, 91).

A vida dêste mundo não passa de um brinquedo (LVII, 19).

Êles não apreciaram Deus em seu justo valor (VI, 91).

Lembrai-vos de Mim que eu me lembrarei de vós (II, 147).

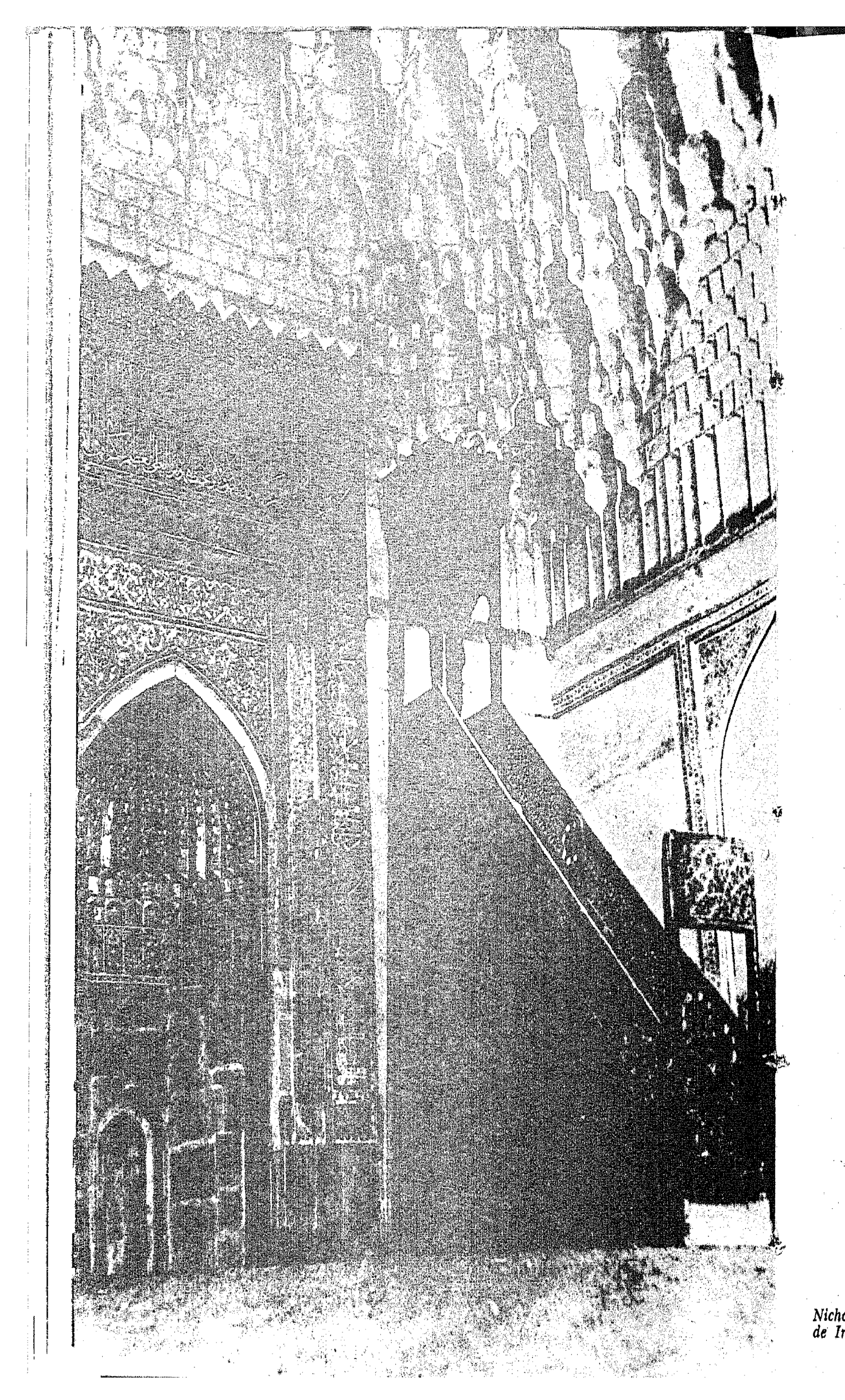
Se amais a Deus, êle vos amará (III, 29).

Êle os ama e êles O amam (V, 59).

Eu te escolhi para Mim (XX, 43).

Na verdade, existe nisto um memorial para quem possui um coração, escuta e torna-te uma testemunha (L, 36).

E tu, alma pacificada, volta a teu Senhor, contente d'Êle, pois êle está contente contigo (LXXXIX, 27-28).



Nicho para orar e púlpito na mesquita de Imam-Riza, Meschhed.

ATRAVÉS DOS HADÎTS[1]

O Verdadeiro Islame

Capítulo III. — O verdadeiro muçulmano é aquêle cuja língua ou cuja mão ninguém precisa temer.

Conforme 'Abdallah-ben-'Amr o Profeta teria dito: "O (verdadeiro) muçulmano é aquêle cuja língua ou cuja mão nenhum mulçumano precisa recear. O (verdadeiro) mohâdjir (emigrante) é aquêle que foge do que Deus proibiu."

Capítulo V. — Dar de comer (a quem tem fome) é próprio do islame.

'Abdallah-ben-'Amr relata que certo homem havendo perguntado ao Profeta o que havia de melhor no islame, êste respondeu-lhe: "Dar de comer (aos que têm fome), dar salvação aos conhecidos e também aos desconhecidos."

Capítulo VI. — É fazer ato de fé desejar para o próximo o que se deseja para si mesmo.

Segundo Anás o Profeta disse: "Ninguém dentre vós possuirá a genuína fé se não desejar para o próximo o que deseja para si mesmo." (I, 12).

El-Marur disse: "Encontrei Abu-Dzarr em Er-Rabadza. Estava vestido com roupa dupla assim como seu servidor. Como lhe perguntasse a respeito dessa semelhança de indumentária, respondeu-me: "Um dia ofendi um homem injuriando-o a propósito de sua mãe. O Profeta me disse então: Abu-Dzarr, o fato de injuriares um indivíduo a respeito de sua mãe, revela que és um homem que conserva ainda restos de sentimentos anti-islâmicos. São vossos irmãos êstes servidores que Deus colocou sob vossa autoridade. Todo aquêle que fôr senhor de seu irmão deve dar-lhe de comer do mesmo alimento que êle próprio come e deve vesti-lo como êle mesmo se veste. Não queirais impor a vossos servidores o que está acima de suas fôrças, e se acontecer que o fizerdes vinde-lhes em auxílio" (I, 19).

1. Bokhari, *Les Tradicions islamiques,* trad. de O. Houdas e W. Marçais, 1903-1904. Agradecemos ao Sr. W. Marçais pela gentileza de nos haver autorizado a consulta dêsse precioso trabalho.

A Viagem Celeste

Anás-ben-Mâlik disse: "Abu-Dzarr contava que o Enviado de Deus dissera: "Enquanto eu estava em Meca, entreabriu-se o fôrro de minha casa e desceu Gabriel. Abriu-me o peito, lavou-mo com a água de Zemzém e depois trazendo uma bacia de ouro cheia de fé e de sabedoria, esvasiou o conteúdo em meu peito. Feito isto, tornou a fechá-lo e, segurando-me pela mão, arrebatou-me ao céu mais próximo (de nós). Ao chegar ao céu mais próximo, Gabriel disse ao porteiro do céu: "Abre — Quem está aí? perguntou-lhe. — Gabriel, respondeu-lhe o anjo. — Está alguém contigo? perguntou de novo o porteiro. — Sim, replicou Gabriel, Maomé está comigo. — Êle foi mandado chamar? ajuntou o porteiro. — Sim", disse o anjo.

"Quando o porteiro abriu, nós nos elevamos ao céu mais próximo e, de repente, vimos um homem assentado, tendo algumas sombras à direita e outras sombras à esquerda". Sorria cada vez que olhava para a direita; mas ao contemplar à esquerda, chorava. Disse: "Seja bem-vindo o Profeta virtuoso e o filho virtuoso! — Quem é? perguntei a Gabriel. — Êste homem, respondeu, é Adão, e estas sombras que estão à direita e à esquerda são as almas de seus descendentes: os que se acham à direita são os eleitos do paraíso; as sombras da esquerda são os eleitos do inferno; (esta é a razão) porque ao olhar à direita sorri e ao contemplar à esquerda, chora".

O Bem Feito aos Animais

Em seguida Gabriel arrebatou-me até o segundo céu e disse ao porteiro: "Abre!" Depois de ter feito perguntas idênticas às do primeiro, o segundo porteiro nos abriu".

Anás refere que Abu-Dzarr diz ter o Profeta deparado nos céus: Adão, Idris, Moisés, Jesus e Abraão; mas não especificou que lugares ocupavam. Menciona, todavia, que Maomé encontrou Adão no céu mais próximo e Abraão no sexto céu.

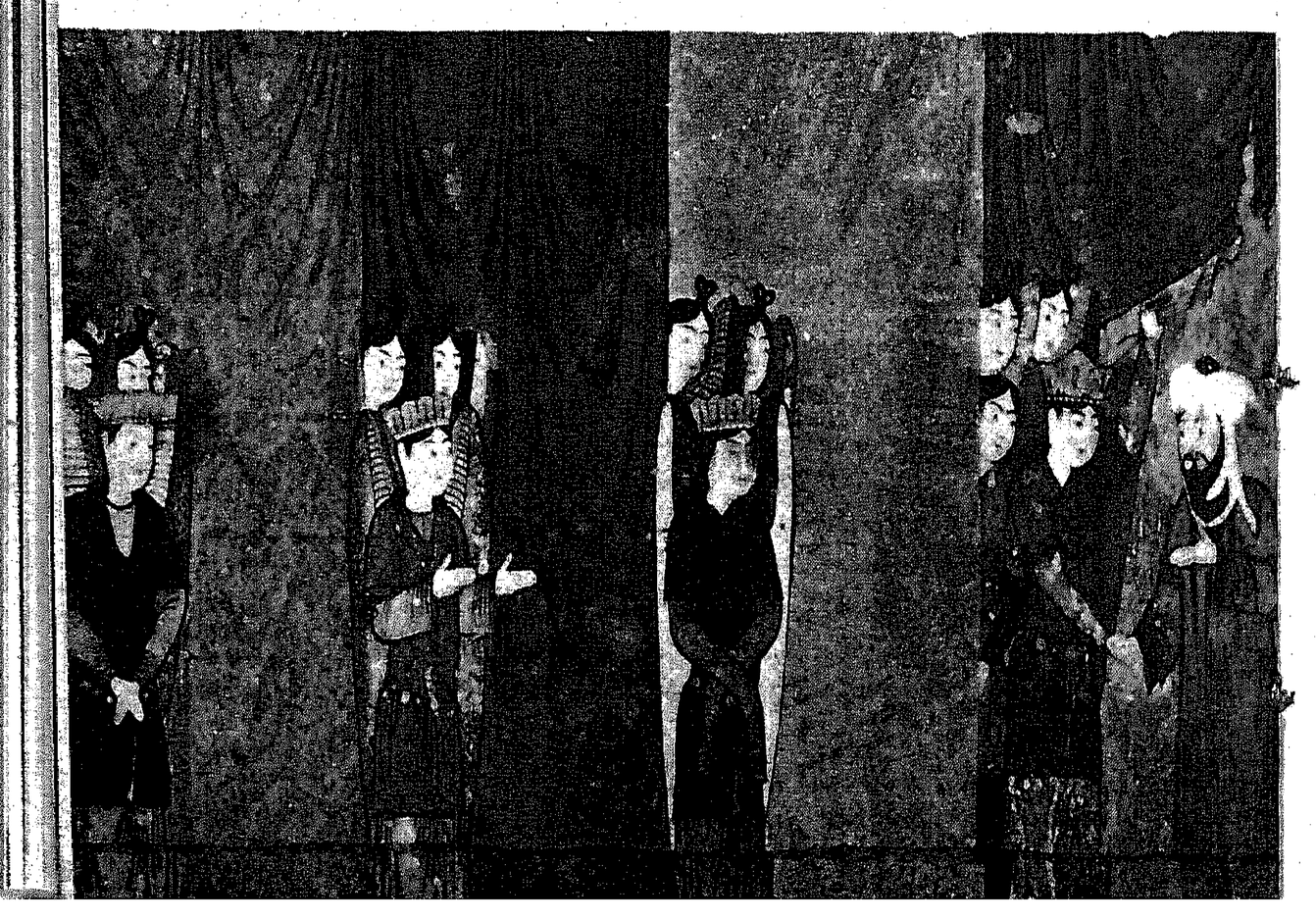
Anás acrescenta: "Quando Gabriel passou com o Profeta ao pé de Idris, êste disse: "Seja bem-vindo o Profeta virtuoso!" Como perguntasse: "Quem é?" prosseguiu o profeta, "Gabriel me respondeu: "É Idris". Depois passei junto de Moisés que disse: "Seja bem-vindo o profeta virtuoso e o irmão virtuoso! — Quem é? indaguei. — Moisés, respondeu-me o anjo. Passei, então, perto de Jesus que exclamou: "Seja bem-vindo o profeta virtuoso e o irmão virtuoso! — Quem é? interroguei. — Jesus", redargüiu Gabriel. Passei em seguida ao pé de Abraão que disse: "Seja bem-vindo o profeta virtuoso e o irmão

O Profeta montado na égua Boraq passa através das esferas celestes.

virtuoso! — Quem é? inquiri. — É Abraão, contestou-me o anjo."

Ibn-Hazm narra que Ibn-'Abbâs e Abu-Habba-El-Ansâri disseram que o Profeta pronunciara as seguintes palavras: "Então o anjo me arrebatou até me fazer atingir certa eminência onde ouvi o arranhar das penas".

Ibn-Hazm e Anás-Ben-Mâlik ajuntam: "O Profeta disse: "Deus prescreveu então a meu povo cinqüenta orações (por dia). Ao regressar com esta prescrição, passei por Moisés: "Que te ordenou Deus para teu povo? perguntou-me. — Prescreveu-me cinqüenta orações, respondi-lhe. — Retorna ao Senhor, disse-me Moisés, pois teu povo não terá fôrça suficiente para suportar isto". Voltei, então, a Deus que diminuiu o número pela metade. Em seguida, ao passar junto de Moisés, disse-lhe: "Reduziram-me a metade. — Retorna ao Senhor, replicou, pois teu povo não terá fôrça para suportar isto". Voltei a Deus que subtraiu novamente a metade. Tornando a passar perto de Moisés anunciei-lhe a nova redução. "Torna ao Senhor, redargüiu, pois teu povo não terá fôrça para suportar isto". Dirigi-me de novo a Deus que me disse: "Cinco orações valerão, portanto, cinqüenta a meus olhos, pois nada do que foi dito em minha presença poderia ser mudado." Enderecei meus passos em direção a Moisés que repetiu: "Volta ao Senhor. — Tenho vergonha do Senhor", contestei-lhe.



"Então Gabriel tirou-me de lá e conduziu-me até o lote do limite, coberto de côres que eu não seria capaz de descrever. Entrei em seguida no Paraíso: aí existem cúpulas de pérolas e o sol é formado de almíscar." (I, 133-135).

A Religião Imutável

Abu-Salama-ben-'Abderrahmân soube que Abu-Horaïra disse: "Assim falou o Enviado de Deus:" "Não existe nenhuma criança recém-nascida que não pertença (naturalmente) à religião muçulmana. São seus pais que fazem dela judeu, cristão ou adorador do fogo. Da mesma forma, todo animal nasce com a integridade absoluta. Acaso já vistes algum vir ao mundo com as orelhas cortadas?" A seguir Abu-Horaïra recitou o versículo do Corão: "Volta-te para... a religião natural em que Deus criou os homens; a criação de Deus não pode ser modificada. Eis a religião imutável..." (surata XXX, vers. 29) (I, 438)...

O Verdadeiro Jejum

A respeito daquele que não renuncia a mentir ou a cometer falsidades durante o jejum.

Segundo Abu-Horaïra, o Profeta disse: "Deus não precisa que se prive de beber ou de comer aquêle que não renunciar a mentir ou a praticar falsidades" (I, 609).

O Bem Feito aos Animais

Segundo Abu-Horaïra, o Enviado de Deus disse: "Certo homem que estava de caminho, sendo molestado por uma sêde ardente, desceu a um poço e bebeu. Ao tornar a subir avistou um cão que, arquejante de sêde, mordia a terra (úmida).

"Êste animal, disse o homem de si para si, sofre tamanha sêde quanto eu mesmo sofria". Então, descendo ao poço, encheu a botina de água e, segurando-a com os dentes saiu do poço e deu de beber ao cão. "Deus se agradou de seu ato e outorgou-lhe o perdão (de suas faltas)".

E como alguém dissesse: "Ó enviado de Deus, seremos um dia recompensados por (ter feito o bem a) nossos

O Profeta é recebido no céu pelos Anjos, que setenta mil cortinas de luz, de sombra e de fogo separam ainda da glória divina. (Livro da Assunção, ms. turco, B. N.).

animais?" Haverá uma recompensa, respondeu, para todo aquêle que desalterar um ser dotado de coração tenro.

Segundo Asmâ-bent-Abu-Bakr, o Profeta, depois de ter feito a oração do eclipse, disse: "O fogo do inferno se aproximou tanto de mim que cheguei a exclamar: Senhor! irei também eu morar com êles? "Nessa altura o Profeta enxergou u'a mulher — e eu creio, diz Asmâ, que êle acrescentou: "que uma gata arranhava" — e disse: "Que significa isto? — Acontece, respondi-lhe, que esta mulher havia encerrado a gata e deixara-a morrer de fome".

Segundo 'Abdallah-ben-'Omar, o Enviado de Deus disse: "u'a mulher martirizara uma gata encerrando-a e deixando-a morrer de fome. Por isso é que esta mulher foi para o inferno". E ajuntou: (Deus), se não me engano, lhe disse: "Tu não lhe deste de comer nem de beber quando a encerraste, e tu não lhe deixaste a liberdade de ir procurar, para se alimentar, pequenos animais selvagens".

Como interrogassem o Enviado de Deus a propósito dos burros, retorquiu: Não houve revelação especial a respeito dêles; todavia, em sentido genérico, podem ser-lhes aplicados êstes versículos: "Quem quer que tenha praticado o bem o verá, mesmo que tenha sido do pêso de um átomo. — Quem quer que tenha cometido o mal o verá, mesmo que equivalha ao peso de um átomo" (surata XCIX, versículos 7 e 8) (II, 106).

O Paraíso à Sombra dos Sabres

Abu-Mûsâ disse: Certo homem veio procurar o Profeta e lhe disse: "Há homens que combatem pelo espólio, outros pela glória, outros ainda pela ostentação. Qual, porém, se acha no caminho de Deus"? O Profeta respondeu-lhe: "Está no caminho de Deus aquêle que combate a fim de que a palavra de Deus paire acima de tudo".

Anás-ben-Mâlik disse: "O Profeta disse: Nenhum dentre os eleitos do paraíso quereria voltar a êste mundo baixo, mesmo que fôsse para possuir não importa que bem da terra, com exceção do martírio; pois nesse caso, sim, desejaria voltar a êste baixo mundo, e ser morto de novo, e isto dez vêzes repetidas, em vista do que conhece sôbre os favores celestes".

O Paraíso está debaixo dos sabres fulgurantes. — El-Moghîra-ben-Cho'ba disse: "Nosso Profeta nos ensinou, conforme comunicação recebida de nosso Senhor, que aquêle dentre nós que fôr matado entrará no paraíso". — 'Omar diz ao Profeta: "Será que nossos mortos não estão no paraíso e os dêles no inferno? — Sem dúvida, responde o Profeta".

Sâlim-Abu-'n-Nadr, alforriado por 'Omar-ben-'Obaïd-Allah e que lhe servia de secretário, disse que 'Abdallah-ben-Abû-Aufâ, escreveu a êste que o Enviado de Deus dissera: "Sabei que o paraíso está à sombra das espadas".

Sôbre aquêle que procura ter um filho para a guerra santa.

Segundo Abu-Horaïra, o Enviado de Deus disse: "Salomão, filho de Davi disse certa vez: "Esta noite quero sucessivamente ter relações com cem mulheres — ou com noventa e nove; — e cada uma parirá uma guerreiro para combater na via de Deus. — Ajunta: "Se fôr do agrado de Deus", lhe diz seu companheiro". Mas Salomão não o diz; e aconteceu então que apenas uma de suas mulheres tornou-se grávida, e deu à luz a metade de um homem. Por Aquêle, em cuja mão está Maomé, se tivesse dito: "Se fôr do agrado de Deus", (Salomão teria tido de tôdas) guerreiros que teriam todos combatido na via de Deus" (II, 289-291).

Salomão e a rainha de Sabá
(séc. XVI, ms. persa, B. N.)

Khadîdja

Sobre o casamento do Profeta com Khadîdja e os méritos desta mulher.

Com indicação de variantes de isnâd, 'Abdallah-ben-Dja'far refere ter ouvido 'Ali-ben-Abu-Thâlib dizer que ouviu estas palavras do Profeta: "A melhor das mulheres (do mundo) foi Maria; a melhor das mulheres (desta nação) foi Khadîdja".

El-Leïts assim se exprimiu: "Hîchâm, que geria os negócios do pai, me escreveu que 'Aïcha disse: "Nunca fui ciumenta de nenhuma das mulheres do Profeta como o fui de Khadîdja embora ela tivesse morrido antes de eu me tornar espôsa do Profeta, porque ouvia-o muitas vêzes falar nela, porque Deus ordenara-lhe anunciar a ela que teria (no Paraíso) uma casa de pérolas, e também porque quando imolava um carneiro, mandava larga parte às amigas de Khadîdja".

Segundo 'Oewa, 'Aïcha disse: "Hâla-ben-Khowaïled, a irmã de Khadîdja, tendo solicitado ser admitida à presença do Enviado de Deus, êste, ao reconhecer a maneira de se exprimir de Khadîdja, ficou completamente perturbado e exclamou: "Meu Deus, é Hâla!" Possuída de ciúme, disse então ao Profeta: "Porque evocas a lembrança destas mulheres velhas de Qoraïch, de gengivas vermelhas (desdentadas), que são vítimas dos anos? Deus, em seu lugar te deu agora melhor que elas?"

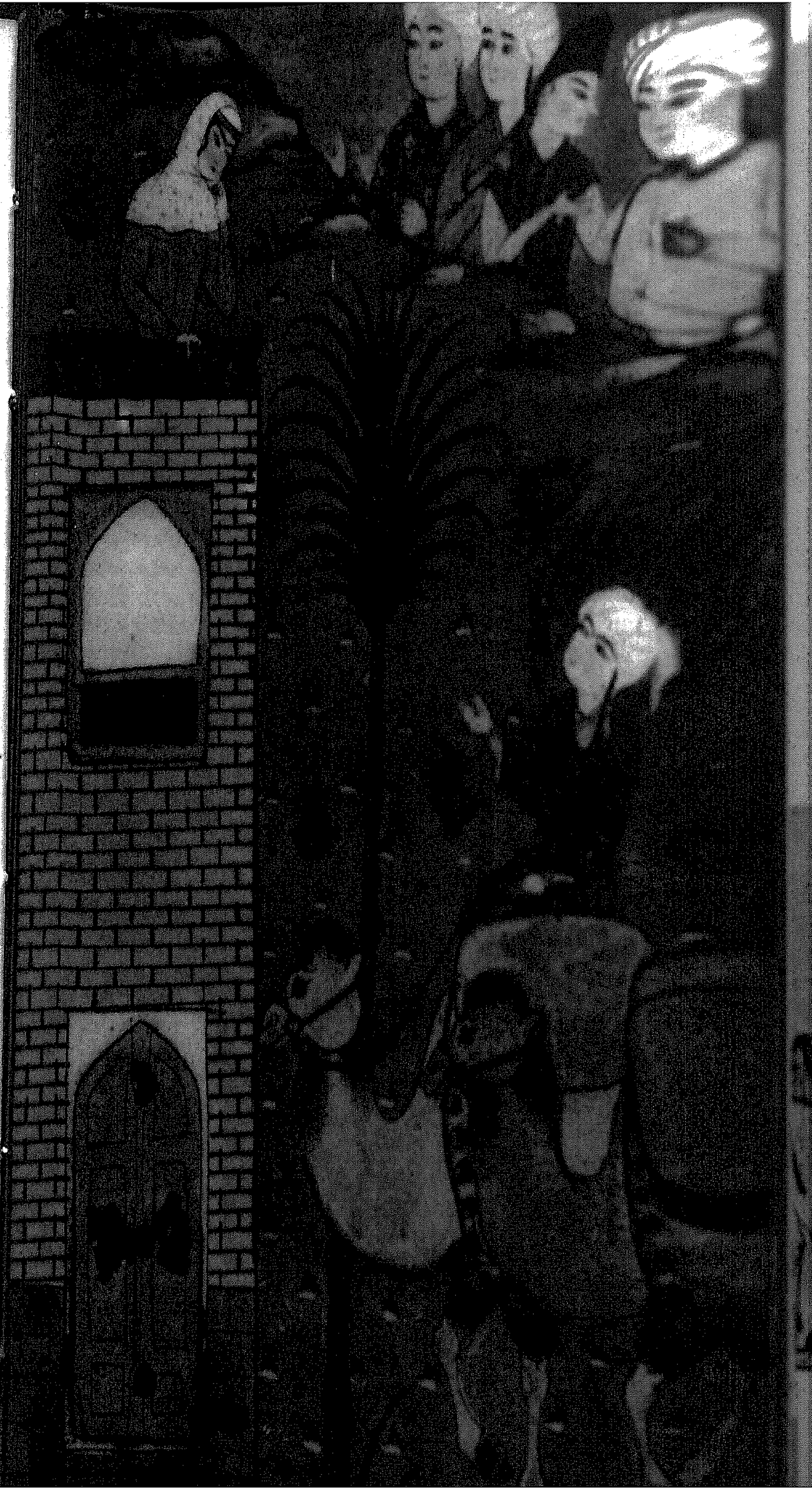
A Justiça

Segundo Anás-ben-Mâlik, o Profeta disse: "Assiste teu irmão, seja êle opressor ou oprimido".

Conforme Anás, o Enviado de Deus tendo dito: "Assiste teu irmão quer seja opressor ou oprimido", Anás lhe replicou: "Ó Enviado de Deus, a êste homem que está oprimido", eu assistirei, mas como assistir a um opressor? — Impedindo-o de praticar o mal, respondeu-lhe."

Segundo 'Abdallah-ben-'Omar, o Profeta disse: "A injustiça formará trevas no dia da Ressurreição".

Conforme Ibn-'Abbâs, o Profeta enviara Mo-âdz ao Yémen dizendo-lhe: "Teme a imprecação do oprimido pois nenhum véu se interpõe entre ela e Deus" (II, 139).



Casado com a rica Khadidja (no alto à esquerda), Maomé (montado no camelo), pôde, graças a ela, abandonar a profissão de caravaneiro para se consagrar à missão.

O Martírio do Khobaïd

Abu-Horaïra disse: "O Profeta enviara um destacamento de reconhecimento pondo-lhe à testa 'Asim-ben-Tsâbit, o avô de 'Asim-ben-'Omar-ben-El-ben-Khat-tâb. Haviam chegado a uma localidade entre 'Osfân e Meca, quando lhes assinalaram uma tribo dos Hodzaïl, chamada Benu-Lihyân. Perto de cem arqueiros seguiram suas pegadas e ao chegarem a um acampamento que haviam ocupado, encontraram caroços de tâmaras adquiridas em Medina. "Êstes caroços, disseram, provêem de tâmaras de Yatsrîb". Continuando na perseguição, alcançaram-nos finalmente. Asim e seus companheiros entrincheiraram-se então sôbre (a colina de) Fadfad onde foram cercados pelos Benu-Lihyân. "Se descerdes até nós, disseram os Benu-Lihyân, assumimos o compromisso formal de não matar nenhum dentre vós. — De minha parte, responde Asim, não descerei para me pôr sob a proteção de um infiel. Meu Deus, instrui teu Profeta sôbre nossa situação. "Travou-se logo o combate. Asim foi morto a flechadas como também seis companheiros seus, de sorte que sobrou apenas Khobaïd, Zeid e outro indivíduo, aos quais deram a proteção e que, uma vez que a obtiveram, desceram do refúgio. Os Benu-Lihyân apanharam os três homens e, desatando as cordas dos arcos, garrotearam-nos. "Eis aí a primeira traição", exclamou o terceiro indivíduo, que recusou segui-los. Arrastaram-no a princípio, depois tentaram fazê-lo montar e, como êle não fizesse nada, mataram-no. Em seguida, carregaram com Khobaïd e Zeid e venderam-nos em Meca. Os Benu-El-Hârits-ben-'Amirben-Nawfal compraram Khobaïd que matara El-Hârits, na jornada de Badr. Conservaram-no certo tempo como prisioneiro e resolveram por fim executá-lo.

Khobaïd pedira a uma das filhas de El-Hârits uma navalha para raspar a púbis. Esta mulher, tendo-lhe emprestado a navalha, conta que certo dia havendo negligenciado de vigiar seu filho, êste se dirigiu para Khobaïd que o pôs no colo, e, como Khobaïd tivesse a navalha na mão, a jovem mulher tomou-se de pavor. "Acaso tens mêdo, disse Khobaïd, que eu mate teu filho? tal coisa eu não farei nunca, se Deus quiser". — Jamais, contava a jovem mulher, vi um prisioneiro tão bom quanto Khobaïd; um dia vi-o a comer uvas frescas, quando não havia absolutamente tal fruto em Meca e êle estava estreitamente acorrentado; era Deus, portanto, que o gratificava com tal favor".

Ao conduzirem-no para matar fora do território sagrado, Khobaïd disse: "Deixai-me fazer uma oração de duas reka'. "Feito isto voltou para os carrascos e lhes disse: "Se não receasse que vós pensásseis que eu tinha mêdo da morte, teria rezado mais". Foi êle que deu o exemplo da oração de duas reka' antes de sofrer a morte. Finalmente disse ainda: "Meu Deus, conta quantos êles são", e recitou êstes versos:

Pouco me importa, uma vez que sou muçulmano, o lado pelo qual serei matado, pois é por Deus que eu sucumbo.

Foi o Ser supremo que assim decidiu e, se êle o quiser, sua bênção fará com que meus membros dispersos tornem a se reunir.

"'Oqba-ben-El-Hârits matou então Khobaïd. Os Qoraïch despacharam alguns indivíduos para o cadáver de Asim, para que lhes trouxessem de volta uma parte do corpo, a fim de que lhes fôsse permitido verificar-lhe a identidade, pois Asim matara um de seus principais personagens na batalha de Badr. Mas Deus enviara sôbre êste cadáver uma verdadeira nuvem de vespas que o protegeram contra a profanação, e os mensageiros retornaram sem a mínima porção" (III, 115).

Hospitalidade

Sôbre estas palavras do Corão: "...e êles dão de preferência aos outros, quando êles próprios estão na indigência" (surata LIX, versículo 9).

Segundo Abu-Horaïra, um homem veio ter com o Profeta que mandou (pedir) a suas mulheres alguma coisa para lhe dar de comer. "Não temos absolutamente nada, responderam, senão água. — Quem quer partilhar sua refeição com êste homem, exclamou o Profeta — ou conforme uma variante — quem quer dar-lhe a hospitalidade? "Um homem dos Ansâr disse então: "Eu». Depois levou êste homem à sua mulher a quem disse: "Trata generosamente o hóspede do Enviado de Deus...» — Não temos nada, respondeu ela, além da janta de nossos filhos. — Pois bem! replicou, prepara tua refei-

ção, acende tua lâmpada e faze dormir teus filhos quando quiserem jantar." A mulher preparou então a refeição, acendeu a lâmpada, fêz os filhos dormir e depois levantando-se como para arranjar a lâmpada, apagou-a. O Ansâr e sua mulher fizeram então de conta que comiam, mas na realidade passaram a noite de ventre vazio. No dia seguinte de manhã quando o Ansâr foi ter com o Enviado de Deus, êste lhe disse: "Esta noite Deus riu — ou conforme uma variante — Deus admirou vossa maneira de agir". Foi então que Deus revelou estas palavras (do Corão): "...e êles dão de preferência aos outros, quando êles próprios estão na indigência. Ora os que resistem à própria avareza serão os bem-aventurados" (surata LIX, versículo 9) (III, 7).

Magnânimidade

Djâbir-ben-'Abdallah contou a Sinân-ben-'Abu-Sinân-Ed-Doali que realizou com o Enviado de Deus uma expedição para o lado de Nedj. Ao voltarem atingiu-os o calor ardente do meio-dia num vale onde abundavam as acácias. O Enviado de Deus desceu de sua cavalgadura, e os fiéis se dispersaram debaixo das acácias para se porem à sombra destas árvores. O Enviado de Deus, porém se instalou sob uma mimosa pendurando nela o sabre. "Havíamos cochilado, acrescentou Djâbir, quando o Enviado de Deus nos chamou". Acorremos e vimos um Beduíno assentado ao pé dêle. "Êste Beduíno disse o Profeta, tirou meu sabre da bainha enquanto eu dormia e ao despertar vi-o com meu sabre desembainhado na mão". "quem te defenderá contra mim? disse-me então. — Deus, retorqui-lhe. Ora êste Beduíno está assentado até agora". "O Enviado de Deus não lhe infligiu nenhum castigo". (III, 132).

As Leis da Guerra

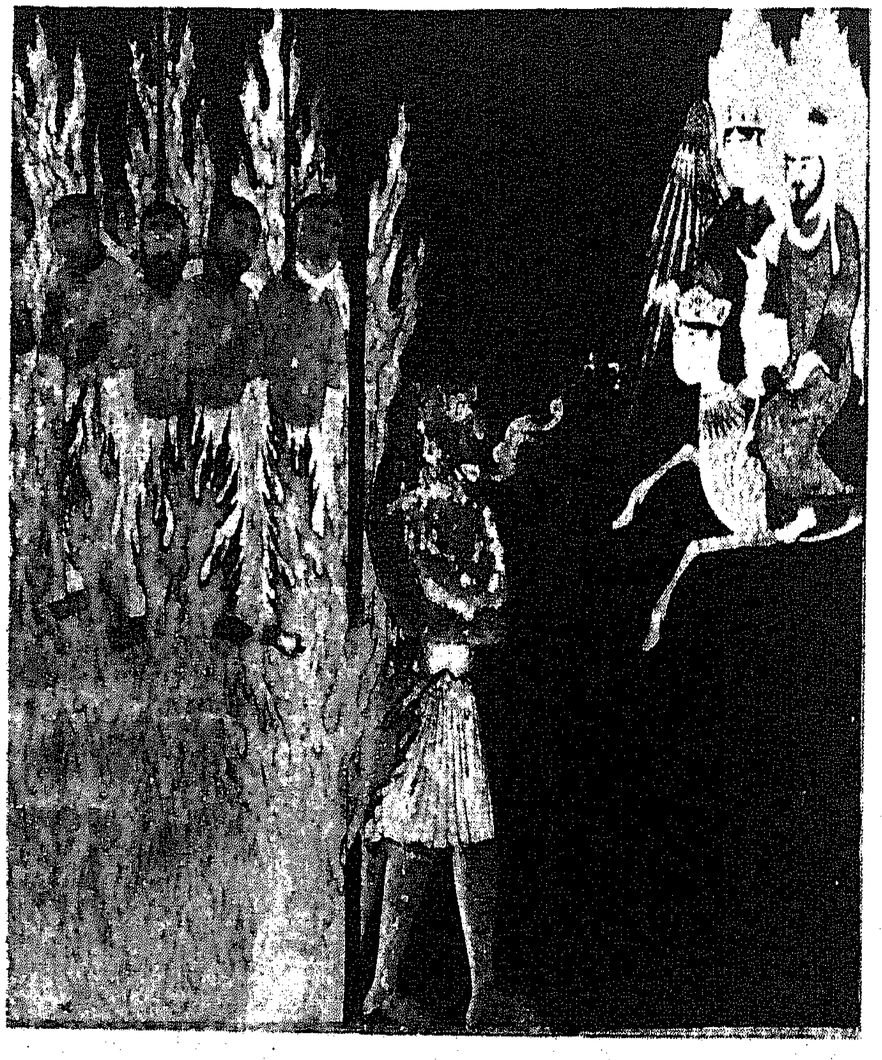
Sôbre a Missão de Khâlid-Ben-El-Ualîd entre os Benu-Djodzaïma ordenada pelo Profeta.

'Abdallah-ben-'Omar disse: "O Profeta enviou Khâlid ben-El-Uâlid aos Benu-Djodzaïma. Convidados por Khâlid a abraçar o islamismo, os Benu-Djodzaïma em lugar de empregar a boa forma (aslamnâ), disseram: seba'nâ, seba'nâ. Khalid começou então a matar e a fazer prisioneiros na tribo, entregando a cada um de nós um prisioneiro; depois ordenou certo dia que cada um de nós matasse seu prisioneiro. "Eu não matarei meu prisioneiro, disse então, e nenhum de meus companheiros matará o seu". Quando voltamos para junto do Profeta, contamos-lhe o acontecido. Êle levantou logo a mão e exclamou: "Meu Deus, eu sou inocente diante de ti do ato cometido por Khâlid".

Uma expedição dos companheiros do Profeta, conforme a imaginava um miniaturista do Turquestão no século XIV. (Royal Asiatic Society).

Os Humildes e os Mansos

Hâritsa-ben-Uahb-Khozâ'i relata que ouviu o Profeta dizer: "Não vos informei que os habitantes do Paraíso serão todos os humildes e os fracos cujos juramentos Deus aceita quando prometem ser fiéis? Não vos informei que os habitantes do Inferno serão todos os sêres cruéis, fortes na carne e arrogantes"? (III, 485).



O INFERNO.
O Profeta e Gabriel contemplam os condenados pendentes em ganchos por cima do fogo alimentado por um demônio.
(Livro da Assunção, ms. turco, B. N.).

A Intercessão

Conforme Anás, o Profeta disse: "No dia da Ressurreição os Crentes se reunirão e dirão: "Se pedíssemos

a alguém para interceder por nós..." "Irão ter com Adão e lhe dirão: "Tu és o pai do gênero humano; Deus te criou com sua mão, fêz ajoelharem-se os anjos diante de ti e te ensinou os nomes de tôdas as coisas. Intercede por nós junto ao Senhor, a fim de que êle nos liberte de nossa situação presente..." — "Eu não sou, respondeu, o que precisais..." "Êle contará a falta que cometeu e se desculpará dizendo: "Ide procurar Noé, pois êle é o primeiro Enviado que Deus mandou aos povos da terra". Êles irão à procura de Noé que lhes dirá: "Eu não sou o que precisais". Êle lhes recordará que pediu ao Senhor coisas que não podia conhecer e que teria vergonha (de interceder por êles). "Ide, dir-lhes-á, encontrar o "Amigo do Clemente". Dirigir-se-ão a êle e êste lhes dirá: "Ide ter com Moisés, êsse adorador a quem "Deus dirigiu a palavra e a quem deu o Pentateuco". Êles irão procurar Moisés que lhes dirá: "Eu não sou o que precisais". E lhes relembrará que matou um homem que não era culpado e que tem vergonha do Senhor; então, exortá-los-á a se dirigirem a Jesus, o adorador de Deus e seu Enviado, o Verbo de Deus e o Espírito de Deus. Mas Jesus lhes responderá: "Eu não sou o que precisais, ide buscar Maomé: que Deus espalhe sôbre êle suas bênçãos e lhe conceda a salvação! Êle é o servidor a quem Deus perdoou tôdas as faltas passadas e futuras". Êles virão então me procurar; eu irei ao Senhor pedir-lhe audiência. Êle ma concederá, e quando o vir cairei de joelhos e assim permanecerei o tempo que lhe aprouver; depois me dirá: "Levanta a cabeça; pede, tu obterás; fala e serás escutado; intercede e tua intercessão será atendida". Então levantarei a cabeça; louvarei o Senhor conforme a fórmula que êle me ensinará; depois intercederei. O Eterno me indicará um grupo que eu farei entrar no Paraíso. Feito isto, retornarei junto ao Senhor e, quando o tiver visto nas mesmas condições (que da primeira vez), intercederei de novo. Êle me indicará um segundo grupo que introduzirei no Paraíso. Recomeçarei assim terceira e quarta vez e direi: "Não há mais para o Inferno senão aquêles que o Corão tiver condenado e que deverão permanecer aí eternamente" (III, 250).

Um Dote Místico

Capítulo XXII — Da recitação de cor do Corão.

Segundo Sahl-ben-S'ad, u'a mulher veio ter com o Enviado de Deus e lhe disse: "Ó Enviado de Deus, eu vim te oferecer minha pessoa. "O Enviado de Deus voltou-se para ela e olhou-a; então, depois de havê-la fixado bem, abaixou a cabeça. A mulher, ao ver que êle não tomava nenhuma decisão a seu respeito, assentou-se. Então um dos Companheiros do Profeta levantou-se e disse: Ó Enviado de Deus, se tu não precisas dela, faze-a

Cortêjo da noiva.
(Mesopotâmia, 1237, B. N.).

desposar-me. — Possues alguma coisa? perguntou o Profeta. — Não! por Deus! ó Enviado de Deus. — Então volta para casa e vê se achas alguma coisa". O homem partiu, em seguida voltou e disse: "Por Deus ó Enviado de Deus, não encontrei nada. — Vê não terias pelo menos um anel de ferro". — O homem partiu, em seguida voltou e disse: «Não por Deus! Ó Enviado de Deus, não possuo nem sequer um anel de ferro; mas aqui está meu izâr". — Sahl acrescenta que não tinha um manto sequer para poder lhe dar a metade. — "Para que serviria teu izâr? disse o Enviado de Deus; se tu o vestes, ela não poderá se servir dêle, e se ela o vestir, tu não terás nada sôbre ti". O homem se assentou, ficou muito tempo no mesmo lugar e depois se levantou para partir. Quando o Enviado de Deus viu-o se afastar, mandou chamá-lo de volta, e, quando o homem estava de volta, disse-lhe: "Que sabes do Corão? — Eu sei tal surata, tal surata, tal surata; e enumerou-as. — Sabes de cor? — Sim. — Pois bem! vai, eu te concedo esta mulher graças ao que sabes do Corão". (III, 535).

O Consentimento para o Matrimônio

Capítulo XLII. — O pai, não mais que qualquer outro, não pode casar sem seu consentimento a mulher virgem e a que já estêve casada.

Abu-Horaïra referiu que o Profeta disse: "A mulher que já estêve casada não pode ser dada em matrimônio senão com ordem sua; a virgem só pode ser dada em casamento depois que lhe foi pedido o consentimento. — E de que maneira ela dará o consentimento, Ó Enviado de Deus? indagaram então os fiéis. — Guardando o silêncio", replicou o Profeta.

Abu-'Amr, o liberto de 'Aïcha, relata que esta disse: "Ó Enviado de Deus, a Virgem tem vergonha. — Seu consentimento, respondeu, se traduz pelo silêncio" (III, 569).

Endireitar uma costela

Capítulo LXXX. — Das recomendações a respeito das mulheres.

Segundo Abu-Horaïra, o Profeta disse: "Quem crer em Deus e no Dia Supremo não prejudique seu vizinho;

recomendai-lhe que trate bem as mulheres. Elas foram criadas de uma costela, e numa costela é a parte superior a mais curva. Se tentardes endireitá-la, havereis de quebrá-la, e se a deixardes, ela continuará sempre curva. Recomendai, portanto, a bondade em relação às mulheres."

Ibn-'Omar disse: "Enquanto o Profeta vivia, evitamos conversar e gracejar com nossas mulheres, de mêdo que isto nos atraísse alguma revelação. Mas depois que o Profeta morreu, conversamos e gracejamos com elas". (||I, 583).

Deveres e Direitos

Capítulo LXXXIX. — "Tua mulher tem direitos sôbre ti" disse Abu-Djohaïfa, segundo o Profeta.

'Abdallah-ben-'Amr-ben-El-'As conta que o Enviado de Deus lhe disse: "Ó 'Abdallah, és tu exatamente que, conforme me disseram, jejuas de dia e jejuas (ainda) de noite? — Enviado de Deus, respondi-lhe, é verdade. — Não procedas assim, replicou, jejua e rompe o jejum (alternativamente), levanta-te (para rezar) e dorme. Tu tens deveres com relação a teu corpo, teus olhos têm direitos sôbre ti e tua mulher tem direitos sôbre ti". (III, 592).

Os Quarenta Hadîts

Eis alguns dos Quarenta Hadîts famosos escolhidos por Nawawi (trad. de G. H. Bousquet, Les Classiques de l'islam, 1950)

Segundo Abû Dharr (que Deus esteja satisfeito com êle) alguns companheiros do Enviado de Deus (a êle, bênção e salvação) lhe disseram: "Ó Enviado de Deus, as pessoas mais ricas açambarcaram as recompensas, rezam como nós, jejuam como nós e além disso distribuem esmola com o supérfluo de suas riquezas". Êle respondeu: "Como, então Allah não vos deu com que distribuir esmola? Dizer "Glória a Deus", é uma esmola; "Deus é grande", é também uma esmola, e da mesma forma: "Louvores a Deus. Não existe outra divindade além da Allah". Cada vez que ordenais o bem, dais uma esmola, e cada vez que proibis o mal, dais uma esmola, Cada vez que fazeis obra de carne, distribuís uma esmola."

Exclamaram então: "Como, então cada um de nós ao satisfazer seus apetites carnais merece por isso uma retribuição?" Êle respondeu:

"Ora, o que sacia os apetites de maneira ilícita, não se carrega com um pecado? Do mesmo modo aquêle que satisfaz de forma lícita obtém uma retribuição".

Wâbiça-ben-Ma'bad (que Deus esteja satisfeito com êle) disse: eu ia ver o Enviado de Deus (a êle, bênção e salvação) e êle me disse:

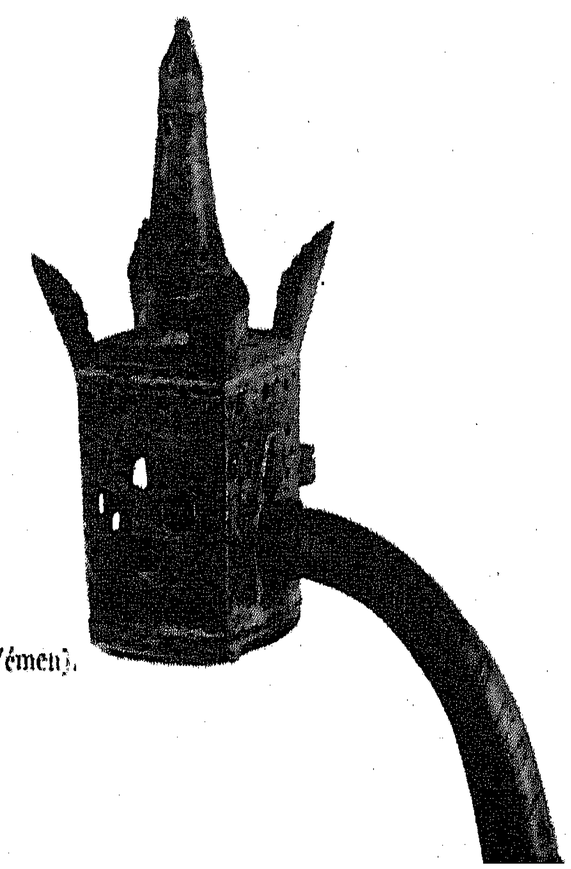
"Tu vens me interrogar a respeito da virtude"?

"Sim", respondi e êle replicou:

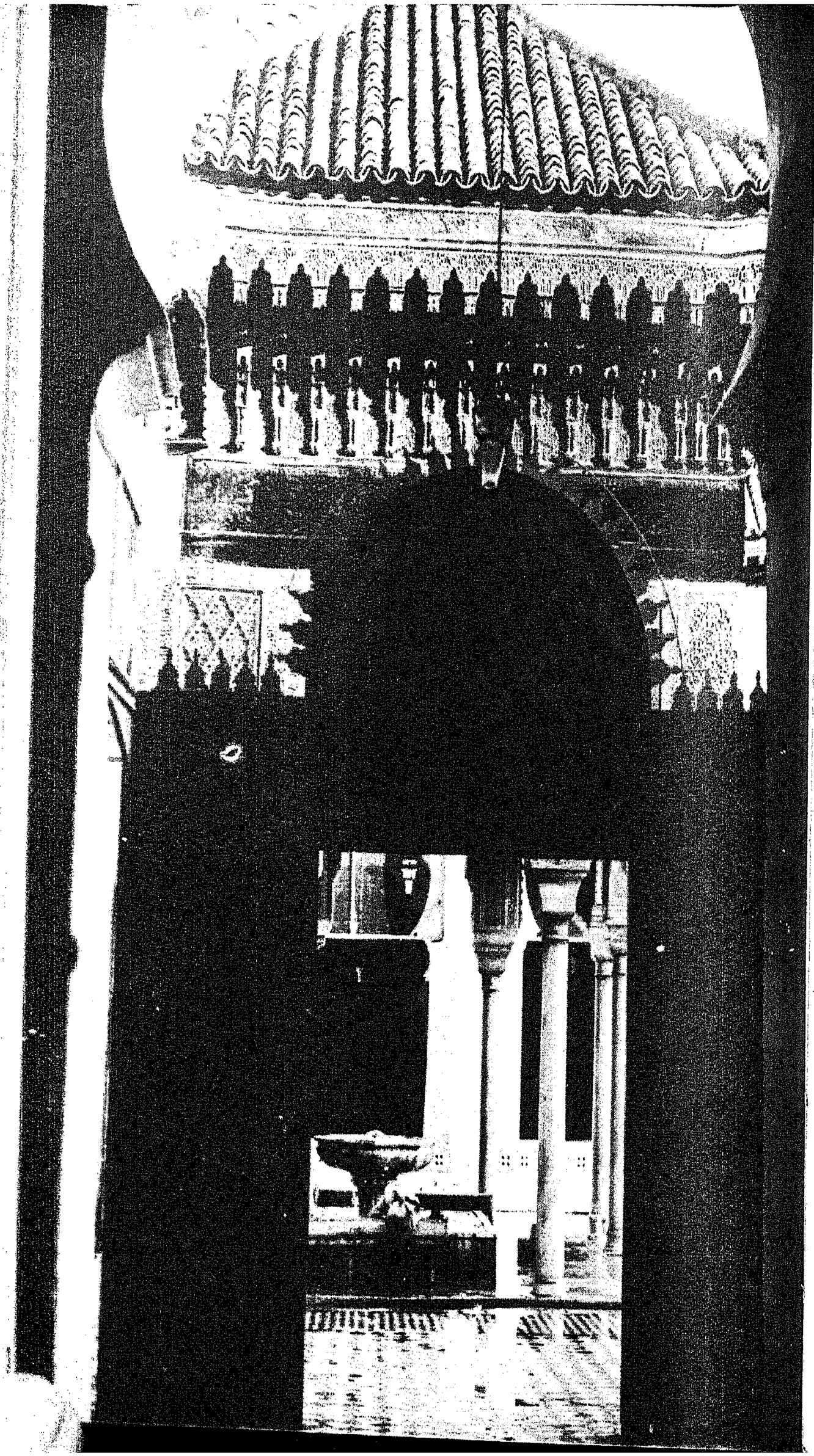
"Indaga teu coração. A virtude é aquilo pelo qual a alma goza do repouso e o coração da tranqüilidade. O pecado, é o que acarreta a perturbação na alma e o tumulto no seio do homem, e isto apesar das consultações religiosas que as pessoas poderiam te dar".

Conforme Abû Sa'îd Sa'd ben Mâlek ben Sinân el Khodrî (que Deus esteja satisfeito com êle), o Enviado de Deus (a êle bênção e salvação) disse:

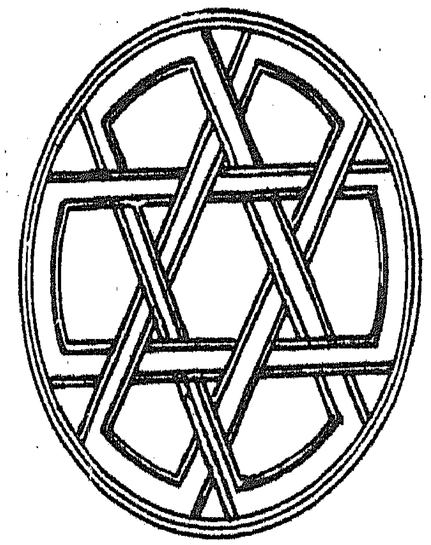
"Não pratiqueis o mal, e não devolvais o mal pelo mal".



Vaso de queimar perfumes (Yémen).



A Mesquita Karrauyne.



ATRAVÉS DA JURISPRUDÊNCIA

IBN KHALDUN[1]

As Fontes do Direito Muçulmano

As quatro fontes do fiqh. — Uma das maiores dentre as ciências religiosas, uma das mais importantes e das mais úteis, é a que tem por objeto as bases da jurisprudência. Consiste em examinar as indicações que se acham nos textos sagrados, a fim de aí reconhecer as máximas (de direito) e as prescrições impostas (pela religião). As indicações fornecidas pela lei apóiam-se no Livro, isto é, no Corão e, em seguida, na Sonna, que serve para explicar êsse Livro. Enquanto vivia o Profeta, emanavam diretamente dêle os julgamentos (ou máximas de direito); dava os esclarecimentos por palavras e por atos a respeito do Corão, que Deus lhe tinha revelado, e fornecia informações orais a seus discípulos; também não tiveram nenhuma necessidade de recorrer à tradição, à especulação, nem às deduções fundadas em analogias. Essa instrução de viva voz acabou com a vida do Profeta, e, a partir de então, o conhecimento das prescrições corâmicas não se conservou senão pela tradição.

Passemos à Sonna. Os Companheiros concordaram todos em reconhecer que, para o povo muçulmano, era um dever conformar-se às prescrições encerradas na Sonna e fundadas nas palavras, ou nos atos, do Profeta, com a condição, porém, que tais prescrições fôssem transmitidas

1. *Prolegômenos*, tradução de Slane. 1868, edição de 1938, III, 25. Ibn Kaldun, 1332-1406, o último dos grandes pensadores medievais do islame, precursor da sociologia e da filosofia da História.

por uma tradição suficientemente segura para impor a convicção de sua autenticidade. Por êste motivo o Corão e a Sonna são olhados como as fontes donde devem ser hauridas as indicações que conduzem à solução das questões de direito. Mais tarde, o Acôrdo Geral (dos primeiros muçulmanos sôbre certos pontos de direito) tomou lugar (como autoridade) ao lado destas duas (fontes de doutrina; êste acôrdo existia) porque os Companheiros se mostravam unânimes em repelir as opiniões de todo indivíduo que não fôsse do mesmo parecer. Esta unânimidade apoiou-se sôbre uma base sólida, pois o acôrdo entre tais homens era certamente fundado em boas razões; aliás, temos provas bastantes para verificar que o sentimento da comunidade (muçulmana) não poderia se desviar. O acôrdo geral foi, portanto, reconhecido como prova autêntica nas questões relacionadas com a lei.

Se examinarmos os processos empregados pelos Companheiros e pelos antigos muçulmanos para deduzir (máximas de direito) do Corão e da Sonna, veremos que, embora estabelecendo aproximações entre os casos análogos comparando cada caso duvidoso com outros semelhantes, sacrificavam contudo suas opiniões pessoais em prol da unânimidade. Expliquemo-nos. Depois da morte do Profeta, apresentaram-se muitos casos cuja solução não se encontrava nos textos autênticos (no Corão e na Sonna); os Companheiros começaram então a julgar tais casos aproximando-os de casos análogos cuja solução já fôra dada e referindo-os aos textos que haviam servido para dirimi-los. Ao fazer esta confrontação, tiveram o cuidado de observar certas regras por meio das quais seria fácil averiguar a analogia entre os dois casos semelhantes ou parecidos. Chegavam assim à convicção de que a decisão emanada de Deus a respeito de um dos casos se aplicava igualmente ao outro. Esta operação, que todos concordavam em considerar como fornecedora de uma prova legal, chama-se Kias (dedução analógica) e forma a quarta fonte de indicações.

Estas são, conforme a grande maioria dos doutôres, as fontes onde devem ser procurados os meios para resolver as questões de direito. Mas alguns legistas, é verdade que em número muito reduzido, não são de seu parecer

no que concerne a acôrdo geral e a dedução analógica. Havia também doutôres que ajuntavam a estas quatro fontes uma quinta, sôbre a qual não é necessário falar, pois sua aplicação é insignificante e seus partidários raros[2].

ABU CHODJA[3]

Os Cinco Pilares Conforme o «Mokhtaçar»

Das cinco obrigações religiosas fundamentais. — Há cinco orações canônicamente obrigatórias: 1º a oração do meio-dia. O primeiro momento (em que ela pode ter lugar é aquêle em que começa) o declínio do sol. O último momento é aquêle em que cada objeto possui uma sombra de tamanho igual ao seu, sem contar (o tamanho da) sombra (no momento do comêço) do declínio; 2ª a oração da tarde. Seu primeiro momento (é marcado pelo) instante em que a sombra é maior que o objeto (sem contar sua sombra no momento do declínio); e, quanto a seu derradeiro momento, é preferível que seja marcado pelo momento em que a sombra forma o dôbro do objeto (sem contar sua sombra no momento do declínio) mas é lícito prolongar sua demora até o desaparecimento do sol; 3º a oração do pôr do sol, não há para ela senão um único momento: aquêle em que o sol desapareceu; 4º a oração da noite. Seu primeiro momento é marcado pelo desaparecimento das últimas luzes crepusculares vermelhas; quanto a seu fim, é preferível que coincida com o do primeiro têrço da noite, mas é lícito prolongar a demora até o surgir da segunda aurora; 5º a oração da manhã, seu primeiro momento é marcado pelo surgir da segunda aurora, quanto a seu têrmo é preferível que coincida com (o momento em que) a aurora brilha em todo o céu, mas é lícito prolongar esta demora até o nascer do sol.

As condições que tornam a oração canônicamente obrigatória são em número de três: o Islamismo, a pu-

2. Trata-se sem dúvida dos çufis.
3. G. H. Bousquet, *Le Droit musulman par les textes*, 1940. págs. 114-118. (Livraria orientalista Paul Geuthner).

berdade e a razão. Há cinco orações tradicionalmente recomendadas: as das duas festas ('Aid el Kebîr e 'Aid el Çaghîr), as dos eclipses lunares e solares e a oração (para obter chuva) em tempo de sêca (...).

A Zekâa (ou impôsto ritual) é obrigatòriamente (cobrado) sôbre cinco coisas: o gado, os cereais, os frutos, os metais preciosos e os objetos negociados. Quanto aos animais, a zekâa é cobrada obrigatòriamente sôbre três espécies dentre êles: os camelos, os bovinos e o gado miúdo. Há seis condições que tornam obrigatório (o pagamento) da zekâa, a saber: o Islamismo, a liberdade, a propriedade completa (da coisa tributável), a quantidade mínima (tributável) possuída durante o ano inteiro e (o fato de os animais terem estado na) pastagem. Quanto aos metais preciosos (a zekâa) é cobrada por duas coisas: o ouro e a prata, e há cinco condições que a tornam obrigatória: o Islamismo, a liberdade, a propriedade completa, a quantia tributável e (a posse durante) o ano inteiro. Quanto aos cereais, a zekâa é obrigatória em três condições: deve tratar-se de plantas semeadas (destinadas ao) uso alimentar e como tais postas de lado, e isto, em quantia tributável, ou seja cinco wasq sem o casco.

Quanto aos frutos, a zekâa é obrigatória para os que são produzidos por tamareiras e pela vinha e há quatro condições que a tornam obrigatória: o Islamismo, a liberdade completa e a quantia mínima. Quanto às mercadorias no comércio, as condições que tornam a zekâa obrigatória são as mesmas dos metais preciosos (...).

Três elementos (na realidade quatro) constituem as condições que tornam o jejum obrigatório: o Islamismo, a puberdade, e a razão e a possibilidade física (de cumpri-lo). Os preceitos do jejum, canônicamente obrigatórios, são em número de cinco: a intenção, a abstenção de alimento, de bebida, de relações sexuais e de vômito voluntário. Há duas coisas que interrompem o jejum: o que é voluntàriamente introduzido no ventre (ou na cabeça; uma injeção nos dois orifícios (ânus e uretra); o vômito voluntário; a cópula vaginal voluntária; outros corrimentos espermáticos em conseqüência de masturbação; as menstruações; os lóquios; a demência e a apostasia.

Três preceitos são recomendados em matéria de jejum: sua pronta ruptura, a tomada tardia da refeição feita antes da aurora e a renúncia à conversa indecente (...)

Sete coisas tornam obrigatória a Peregrinação (Hadj): o Islamismo, a puberdade, a razão, a liberdade, a possibilidade de encontrar uma cavalgadura e provisões; a segurança do caminho e a possibilidade de realizar a viagem. Os elementos fundamentais da peregrinação são em número de quatro: a sacralização (estado de ihrâm), compreendendo a intenção de efetuar a peregrinação, a estação em 'Arafa, as voltas em tôrno da casa (de Allah) e a corrida entre Çafa e Marwa. Quanto aos elementos fundamentais da 'Omra, são êles em número de três: o ihrâm vestido nas horas e lugares determinados, a lapidação dos três montes de pedras e a ação de se barbear. As práticas da peregrinação tradicionalmente recomendadas são em número de sete: o ifrâd; isto é, o fato de praticar o hadj antes da 'Omra, o emprêgo da fórmula "Labbaika" (eis-me aqui, ó Deus), as voltas na chegada, a noite passada em Mozdalifa, as duas reka'as por ocasião das voltas, a noite passada em Minâ e as voltas do adeus. É preciso se despojar, em estado de ihrâm, das vestes costuradas e endossar o izar e o rida brancos.

Os peregrinos, vestidos de ihrâm e com a cabeça descoberta, de caminho para Arafa em Minâ
(Foto de Jean Roman).

بسم الله الرحمن الرحيم

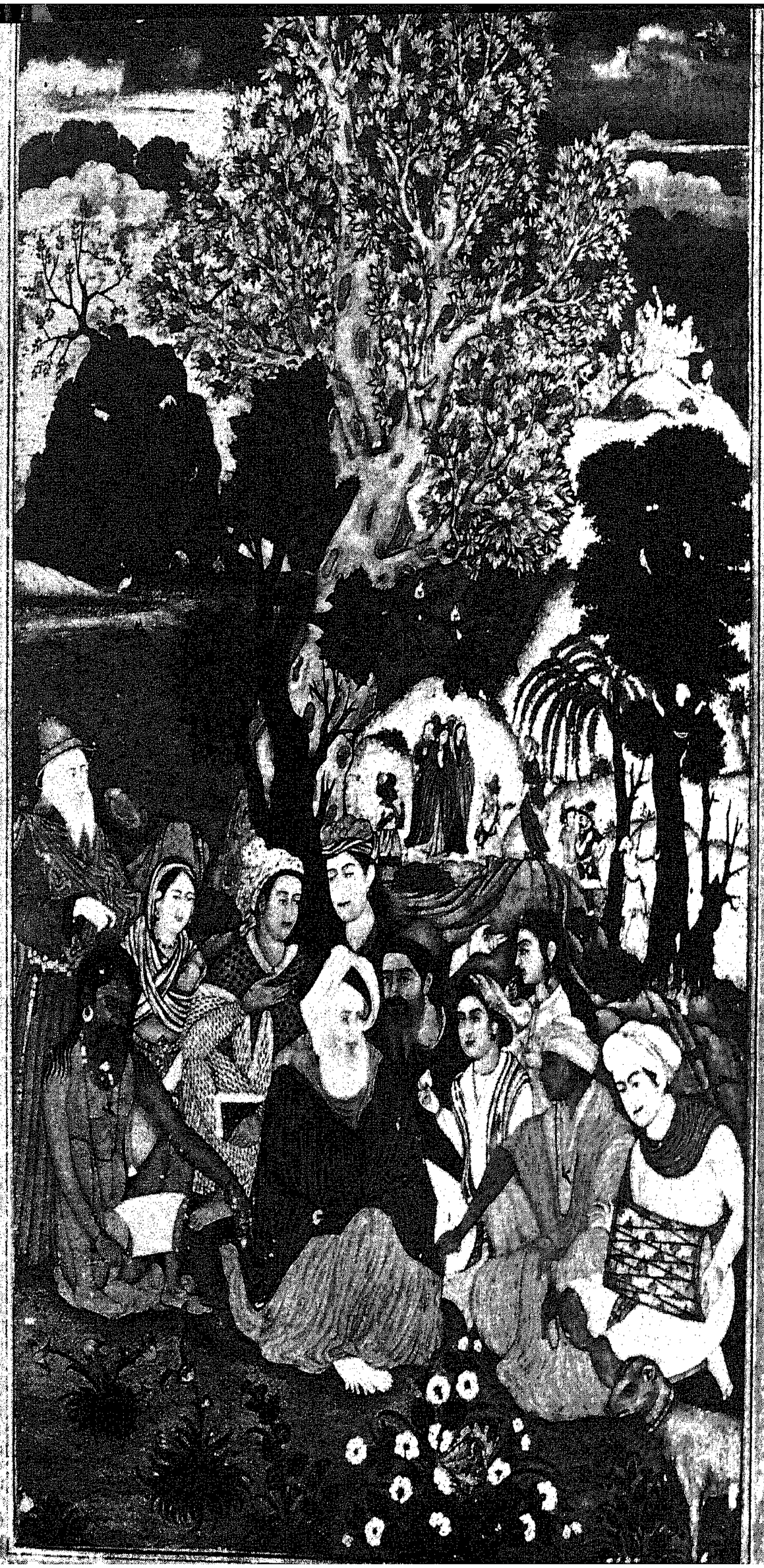
"Em nome do Deus clemente e misericordioso".
(Fórmula corrente de introdução).

A VIDA ESPIRITUAL

Tolerância e Religião «Aberta»

"Nada de coerção em matéria de religião" (Corão II, 257*). Esta palavra decisiva e divina estabelece o princípio (nem sempre de maneira perfeita, mas apesar de tudo geralmente seguido) da tolerância; eleva-se acima dos numerosos apelos ocasionais às armas que serviram para estimular, durante os dez primeiros anos da Héjira, em favor da defesa de uma comunidade gravemente ameaçada, o ardor dos Árabes, cultivadores ou beduínos, bem pouco inclinados, contràriamente ao que se pensa, aos longos esforços belicosos. Nos países conquistados, os Povos do Livro, judeus e cristãos, deviam ser não apenas tolerados, mas estatutàriamente protegidos e religiosamente respeitados. A capitação que pagavam substituía o serviço militar. A idéia de Maomé era que fundamentalmente havia uma única religião dos profetas; as divergências que surgissem só podiam provir da má vontade, da falsificação ou da deformação; êle viera completar, retificar e dar a forma perfeita, Sêlo dos Profetas, à religião revelada de origem abraâmica. Ainda há pouco escrevia o reformista Mohammed Abduh:* "A Bíblia, o Evangelho e o Corão são três livros concordantes; as pessoas religiosas estudam os três e veneram-nos da mesma forma. Completa-se, destarte, o ensinamento divino e a verdadeira religião brilha através dos séculos".

Em princípio, não cabia, por assim dizer, nenhum direito aos idólatras, politeístas e aos que vivem alheios à tôda revelação. A questão foi discutida a propósito dos Guebras ou Parsis e dos Induístas, que evidentemente não era possível exterminar. Parece ter prevalecido a opinião que também êles possuíam. Livros autorizados, embora deformados e mal interpretados. Sabe-se que Akbar, um dos grandes soberanos e dos grandes espíritos da história, esforçou-se por reconciliar — evidentemente em proveito seu — e sincretizar o islame e o induísmo.



Ascetas muçulmanos e induístas confraternizam. (O século de Akbar sonhou com semelhante conciliação.)

É óbvio dizer que a religião estritamente "fechada" dos foqaha e da plebe condena de boa mente qualquer infiel. É sobretudo entre os filósofos e entre os çufis que se encontra uma concepção completamente "aberta" da religião e da condição humana. Para os primeiros, tôda inteligência participa necessàriamente do Inteleto Agente. Para os segundos o que importa é a religião interior, o ardor do coração purificado, a generosidade do espírito e a fôrça do amor que engloba todos os sêres.

O Corão pronunciara-se, aliás, contra todo racismo e ordenara a justiça nas relações internacionais, e a moderação mesmo em tempo de guerra.

"Homens, testemunhai grandes deferências escrupulosas a vosso Mestre, que vos criou de um único ser, depois tirou dêste ser sua companheira, e dêste par tirou a multidão de homens e de mulheres que compõem a humanidade" (IV, 1).

"Homens, nós vos criamos de um homem e de uma mulher. Dividimo-vos em povos e em tribos, a fim de que vos reconhecesseis entre vós". (XLIX, 13). *Cada seita, cada partido é* "contente com o que tem" (XXX, 31) *diz Deus, com certa ponta de ironia contra as pretensões orgulhosas e pueris.* "Se Deus tivesse querido, teria feito de vós um só povo... Correi à porfia, uns e outros, para as boas ações. Retornareis todos a Deus; êle mesmo esclarecerá a matéria de vossas disputas" (V, 53). *Os Hadîts proclamam que não há diferença essencial entre as raças, a que Deus enviou sua misericórdia* "aos vermelhos e aos negros", *e que* "um árabe não é superior a um estrangeiro ou um branco a um negro senão pela piedade". *Alguém tendo chamado Bilâl, o abissínio, de "filho de negra", o Profeta censurou-lhe haver demonstrado* "sentimentos anteriores ao islame."

Alguns dos primeiros çufis, como Bisthâmî e Tostârî, pensavam, sem contudo ousar dizê-lo abertamente, numa salvação universal, na extinção final do inferno e na conversão de Iblis.

Os grandes poetas persas não deixam de insistir sôbre a relatividade das confissões em face da Realidade e do Amor.

Hallâj dissera (Dîwân, *ed. Massignon*, 1931, 84):

Refleti sôbre as denominações confessionais, esforçando-me por compreendê-las e cheguei à conclusão que formam um princípio único com numerosas ramificações.

Não peças, portanto, a um homem que adote determinada denominação confessional, pois isto serviria para afastá-lo do Princípio fundamental.

É o próprio Princípio, em que se elucidam tôdas as grandezas e tôdas as significações, que deve vir procurá-lo; e o Homem, então, compreenderá.

No Mesnevi, Jalâleddîn er-Rûmî conta o apólogo seguinte:

"Um persa, um turco, um rumi e um árabe receberam um dirhem e altercam sôbre a maneira de empregar êsse dinheiro. Um quer comprar angiur, outro uzûm, o terceiro estafîl e o último, anab. Percebem finalmente que todos os quatro querem é uva".

A mesma idéia em Sinaï:

"Alguns cegos encontram um elefante e apalpam-lhe cada um dêles um membro. Êste animal tem a forma de um tapete, diz o que tateia a orêlha. Não, de um tubo, replica o que toca a tromba. De um pilar, afirma o que enlaça a perna. Assim acontece com a maioria dos homens que não enxergam senão uma parte do universo. Seu espírito, mobilado de fantasmas."

"Deus sabe e vós não sabeis", diz o Corão (II, 213).

Num poema o Intérprete dos Desejos, Ibn 'Arabî declara:

Meu coração é capaz de tôdas as formas. É uma pastagem para as gazelas, um convento para os monges cristãos, um templo para os ídolos, a ka'ba do peregrino, as Tábuas da Lei mosaica e o Livro do Corão.

Eu sou, para mim, a religião do amor. Seja qual fôr o caminho que tomar o camelo do amor, êsse será minha religião e minha fé.

Encorajados por soberanos como Akbar, os poetas do Império das Índias levaram o sincretismo às últimas conseqüências, enquanto os çufis muçulmanos discutiam fraternalmente e rivalizavam com os iogas.

De Abu'l Fazl, em seu Akbar Nameh (*Blochmann, Aïn-i-Akbari*, XXXII):

Um dia eu visito a igreja, outro dia a mesquita; mas, de templo em templo, eu não procuro senão a Ti.

Para teus discípulos não existe heresia, nem ortodoxia; todos vêem tua verdade sem véus.

Que o herético guarde sua heresia e o ortodoxo sua ortodoxia. Teu discípulo é Mercador de perfumes: êle precisa da essência de rosa do divino amor.

Sem ir tão longe, e apesar de professarem a necessidade de respeitar estritamente a Lei exterior para poder seguir a Via interior, completando-se destarte o esoterismo e o exoterismo sem se contradizer, contudo os grandes mestres çufis e os pensadores do islame "abriram" juntamente com as portas do ijtihad, esfôrço intelectual de interpretação, as da religião, no sentido bergsoniano. Seu culto não é mais apenas social e comunitário, mas universal, porque genuìnamente intelectual e cordial. Deus não disse num versículo famoso (Corão, XXXIII, 72), *que afirma ao mesmo tempo a grandeza e a liberdade moral do homem:*

"Oferecemos ao céu, à terra e às montanhas o depósito (da fé); êles se recusaram, porém, de se encarregar dêle e tremeram de receio de recebê-lo. O homem então se encarregou, mas tornou-se injusto e insensato."

O depósito, disse Averrois, é "a interpretação verdadeira".

"O universo não pode Me conter, *diz um hadîts sagrado*", mas o coração do crente Me contém."

Ghazâli e a Religião Interior

Abu Hâmid al-Ghazâlî, nascido em Tûs, Khorassân, em 450/1058, *e falecido na mesma cidade em* 505/1111, *sofreu aos vinte anos uma crise intelectual que o obrigou a repor em questão todos os princípios do conhecimento. Escreveu, quando professor em Bagdá,* Tâhâfut al-falâsifa *contra os filósofos aristotélicos. Uma nova crise levou-o a abandonar a cátedra para se dedicar à ascese e ao çufismo. Escreveu então o* Ihya 'uluûm ad-dîn *para* revificar as ciências da religião, *para mostrar que a ciência jurídica das regras formais, útil para a prática social, é insuficiente na vida espiritual, e para reconciliar a Lei e a Realidade, o exoterismo e o esoterismo. Tendo retomado o magistério em Nichâpûr, escreveu o* Munqîd, *onde resume seu itinerário filosófico e espiritual e transcende a escolástica e o direito canônico para elevar-se a uma conquista do Conhecimento e do Amor pela purificação dos corações.*

Eis algumas páginas do Livro do Amor de Deus (mahabba) *do* Ihya, *em tradução inédita de G. Laurès, feita sôbre a edição Halabi, Cairo,* 1358|1939, *t. IV.*

Bismillah er-rahmân er-rahîm.
Em nome do Deus clemente e misericordioso.
(Composição caligráfica.)

AL-GHAZALI

O Livro do Amor de Deus

Em nome de Deus o Clemente, o Misericordioso!

Louvor a Deus que libertou os corações de seus Santos dos atrativos dêste mundo e de suas falsas aparências.

Que purificou seu pensamento secreto de tôda contemplação que não seja a de Sua Presença;

escolheu então êsses corações para Sua adoração sôbre a Terra, tapête de Sua Onipotência;

revelou-se mîsticamente a êles com Seus Nomes e Seus Atributos de sorte que os corações se abrasaram ao contato com os raios de Seu Conhecimento;

desvendou-lhes a Majestade de Sua Face, de sorte que os corações se consumiram pela virtude das chamas de Seu Amor;

furtou-Se aos corações pela substância de Sua Majestade, de sorte que erraram no deserto perigoso de Sua Sublimidade e de Sua Magnificência.

Cada vez que os corações vibraram ao espetáculo essencial da Majestade divina o Zêlo da razão e da introspeção envolveu-os de estupor.

Cada vez que os corações tentaram se afastar, vencidos pela tristeza, uma voz, vinda do lado das Tendas da Beleza, chamou-os de volta, aconselhando-lhes paciência.

Ó Tu, que desesperas de merecer o favor da Verdade, disse essa voz, guarda-te de tua ignorância e de tua precipitação!

Pois os corações permaneceram entre uma recusa e uma aceitação; entre uma repulsão e uma admissão, tendo naufragado no oceano de Seu Conhecimento, tendo-se consumido o fogo de Seu Amor.

Que Deus espalhe Sua Bênção sôbre Mohammed, sêlo da Profecia, para a perfeição de sua profecia; sôbre seus companheiros, Senhores das criaturas; sôbre seus Imâns, que são guias de Verdade e de pobres gentes perante Êle!

Que Deus lhes conceda a todos a paz!

E em seguida:

O Amor (pertence) a Deus.

É a mais acabada, a mais extrema das Estações, o ápice do apogeu dos Graus.

Todavia, certos sábios (**'ulama**) negaram esta possibilidade, dizendo: o Amor não tem sentido fora de seu valor de perseverança no caminho da submissão a Deus — que êle seja exaltado! — Quanto à realidade mesma do Amor, é uma coisa inverossímil, salvo no que concerne certas pessoas e em casos excepcionais.

Ao negar o Amor, êstes sábios negaram a Intimidade, o Desejo ardente, a doçura da Confidência e tudo aquilo a que estamos obrigados quando amamos, tudo o que decorre do amor.

É absolutamente necessário fazer cair o que envolve esta ordem de coisas.

Justamente por esta razão é que vamos apresentar, no presente livro de nossa obra, os textos convincentes da Lei divina relativos ao Amor, à sua realidade e às suas causas.

Em seguida, demonstraremos que ninguém é digno de Amor, senão Deus — que Êle seja exaltado! — Provaremos que o supremo gôzo consiste em contemplar a Deus face à face. Relataremos os motivos pelos quais a alegria de contemplar Deus face à face, no Além, sobrepuja infinitamente o conhecimento que dêle tivermos tido aqui na terra.

Estabeleceremos as razões que fortificam nossa necessidade de amar a Deus; as diversas razões que os homens têm de desejar a Deus; as razões da inaptidão fundamental das inteligências para o conhecimento de Deus — que Êle seja exaltado!

Passaremos então à exposição do valor exato do Desejo ardente; à exposição do Amor de Deus por Seu servidor.

E chegaremos ao versículo do Corão sôbre os sinais do Amor do servidor para com Deus — que Êle seja exaltado!

Estabeleceremos o sentido da Intimidade de Deus. Explicaremos o que proporciona a Intimidade. Citaremos o dizer do Livro de Deus que fixa o valor exato da Satisfação.

Provaremos sua excelência e a seguir sua realidade. Demonstraremos que a oração, o horror do pecado, não contradizem absolutamente a satisfação. O mesmo sucede com os cuidados que empregamos para fugir às ocasiões de desobedecer (aos mandamentos divinos).

Virão, enfim, narrações e frases diversas proferidas pelos Amantes.

A Terra inteira é um pacote de barro sêco, de barro como o corpo do homem. Sejam quais forem os impérios dêste mundo, pelos quais os povos têm tanto respeito, são formados da poeira caída dêsse barro sêco. E esta poeira é um benefício de Deus Altíssimo, uma coisa permitida por Êle.

É, portanto, absurdo amar um servidor dentre os servidores de Deus Altíssimo por seu poder, pela autoridade que emana de sua pessoa, por sua ascendência, por sua grandeza de alma, e não amar a Deus Altíssimo pelos mesmos motivos. Não existe fôrça e poder senão em Deus, o Nobre, o Magnânimo!

Êle é o Dominador, o Vencedor, o Sábio, o Senhor dos Céus, cujo rôlo segura em Sua dextra.

A Terra, o direito de aí possuir algo, e tudo o que nela se encontra, estão encerrados em Seu punho. As mechas de cabelo que ultrapassam a cabeça de tôdas as criaturas, estão prêsas em Seu punho poderoso. Mesmo que Deus aniquilasse estas criaturas, até a última, não faltaria a Seu império sequer o pêso de uma pequena formiga. Se Êle as multiplicasse por mil, essa criação não lhe custaria nenhuma dificuldade.

Pois nenhuma fadiga o esflora, nenhum esfôrço lhe pesa, em Suas manifestações.

Não existe Poder além do Seu. Não existe Poderoso, senão por efeito de Seu Poder.

A Êle, a Beleza, o Esplendor, a Grandeza, a Magnificência, a Fôrça, o Domínio!

Se o homem podia ser tentado a pensar que quem detém o poder é amado pela plenitude de seu poder, que se precavenha de não esquecer que ninguém pode ser amado pela plenitude de seu poder senão Deus e ùnicamente Deus.

No concernente à qualidade que põe ao abrigo dos vícios e das imperfeições, que purifica das baixezas e das torpezas, ela é uma das condições do Amor. É também uma das exigências da beleza, da perfeição das representações ocultas dos Profetas, daqueles cuja fé é profunda. Mas embora êstes últimos fôssem isentos de defeito e de tara, não poderíamos contudo conceber a santidade perfeita, a pureza acabada, senão como provenientes do Único, daquele que é a Verdade, do Rei Santíssimo.

Sòmente a Êle pertence a Majestade! Êle só é digno de veneração!

O ser criado, seja qual fôr, não é imune nem de faltas nem de imperfeições. Antes pelo contrário, sua própria condição é de ser fraco, de haver sido criado do nada, de ser insignificante e de dobrar-se ao pêso das necessidades. É êle que é todo vício, todo deformação.

A Perfeição pertence a Deus, o Único! Todo aquêle que não fôr Êle, só possui a perfeição que Deus lhe atribuiu. Nem é aquêle cuja perfeição foi outorgada que pode fazer a outros a generosidade de uma perfeição acabada.

A Perfeição é um dos menores graus da Onipotência de Deus.

Deus não é um servidor sob a dependência de outro que não Êle. Êle não é auxiliar de ninguém. Atribuir

a perfeição sem defeito a qualquer outro, que não Deus, seria, portanto, um contrasenso.

Pois Êle não tem rival quanto à Perfeição. É Puro de tôda deformação. Está ao abrigo de todo pecado.

Seria demasiado longo enumerar as maneiras que Êle tem de ser Santo, de ser isento, em sua Verdade essencial, de tôda tara. Estas noções formam um dos mistérios das ciências que são reveladas aos Iniciados. Não nos demoraremos em sua consideração.

Em apoio desta observação, acrescentemos ainda que se existe uma beleza e uma perfeição dignas de ser amadas, sua realidade não encontra acabamento senão em Deus...

Por conseguinte, o que é belo é amável.

Mas sòmente é belo, no sentido absoluto da palavra, o Uno que não tem rival, o Único que não tem semelhante, o Eterno que não tem igual, o Rico que não tem necessidades, o Todo-Poderoso que faz o que lhe apraz, que julga como quer.

Ninguém resiste a Seus decretos. Ninguém difere Suas sentenças.

Sòmente é belo o Onisciente, a cujo conhecimento não escapa sequer o pêso de uma pequena formiga nos céus ou na terra; o Vitorioso, de cujo pulso dominador não sairão os pescoços dos orgulhosos. Êste punho dominador se abaterá sôbre os Césares e apanhá-los-á pela garganta.

Sòmente é belo o Eterno, cuja existência não teve anterioridade; O Eterno, cuja duração não terá fim; o Indispensável pelo próprio Ser, em tôrno de cuja presença não adeja sequer a possibilidade de não-ser; Aquêle que vive e se mantém na vida por Si mesmo; pelo qual tôda criatura é mantida na vida; o Senhor Onipotente dos céus e da terra; o Criador dos minerais, dos animais e dos vegetais.

Sòmente é belo Aquêle que possui sòzinho o Poder; que ordena aos Querubins carregadores do Trono; o Único; Aquêle que detém sòzinho o Império; Dispensador de tôda graça, de tôda majestade, de todo esplendor, de tôda beleza, de todo poder, de tôda perfeição; Aquêle cuja majestade ofusca as inteligências ao receberem sua mensagem.

Sòmente é belo Aquêle cuja descrição torna as línguas mudas. O Coroamento da ciência dos iniciados é uma confissão da impossibilidade que existe de conhecê-lo.

E o mais eminente dom de profecia dos Profetas é uma confissão de impotência de fazer sua descrição.

Deus fêz esta revelação a Moisés — a paz esteja com êle!

Mente, sem dúvida, aquêle que alimenta pretensões acêrca de Meu Amor, e adormece longe de Meu Pensamento, desde que a noite envolve com suas sombras.

Todo ser que ama, não aspira ao encontro com o amigo?

Eis-me lá, bem perto, encontrado por aquêle que Me procura[1].

Moisés — paz seja com êle! — disse:

Senhor, onde estás para que me dirija a Ti?

Se partiste com esta intenção, respondeu Deus, tu já chegaste[2].

...Todo aquêle que na terra não tiver amor senão com a esperança das delícias do Paraíso, das Huris, dos Palácios, será admitido no Paraíso. Irá por tôda parte que quiser. Brincará com os jovens e possuirá as mulheres. Mas seus prazeres, no outro mundo se limitarão a isso.

Cada homem só receberá por sua parte de amor a parte que sua alma desejar, a que sua vista saborear antecipadamente.

Aquêle que apenas tem em vista o Senhor da Casa, o Possuidor do Reino, e jamais se deixou subjugar senão por seu amor, em tôda pureza, em tôda verdade, será recebido no Lugar de Verdade, bem perto do Rei Onipotente.

Os Justos viverão na abundância, no meio dos jardins. Levarão uma vida suave no Paraíso, com as Huris e os meninos eternamente jovens.

Quanto aos da intimidade, êstes estarão atentos ùnicamente à divina Presença. Não terão olhos senão para ela. Desprezarão as delícias do Paraíso, dada a mediocridade dos que aí se encontram, preocupados na maioria em satisfazer suas paixões e seus instintos sensuais.

Haverá também na assistência outras pessoas.

---

1 e 2. Cf.: "Consola-te, pois não me procurarias se não me tivesses encontrado". (Pascal, *Pensées*.).

"O Paraíso é um brinquedo de crianças, dizia Bisthâmi... Um só átomo de amor de Deus vale mais que cem mil paraísos."
(Turquestão ocidental, por volta de 1500).

Foi por isso que o Enviado de Deus — que Deus o abençoe e lhe dê a paz! — disse:

A maioria dos habitantes do Paraíso são estúpidos.

Mas, na proximidade de Deus, no mais alto dos Céus (*illiyum*) estão as pessoas de coração.

(Acrescentarei, no que me toca):

Quando a inteligência não é capaz de apanhar o sentido da palavra *illiyum* acontece então algo de grave.

Deus disse (Corão, LXXXIII, 19): Quem te ensinará o que é o *Illiyum*?

Catafalco (tabut) do túmulo de Sidi-Abderrhamã, em Argel.

Santuário e cimitério de Sidi-Abderrhamã, em Argel.

SIDI 'ABDERRAHMAN[3]

Os Méritos da Recitação do Corão

El Ghazali disse, no livro da Meditação (*tafakkur*):

Para atingir a via da contemplação que leva às ciências cujos frutos são a posse dos Estados gloriosos simultâneamente com a preservação dos atributos indignos, nada existe de mais eficaz que a recitação atenta do Corão.

Esta recitação atenta é meritória para todos os atributos e para todos os estados.

Existe, no Corão, uma meditação salutar para os que sabem.

É o Corão que inspira o temor e a esperança, a resignação e a ação de graças, o amor e o desejo ardente, e os outros estados gloriosos.

Êle possui aquilo que preserva dos atributos indignos.

É absolutamente necessário que o servidor o leia, repetindo o versículo que precisa ser repetido tantas vêzes quantas fôr necessário, embora deva passar assim a noite inteira.

A leitura de um único versículo, colocando nêle todo o coração, a fim de penetrar-lhe perfeitamente a substância íntima e apanhar-lhe o sentido completo, vale mais que sua leitura de cabo a cabo, mas sem reflexão nem esfôrço de compreensão.

Com tôda a certeza, cada palavra do Corão encerra segredos em número incalculável.

Não podemos nos deter ùtilmente nela senão com a subtileza compreensiva vinda de um coração puro depois de obras sinceras.

O exame atento das Tradições do Enviado de Deus — Deus espalhe sôbre êle Suas bênçãos e o conserve em paz! — assim o quer.

Foi-lhe feito o presente generoso das palavras substanciais.

Cada palavra é um mar dos mares da Sabedoria.

Quando aquêle que sabe meditou-a, como ela precisa ser meditada, sua atenção não logrará mais se desprender dela enquanto viver.

---

3. Sidi 'Abderrahmân al-'Tsa'âlibî, patrono de Argel (1385-1470). *Jawahir*. Tradução de G. Laurès.

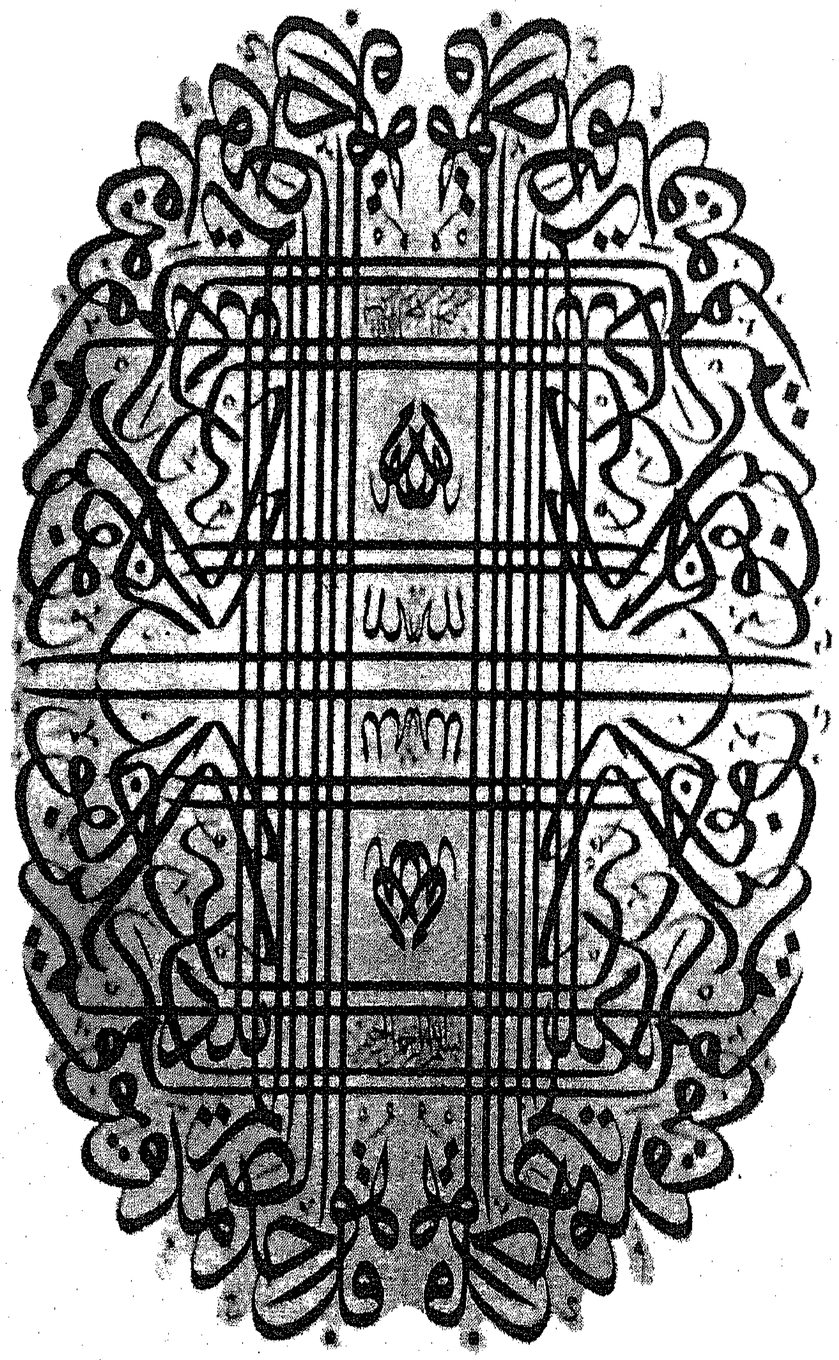
O comentário pormenorizado dos Versículos e das Tradições não acabará.

Recorda as palavras do Enviado de Deus — Deus espalhe sôbre êle Suas bênçãos e o conserve em paz! —:

Em verdade, o espírito de santidade soprou em meu coração.

Por mais que tu prezes, deverás abandoná-lo. Vive como te agradar, pois deverás morrer.

Faze o que te canta e terás a justa retribuição.



Composição caligráfica que repete quatro vêzes a surata 112 do Corão:
Dize: Allah é o Único, Allah é o Eterno!
Êle não engendrou e não foi engendrado.
Êle não tem rival.

'OMAR IBN AL FARIDH

«Sultão dos Amorosos»

O maior poeta místico árabe, Ibn al' Faridh, nasceu no Cairo e aí morreu em 1235. *Seu poema mais célebre é a* Khamriya, *élogio do vinho, do amor divino e da gnose. O mais longo e doutrinal de seus poemas é o* Nazm al suluk *ou grande ta'iya, sôbre a realização metafísica e o itinerário espiritual segundo o método çufi. Tôdas as qacidas e dísticos que escreveu são de estilo extremamente requintado, cheio de trocadilhos e de alitera-ções sábias, que se revelam não apenas conciliáveis com a expressão das idéias místicas, mas como favorecendo-a até pelas irisações que provocam as correspondências entre o visível e o invisível. Aliás, o "arabesco", na pintura, na escultura decorativa e na música é também uma sábia modulação entre o Ser e o não-ser que, poderíamos dizer, sugere o nada fundamental juntamente com as delícias do mundo sensível, manifestação da única Realidade, donde tira tôda a existência.*

Foram comentados alegòricamente por numerosos intérpretes. Acham-se aí os temas fundamentais da unidade da existência, da união transformante pelo Conhecimento e pelo Amor, da própria renúncia aos carismas e aos fervores sensíveis (sublinhada por Asin Palacios na escola chadilita que teria podido influenciar neste ponto os místicos espanhóis cristãos), inseridos nos temas habituais da poesia profana, do amor "odrita", platônico, da recriminação, do censor, da servidão de amor, do sonho, do amor devastador e transfigurador, dos quais alguns se encontram também nos trovadores occitanos.

O plano da maioria das gacidas (de uns cinqüenta versos em média) não tem nada de rígido. Começam por um verso que evoca um tema nostálgico ou resume a idéia dominante, a tonalidade geral, como num grande acorde beetoviano. Mas as idéias se sucedem, sem ordem discursiva apreciável, podendo até muitas vêzes serem separados os versos, como as pérolas de um colar desfeito.

Eis alguns dos mais característicos do grande poeta, inigualado num gênero freqüentemente imitado, e da poesia mística árabe em geral.

Bebemos à memória do Bem-Amado um vinho que nos embriagou antes da criação da vinha.

É uma limpidez e não é água, é uma fluidez e não é ar, é uma luz sem fogo e um espírito sem corpo.

Seu Verbo pré-existiu eternamente a tôdas as coisas existentes, quando ainda não havia nem formas nem imagens.

É por Êle que aqui subsistem tôdas as coisas. Mas elas o velam com sabedoria a quem não compreende.

...Se te embriagas com êste vinho, mesmo por espaço de uma hora, o tempo será teu escravo e tu deterás o poder.

Não chegou a viver quem viveu na terra sem se embriagar e é destituído de razão aquêle que não sucumbiu de embriaguez.

Meu coração me diz que és tu meu assassino. Seja minha alma teu resgate! quer saibas quer não.

...Só possuo minha alma (ou minha vida). Aquêle que der sua alma por amor não é pródigo.

Se o aceitares, terei alcançado, com teu auxílio, a finalidade que doutra forma não teria logrado.

...A paixão persiste e a união se faz esperar; perde-se a paciência e o encontro é retardado.

...Se não existe união contigo, promete-a pelo menos à minha esperança, e difere, se prometeste para não manter.

...Eu corro para os sopros do zéfiro a fim de me distrair, mas meu olhar só aspira ver a face daquele que lhes forneceu o perfume.

...Que importa que êle pareça se afastar. Aquêle que eu amo está comigo; embora êle se ausente da pupila de meus olhos, permanece contudo em mim!

Mostra a galanteria mais orgulhosa, pois tens direito de o fazer; conduze-te como tirano; a beleza te conferiu êsse poder...

Se minha perda deve me unir a Ti, ah! faze então com que ela chegue depressa! Que eu seja teu resgate!

Experimenta tanto quanto quiseres meu amor; a escolha que fiz é de te contentar.

Místicos num jardim (séc. XV).
(Bodleian Library. Oxford. Ms. Elliot 339, f. 95 v.)

...Estás presente em mim mesmo em tua ausência, e em tua crueldade eu sinto uma ternura.

Amo a noite em que pude capturar tua vagabundagem, meu sono foi a rêde de que me servi para te apanhar.

A lua cheia substituiu para meu olhar acordado a imagem de tua face; em tôda forma estranha tua aparição refrescou meus olhos. Vi sòmente a Ti.

Toma o resto do que deixaste de mim: não existe bem no amor que deixa uma gôta de sangue sequer no coração...

Boas vindas àquele de cuja visita eu não sou digno! A palavra do mensageiro é: Após o desespêro, a libertação.

A ti a boa nova! Tira o que está sôbre ti. Apesar de tuas imperfeições fôste citado, no alto.

É Êle o Amor! Poupa tuas entranhas. A paixão não é coisa fácil e sem perigo. É acaso senhor absoluto de sua razão aquêle que a escolheu?

Vive livre; o repouso do amor é uma fadiga, seu começo uma doença e seu fim a morte.

Para mim, porém, a morte por amor é uma vida; dou graças à minha Bem Amada por me haver oferecido...

Se queres viver feliz, morre mártir. Pois do contrário o Amor saberá achar outras vítimas.

Se Ela desdobrasse meu corpo, veria aí tôda a substância, nela todo o coração, e neste todo o amor.

Com Ela um ano equivale a uma piscadela, mas o instante em que Ela se volta é para mim um ano.

Foi o lampêjo de um relâmpago que brilhou na planície?

Foi um facho que se acendeu nas alturas do Nejd?

Ou foi acaso Laïla a Amiriya que, ao retirar seu véu, transformou o crepúsculo em aurora?

O amor é tôda a vida. Perecerás dêle. É teu quinhão morrer dêle, e tua desculpa.

JAMI

O Tesouro Escondido e a Dialética do Amor

Jami (Djami), o grande poeta persa, falecido em Herat em 1492, agrupa em tôrno dos amôres de José e da mulher de Putifar, em Yussuf et Zuleika *(trad. Bricteux, 1927, Librairie Orientaliste Paul Geuthner), tôda sorte de anedotas, de efusões e de definições místicas. Exprime a partir do hadits "sagrado": "Eu era um tesouro escondido...", a dialética çufi da manifestação e reencontra a dialática platônica do amor:*

A Beleza absoluta, livre do laço das aparências, não se manifestava senão a si mesma e por sua própria luz... Num espelho jamais refletira sua face; o pente nunca puxara sua cabeleira. Seu olhar ignorava a poeira do khol. Jamais rouxinol algum vizinhara com sua rosa, cuja frescura nenhuma môsca realçara. Nenhum olhar a contemplara ainda, mesmo em imaginação. Contava para si sua beleza e jogava com ela o jôgo do amor.

Mas a beleza não pode suportar permanecer ignorada atrás da cortina; um rosto belo tem horror ao véu e, se tu lhe fechas a porta, tentará aparecer na janela. Vê como a tulipa, no cume da montanha, rompe com sua haste o rochedo ao primeiro sorriso da primavera, e nos revela sua beleza. E tu mesmo assim procedes quando desponta uma idéia rara em tua alma. Tornas-te obsecado por ela e sentes necessidade de exprimi-la pela palavra ou pela escrita. Tal é o impulso natural da beleza em tôda parte onde ela existe. A Beleza eterna teve de se lhe submeter e emergiu das santas regiões de mistério para brilhar sôbre os horizontes e sôbre as almas. Um raio emanado dela se difunde sôbre a terra e os céus. Ela se revelou no espêlho dos sêres... Todos os astros que constituem o universo tornaram-se outros tantos espelhos para refletir cada um determinado aspecto do eterno esplendor. Uma parcela de seu brilho caiu sôbre a rosa, que tornou o rouxinol louco de amor. Seu ardor se comunicou ao facho onde vieram se queimar mil falenas... A ela deveu seus encantos Leïlá.

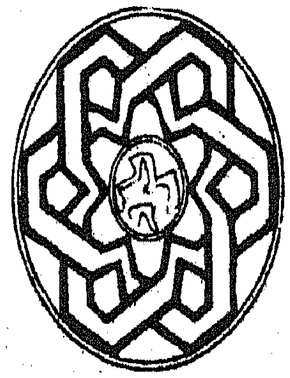
O poeta-místico Jami, sentado entre os amigos.
(Miniatura atribuída a Behzad. Coleção Bernard Berenson).

Cada cabelo seu prendeu o coração de Mejnun. Foi ela que conferiu aos lábios de Chirîn a suavidade que arrebatou Pervîz e Ferhâd, e à lua de Canaã (José) a doce luz que endoideceu Zuleika. Tal é a beleza que transparece através do véu das belezas terrestres e arrebata todos os corações apaixonados. É o amor por ela que vivifica os corações e fortalece as almas. No fundo é só por ela que está apaixonado todo coração amoroso, quer se dê conta, quer não...

...Assim como a beleza, também o amor que se manifesta em ti emana dela. Se a consideras atentamente, ela é o espelho, ela é simultâneamente o tesouro e o escrínio. Aqui o eu e o tu estão deslocados, pois não passam de aparências vãs. Cala-te, pois nenhum gênio logrou tratar dignamente êste assunto ilimitado. Limitemo-nos a amar e a sofrer em silêncio, pois sem isto somos apenas um nada. O coração isento do mal de amor não é verdadeiro coração; o corpo privado do sofrimento do amor não passa de água e limo... É a inquietação amorosa quem dá ao universo o movimento eterno; é a vertigem de amor que faz girar as esferas.

Se quiseres ser livre, torna-te cativo de amor. Se quiseres alegria, abre o peito ao sofrimento de amor. O vinho de amor dá calor e embriaguez; em sua ausência impera o egoísmo glacial... Podes colimar muitos ideais, mas sòmente o amor te livrará de ti mesmo... É a única via que conduz à verdade...

Ouvi dizer que certo discípulo foi procurar um xeque, a fim de lhe pedir que o guiasse na senda espiritual, a que o ancião lhe respondeu: "Se teu pé não palmilhou nunca o sendeiro do amor, vai e trava primeiro conhecimento com o amor para depois vir ter comigo. Sorve antes a taça do vinho das aparências, se quiseres saborear depois o trago do licor místico; mas não te demores na mansão das aparências; passa depressa esta ponte se pretendes alcançar o alvo supremo".



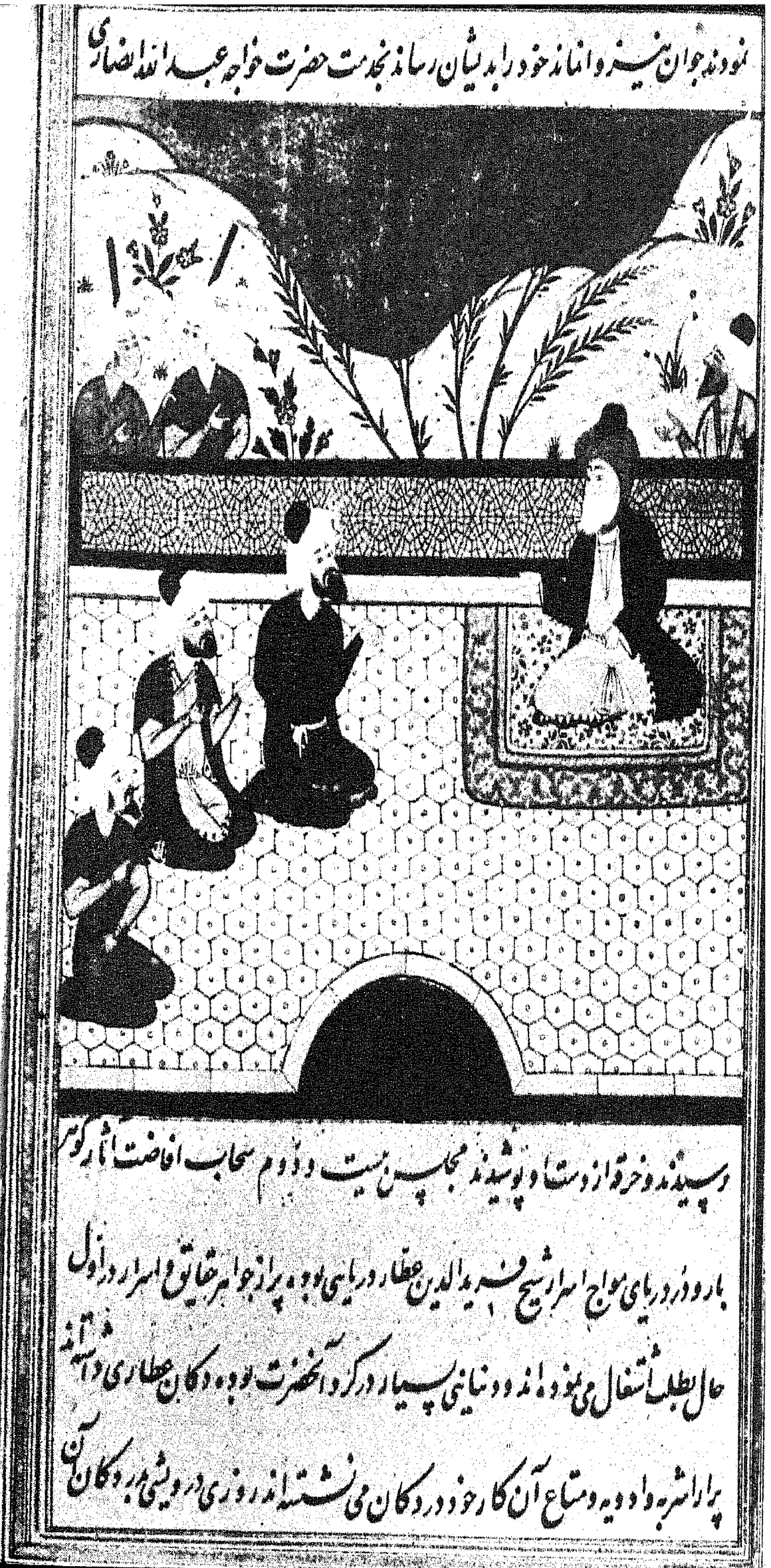
FERIDEDDIN ATTAR

A Linguagem dos Pássaros

Eis a que chegou, sob a pena dos grandes poetas persas do século XIII, seiscentos anos depois da Héjira, a metafísica da Unidade, elaborada pelos çufis, inspirados em certos versículos corânicos no clima dos impérios conquistados sob a influência das ciências extraídas dos ascetismos das noções e vocabulários filosóficos herdados dos gregos e sem dúvida também dos indus vindo aliás entroncar-se com matizes próprios muito surpreendentes, nas tradições da experiência espiritual universal.

O poema de Ferideddîn Attar (Mantic uttaïr, Linguagem dos Pássaros), *falecido em Nichapur ao tempo da conquista mongol, evoca, com numerosos episódios pitorescos, dramáticos, líricos ou elegíacos, diálogos, reflexões teóricas, as revoadas misteriosas dos pássaros que a Poupa dirige em busca do Simurg da Essência absoluta através dos diversos vales místicos até alcançar os da aniquilação e da unificação. Foi traduzido em* 1857 *por Garcin de Tassy.*

Como colocasse a terra sôbre o dorso de um touro, o touro está sôbre o peixe e o peixe no ar. Mas o ar sôbre que repousa? Sôbre nada; mas nada não é nada, e tudo isto é nada. Admira a obra dêste rei, embora êle mesmo não a considere senão como puro nada. Com efeito, uma vez que sòmente existe Sua essência (por Si, em Realidade), fora dela não há certamente nada. Seu trôno está sôbre a água e o mundo está no ar; mas não te preocupes com a água e o ar, pois tudo é Deus. O Trôno e o mundo são apenas um talismã. Deus é tudo isto e estas coisas possuem apenas um valor nominal. (Deus é o Ser real e a realidade da Existência, do qual os sêres tiram o ser.) Saibas que êle compreende o mundo visível e invisível. Não existe (como Ser absoluto) senão êle e o que provém dêle. Mas, infelizmente! ninguém tem possibilidade de vê-lo. Os olhos são cegos, embora o mundo esteja iluminado por um sol brilhante. Se conseguires percebê-lo perderás a sabedoria; se o virdes completamente, te perderás a ti mesmo... Tu que ninguém percebe embora te dês a conhecer, todo o mundo é tu, e nada fora de ti é manifesto. (O mundo



O poeta místico e hagiógrafo Feriddin Attar. (séc. XVI, Bodleian Library, Oxford. Ms. Ouseley add. 24, f. 78 verso).

é a manifestação dos atributos divinos). A alma está escondida no corpo e tu estás oculto na alma. Tu que estás oculto no que é escondido, ó alma da alma, és mais do que tudo e antes de tudo. Vemos tudo por ti e te vemos em tôdas as coisas... Apesar de sêres um tesouro escondido na alma, és, contudo, manifesto tanto na alma como no corpo... Tu que estás no interior e no exterior da alma, tu não és e ao mesmo tempo és tudo o que digo...

...A ciência e a ignorância são aqui uma coisa só, pois êste ser não pode ser explicado nem descrito. Deves conhecer Deus por Si mesmo e não por ti; é Êle que abre o caminho que conduz até êle e não a sabedoria humana... Aniquila-te, pois tal é a perfeição. Renuncia a ti mesmo; é o penhor de tua união com Êle, e eis tudo...

...Muitas pesoas conhecem a superfície dêste oceano, mas ignoram a profundidade. Ora existe um tesouro nessa profundeza e o mundo invisível é o talismã que o protege, mas êsse talismã dos entraves corporais será um dia quebrado. Encontrarás o tesouro quando o talismã houver desaparecido; a alma se manifestará quando o corpo fôr pôsto de lado. Mas tua alma é outro talismã; ela constitui para êste mistério nova substância. Caminha na estrada que eu te indico e não peças explicação; não solicites remédio para semelhante doença... Ó Deus, quem é infinito senão tu? Quem como tu é sem limite e sem fronteiras? Eu estou no oceano agitado do mundo. Ah! retira teu servidor dêsse mar que lhe é estranho! Tu mesmo me precipitaste nêle; retira-me, pois. A concupiscência apoderou-se inteiramente de meu ser. Se não me tirares pela mão, que será feito de mim?... O bem vem de ti, mas o mal de mim... Crentes e descrentes estão igualmente imersos no sangue; gira-lhes a cabeça e estão desnorteados. Ah! sê um guia!... Quem teve a felicidade de entrar na Via desgostou-se de si e perdeu-se em ti...

Tu cuja ternura é semelhante à das mães!... Tu que és cheio de ternura para com os filhos de tua Via, lança um olhar benévolo sôbre os que estão submersos. Apiada-te de nosso coração cheio de angústia; vem em nosso socorro vendo que as águas nos arrastam!

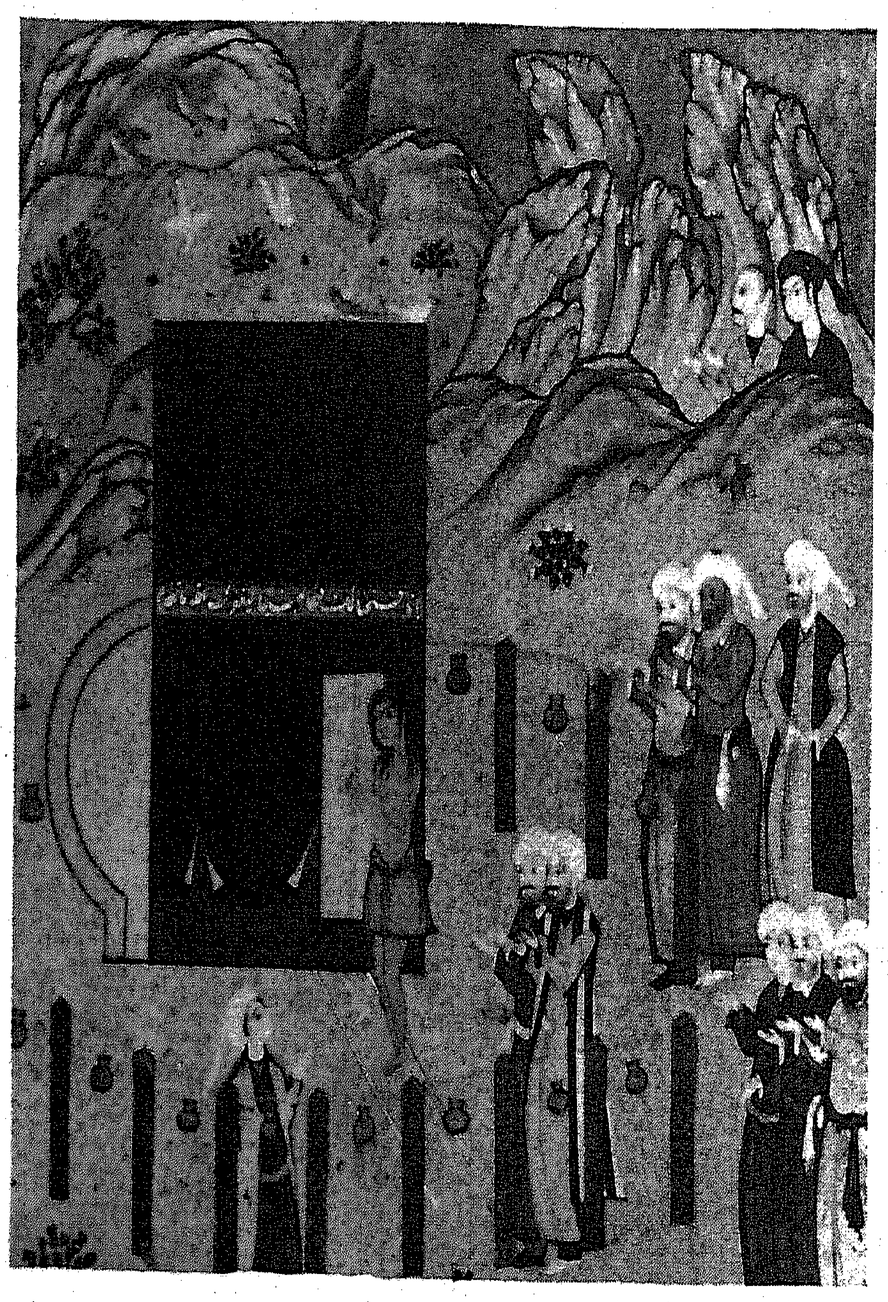
(*Os desejos e coragens dos pássaros empenhados na busca são desiguais. O rouxinol se contentaria com o amor da rosa perecível; o periquito não procura senão a água da imortalidade e o pavão só deseja as alegrias do paraíso. A Poupa proclama sem cessar que o verdadeiro alvo está no além*).

Admira teu Rei em teu próprio coração. Vê seu trôno num átomo. Tôda aparência é apenas a sombra misteriosa do Simurg. O Simurg não é distinto de sua sombra. Ambos coexistem. Procura-os, portanto, reunidos, ou melhor deixa a sombra e encontrarás então o segrêdo. Se a felicidade te secundasse haverias de ver o sol nesta sombra; mas se viesses a te perder nesta sombra, de que maneira conseguirias obter o Simurg?

O SIMURG E O DRAGÃO
O Simurg simboliza a Essência e o Dragão deve representar os obstáculos deparados na via iniciática seguida pelos pássaros. (Turquestão ocidental, 1400).

Copeiro, enche minha taça com o sangue de meu coração e se não houver mais dá-me então a bôrra que resta. O amor é uma dor cruel que tudo devora. Ora êle rasga o véu da alma, ora o recoze. Um átomo de amor é preferível a tudo o que existe entre os horizontes. O amor é a medula dos sêres, mas êle não existe sem dor...

Todo o que nasce, morre... Fôste alimentado para morrer, fôste trazido para êste mundo para depois sêres arrebatado. O céu é como um prato de cima para baixo que cada tarde é mergulhado no sangue pelo efeito do crepúsculo. Dir-se-ia que o sol, armado de um sabre, está encarregado de decepar tôdas as cabeças que estão sob o prato. Puro ou impuro, não passas de uma gôta de água misturada com a terra. Por que haverias de disputar ao oceano essa gôta d'água que não passa de sofrimento? Mesmo que tivesses governado neste mundo



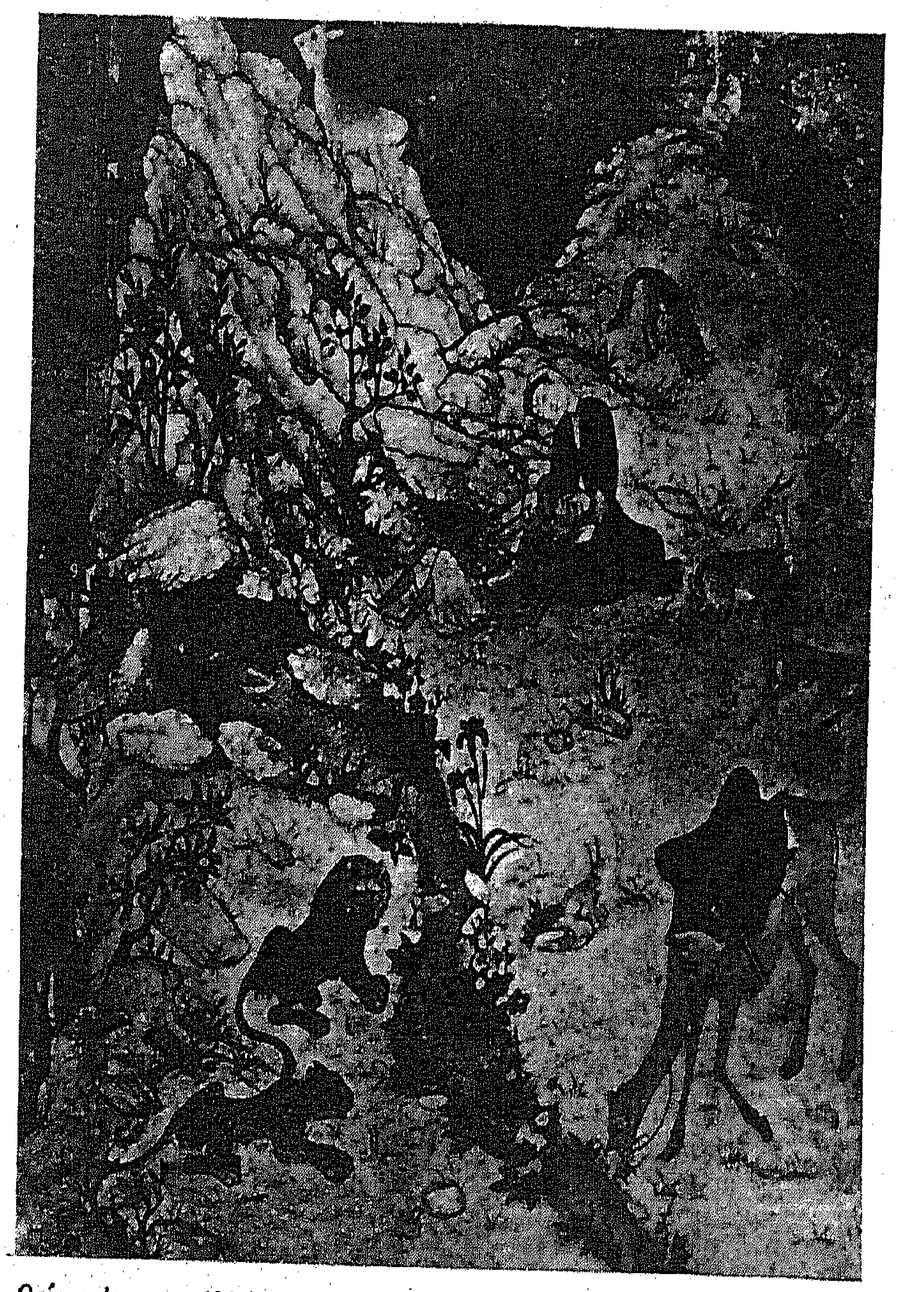
Mejnun o Louco de Leïlá realiza os circuitos processionais (thawaf) em tôrno da Ka'ba (Ms. persa, B. N.).

durante a vida inteira, entregarias tua alma em meio à aflição e aos gemidos...

Mejnûn (*o Doido de Leïlá, que errava no deserto, desvairado pelo amor de sua prima, transformado depois em modêlo do amor odzrita, amor platônico dos Banû Odzra, que morriam quando amavam*), Mejnûn foi avistado um dia a peneirar a areia com as mãos. "Que procuras assim? perguntaram-lhe. — Procuro Leïlá. Esperas destarte encontrar Leïlá? Uma pérola tão pura estaria acaso nesta poeira? — Busco Leïlá por tôda parte, replica Mejnûn, na esperança de a deparar um dia em algum lugar".[4]

---

4. *Dois versos célebres*:
Não digas que sua morada está no Oriente do Nejd, pois todo o Nejd é para a Amirrya (*Leïlá, da tribo dos Banu Amir*) u'a mansão.
Existe um pouso para Ela ao pé de cada ôlho d'água; e um vestígio seu perto de cada acampamento abandonado.



Qais enloquece (Mejnun) e morre de amor por sua prima Leïlá. "Quem permanece casto e morre de amor, morre mártir." diz um hadits atribuido ao profeta (Irã, séc. XVI).

(Os pássaros no vale da unificação):

Enxergas duplo? Verias diversos objetos ao mesmo tempo se não fôsses vêsgo? Lá, a vista do homem não percebe nada de acessível aos sentidos. Não existe ali nem ka'ba nem pagode. Aprende a doutrina verdadeira: a existência eterna do Ser infinito. Não se deve ver ninguém além dêle, nem tampouco reconhecer como permanente nenhum outro. Estamos nêle, por êle e com êle...

Enquanto viveres individualmente, o bem e o mal te acompanharão. Mas quando te perderes (no sol da essência divina), tudo será amor... A serpente e o escorpião estão em ti, atrás do véu, adormecidos, mas por pouco que o toques, cada um dêles terá a fôrça de cem dragões. É assim que existe para cada um de nós um inferno cheio de serpentes. Se não agires, êles agirão infernalmente. Se te premunires contra êsses animais imundos, dormirás pacìficamente sôbre a terra; caso contrário as serpentes e os escorpiões te morderão com violência, mesmo sob a poeira do túmulo, até o dia das contas.

Ao penetrar nesse vale, o viajante desaparece com a própria terra que calca aos pés. Perder-se-á, pois o Ser único se manifestará; ficará mudo, pois Êste Ser falará. A parte se transformará em todo; ou antes não será nem parte nem todo. Quem encontrou algo dêste segrêdo volta a cabeça do reino dos dois mundos; mas tal indivíduo não se acha no mundo e acaso encontra-se aí o odor dêsse segrêdo? O ser que eu anuncio não existe isoladamente; o mundo inteiro forma êste ser; a existência ou o nada é sempre êste ser.

Sòmente trinta pássaros chegam até lá e encontram, como Fénix, no aniquilamento, o comêço de uma nova existência. A sombra se perde no sol; não há mais guia nem viajantes; o próprio caminho deixa de existir.

Como poderiam subsistir as figuras traçadas na superfície quando o oceano da imensidade entra a agitar suas vagas? Tais figuras outras não são que o mundo presente e o mundo futuro... Aquêle cujo coração se perdeu nesse oceano, está perdido para sempre e aí descansa em repouso. Não encontra neste mar calmo senão o fana'[5]. Se jamais lhe fôr permitido regressar desta

5. *Vale do fana', extinção, aniquilamento, "nirvana".*

aniquilação, conhecerá então em que consiste a criação e muitos segredos lhe serão desvendados...

...O pau de aloés e a lenha para aquecer postos ao fogo se reduzem ambos à cinzas. Sob duas formas, não passam, com efeito, de uma só coisa, embora suas qualidades sejam bem distintas. Um objeto imundo tomba em vão num oceano de água de rosa, pois se conservará no aviltamento por causa de suas qualidades específicas. Mas se uma coisa pura cair nesse oceano, perderá sua existência particular; participará da agitação das ondas dêsse oceano. Deixando de existir isoladamente será bela daí por diante. Ela existe e não existe. De que modo isso pode acontecer? É impossível ao espírito concebê-lo.

IBN 'ARABÎ

O grande esoterista do século XIII, Mohyieddin Ibn'Arabî, perscruta nas Revelações de Meca, Futuhât al Makkiyât (*Bulaq,* 1270/1854, II, 408) *o sentido metafísico do* sama' (*audição, música*), *donde deriva o papel místico e iniciático da poesia e do concêrto espiritual.*

A origem da existência é nossa audição de Seu *fiat* (kun)... A primeira coisa que ouvimos da Verdade foi Sua Palavra, da qual resultou a Existência. Assim sucede na Via (mística); quando há um sama' cuja audição não produz êxtase ou então o êxtase não realiza a unidade existencial, êste sama' não é verdadeiro, daquela categoria à que se referem as pessoas de Deus. Quando Deus diz a uma coisa ainda não existente: "Kun! Faça-se!" é o que realizam as pessoas do sama'. A palavra que ouvem e que produz o êxtase unificador enchendo-lhes o coração do conhecimento divino corresponde ao *fiat* que deu origem à sua existência. (*Wujûd,* existência; *wajd,* êxtase). Para êles o êxtase precede a existência... O sama' "geral", transcendente, pode ser divino, espiritual ou natural. O primeiro é o dos segredos. Por êles tudo o que existe vem das Palavras divinas e as Palavras divinas não podem passar. Correspondem-lhe audições que também não podem cessar. Estas audições realizam-se em seu "segrêdo" (*sirr,* ponta fina da alma) pela própria existência das Palavras. Deus disse: "Cada vez que lhes vem da parte do Senhor uma Palavra que exprime, êles escutam". Essa "estação" do *sama'* à qual

Dansarinos possuídos do "encanto" (o idjeb) lançam-se por terra sustentando o corpo com os braços...
(Bodleian Library, Oxford).

nem todos logram acesso e que outros ultrapassam, corresponde aos Nomes de Deus, que são inumeráveis. Há uma língua para cada Nome e uma palavra para cada língua. E a essência é a mesma tanto do que Diz como do que escuta. Quando há um chamado nós acorremos. Assim disse êle: "Pedi-me e eu vos atenderei". Êle nos ouve, e após a prosternação da oração, dizemos: "Deus ouve quem o louva". Uns falam por Deus, outros por si mesmos, mas no fundo dá no mesmo pois na Existência só há Deus; Deus só diz e ao mesmo tempo escuta — seja exaltado!...

O sama' espiritual consiste na ação das penas divinas sôbre o livro da existência. A existência é uma fôlha desdobrada e o mundo é um livro; as penas falam, as inteligências ouvem, as palavras se inscrevem e tornam-se atestação e a essência da atestação é a essência da compreensão...

O Sama' natural é baseado em quatro realidades. A natureza é quaternária com sujeitos e objetos, ativos e passivos; há quatro direções, quatro humores a que correspondem quatro sons musicais fundamentais que os põem em movimento e proporcionam o gôzo musical. A fruição dêstes sons e seu efeito sôbre os caracteres têm

Mohammed Tabadkàmi em êxtase, a dansar ao som de tambores e da flauta.
(Bodleian Library, Oxford. Ms. Ouseley add. 24, f. 119).

sua raiz no Verbo divino. Quem ouve um som que concorde com seu temperamento não consegue furtar-se à sua influência.

Os foqaha (plural de fiqh, jurista) vão acaso proibir-nos ouvir o canto dos pássaros? pergunta 'Abdelghanî al-Nâbolosî (idhâh al-dilalât, Damasco, 1302/1885), comentarista, no século XVIII, do grande poeta místico Ibn al-Fâridh.

A música só é ilícita quando se transforma em distração vã e esquecimento de um dever. Não se tem direito de condená-la em si, nem de julgar arbitràriamente os que a amam. (Heidegger fala também numa música que "distrai" e numa música que faz "encontrar"). Existem, aliás, distrações lícitas e que podem oferecer ensejo para uma ação de graças pura e boa. O prazer da música serve para afastar dos prazeres grosseiros os que não são capazes de se contentar com a pura alegria divina. Se ilícita quando perturba as almas e incita à devassidão, permitida e indiferente noutros casos, ela é recomendável pelo çufi sincero que ela excita ao amor de Deus.

JALALEDDIN EL-RÛMÎ

e a Dansa Extática

Jalaleddin el-Rûmî, o célebre fundador dos Mevlevis ou dervixes rodopiantes, cujo túmulo Maurício Barrès foi visitar em Konia (Anatólia), nascido em Balkh em 1207, faleceu em Konia em 1273, ao tempo dos Seldjukidas, após longa vida consagrada à poesia, à música e à dansa extática. Sob a influência de um iniciador bastante misterioso, Chemseddin de Tebriz, praticou a dansa circular astral, espécie de valsa a seis tempos com orquestra compreendendo especialmente a flauta travêssa, o alaúde e o violino; até então dansara com contorsões do corpo e movimentos dos braços, sem dúvida um pouco à maneira dos Rifa'is. Seus discípulos desenvolveram no mais alto grau a cultura musical sendo seu repertório notado em parte pelo musicólogo turco Rauf Yekta bey. Êle próprio, conforme afirmam os biógrafos, era capaz de rodopiar horas e dias inteiros. Conserva-se a história do batedor de ouro a cujo ritmo o santo entrara em êxtase dansante, e que continuou a bater até destruir sua fôlha de ouro, a fim de não interromper o "estado" de Jalaleddin.

Dansa de dervixes em Constantinopla.

Jadaleddin el-Rûmî e o batedor de ouro (séc. XVI. Bodleian Library. Ms. Ouseley add. 24 f. 78 verso).

Indubitàvelmente de origem turca, compôs, entretanto, em persa, numerosos poemas, entre os quais o Dîwân Chemsitebriz *e o famoso* Masnavi, *que compreende* 26.000 *dísticos rimando dois a dois.*[6]

Nossas músicas são o éco dos hinos que as esferas cantam em suas revoluções... O que os homens tentam reproduzir com o auxílio dos alaúdes e da voz é o canto dos mundos que evoluem. Todos nós ouvimos já estas melodias sublimes no paraíso que perdemos, e embora a terra e a água nos tenham acabrunhado, conservamos, todavia, a lembrança dos cantos do céu. Quem ama alimenta o amor ouvindo música, pois a música recorda-lhe as alegrias da primeira união com Deus...

...Escuta a flauta de caniço, o que ela conta e os queixumes que profere a respeito da separação; desde que me cortaram, diz ela, nos caniços do pântano, homens e mulheres choram por minha voz. Meu coração está dilacerado pelo abandono; isto é para que eu possa exprimir as tristezas do desejo. Tôda a pessoa que está distante de sua origem busca o tempo em que de novo se opere a reunião... O lamento da flauta é feito de fogo e não só de ar. Quem fôr desprovido dêsse fogo é como se estivesse morto. É o fogo do amor que inspira a flauta... A flauta é a confidente dos amantes malfadados. Ela pôs a nu meus segredos mais íntimos. Quem jamais viu veneno e antídoto semelhante à flauta?...

Levanta-te, filho! quebra as cadeias e te liberta. Quanto tempo permanecerás prisioneiro da prata e do ouro?... Salve, Amor, doce loucura! Curas tôdas as nossas enfermidades, és o cirurgião de nosso orgulho e de nossa presunção, és nosso Platão e nosso Galeno. O amor exalta os corpos terrestres para o céu e faz dansar com alegria até as próprias colinas... Se meu Bem-Amado me tocar apenas com os lábios, também eu, como a flauta, desferirei em melodias. O Bem-Amado está todo em tudo, sòmente o amante o vela. O Bem-Amado é tudo o que vive, o amante, uma coisa morta... O amor deseja que

6. *Masnavi i Masnavi, the spiritual couplets of Maulâna jalâl-d-dn. Muhammed i Rûmî,* translated and abridged by E. H. Whinfield Londres, 1887 e 1898. — Trad. inglêsa do Livro I por Redhouse, 1881; do Livro II por Wilson, 1910. — Cf. Browne, *A literary history of Persia,* II, 515; C. Huart, *Koniah, la ville des Derviches torneurs,* 1897; Barrès *Une enquête aux pays du Levant,* 1923, II, cap. 4.

seu segrêdo seja revelado, pois se um espelho não reflete bem então para que serve? Sabes por que motivo teu espelho não reflete nada? É porque a ferrugem não foi limpada. Se tivesse sido purificado de tôda ferrugem e de tôda impureza, refletiria o esplendor do sol de Deus...

...O amor é o astrolábio dos mistérios divinos. Um amante pode desejar tal ou tal amor, mas no fim é atraído para o Rei do amor.

...Feliz da alma que por amor de Deus abandonou família e riqueza, destruiu sua casa para encontrar o Tesouro escondido, e com êsse tesouro reconstruiu-a mais bela ainda... Sim, a questão da religião se resume na loucura, não a que provém do desvio de Deus, mas a que vos mergulha e vos absorve n'Êle.

Foi na palavra divina que deu o ser às coisas, fê-las sair do nada fazendo-as depois retornar a êle. Êle fala ao ouvido da rosa e ela desabrocha. Fala à tulipa e ela flori.

Um homem bateu à porta do Amigo. "Quem está lá? — Sou eu. — Aqui não há lugar para dois, respondeu a voz". O homem torna a partir e passa um ano na solidão. Quando volta: "Quem está lá? diz a voz. — És tu, Bem-Amado. — Já que sou Eu, então entro! Não há lugar para dois "eu" numa casa.

Uma vez que o não-ser é o espelho do Ser, sendo sábio, escolherás a abnegação... O não-ser e o imperfeito são os espelhos da Beleza em todos os sêres. Não-ser é límpida essência filtrada na qual todos os sêres são infundidos. Os defeitos são os espelhos dos atributos da Beleza. O imperfeito é o espelho do Sublime e Glorioso Uno. Pois um contrário leva a enxergar seu contrário, como a doçura do mel se mostra pela acidez do vinagre. Quem reconhecer e confessar os defeitos avançará ràpidamente na via da perfeição. Mas não avançará para o Onipotente aquêle que se julgar perfeito. Doença pior não pode infestar a alma que a de se julgar perfeito. Derrama lágrimas de sangue de teus olhos e de teu coração até expulsar de ti tôda auto-satisfação. O êrro de Iblis consiste em dizer: "Sou melhor que êle (Adão)". Fraqueza idêntica se esconde na alma de tôdas as criaturas.

(O amor que aspira durar e comporta a constância, não pode se satisfazer com fórmulas perecíveis).

Ó amante da luz do Sol, não dês teu coração às pedras do muro que a reflete. Distingue a verdadeira aurora da falsa. Distingue a côr do vinho daquela da taça... O genuíno Operário está oculto em sua oficina. Entra nessa oficina e contempla-o face a face. Dado que sua obra estende um véu sôbre êste Operário, não podes vê-lo fora da obra. Uma vez que a oficina é a morada do Sábio Único, todo aquêle que o procurar fora daí haverá de ignorá-Lo. Vai, portanto, à oficina, que é perecível, a fim de que possas ver, ao mesmo tempo, o Criador e a criação... O escravo dos sentidos que anima o próprio corpo imagina que seu inimigo é outro homem, quando o verdadeiro inimigo é seu próprio corpo. Quem triunfar dêste inimigo estará em paz com todos os homens.

(O amor sincero reside no louvor mais perfeito, e as concepções discursivas que os sábios formam de Deus são apenas menos inadeqüadas que as mais grosseiras. Um pastor ignorante dizia a Deus: "Onde estás para que possa te servir? Quero remendar teus calçados e pentear teus cabelos. Trarei do meu melhor leite... "—Infiel!" disse-lhe Moisés que por lá passava. "Isto são tolices ímpias. Deus não precisa disso. Equivale a insultá-lo o atribuir-lhe necessidades". O pastor, confuso, foge para o deserto e Deus repreende seu profeta):

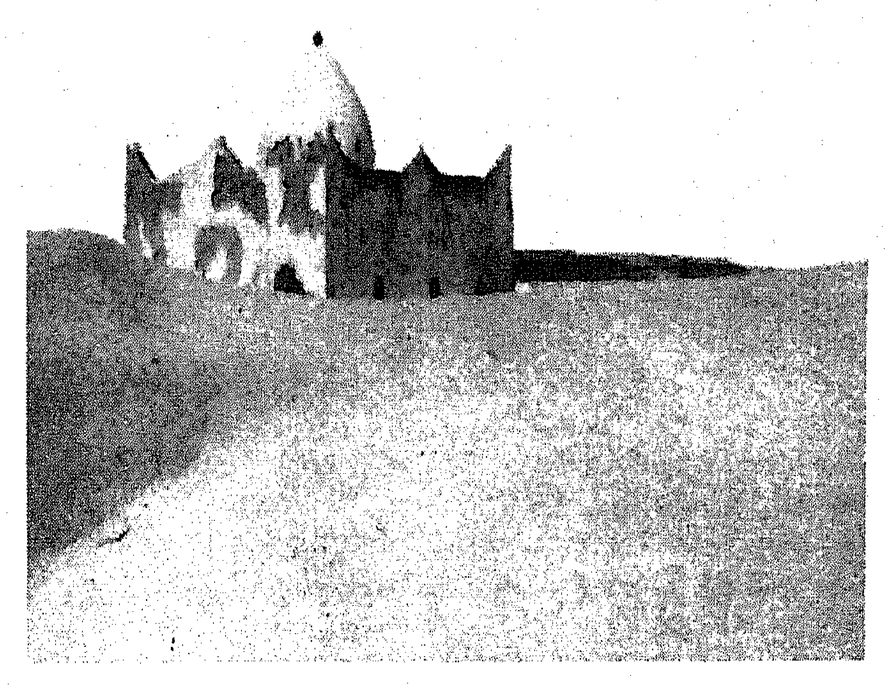
"Acabas de afastar de mim um de meus servidores. Fôste enviado para unir, não para separar... A cada um demos um caráter próprio, uma linguagem particular. O que para êle é louvor para ti é censura; o que para êle é mel, para ti é veneno... Estou acima de tôda pureza ou impureza. Não foi para auferir proveito que criei os sêres mas para manifestar minha benevolência a seu respeito... Eu não sou purificado por seus louvores; são êles que se tornam mais puros. Não considero o exterior e as palavras, mas o estado do coração e o interior... Pois o coração é a substância e as palavras são os acidentes. Os acidentes não passam de meios, a substância, porém, é a causa final. O que reclamo é um coração ardente. Não trates, pois, de pecador um amoroso que se exprime mal. Não se deve lavar o corpo ensanguentado dos mártires. Para um mártir o sangue vale mais que a água...

Quando se está dentro não se tem necessidade de se voltar para a Ka'ba.

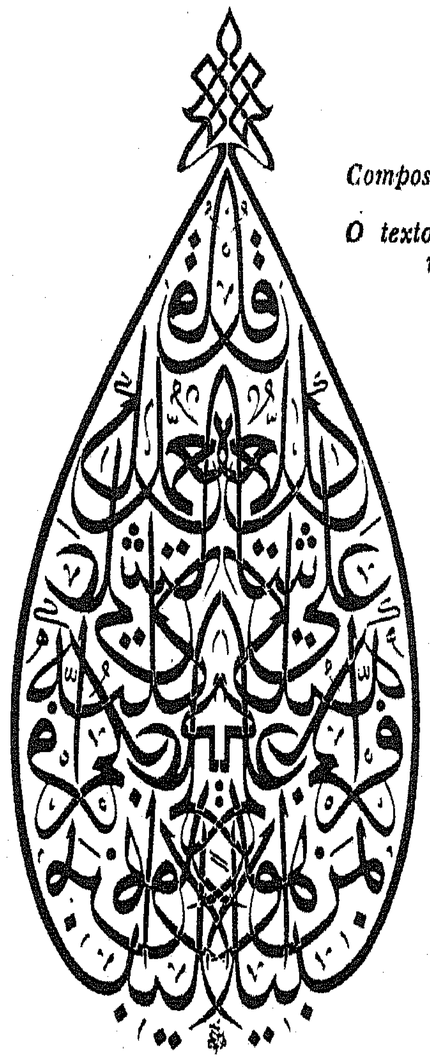
Quando o amor de Deus se eleva em teu coração não duvides que Deus também sente amor por ti. Não podes bater palmas com uma mão só. O sedento grita: "Onde está a água deliciosa?" A água exclama: "Onde está o bebedor de água?" Deus nos predestinou eternamente para amá-lo. Cada porção do universo aspira por sua companheira como o âmbar atrai a fibra de palha. O céu diz à terra: "Salve! Estamos um para o outro como o ferro para o ímã": O céu é o homem e a mulher a terra.

Sim! todos os peixes do mar, os pássaros do céu, os elefantes, os lobos e os leões das florestas, os dragões, as serpentes e até as pequenas formigas, sim, o ar, a terra e o fogo tiram sua substância d'Êle: "Senhor, não deixes um instante sequer de me sustentar. O pilar de meu ser é tua ajuda..."

...Ah! busca o auxílio d'Êle e não de outrem. Procura a água no oceano, não um canal ressequido.



A qubba no deserto.
Memorial de Bayazid Bisthâmi,
o grande místico iraniano do século IX.
(Ued Zusfana, ao sul de Oram.).



Composição caligráfica turca do século XIX. O texto é duplo, como se fôsse refletido num espelho.

SENTENÇAS, ANEDOTAS E VERSOS.

Todos os mundos não passam de tênue perfume da Roda da eternidade (Nâbolosí, in Djabarti, *Merveilles Biographiques*, Cairo, 1889, II, 32).

Quem quiser contemplar a Glória de Deus, que contemple uma rosa vermelha (Wâcitî).

Que diferença entre ir às bodas para o banquete e ir às bodas para estar com o Bem-Amado! (Yahya Mo'adz er-Râzî).

Deus é belo e ama a beleza.

O mundo é fruto saboroso. Deus vô-lo emprestou para ver que fareis com êle.

O mundo é prisão para o crente e paraíso para o infiel.

A casa que habitas não precisa de outro facho.

Tua Face esperada será nossa prova no dia em que os homens se carregarão de provas.

Amanhã, quando o homem e a mulher entrarem na assembléia do juízo, as fisionomias empalidecerão de mêdo da conta a prestar. Eu me apresentarei diante de Ti segurando meu amor pela mão, e direi: minha conta deve ser ajustada conforme êle (Rûmî, citado por Goldziher, *Dogme et Loi de l'Islam*, 129).

Um instante de amor vale mais que setenta anos de adoração sem amor (Yahaya er-Râzî).

Deus perdoa cem vêzes. Mas reserva sua misericórdia suprema para aquêle cuja piedade houver poupado a mais insignificante das criaturas (Mohammed ben Yussef es-Senussi, de Tlemcem, século XV).

Os que se amam em mim estarão, no dia do Juízo, à sombra de meu Trono, no dia em que não haverá outra sombra além da minha (Hadits "sagrado", citado por Ghazâlî e Çafûrî).

Os espíritos formam legiões armadas. Os que se conheceram (no alto) se aproximam (na terra); os que se repeliram se opõem (Hadits de inspiração platônica).

Quem Me procura Me encontra. Quem Me encontra Me conhece. Quem Me conhece Me ama. A quem Me ama Eu amo. Aquêle que Eu amo, Eu o mato. Quem mato, resgato. Eu mesmo sou o penhor daquele que Eu devo resgatar (Hadits "sagrado" atribuído a Sidna'Alî).

Tudo o que serve para aproximar de Mim meu adorador ser-me-á mais agradável que o próprio cumprimento dos deveres que lhe prescrevi. Meu adorador não deixará de se aproximar de Mim por orações supererrogatórias de sorte que eu o amarei, e quando o amar, serei seu ouvido pelo qual êle ouvirá, seus olhos pelos quais verá, sua mão pela qual baterá e seu pé com o qual caminhará (Hadits transmitido por Abu Horaïra, Bokharî, IV, 296).

A justiça sem religião vale mais para a ordem do universo que a tirania de um príncipe devoto (Jami, *Beharistan* e *Salaman e Absal*, trad. de Bricteux).

Penso que o lírio é um filho das fadas, nobre e dotado de alta eloqüência.

Possui por certo uma língua, mas não lhe é concedido falar-nos do mistério eterno (Selmán de Sâvê, Século XIV, in Azad, *A Aurora e a Esperança,* 1909, 75).

Amor, não destruas a Ka'ba, pois lá os viajores fatigados do caminho descançam um momento (Faizî, in *Aïn-i-Akbari* de Abu'lfazl 'Allami, trad. ingl. de Blochmann, Calcutá. 1873, I, 554).

O "exterior" da Lei é impiedade disfarçada, e o "real" da impiedade é sabedoria divina. (Hallaj, *Akbâr al Hallaj,* ed. Massignon, nº 41).

Certo homem depara, em casa de Salomão Azrael, com o Anjo da Morte que, a seu ver, encara-o encolerizado. Aterrorizado, pede então a Salomão que o mande transportar pelos ventos que lhe obedecem até o fundo das Índias. O rei acede a seu desejo e depois interroga o Anjo: "O que manifestei, respondeu êste, não era cólera, mas admiração, pois Deus me ordenara que fôsse hoje à Índia apoderar-me da alma dêle. Minha surprêsa foi de encontrá-lo aqui, tão longe. No mesmo instante devi me transportar até a Índia para matá-lo". (Rûmî, *Mesnevi,* I).

Ao perguntarem a Junayd o que fôsse o 'ârif (iniciado, conhecedor, gnóstico) êle respondeu: "A côr da água é a mesma do recipiente".

"A metade do conhecimento, dizia Abû 'Ostsmân al-Makkî, reside na pergunta; a outra metade na resposta".

Abû Bakr el-Chiblî costumava dizer: "O comêço desta "questão" é o Conhecimento, Ma'rifa, e seu fim a Unificação, Tawhîd. — E quais são os sinais do Conhecimento? — O amor, mahabba, é um dêles, pois quem O conhece ama-O".

Deus é a realidade das coisas existentes (Ibn Sabi'in de Múrcia, sec XIII).

A justiça do Rei.
(Tesouro dos Segredos de Nizami, séc. XVII, ms. persa, B. N.).

Ninguém pode dizer "Eu" senão Deus, pois a personalidade real só pertence a Deus (Abû Naçr Sarrâj, Luma')

Alguém disse: O amor ordena que apagues tão bem teu vestígio quando te abandonares a ti mesmo, que não sobre mais nada que permita a volta de ti para ti (*in*: Ghazâlî, *Ihya*, IV, trad. de G. Laurès).

Um louco de Allah, iluminado, (mejdûb), repeliu o kidr, (El Khadîr, ou Elias), que bebeu da Fonte da Vida e se tornou imortal. "Eu, exclama, eu sacrifico todos os dias minha vida, pois não posso viver longe do Bem-Amado" (Attar, *Linguagem dos Pássaros*, 64).

A água da imortalidade está à vista e o balde em nossa bôca. O espelho está em frente e Nossa imagem não se reflete nêle (Feghâni, trad. de Azad).

Perguntas onde está Leïlá e Leïlá se irradia em ti. (Harraq, poeta místico maghrebino).

Teu lugar em meu coração é meu coração inteiro; nada fora de Ti se aloja nêle. Meu espírito Te retém entre minha pele e meus ossos, se Te perdesse que faria?
Teu Espírito se misturou ao meu como a água pura se alia ao vinho.
Quando uma coisa Te toca, toca também a mim!
Destarte Tu e eu formamos um todo!
Eu me transformei naquele que amo e Aquêle que eu amo se transformou em mim! Somos dois espíritos infundidos no mesmo corpo.
Assim sendo, ver-me é vê-Lo e vê-Lo é ver-me.
Entre eu e Tu não existe um "sou eu" que me atormente. Ah! arrebata com Teu "sou Eu" o meu "sou eu" para fora de entre nós dois!
Tua imagem está em meus olhos, tua lembrança em meus lábios, tua morada em meu coração, mas onde então te escondes tu? (Hallaj, *Dîwân*, texto e trad. Massignon, 1931).

Ibn Atha dizia: "Conhecemos a Deus por suas obras e atributos; mas não podemos, por falta de referência, conhecer Sua Realidade. Deus disse no Corão: Êles não

podem cercá-lo de sua ciência". E referem ainda esta palavra do califa Abû Bakr: "Louvor a Deus que não deu às criaturas outro caminho para atingir Seu Conhecimento, além da incapacidade delas para conhecê-Lo!" (via negations) Sarrâj, Luma', 232, 35).

"Quem mais conhece a Deus, dizia Dzû'nnûn al-Miçrî, é aquêle que é mais perplexo a seu respeito".
"Conheci meu Senhor por meu Senhor e sem meu Senhor não teria conhecido meu Senhor".
"Reconhece-Lhe a substância, dizia ainda, mas nega-Lhe o lugar. Deus é completamente diferente de tudo o que pode se apresentar à tua cabeça" (Sarrâj, Çafûrî. Qoçairî).

Um faquir pediu a um xeque que lhe ensinasse o Nome Supremo de Allah, que dá a onipotência. "És digno? indaga o xeque. — Certamente que sim. — Pois bem! vai até a porta da cidade, assenta-te, observa o que lá se passar e vem prestar-me conta. "O faquir foi para o lugar designado e assentou-se durante certo tempo. Veio um velho lenhador tangendo um asno carregado de lenha. Um soldado prendeu-o, tomou-lhe a lenha e escorraçou-o, a êle e ao burro, depois de surrá-lo.
O discípulo tornou ao mestre e contou-lhe o que se passara. O xeque então lhe disse: "Se conhecesses o Nome Supremo, que farias ao soldado? — Pediria sua morte, replicou sem hesitar — Pois bem! diz o xeque, foi justamente aquêle velho lenhador o mestre que outrora me ensinou o Nome Supremo".
Efetivamente o Nome Supremo não serve senão para aquêles que possuem a paciência, o domínio de si, a bondade para com as criaturas e tôdas as virtudes inatas nos amigos de Deus (Que Êle seja contente com êles e nos faça aproveitar de seus méritos!) (Yafi'î, *Raudh*, 238).

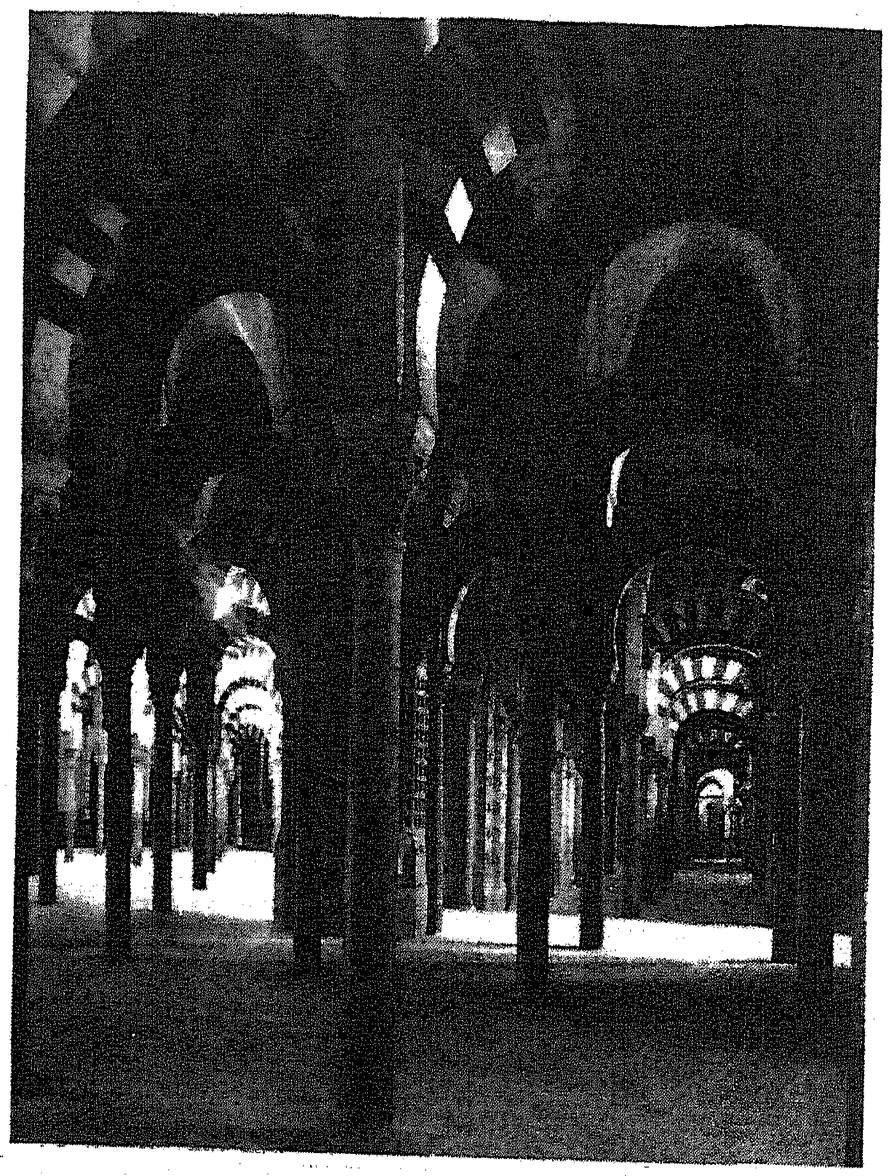
"Louvor a Deus, senhor dos mundos, o clemente, o misericordioso."

Cosroés Parvis, rei da Pérsia, contemporâneo de Maomé. (taça sassanida de prata dourada) Coleção de Luynes, B. N.

ALGUMAS DATAS

531-579	Cosroés Ano chirwan, rei sassanida da Pérsia.
571	Ano do Elefante. Nascimento provável de Maomé.
590-628	Cosroés II Parvis.
610-641	Heráclio, Imperador de Bizâncio.
612 (?)	Missão do Profeta.
614	Os persas em Jerusalém. Carregam com a verdadeira cruz.
622	Héjira. Maomé em Medina.
624	Batalha de Badr.
624	Mudança de qibla: os muçulmanos rezam na direção de Meca e não mais de Jerusalém.
625	Vitórias de Heráclio sôbre os persas.
628	Paz entre Heráclio e Siroés; restituição da verdadeira cruz.
630	Tomada de Meca.
631	Peregrinação de Adeus.
632	Morte de Maomé.
632-634	Califado de Abu Bakr.
634-644	Califado de 'Omar.
638	Tomada de Jerusalém.
642	Vitória de Nehavend sôbre os persas e tomada de Alexandria.
644-656	Califado de'Otsmân.
656-661	Califado de 'Alî.
657	Batalha de Ciffine. Comêço do cisma karejita.
661-750	Dinastia dos Omêiadas de Damasco.
665	Ataque árabe contra o Maghreb.
670	Fundação de Kairuan por Oqba.
680	Massacre de Kerbela.
691	Cúpula do Rochedo ou Mesquita de 'Omar em Jerusalém.
707	Os árabes sôbre os Indus.
708	Conquista das Baleares.
711	Tarik atravessa o estreito de Gibraltar.
718	Os árabes rechaçados à porta de Constantinopla.
728	Morte de Hassan Baçri precursor do çufismo.

732 Batalha de Poitiers.
756-1031 Dinastia dos Omêiadas de Espanha.
750-1258 Dinastia dos 'Abassidas de Bagdá.
754 Concílio iconoclasta de Constantinopla.
767 Morte de Abû Hanifa fundador do rito hanifita.
777 Morte do asceta Ibrâhîm Ibn Edham
786-809 Hârûn al-Rachîd.
785 Mesquita de Córdova.



787 2º Concílio de Nicéia condenando os iconoclastas.
786-922 Os Idrissidas no Marrocos.
795 Morte de Mâlik, fundador do rito malikita.
800 Carlos Magno, Imperador do Ocidente.
800-909 Dinastia dos Aglabitas em Ifriqiya.
813-833 O Califa Mâmûn favorece em Bagdá as ciências e as traduções.

Mesquita de Córdova.

820 Morte de Châfi'î, fundador do rito chafiiita.
827 Ptolomeu é traduzido para o árabe.
830 Fundação da "Casa da Sabedoria" em Bagdá.
838 Tomada de Amorium aos Bizantinos.
846 Os Sarracenos às portas de Roma.
855 Morte de Ibn Hanbal, fundador do rito hanbalita.
870 Morte do tradicionalista Al-Bokhârî.
873 (?) Morte do filósofo Al-Kindi.
873 Morte do tradicionalista Moslîm.
886 Morte de Sotus Erígena, tradutor do Pseudo-Dionísio Areopagira, no Ocidente.
890-931 Movimento qarmata.
909 (?) Queda dos reinos rostemida, ibadita e karejita, de Tihart-Tiaret.
909 Os Fatimidas na África do Norte.
922 Suplício do místico Al-Hallâj.
923 Morte do grande médico Rhazès.
935 Morte do teólogo Al-'Achârî.
950 Morte do filósofo, sábio, músico 'Al'Farabî.
969 Os Fatimidas no Egito.
980-1037 Avincena (Ibn Sînâ).
994-1064 Ibn Hazm de Córdova.
1027 (?) Compõe o Colar da Pomba, tratado sôbre o amor e a poesia amorosa.
1039 Os turcos Seldjukidas. Togru bey lugar-tenente do califa de Bagdá.

Frontão do púlpito (minbar) da grande mesquita de Nedroma, doada por um filho do almoravida Yussef ben Tachfin. (Museu Stefane Gsell, Argel).

1055-1147	Os Almoravidas.
1062	Yussuf ben-Tachfin funda Marrakech.
1092	O Cid em Valença.
1099	Primeira Cruzada. Tomada de Jerusalém.
1111	Morte de Al Ghazali.
1126-1198	Averróes (Ibn Rochd).
1126-1198	Abû Madiân, principal introdutor do çufismo na África do Norte.
1127	Morte de Guilhém de Poitiers, o primeiro Trovador.
1147-1269	Almohade.
1156	Morte de Pedro, o Venerável, Abade de Cluny, que mandou fazer uma tradução latina do Corão.
1160	Notre-Dame de Paris.
1162	Morte do médico Ibn Zohr, em Sevilha.
1166	Morte do grande santo Sidi Abdelkader Gîlânî, principal promotor do movimento das confrarias, em Bagdá.
1187	Saladino retoma Jerusalém.
1195	Vitória dos Almocadens em Alarcos.
1198-1216	Inocêncio III, papa.
1198-1250	Frederico II, Rei da Sicília e imperador.
1202	Os muçulmanos em Benarés.
1208	Cruzada dos albigenses.
1209	São Francisco de Assis funda sua Ordem.
1212	Derrota dos Almocadens em Las Navas de Tolosa.
1220	São Domingos organiza sua Ordem.
1227	Morte de Gengis Khan.
1230	Averróes é traduzido para o latim.
1235	Morte do grande poeta místico egípcio Ibn Al Fâridh.
1240	Morte do grande escritor çufi Ibn 'Arabî.
1248	Os cristãos tomam Sevilha.
1257	Hulagu extermina os Assassinos.
1257	A Sorbona.
1258	Hulagu toma Bagdá.
1273	Morte do grande poeta místico persa Jalâleddîn el-Rûmi, em Kônia.
1299	Os turcos otomanos.
1307-1314	Processo dos Templários.
1405	Morte de Tamerlão.
1406	Morte de Ibn Kaldûn.
1453	Tomada de Constantinopla pelos otomanos.

1492	Tomada de Granada por Fernando e Isabel. Descobrimento da América.
1499-1722	Os Sefevidas na Pérsia, o chiísmo religião oficial.
1516	Os turcos em Argel.
1530	Morte de Baber, fundador do Império dos Grão-Mongóis na Índia.
1538	Guilherme Postel (1505-1581) é nomeado professor de árabe no Colégio Real de Francisco I.
1542	Publica o "De orbis terrae concordia", em que comenta o Corão.
1799	Bonaparte no Egito.
1804	Os wahabitas tomam Meca.
1805-1849	Mehemet 'Alî Pachá do Egito.
1811-1818	Vence os wahabitas.
1830	Os franceses desembarcam em Argel.
1849	Suplício de Bab na Pérsia.
1870	Fundação da Universidade americana de Beirute.
1874	Fundação da Universidade São José em Beirute.
1883	Morte de Al-Bostanî, renovador das letras árabes no Líbano.
1905	Morte de Mohammed 'Abduh.
1908	Fundação da Universidade do Cairo.
1922	Fuad, primeiro Rei do Egito.
1923	Fundação da Universidade de Damasco.
1924	Os wahabitas tomam Meca.
1924	Mustafá Kemal suprime o califado.
1925	O xeque 'Alî 'Adberrâzez publica "O Islame e as bases do Poder", sôbre a distinção entre o espiritual e o temporal.
1926	Primeiras obras árabes de Taha Hussein.
1926	Ibu Se'ud, rei do Hedjoz.
1931	Morte do escritor libanês Jébrâne Khalîl Jebrâne.
1932	Morte do poeta Chawqî.
1938	Fundação, por Hassan al Banna, do movimento político-religioso reacionário dos Irmãos Muçulmanos.
1945	Proclamação da República Indonesiana.
1947	Nascimento do Paquistão.
1947	Estatuto da Argélia.

ELEMENTOS BIBLIOGRAFICOS

Sôbre Maomé, seu meio e seus contemporâneos

Tor Andrae, *Mahomet, sa vie et sa doctrine,* trad. de Jean Gaudefroy-Demombynes, 1945.

Régis Blachère, *Le problème de Mahomet,* 1953.

Caetani, *Annali dell'Islam,* Milão, 1905-1926, 10 vols.

Caetani, *Chronographia... islamica,* 1922 (622-1517); in fol. 1912, 5 vols.

Casanova, *Mohammed et la fin du monde,* 1911.

E. Dermenghem, *La vie de Mahomet,* 1929 a 1950.

Etienne Dinet e Sliman ben Ibrahim, *La vie de Mohammed prophète d'Allah,* s. d.

Essad Bey, *Mahomet,* 571-632. trad. de J. Marty, 1948.

Grimme, *Mohammed,* Munster 1892-1895

Haïkal, *Hayatou Mohammadin,* Cairo, 1935.

Hamidullah, *Documents sur la diplomatie musulmane à l'époque du Prophète et des khalifes orthodoxes; — et corpus...;* 1935.

H. Holma, *Mahomet prophète des Arabes, Esquisses de la Vie de Mahomet et des origines de l'Islam,* trad. de 1946.

H. Lammens, *Le Berceau de l'Islam, L'Arabie occidentale à la veille de l'Hégire* 1º vol.: *Le Climat. les Bédouins,* Roma, 1914.

H. Lammens, *La Mecque à la veille de l'Hégire,* Beyrouth, 1924.

Levi della Vida, artigo *Sîra* na Enciclopédia do Islame.

W. Muir, *Life of Mahomet,* Londres, 1858-1851.

A. Springer, *Das Leben und die Lehre des Mohammed,* Berlim, 2ª ed. 1869.

G. Weil, *Mohammed des Prophet,* Stuttgard, 1843.

Sôbre o Corão e os Hadits

Malek Bennabi, *Le phenomène coranique,* Alger, 1947.

Régis Blachère, *Le Coran, Introduction au Coran e Traduction nouvelle,* 1947 — 1951, 4 vols.

Bokhâri, *Les tradictions islamiques,* tradução O. Houdas e W. Marçais, 4 vols. 1903-1914.

Dr. M. A. Draz, *Initiation au Coran,* 1951.

V. Chauvin, *Bibliographie des ouvrages arabes ou relatifs aux Arabes,* publicados na Europa Cristã, de 1810 a 1885. t. X, O Corão e a Tradição, XI, Moamé, Liège, 1907 e 1908.

Dr. M. A. Draz, *La morale du Coran,* 1951.

I. Goldziher, *Muhammedanische Studien,* Halle, 1890.

I. Goldziher, *Études sur la tradiction islamique,* (extraídos do precedente), trad. de Bercher, 1953.

J. Jomier, *Le commentaire coranique du Manar;* tendências modernas em exegese, 1954.

Kasimirski, *Mohamet e Koran,* tradução e introdução, nova edição, 1949 (1ª ed. 1840).

Ahmed Laimèche e Ben Daoub, *Le Coran (Lecture par excellence),* trad; Oran, 1937.

Édouard Montet, *Mohamet, le Coran,* trad. nova e integral, 1944, (1ª ed. 1929).

Th. Nöldeke, *Remarques critiques sur le style et la syntax du Coran,* trad. de G. H. Bousquet, 1954.

Nöldeke, Schwally, etc..., *Geschichte des Qoran.* Lipsia, 1919.

E. Pesle e Ahmed Tidjani, *le Coran.* Tradução, 2ª ed., 1948.

Sôbre a evolução da religião e da civilização islâmica:

J.-M. Abd-el-Jalil, *Aspects intérieurs de l'Islam,* 2ª ed. 1952.

Mohammed Abdouh, *Rissalat al tawid,* Exposição da religião muçulmana, trad. B. Michel e Abdel Razik, 1925.

Sir Thomas Arnold, and Alfred Guillaume, *The legacy of islam,* Oxford, 1931.

H. Bammate, *Visages de l'Islam,* 1946.

Fr. Bonjean, *Cheikh Abdou l'Egyptien,* 1929.

G. H. Bousquet, *L'Islam maghrébin,* 1943 e 1955.

C. Brockelmann, *Histoire des peuples et des états islamiques,* trad. Tazerout, 1949.

C. Brockelmann, *Geschichte des arabischen litteratur,* reedição e suplemento. Leyde, 5 vol. 1937, 1949.

Émile Dermenghem, *Vies des saints musulmans,* 1942.

Émile Dermenghem, *Les plus beaux textes arabes,* 1951.

Émile Dermenghem, *Le culte des saints dans l'Islam magrébin.* 1954.

Will Durant, Histoire de la civilisation, I, 1952.

Bishr Farès, *Essai sur l'esprit de la décoration islamique.* Publicação do Instituto Francês do Cairo, 1952.

Louis Gardet e MM. Anawati, *Introduction à la Théologie musulmane,* 1948.

Louis Gardet, *La Cité musulmane,* 1954.

Gaudefroy-Denombynes, *Les Institutions musulmanes,* 3ª ed. 1946.

Gaudefroy-Denombynes, *Le pélerinage à La Mekk,* 1923.

Léon Gauthier, *Ibn Thofaïl,* 1909.

Léon Gauthier, *Ibn Rochd* (Averrois), 1948.

H. A. R. Gibb, *Les tendences modernes de l'Islam,* 1949.

H. A. R. Gibb, *La structure de la pensée religieuse de l'Islam,* trad. de J. e F. Arin, 1950.

I. Goldziher, *Le dogme et la loi de l'Islam,* trad. de Arin, 1920.

L'Islam et l'Occident (Cahiers du Sud, 1947).

H. Lammens, *L'Islam,* 2ª ed. Beyrouth, 1941.

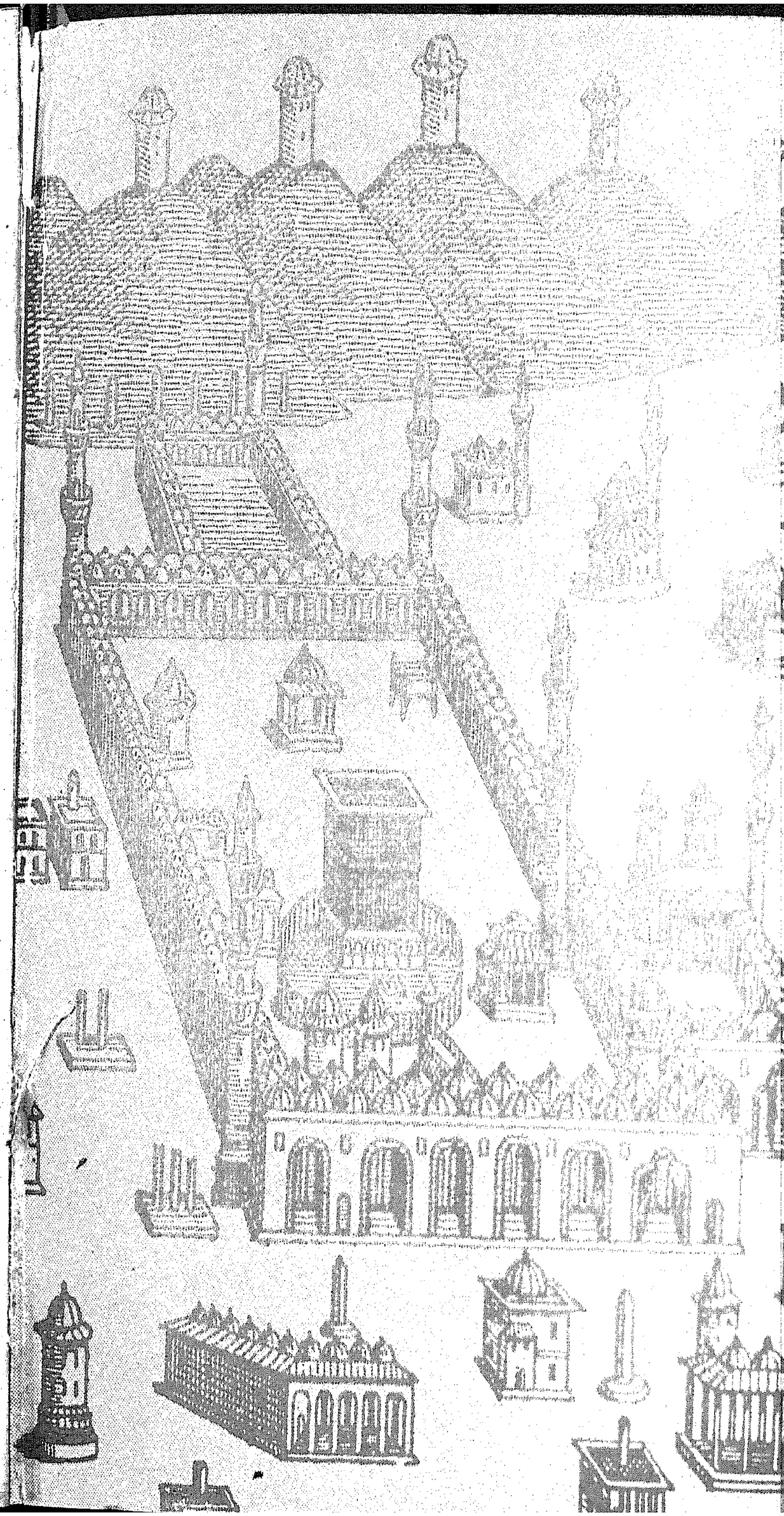
Lacy (De) O'Leary, *Araby thought and its plays in history,* 1939.

Georges Marçais, *L'art de l'Islam*, 1946.
Henry Massé, *L'Islam*, neuv. ed. 1940.
Louis Massignon, *La passion d'Al-Hallaj*, 1922.
Louis Massignon, *Essai sur les origines du lexique technique de la linguistique musulmane*, 1922 e 1954.
Charles Pellat, *Langue et littérature arabe*, 1952.
J. Sauvaget, *Introduction à l'histoire de l'Orient musulmane*, 1943 e 1946.
J. Sauvaget, *Memento chronologique d'histoire musulmane*, 1950.
Joseph Schachat, *The origins of Muhammadam jurisprudence*, Oxford, 1950.
G. Thery, *Toled...le circuit de la civilization méditerranéenne*, Oran, 1954.
Max Vintejoux, *Le miracle arabe*, 1950.

Sôbre a situação do Islame no mundo atual

A. Balagija A., *Les musulmans yugoslaves*, 1940.
Malek Bennabi, *Vocation de l'Islam*, 1954.
Buhrer e André. *Ce que devient l'Islam devant le monde moderne*, 1952.
Georges Duhamel, *Consultation au pays d'Islam*, 1954.
F. W. Frenau, *Le reveil du monde musulmane*, 1954.
Alphonse Goully, *L'Islam en A. O. F.* 1952.
L. Lehuraux, *Islam et chrétienté en Algérie*, 1950.
R. Le Tourneau, *L'Islam contemporain*. 1950.
L. Massignon, *Situation de l'Islam*, 1939, *Annuaire du monde musulman* 1955.
V. Monteil, *Essai sur l'Islam, en U.R.S.S.*, Revue des études islamiques 1952 e 1953.
Arthur Pelegrin, *L'Islam dans le monde*, 1950.
François de Romainville, *L'Islam et l'U.R.S.S.*, 1947.
A. J. Toynbee, *Le monde et l'Occident*, 1953.
La Documentation Française, Notas e estudos documentários, 952 e 953, 15 e 16 de julho de 1948, *Aperçu sur l'Evolution du problème musulman aux Indes*.
Documentation Française, 1152, 26 de junho de 1949. *L'Islam en Afrique noir française*.
La Documentation française, 1642, 9 de agôsto de 1952, *Les Musulmans dans le monde*.
La Documentation française, 1812, 8 de dezembro de 1953. *L'Islam en U.R.S.S. après* 1945.

COMPOSTO E IMPRESSO EM 1957 POR ARTES GRÁFICAS GOMES DE SOUZA
RUA LUÍS CÂMARA, 335 — RIO DE JANEIRO, D. F.



A KA'BA
(miniatura do século XV).